UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA (PPGAn)

"É OU NÃO É MEU POVO!?"

TRAJETÓRIAS DE VIDA DE MILITANTES DO MLB E AS CONFIGURAÇÕES DE SUAS ATUAÇÕES POLÍTICAS EM MINAS GERAIS.

MARINA NOBEL PINHEIRO MAIA

BELO HORIZONTE

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA (PPGAn)

"É OU NÃO É MEU POVO!?"

TRAJETÓRIAS DE VIDA DE MILITANTES DO MLB E AS CONFIGURAÇÕES DE SUAS ATUAÇÕES POLÍTICAS EM MINAS GERAIS.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Profª Drª Andréa Luisa Zhouri Laschefski

MARINA NOBEL PINHEIRO MAIA

BELO HORIZONTE

2020

306
M217e
2020

Maia, Marina.
"É ou não é meu povo!?" [manuscrito] : trajetórias de vida de militantes do MLB e as configurações de suas atuações políticas em Minas Gerais / Marina Nobel Pinheiro Maia. - 2020.
197 f. : il.
Orientadora: Andréa Zhouri.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia

1.Antropologia – Teses. 2. Movimentos sociais - Teses. I. Zhouri, Andréa. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
III. Título.

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ANTROPOLOGIA MARINA NOBEL MAIA (MATRÍCULA Nº 2018660440)

Aos 28 (vinte e oito) dias do mês de agosto de 2020 (dois mil e vinte), reuniu-se em ambiente virtual pelo canal PG-ANTROPOLOGIA UFMG, a Comissão Examinadora para julgar, em exame final, a Dissertação intitulada: **" *`É OU NÃO É MEU POVO!?´ Trajetórias de vida de militantes do MLB e as configurações de suas atuações políticas em Minas Gerais.*"**, requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Antropologia, área de Concentração: Antropologia Social - Linha de Pesquisa: Território, Poder e Ambiente. A Comissão Examinadora foi composta pelas professoras doutoras: **Andréa Luisa Zhouri Laschefski – Orientadora (PPGAN/UFMG), Luana Dias Motta – UFSCAR e Ana Beatriz Viana Mendes (FAFICH/UFMG)**. Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão, Profa. Dra. Andréa Luisa Zhouri Laschefski, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à mestranda Marina Nobel Maia, para apresentação de sua Dissertação. Seguiu-se a arguição pelas examinadoras, com a respectiva defesa da candidata. Logo após a arguição das examinadoras, a Comissão se reuniu, sem a presença da mestranda e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Concluída a reunião, os membros da Comissão Examinadora aprovaram a Dissertação por unanimidade e o resultado foi comunicado publicamente a candidata pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 28 de agosto de 2020.

Assinatura dos membros da banca examinadora:

Profa. Dra. Andréa Luisa Zhouri Laschefski (Orientadora)

Profa. Dra. Luana Dias Motta

Profa. Dra. Ana Beatriz Viana Mendes

Documento assinado eletronicamente por **Luana Dias Motta, Usuário Externo**, em 29/08/2020, às 09:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Andrea Luisa Zhouri Laschefski, Professora do Magistério Superior**, em 31/08/2020, às 09:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Ana Beatriz Viana Mendes, Membro**, em 31/08/2020, às 14:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0230951** e o código CRC **3A3E9BAE**.

Referência: Processo nº 23072.224199/2020-73 SEI nº 0230951

AGRADECIMENTOS

Eu me agradeço e celebro pela persistência e trajetória. Honro minha mãe, Elizabeth, e pai, Alfredo por tanto amor, doação e sacrifício. Agradeço minhas avós, Marias pelas orações e cuidados.

Reverencio e agradeço as e aos professores do Dharma encarnados ou não, presentes em minha vida. Wahe Guru!

Sou grata às minhas colegas de turma, Giovanna, Mariana, Nilsia e Roberta pelas partilhas e companheirismo e à Andréa Zhouri, minha orientadora pelos inúmeros momentos de aprendizado, desde ao GESTA na graduação aos momentos vivenciados em sala de aula que foram de relevante importância para minhas escolhas, formação acadêmica, amadurecimento profissional e pessoal.

Ao longo da jornada do mestrado foram inúmeros os desafios, mas mais intenso do que os desafios foram as injeções de ânimo e motivações, e eu devo isto ao ensejo de ter conhecido um pouco sobre a vida de Maura, Poliana, Inês, Edna, Edinho, Paulista e tantas outras pessoas que compõem o MLB, aquelas que vivem nos territórios das ocupações, bem como aquelas que estão “na fila” e em luta por direitos e vida digna.

Agradeço a Beatriz Mendes e Luana Motta que aceitaram prontamente o convite para avaliar e contribuir com esse trabalho.

Por fim, agradeço à CAPES, pela minha bolsa de estudos, aporte decisivo para o bom desempenho desta pesquisa.

RESUMO

A partir de reflexões de uma militante social e pesquisadora (antropóloga) acerca do perfil dos movimentos sociais que compõem o cenário das lutas vinculadas às ocupações urbanas de Belo Horizonte e RMBH, ao etnografar um destes movimentos sociais, o MLB, a autora se propõe a conhecer a trajetória de vida de alguns militantes, bem como compreender como estes se apropriam de pautas e reivindicações que permeiam a luta pela moradia e reforma urbana em suas configurações e atuações políticas.

Palavras-chave: movimento social urbano, ocupações urbanas

ABSTRACT

Based on the reflections of a militant and researcher (anthropologisst) on the profile of the social movements that make up the scene of struggles linked to the urn occupations of Belo Horizonte and RMBH, when ethnography one of these social movements, MLB, the author proposes to know the trajectory of life of some militants, as well as understanding how they appropriate the agendas and demands that permeate the struggle for housing and urban reform in their configuratons and political actions.

Keywords: Urban social movements, ocupação urbana

LISTA DE ABREVIATURAS

ABAF – Associação dos Moradores do Bairro Jardim Felicidade
AGB – Associação Brasileira de Geógrafos
BNH – Banco Nacional de Habitação
BPs – Brigadas Populares
CAB – Coordenação Anarquista Brasileira
CEMIG – Companhia Energética de Minas Gerais
CHISBEL – Coordenação de Habitação de Interesse Social de Belo Horizonte
COMPA – Coletivo Mineiro Popular Anarquista
COPASA – Companhia de Saneamento de Minas Gerais
DBP – Departamento Municipal de Bairros e Habitações Populares (DBP)
EJA – Educação de Jovens e Adultos
FAFICH – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG
FAMOBH – Pastoral de Favelas e Federação das Associações de Moradores de Belo Horizonte
FARJ – Federação Anarquista do Rio de Janeiro
FAO – Fórum do Anarquismo Organizado
FNRU – Fórum Nacional de Reforma Urbana
FTA – Frente Terra e Autonomia
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IHG – Instituto Helena Greco
MLB – Movimento de Luta em Bairros Vilas e Favelas
MMH – Movimento Mineiro de Habitação
MOB – Movimento de Organização de Base
MTS – Movimento por uma Tendência Socialista
NEM – Núcleo de Estudos Marxistas
PCR – Partido Comunista Revolucionário
PLAMBEL – Superintendência de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Belo Horizonte
PSTU – Partido dos Trabalhadores Socialistas Unificado
PROFAVELA – Programa Municipal de Regularização de Favelas
PRODECOM – Programa de Desenvolvimento Comunitário
SERFHAU – Serviço Federal de Habitação e Urbanismo

SFH – Sistema Financeiro de Habitação

SNPLI – Sistema Nacional de Planejamento Local Integrado

SUTUR – Superintendência de Terras Urbanas do Município de Belo Horizonte

UJR – União da Juventude e Rebelião

URBEL – Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte

UP – Unidade Popular pelo Socialismo

UTP – União dos Trabalhadores de Periferia

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: “9 anos sem Eliana Silva: Flyer”. Fonte: Jornal A Verdade”, p. 77

Imagem 2: “Fotos da rua de entrada da ocupação, de um mural de fotos e biblioteca na casa de Edna”, p. 116

Imagem 3: “Mural de fotos da ocupação na casa de Edna”, p. 117

Imagem 4: “Foto da rua de entrada da ocupação Esperança”, p. 117

Imagem 5: “Foto da entrada da ocupação Esperança”, p. 118

Imagem 6: “Foto/Edna, 2019, ocupação Esperança”, p. 124

Imagem 7: “Inês em seu apartamento. Ao fundo a porta aberta. Ocupação Carolina Maria de Jesus, 2019”, p. 131

Imagem 8: “Foto da brigada do jornal ‘A Verdade’ na ocupação Nelson Mandela, 2019”, p. 183

Imagem 9: “Brigada do jornal ‘A Verdade’ na ocupação Nelson Mandela, 2019”, p. 185

Imagem 10: “Capa da apostila entregue no dia do curso de introdução ao marxismo”, p. 190

Imagem 11: Foto: Jornal A Verdade, p. 188.

Imagem 12: Foto: mlbbrasil.org, p. 188

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 14
1. CONTEXTUALIZANDO: A MILITÂNCIA SOCIAL URBANA 21
1.1 Trajetória militante 21
1.2 Autorreflexões: Porque a militância social? 27
1.3 Delimitação do campo: “MLB, essa luta é pra valer!” 33
1.3.1 Inserção no Campo 38
1.4 Contextualizando (elucidando alguns conceitos) 42
1.4.1 Movimento Social 42
1.4.2 A luta pela Reforma Urbana 45
2. O SURGIMENTO DE OCUPAÇÕES URBANAS E MOVIMENTOS SOCIAIS EM BELO HORIZONTE 54
2.1 Belo Horizonte, do arraial à capital 54
2.2 O surgimento das lutas Urbanas em Belo Horizonte 55
2.3 Movimentos sociais contemporâneos de lutas urbanas pela moradia e Reforma Urbana em Belo Horizonte 61
2.3.1 Brigadas Populares 66
2.3.2 Luta Popular 69
2.3.3 MOB -MG Movimento de Organização de Base de Minas Gerais 72
2.3.4 MLB - Movimento de Luta nos Bairros Vilas e Favelas 76
2.4 A composição dos movimentos sociais contemporâneos que lutam por moradia e Reforma Urbana em Belo Horizonte 84
3. “É OU NÃO É MEU POVO!?” 87
3.1 “É ou não é meu povo!?” 87
3.2 A trajetória de luta dos entrevistados 94
3.2.1 Maura. Do Hip Hop ao movimento social 94
3.2.2 Poliana. A luta para romper com as dependências do aluguel: morrer ou conquistar 100
3.2.3 Edinho. Do Vale do Jequitinhonha à militância urbana 104
3.2.4 Edna. Conhecimento, direito e luta 112
3.2.5 Inês. Da infância marcada pela pobreza à militância pelos pobres e oprimidos 121
3.2.6 Paulista. Do trecho, da luta e da coordenação 127
3.4 A origem social 132
3.4.1 A “chave que virou” 139

4. O MLB EM SUAS MÚLTIPLAS DINÂMICAS 147
4.1 O compromisso dialógico em movimento no MLB: ação e reflexão 147
4.2 Tornando-se militantes, coordenadores e lideranças. Habilidades e constituição dos processos de conhecimento 152
4.3 Porque nem todos se engajam no MLB ou lideram? 161
4.4 O papel de "Estado" do Movimento Social 165
4.5 Reuniões de núcleo 168
4.6 Comissões de educação e formação do MLB 173
4.7 Brigada do jornal "A verdade" 176
4.8 Curso de introdução ao Marxismo 180
CONCLUSÃO 191
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 196

INTRODUÇÃO

A decorrência de séculos de execução de projetos políticos reprodutores de desigualdades nos centros urbanos situa, em consequência, a questão da habitação enquanto um dos principais problemas vivenciados pela população pobre do país. Belo Horizonte é caracterizada por ser um dos inúmeros centros urbanos que vivencia este problema. Os primeiros traçados dos processos de fundação e consolidação da capital do Estado de Minas Gerais, que sucumbiu o antigo arraial Curral Del Rei, já exibiam uma formatação estrutural sócioespacial baseada na segregação, que se mantém até os dias atuais. (LE VEN, 1977; SOMARRIBA, *et al*, 1984; MENDONÇA, 2002).

Frente aos problemas urbanos resultantes de dinâmicas e planejamentos que vêm consolidando símbolos de riqueza e poder, promovendo segregação e exclusão na cidade, as "lutas urbanas" se fizeram presentes na capital de Minas Gerais desde seu surgimento. (LE VEN, 1977; SOMARRIBA, *et al*. 1984)

Já na contemporaneidade, emergiram em Belo Horizonte novos movimentos sociais estimulados por reinvindicações muito similares, vinculadas às lutas urbanas já existentes nas últimas décadas. Estes novos movimentos sociais são caracterizados por ações protagonizadas por sem tetos, que consistem na ocupação de terrenos ociosos enquanto um meio de assegurar as necessidades urgentes das populações pobres, tal como a moradia. Além disso, estes não restringem suas práticas apenas a esta pauta, pois podem ser caracterizados, como indica Agier (2015) ao abordar sobre a atuação de movimentos sociais nas margens, potenciais provocadores de transformação e de movimento na cidade.

Os sujeitos aqui pesquisados integram o MLB, um dos movimentos sociais que compõem o cenário das lutas urbanas de Belo Horizonte. Eles me instigaram devido sua expressão como periféricos que parecem exercer uma maior auto representatividade e apropriação das próprias pautas e reinvindicações, diferindo-se dos outros movimentos sociais similares existentes neste contexto. Estes últimos permeiam suas lutas em torno de pautas comuns, como a luta pela moradia e reforma urbana, mas sua composição expressa uma maioria universitária, ou de profissionais graduandos provenientes da pequena burguesia (LOURENÇO, 2014), ou seja, são sujeitos que se colocam em posição de reivindicar algo e ou intermediar em nome de subalternos. (SPIVAK, 2014).

Ao sugerir uma suposta autonomia dos sujeitos que compõem o MLB, e uma menor ou inexistente dependência destes em relação à mediadores e militantes que vivem fora dos territórios das ocupações, iniciei através da história oral uma série de entrevistas com o intuito de conhecer algumas lideranças que vivem nas ocupações urbanas do MLB, que tenham vindo de uma origem marcada pela exclusão social.

Através deste percurso, me propus a compreender a origem social destas pessoas, como chegaram até as ocupações urbanas e se tornaram militantes e lideranças, em que circunstâncias, se foram escolhidos para exercerem o papel que assumem dentro do movimento social, suas motivações pessoais para aderirem ao MLB, suas concepções, ambições, valores e habilidades, a forma como ocorreram os processos de aprendizagem desses sujeitos, as metodologias utilizadas pelo movimento social e as práticas de atuação dos sujeitos ao exercerem esses papeis.

Os paulatinos processos políticos que compreendem o cotidiano dessas pessoas, me sugerem transformações históricas. Por meio da história oral, através da escuta destes sujeitos e de suas memórias, bem como a realização de etnografias de alguns momentos de seus cotidianos como reuniões, formações políticas, dentre outras atividades militantes, pude conhecer um pouco da trajetória dessas pessoas, além de observar como a chamada "base" vem se relacionando com múltiplas constituições de poderes em distintas escalas (*cf.* VIGH, 2008), também forjando-os. Pude igualmente analisar como estas localidades e pequenas escalas, tem interagido com contextos políticos mais amplos, ao observar disputas e subversões em campos sociais de poderes compostos por diferentes atores e instituições, circunscritos por relações e práticas regidas por valores manifestados em determinados contextos (BOURDIEU, 1989).

Nestes campos, sujeitos periféricos vem tecendo a construção de empoderamento e auto representatividade diante das reivindicações de seus direitos e aspirações políticas. Estes vem promovendo o que Escobar, Alvarez, Dagnino (2000) apontam enquanto disputas políticas em torno de definições de poder social, concepções de significados e conceitos. Disputas estas, cujo potencial, possibilita a promoção de significativas mudanças políticas e cultuais ao passo que desestabilizam significados culturais dominantes vinculados por exemplo a noções de cidadania, economia, política, etc.

O texto está estruturado em quadro capítulos. No primeiro capítulo**,** apresento uma contextualização da minha trajetória enquanto militante social, destacando alguns

percursos e influências que promoveram meu engajamento nas lutas urbanas vinculadas às ocupações urbanas em Belo Horizonte e RMBH, objetivando demonstrar como tais experiências no campo, dialogam com minhas perspectivas enquanto pesquisadora. Diante da trajetória exposta, com o intuito de introduzir alguns acúmulos referentes ao tema pesquisado, retomo alguns aspectos de uma etnografia escrita por mim, intitulada "Militantes e moradores de uma ocupação: uma etnografia da Ocupação Emanuel Guarani Kaiowá" (MAIA, 2017), apresentando análises acerca das relações entre sujeitos periféricos, moradores de ocupações urbanas e suas demandas políticas com mediadores, militantes de movimentos sociais que não vivem nestes territórios mas que intervém nos processos políticos das ocupações urbanas.

Descrevo a relação das contribuições possibilitadas pelo intermédio desses agentes externos, que possuem "marcadores de autoridade", com os processos de legitimação das ocupações urbanas perante aos órgãos públicos e à opinião pública. Retrato que, para além disso, estes buscam a longo prazo, através da inserção nos territórios das ocupações urbanas, forjar uma cultura de práticas ancoradas em seus respectivos enquadramentos ideológicos, mas que veem se apresentando de forma controversa em relação às expectativas ou agendas dos moradores das ocupações.

Em seguida, revelo as motivações que despertaram meu interesse em pesquisar as trajetórias de vida de militantes do Movimento de Luta nos Bairros Vilas e Favelas (MLB). Ainda neste capítulo, descrevo minha inserção no campo, as primeiras tentativas de interlocuções e desdobramentos com os sujeitos pesquisados, bem como elucido algumas categorias êmicas dos meus interlocutores, para familiarizar os leitores quanto às noções do conceito de movimento social e a luta pela Reforma Urbana.

No segundo capítulo, a fim de introduzir aos leitores o histórico dos processos de ocupação urbana de Belo Horizonte e RMBH, delineio um panorama sobre as transformações sofridas pelo antigo Arraial de Belo Horizonte após a transferência da antiga sede do estado, Ouro Preto, para o local. Demonstro como o novo modelo econômico urbano-industrial instaurado, e a forma como a "nova Belo Horizonte" foi concebida e constituída, contribuiu para que se consolidasse desde os primeiros traçados da constituição da capital, hierarquias e desigualdades sociais que demarcaram locais bem arquitetados, destinados a privilegiados. Aos pobres e trabalhadores que migraram para a capital para construir a cidade em busca de trabalho e melhores perspectivas de vida,

restou a ocupação de terrenos em locais periféricos da cidade, sem nenhuma infraestrutura.

Diante do panorama exposto sobre processo de ocupação e distribuição de espaços da cidade, traço analogias entre o surgimento das ocupações urbanas, enquanto única solução vislumbrada por esses sujeitos, com o surgimento da vida associativa através de coletivos, associações de bairros e movimentos sociais protagonizados nas últimas décadas pela população pobre. Estes, travaram lutas com o intuito de reivindicar melhorias aos governantes, como a instauração de equipamentos urbanos nas periferias e políticas públicas que atendessem suas necessidades.

Adiante, apresento os movimentos sociais contemporâneos que atuam nas ocupações urbanas de Belo Horizonte e RMBH: Brigadas Populares, Luta Popular, Movimento de Organização de Base (MOB) e Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB). Descrevo suas características, similitudes e diferenças em relação aos movimentos sociais que emergiram nas últimas décadas. Demonstro, a partir da descrição do histórico de surgimento e proposições desses movimentos sociais contemporâneos, cuja ênfase se dá na luta por moradia e reforma urbana, como ainda se mantêm na cidade de Belo Horizonte e RMBH os projetos políticos que reforçam contradições e excluem sujeitos, aos quais esses movimentos sociais vem fazendo frente.

No terceiro capítulo, conduzo reflexões acerca da presença e do papel de lideranças que geralmente estão em posições de poder assimétricas em relação às pessoas as quais "lideram", demonstrando que essas relações não são incomuns e não se restringem ao universo dos movimentos sociais que atuam nas ocupações urbanas em Belo Horizonte e RMBH. Para tal diálogo, aciono a etnografia realizada por Chatterjee (2004) em uma colônia ferroviária na Índia, onde sujeitos ocupantes necessitam de serem mediados por interceptores que utilizam a "linguagem da administração", que no caso, seriam professores, que os auxiliam na viabilização de suas reivindicações, atuando enquanto mediadores. À luz dessas questões, dialogo com a etnografia realizada por Caldeira (1984) sobre o cotidiano de moradores de uma periferia em São Paulo, em que a autora buscou compreender o que pensavam estes sujeitos sobre o "poder dos poderosos", percebendo restrições e inviabilidades nesses sujeitos periféricos para alcançarem conquistas políticas. Caldeira apresenta relatos de moradores conscientes do que desejariam mudar, mas que se deparam com entraves ao projetar qual seria o caminho para executar suas ambições. Diante das reflexões anteriores, retomo os motivos pelos

quais o MLB me instigou para realizar essa pesquisa, dialogando com o contexto das etnografias acionadas, onde sujeitos periféricos dependem de mediadores para alcançarem demandas políticas, com a caracterização dos militantes do MLB, que parecem exercer uma maior auto representatividade.

Introduzo a metodologia da história oral enquanto ferramenta que possibilitou o conhecimento da trajetória de vida de algumas lideranças que vivem nas ocupações urbanas onde o MLB atua, sendo estes sujeitos advindos de lugares periféricos e marginais, marcados pela desigualdade social. Por meio dessa metodologia, busco compreender como conheceram o MLB, o motivo pelo qual decidiram ocupar um terreno e morar nas ocupações, como se tornaram militantes e lideranças, se foram escolhidos para exercerem o papel que assumem dentro do movimento social, o que os motivou a exercer este papel, quais seriam suas habilidades e valores forjados em suas trajetórias que lhes influenciaram a executar seus respectivos papeis, como foram constituídos os processos de conhecimento destes sujeitos dentro do MLB, as metodologias utilizadas pelo movimento social e as práticas de atuação destes sujeitos.

Diante das trajetórias expostas, traço analises que exibem como as histórias de vida desses sujeitos compreendem o que Souza (2009) chama de "ralé brasileira", classe condenada ao fardo de destinos similares. Palavras como "dificuldades", "difícil", "duro", "escassez", "sacrifício", "viver de favor", "aluguel", "busca" e "instabilidade", expressas por diversas vezes nas falas dos entrevistados, demonstram o fardo comum existente no percurso de vida destas pessoas e de seus antecedentes, pais, mães, avós e avôs.

A partir dessa exposição, delineio um diálogo com a crítica realizada por Souza (2009) em relação ao discurso do "tempo longínquo", considerado pelo autor enquanto fatalista, e a crença no economicismo cuja visão distorcida, considera pessoas marginalizadas enquanto portadoras das mesmas capacidades e disposições de comportamento de indivíduos de classe média, contribuindo para a execução de uma "violência simbólica", que vem sendo reproduzida cotidianamente através de meios "modernos" e especificamente simbólicos, camuflando a inexistência de políticas e consensos focados no planejamento e execução da reversão de quadro social de desigualdades.

À luz dessas reflexões, descrevo como diante de tantas adversidades e impossibilidades estancadas em suas vidas, o caminho traçado pelos militantes

pesquisados possibilitou que recusassem as crenças vinculadas aos discursos fatalistas e à ideologia da meritocracia.

No capítulo 4, abordo as múltiplas dinâmicas do MLB, no que confere suas metodologias. Através dos relatos dos militantes e lideranças entrevistadas, realizo análises sobre os processos de educação e formações políticas promovidos pelo movimento social. Para tal, aciono as considerações de Freire (1970) a respeito dos processos educativos. Proponho um diálogo das proposições de Freire (1970), com a ênfase dada por Zibechi (2004), teórico político e militante uruguaio, para a importância do ambiente e suas relações humanas ligadas às práticas sociais. O autor entende que um processo educativo irá depender do caráter das relações sociais de determinado espaço, sugerindo uma intrínseca relação com a mudança de "papeis-lugares" que podem ser transformados dando lugar a novas identidades. Assim, descrevo exemplos de transformação destes "papeis-lugares" nos processos nos quais se engajaram os sujeitos pesquisados em suas trajetórias dentro do MLB.

Proponho, através da noção de habilidades e conhecimento apresentadas por Ingold (2010), forjados em campos de práticas através das dimensões interativas de ação e reflexão, uma análise e reflexão sobre como se deram tais processos nas trajetórias dos militantes pesquisados, conhecendo suas subjetividades políticas formadas em campos de práticas, através das dimensões interativas de ação e reflexão. (Freire, 1970). Através do conhecimento da existência de pontos de equivalência e idiossincrasias nas trajetórias de vida desses sujeitos, e dinâmicas do MLB, exponho reflexões sobre as possibilidades de não engajamento dos moradores das ocupações com o MLB, seja nas funções vinculadas à coordenação ou aos alinhamentos com os enquadramentos ideológicos do movimento social.

Adiante, apresento três relatos etnográficos que ilustram os trabalhos que o MLB realiza com o intuito de difundir e praticar os valores expressos enquanto essenciais para o movimento social. Por meio da compreensão de política cultural de Escobar, Alvarez, Dagnino (2000), demonstro, através dos eventos etnografados, como o MLB, ancorado em seus vieses ideológicos, vem agindo em torno de disputas de definições e significados políticos, que podem ser compreendidos enquanto aqueles teorizados como marginais, minoritários, residuais, em relação a uma outra ordem cultural dominante. Por fim, conduzo o leitor aos elementos da trajetória de vida de alguns militantes e lideranças do MLB, que expressam mudanças em torno de definições de poder social, no que diz

respeito a subversões de “papeis-lugares” Zibechi (2004), vinculados a um passado marcado por exclusão, transformados através das experiências forjadas no ambiente da luta política, que revelam como essas pessoas vem se constituindo enquanto sujeitos políticos, exercendo a auto - representatividade e apropriação das próprias pautas e reinvindicações.

1. CONTEXTUALIZANDO: A MILITÂNCIA SOCIAL URBANA

1.1 Trajetória militante

Ao me questionar sobre os motivos e percursos que possivelmente me influenciaram na escolha de me tornar militante de um movimento social, percebo que desde a infância tinha sensibilidades, questionamentos e indignação diante de realidades cercadas de injustiças e desigualdades da sociedade em que vivo.

Certa vez, por volta dos dez anos, ao pegar um ônibus com minha avó a caminho de casa, lembro que ela teve sua bolsinha de dinheiro furtada e, no momento em que percebeu, gritou alertando sobre o furto. Logo em seguida alguns homens que estavam no ponto de ônibus pegaram o homem que havia furtado sua bolsa e começaram a dar chutes e socos nele. Neste momento, recordo que comecei a chorar e puxar a roupa da minha avó pedindo a ela para que parassem de bater no homem.

Nunca me esqueci deste fato por ter provocado em mim um turbilhão de sentimentos e reflexões que, na época, por ser muito jovem, talvez não tenha conseguido processar e compreender o motivo pelo qual eu havia sentido o que chamaria de compaixão por aquele homem, tendo em vista que a resposta mais comum da sociedade em que vivo, foi a que ocorreu, a agressão enquanto forma de punição.

Donskis, em diálogo com Bauman na obra *Cegueira Moral* (DONSKIS, BAUMAN; 2013), ao abordar sobre o que compreende como sendo o fenômeno da perda de sensibilidade na sociedade contemporânea, irá afirmar que o mal espreita no que tendemos a tomar enquanto normalidade e mesmo trivialidade e banalidade no cotidiano da vida, e não enquanto casos anormais, patologias, aberrações e coisas semelhantes. Ao resgatar o termo "Adiaphoron" (plural "aiaphora"), que em grego significa algo desimportante, o autor associa-o a retirada temporária das zonas de sensibilidade das pessoas, ou seja a capacidade de não reagir, ou reagir como se as coisas não estivessem acontecendo com as pessoas, mas com objetos físicos, coisas e não seres humanos.

Ao citar exemplos como os das pessoas executadas pela Revolução Francesa, o autor explica que em casos como estes, a personalidade do indivíduo, difundida e dissolvida entre as massas, e as crueldades executadas publicamente, destroem possíveis relações reais com a pessoa que estava sendo torturada e morta. Por não serem "pessoas reais", seriam então "inimigos do povo", criminosos. Em Donski e Bauman (2013), Donskis alerta para o fato de que a falta de empatia e solidariedade humana, resulta em

que uma “pessoa sadia e normal” pode se transformar, durante um tempo, em um idiota moral ou um sádico sociopata capaz de matar lentamente um outro ser humano, ou em alguém que não demonstra solidariedade diante da dor de um ser humano torturado.” (DONSKIS, BAUMAN; 2013, p. 49).

Retomando minhas reflexões acerca do meu percurso na militância social, posso dizer que iniciou-se através do contato com o movimento punk[1] de Belo Horizonte. Com 15 anos passei a frequentar assiduamente a Praça Sete, localizada no centro de Belo Horizonte, local de ponto de encontro de várias grupos distintos desde os hippies[2], punks, skatistas, desempregados e trabalhadores que passavam por ali, e que por algum momento, se assentavam na Praça. Lugares como este me estimulavam a refletir sobre diversos aspectos da sociedade com os quais me defrontava.

Foi circulando pelas ruas em contato com essa variedade de sujeitos, que em julho de 2009 tive conhecimento do evento Velada Libertária que aconteceu em baixo do viaduto Santa Tereza. O evento organizado pelo IHG, Instituto Helena Grego de Direitos Humanos, tinha como objetivo lembrar e homenagear os mortos e desaparecidos políticos da ditadura brasileira de 1964. Neste evento eu e alguns amigos que havia conhecido na praça Sete e que se identificavam com a cultura punk, iniciamos um contato com a entidade e desde então passamos a frequentar o Instituto assiduamente até nos tornarmos militantes.

Durante três anos, militei no IHG e ainda muito jovem tive a oportunidade de conhecer militantes de diversas organizações políticas e antigos movimentos sociais que vivenciaram e fizeram frente ao período ditatorial no Brasil. Neste período tive contato com ex-presas e presos políticos, guerrilheiras e guerrilheiros, pessoas que foram torturadas na ditadura militar ocorrida no Brasil em 1964, filhas e filhos de pais desaparecidos nesse período. Junto ao IHG também tive a oportunidade de participar e organizar eventos, palestras, atos e notas políticas acerca de temáticas vinculadas aos Direitos Humanos, como por exemplo a Semana Internacional de Direitos Humanos, a Velada Libertária em memória dos trabalhadores que foram vítimas do Massacre da

[1] Punk é um movimento artístico de contracultura, disseminado principalmente através da música. Caiafa (1995) em sua etnografia “Movimento Punk na cidade. A invasão dos bandos sub”, irá abordar sobre o tema.

[2] O movimento hippie foi um comportamento coletivo de contracultura que emergiu em 1960, onde reivindicava-se outros valores e condições de vida alternativos aos padrões culturais vigentes. Pereira (1980) em sua obra “O que é contracultura?” discorre sobre estes aspectos e sua trajetória histórica.

USIMINAS[3], o Maio de Resistência, um evento que propunha debates sobre assuntos relevantes à classe trabalhadora com exibição de filmes, documentários, e palestras. Também realizamos uma contraproposta da PNDH 3 -Programa Nacional de Direitos Humanos, participamos do início das articulações da Praia da Estação[4], que foi um movimento de resistência contra a privatização da Praça da Estação durante o governo do ex prefeito de Belo Horizonte, Márcio Lacerda. E por último, em 2011 compus as articulações de solidariedade e resistência da ocupação Zilah Spósito, uma antiga ocupação da Região Metropolitana de Belo Horizonte, que estava em eminência de despejo.

A Zilah Spósito foi a primeira ocupação urbana que eu conheci. Durante este período de ameaça de despejo, a rede de articulação e resistência criada em apoio à ocupação ocasionou uma forte articulação entre diversos partidos, organizações e movimentos sociais da esquerda de Belo Horizonte em defesa de uma única pauta: uma grande campanha contra o despejo da ocupação Zilah Spósito. Paralelo à minha militância no Instituto Helena Greco de Direitos Humanos, também tive uma significativa experiência com o movimento estudantil quando cursei os últimos anos do ensino médio.

Ao vivenciar a transição dos estudos em uma escola particular para um escola pública, me deparei com realidades muito distintas. Foi enquanto aluna de uma escola pública que conheci o movimento estudantil AMES – BH (Associação Metropolitana de Estudantes Secundaristas de BH). Até o fim do meu ensino médio tive uma estreita proximidade com a AMES –BH, mas nunca me vinculei à associação, pois ela era

[3] O fato consistiu em um atrito entre militares e funcionários da Usiminas, revoltados com as más condições de trabalho e a humilhação que sofriam ao serem revistados antes de entrar e sair da empresa para sua jornada de trabalho. A situação de tensão culminou com a polícia militar responsável pela vigilância patrimonial da Usiminas, então sob ordens do governador mineiro Magalhães Pinto, que mais tarde participaria com afinco da ditadura, atirando, inclusive com metralhadoras, contra os funcionários desarmados que se manifestavam na portaria da empresa resultando oficialmente em 8 mortos (inclusive uma criança no colo de sua mãe) e 80 feridos. Os números sempre foram contestados pelas testemunhas presentes que tiveram a verdadeira noção da tragédia ocorrida. Daniel Miranda Soares narra em seu artigo no Cadernos do CEAS n. 64 de nov/dez de 1979 "O Massacre de Ipatinga" que foram mais de 3 mil feridos e 33 teriam morrido até o dia seguinte em decorrência dos ferimentos. O jornal "Em Tempo" apresentou depoimentos de que seriam mais de 80 mortos. O padre Abdala Jorge do distrito de Timóteo, então parte da mesma cidade, afirma que, apesar de não poder precisar o número de mortos, contou pessoalmente 11 cadáveres no Hospital Nossa Senhora do Carmo (atual Hospital Unimed, em Coronel Fabriciano) para onde foram levadas as vítimas.

[4] "Espaço múltiplo, aberto, horizontal, democrático e antagônico ao projeto de cidade-empresa encampado pelo prefeito socialista. Mais do que isso, a alegre e biopotente Praia da Estação implicou frutíferos agenciamentos que depois se desdobraram, por exemplo, na explosão dos blocos de carnaval de rua independentes e no Fora Lacerda, movimento responsável por aglutinar toda a esquerda partidária, movimentos e ativistas independentes contra as medidas autoritárias, higienistas e os projetos neoliberais da administração pública municipal." (MAYER, 2015, p.177).

estreitamente ligada ao Partido Comunista Revolucionário[5] (PCR). Havia muitos membros jovens do partido na AMES- BH e algumas coisas se misturavam, o que não me interessava ideologicamente. Entretanto, apesar de algumas discordâncias ideológicas, enquanto fui aluna secundarista, mantive relações com a entidade estudantil e participei de diversos atos e manifestações, ocupações em espaços públicos, como na câmara municipal, debates, encontros de estudantes promovidos pela AMES-BH.

Ao concluir o ensino médio, me desvinculei da militância estudantil secundarista e após cerca de três anos de militância no IHG, fui me afastando aos poucos do instituto até me desligar de forma efetiva. As experiências que tive tanto no IHG quanto no movimento estudantil, possibilitaram, não somente um conhecimento acerca do universo militante e também das questões sócio-políticas de Belo Horizonte, como também me estimularam a permanecer neste universo, porém atuando através de outras frentes.

Um dos motivos que ocasionou meu afastamento do IHG foi minha simpatia pelo anarquismo[6]. Assim, aos poucos meus amigos e eu fomos nos envolvendo e buscando nos adentrar às questões referentes ao anarquismo. Decidimos nos organizar para criar um organização política anarquista especifista[7] em Belo Horizonte.

Em 2012, através do acúmulo de debates e contribuições que adquirimos ao estabelecermos um contato com a Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ), vinculada à Coordenação Anarquista Brasileira - CAB, órgão fundado em 2012 oriundo

[5] O PCR é um partido ainda não legalizado que foi fundado em 1966, por um grupo de militantes egressos do PCdoB que divergiam dos rumos que o partido trilhava. Seus princípios ideológicos baseiam-se no marxismo-leninismo tendo forte atuação nos meios sindicais e estudantis em todo o país. Inicialmente, realizou trabalhos na área rural e urbana, especialmente, no Nordeste do Brasil, mas com o início da repressão violenta do golpe militar, o partido opta por aderir à luta armada, tendo vários militantes presos, torturados e alguns mortos. Porém, as atividades partidárias continuam, especialmente, no movimento estudantil, na luta pela derrubada do regime. Em 1981, o PCR decide pela fusão com o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) na tentativa de ampliar o foco de atuação nacionalmente, esta fusão vai até fevereiro de 1995, quando há o rompimento e a refundação do PCR. Hoje, a atuação do partido divide-se entre movimento de bairro, sindical e estudantil, dirigindo diversas entidades representativas no país. (SILVA, 2015)

[6] Segundo Corrêa (2012), o anarquismo é uma ideologia socialista e revolucionária que se fundamenta em princípios determinados, cujas bases se definem a partir de uma crítica da dominação e uma defesa da autogestão; em termos estruturais, o anarquismo defende uma transformação social fundamentada em estratégias, que devem permitir a substituição de um sistema de dominação por um sistema de autogestão.

[7] Weaver (2009) irá afirmar que os conceitos-chave do especifismo podem ser resumidos em três pontos sucintos: 1. A necessidade de uma organização especificamente anarquista construída em torno de uma unidade de teoria e práxis. 2. A utilização da organização especificamente anarquista para teorizar e desenvolver trabalho estratégico político e organizacional. 3. A participação ativa nos movimentos sociais populares e autônomos existentes e na construção de novos, o que é chamado de processo de "inserção social.

do então Fórum do Anarquismo Organizado - FAO (2002 – 2012), fundamos o Coletivo Mineiro Popular Anarquista - COMPA.

Em pouco menos de um ano de existência nós, militantes do COMPA vivenciamos um momento que foi emblemático, tanto para nós quanto para outras organizações políticas e movimentos sociais da esquerda no Brasil. Em 2013, o país sediou a Copa das Confederações e, no ano seguinte, em 2014, a Copa Mundial. Durante este período, movimentos sociais, organizações políticas e outras entidades e coletivos se uniram para contestar [8]o cenário sócio-econômico e político do país. Diante deste cenário, em 2013, movimentos sociais e organizações políticas iniciaram uma série de manifestações em seus respectivos estados, período conhecido como "Jornadas de junho". As manifestações geraram grande impacto na sociedade e com o passar dos dias, diante das multidões que ocupavam as ruas nas manifestações, crescia cada vez mais a aderência de pessoas, que embora não fizessem parte de movimentos sociais ou organizações políticas também se sentiam indignadas e aderiam às manifestações.

Durante as "Jornadas de junho", assim como em diversos estados do país, em Minas Gerais, o governo do estado respondeu aos movimentos sociais e organizações políticas de forma truculenta. Bombas e tiros de borrachas, perseguições, prisões e até mesmo militantes foram mortos neste período. A ONG Artigo 19, um ano após as jornadas de junho, lançou um relatório[9] onde foram contabilizadas 696 manifestações no país durante o ano de 2013, registrando 2.608 detidos e 8 mortes ocorridas em circunstâncias relacionadas às manifestações.

O cenário de repressão teria sido um motivo para desmobilizar e amedrontar os movimentos sociais e demais organizações de esquerda de Belo Horizonte. Entretanto, estes utilizaram deste momento para se defenderem e fortalecerem, criando novas formas de articulações. Uma destas foi o Encontro Libertário Terra Preta, que inicia para mim um marco de mudanças na minha trajetória de militância.

O Encontro Libertário Terra Preta surgiu de ideias de pessoas que se identificavam e tinham afinidade com a ideologia anarquista e decidiram iniciar encontros

[8] Esta união surgiu através de grande parte da sociedade diante dos exacerbados gastos de dinheiro público dos governos Federal, Estadual e municipal que moveram fundos econômicos e grandes esforços para preparar o país para copa, com a criação de estádios, hotéis e reformas e em contrapartida não disponibilizavam tamanho investimento para saúde moradia e educação por exemplo.

[9] O relatório está disponibilizado em: https://artigo19.org/blog/2014/06/02/novo-site-da-artigo-19-analisa-violacoes-em-protestos-em-2013/ último acesso: 15/07/2019

e reuniões, durante e após as "Jornadas de Junho", afim de debater o contexto político e criar redes de fortalecimento e apoio. Com o fim da Copa das Confederações, as manifestações acabaram no país, entretanto este mesmo grupo de pessoas teve a ideia de realizar um evento, que propusesse um território caracterizado por fazer frente às desigualdades existentes na sociedade. Um dos integrantes do grupo, Dé[10], estava morando em uma ocupação urbana que havia surgido há poucos meses, a ocupação Guarani Kaiowá. Desta forma, Dé propôs que o encontro acontecesse no local.

Não me esqueço da primeira vez que estive na ocupação Guarani Kaiowá há quase sete anos atrás. A primeira impressão que tive foi a de um cenário árido, embora na porta da ocupação existisse um córrego poluído e nos seus arredores uma vegetação com um amontoado de matos, plantas e algumas árvores. Fui entrando nas ruas da ocupação e me deparando com as casas das pessoas que nos primeiros meses da ocupação viviam em baixo de barracas temporárias, construídas com lonas ou em casas improvisadas com chapas de ferro e/ou madeirite.

Esta havia sido a minha segunda vez em uma ocupação. A sensação que tive ao pisar pela primeira vez na Ocupação Guarani Kaiowá foi muito parecida com a que tive da primeira vez na Zilá Spósito. Senti um grande desconforto e vontade de ir embora já nos primeiros minutos em que estava no local. Lembro-me que ao dar os primeiros passos no chão da ocupação Guarani Kaiowá pensei: "O que estou fazendo nesse lugar?", "Eu não tenho nada para fazer aqui."

Os territórios aos quais a militância havia me proporcionado transitar até então eram restritos ao contexto urbano central, distante de zonas periféricas. E ao pisar pela segunda vez em uma ocupação, refleti sobre o fato de que sempre estive em uma zona de conforto. Lembrei-me da minha atuação no IHG, que fica localizado no bairro Santa Tereza, um bairro boêmio de classe média de Belo Horizonte. Embora os temas e debates promovidos pelo instituto fossem sempre vinculados a assuntos muito sérios de uma importante e áspera carga, ao final de debates e eventos era muito comum de confraternizarmos e tomarmos cerveja no local ou em bares próximos e continuar os

[10] É importante dizer que embora Dé estivesse morando em uma ocupação urbana, é um rapaz de classe média baixa, graduado pela UFMG em Belas Artes e que decidiu ocupar um terreno por conta das dificuldades de pagar aluguel, conforme me relatou certa vez em uma conversa.

debates políticos. Da mesma forma, experimentei similaridades na militância estudantil e no princípio da constituição do COMPA.

Ao adentrar a ocupação Guarani Kaiowá, percebi que as experiências seriam muito diferentes em relação às vivenciadas anteriormente. Uma série de aspectos me impactaram bastante, e a concretude destes aspectos exibiam uma complexidade de problemas em relação aos quais eu guardava pouca intimidade.

Após a realização do "Terra Preta", um dos frutos do encontro foi o surgimento da FTA – Frente Terra e Autonomia, que se transformou alguns anos depois no MOB - Movimento de Organização de Base[11], atuando desde então na ocupação. Eu participei de todos esses processos e desde o início me envolvi bastante com as questões ligadas à ocupação, além de estreitar laços com os moradores. Após sete anos, me questiono: porque após tantos anos ainda estou envolvida com estas questões políticas e milito em um movimento social? E porque em uma ocupação urbana, tendo em vista que não sou uma sem teto? Tais questionamentos são importantes por ultrapassarem a esfera da subjetividade, dialogando com um dos aspectos do tema desta pesquisa, as relações de sujeitos periféricos e suas demandas políticas com mediadores que intervém nestes processos.

1.2 Autorreflexões: Porque a militância social?

Ao refletir sobre as perguntas que fiz anteriormente resgato alguns aspectos de uma etnografia escrita por mim, ao concluir o curso de Ciências Sociais na UFMG, intitulada "Militantes e moradores de uma ocupação: uma etnografia da Ocupação Emanuel Guarani Kaiowá" (MAIA, 2017). Ao buscar conhecer e compreender o surgimento da ocupação Guarani Kaiowá, priorizei enquanto enfoque da pesquisa o histórico de vida de alguns moradores, o conhecimento do que os motivaram a ocupar[12] um terreno abandonado há mais de 30 anos, bem como teci análises da relação de atores

[11] A seguir será descrito com maiores detalhamentos o processo que desencadeou o surgimento do MOB/MG.

[12] Mineiro (2018) chama atenção para distinção de dois conceitos: "invadir" e "ocupar", conforme descreve: Para os movimentos sociais de luta por moradia a primeira categoria se refere a um ato "ilegítimo, hostil, que toma à força um espaço utilizado por outros, desrespeitando não só a lei, mas até as regras tácitas de convívio humano", enquanto que a segunda diz respeito a "dar utilidade a algo, tornar útil um espaço que está sem uso, que não cumpre a sua função social" (LOURENÇO, 2014, p. 31). (MINEIRO, 2018, p. 42)

que compõe o cenário do território desta ocupação: os moradores, sem tetos que almejam através da conquista de uma casa própria garantir melhorias em suas vidas e os militantes de movimentos sociais que atuam na ocupação com o intuito de, através de trabalhos de base influenciar e inserir os moradores em seus projetos políticos.

A maioria dos moradores que residem hoje na ocupação, morava antes na Vila Pérola, favela adensada localizada no bairro Ressaca. Estes vivenciavam diversos problemas em comum: a falta de dinheiro para pagar aluguel, a infraestrutura precária do local, o machismo sofrido por algumas mulheres e a violência do local cercado por conflitos oriundos do narcotráfico.

Ao se depararem diariamente com um terreno abandonado por décadas, que não cumpria função social e refletirem sobre suas trajetórias, realidades de vida e problemas similares que vivenciavam, um grupo de moradoras e moradores da favela Vila Pérola vislumbraram no ato da ocupação do local uma oportunidade de ter uma vida mais digna. Este processo foi idealizado e protagonizado pelos moradores. Ou seja, não precisaram de um movimento social, ONG, organização política ou qualquer outra entidade para instruí-los politicamente acerca das contradições sociais aos quais viviam e instiga-los a ocupar o terreno.

Entretanto, embora estas pessoas, a partir de suas reflexões sobre a realidade social e injustiças as quais estavam subordinados tivessem se organizado para realizar a ocupação no terreno, não obtiveram sucesso em duas tentativas após serem violentados pela Polícia Militar. Assim precisaram de recorrer as Brigadas Populares para solicitar ajuda.

Ao recorrerem às Brigadas Populares, os moradores finalmente tiveram a chance de assegurar a permanência e consolidação da ocupação com o apoio de militantes que possuíam o que poderia ser chamado de "marcadores de autoridade". O diálogo entre Foucault e Deleuze em "Os intelectuais e o poder" (2015), possibilita elucidar tal situação:

> "Ora, o que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e eles o dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber. Poder que não se encontra somente nas instâncias superiores da censura, mas que penetra muito profundamente, muito sutilmente em toda a trama da sociedade. Os

> próprios intelectuais fazem parte deste sistema de poder, a ideia de que eles são agentes da "consciência" e do discurso também faz parte deste sistema. O papel do intelectual não é mais o de se colocar "um pouco na frente ou um pouco de lado" para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo o objeto e o instrumento: na ordem do saber, "verdade", da "consciência", do discurso." (FOUCAULT, 2015, p. 131).

A maioria dos movimentos sociais que atuam em ocupações urbanas em BH e RMBH dispõem em seus quadros de militância sujeitos que detém saberes específicos acumulados pela academia. A exemplificar: advogados, cientistas sociais, arquitetos, geógrafos, dentre outros. Desta forma, diante de seus respectivos conhecimentos, tais militantes podem em campos de poderes, Bourdieu (1989), usar destes "marcadores de autoridades", contribuindo bastante nos casos de conflito das ocupações em defesa dos moradores, legitimando-as diante de instituições públicas como o judiciário por exemplo.

Nesta pesquisa, ao questionar os moradores da ocupação Guarani Kaiowá e militantes de diversos movimentos sociais que atuam nas ocupações urbanas de Belo Horizonte e RMBH sobre qual seria a relevância de um movimento social nos processos de ocupação de terrenos junto aos sem tetos, pude concluir que as ocupações urbanas quando vinculadas a movimentos sociais, tem muito mais chances de alcançar a legitimidade perante aos órgãos públicos e à opinião pública devido aos aparatos técnicos dos movimentos sociais e a possibilidade de exercerem um papel mediador entre os moradores das ocupações e os poderes públicos (MAIA, 2019).

Moradores da ocupação Guarani Kaiowá, ao serem entrevistados, expressaram a importância da presença de um movimento social e seus mediadores no processo de organização e consolidação de uma ocupação. Welligton, por exemplo, justificou a relevância desse apoio ao afirmar que "desconhecem de lei". Já Ilda, afirmou que "quem faz faculdade, pode "conversa com um mais importante, com advogado, etc.", e que assim poderíamos ajuda-los.

Já os militantes entrevistados, das Brigadas Populares, MOB, Luta Popular e MLB, reiteraram a importância dos vínculos de um movimento social com as ocupações urbanas justificando que essas mediações e relações são relevantes tanto em situações mais pragmáticas e emergenciais, que geram conflitos, como o ato da ocupação de um terreno, como também a longo prazo à medida que uma ocupação vai se consolidado,

necessitando por exemplo da instalação de equipamentos urbanos e luta por outros direitos. Também apontaram "a discussão política", enquanto algo fundamental nesse vínculo, considerando relevante desdobrá-la para além do prisma da necessidade de conquista imediata da moradia, possibilitando o desenvolvimento de debates políticos sobre os programas e a política habitacional do país ou município, dentre outros que tangenciem os aspectos sociais aos quais os sem tetos estão subordinados.

Um exemplo desvinculado do contexto de Belo Horizonte, mas que dialoga com estas questões referentes às mediações, compreendem os aspectos expressos em uma etnografia realizada por Chatterjee (2004) em uma colónia ferroviária na Índia, onde pessoas pobres, consideradas inferiores dentro de um sistema de castas vinculado ao Hinduísmo, realizaram ocupações, construindo casas com estruturas precarizadas nas beiras de trilhos ferroviários.

O autor relata a mobilização destes sujeitos e suas reivindicações e pontua que estes seriam desconsiderados enquanto membros da sociedade civil[13]. Para reivindicarem seus direitos, tiveram de "conseguir aplicar a pressão certa nos pontos certos da maquinaria governamental. O que por sua vez, significa curvar ou esticar regulamentos, porque os procedimentos existentes historicamente vêm trabalhando para excluí-los e marginaliza-los" (CHATTERJEE, 2004, p. 146). Tais reivindicações, seriam de acordo com o autor irredutivelmente políticas, e só podem ser feitas em um terreno político, onde as regras podem ser curvadas ou esticadas, fora do terreno da lei estabelecida ou de procedimentos administrativos *(Idem*).

No que diz respeito a este "terreno da lei estabelecida", Chatterjee (2004) irá defini-lo da seguinte forma:

> "De forma ordinária, a atividade governamental tem lugar no âmbito da estrutura social estratificada por classe, status e privilégio. Benefícios que deveriam ser disponibilizados de forma geral são de fato monopolizados por aqueles que têm maior conhecimento e influência sobre o sistema. Isso não ocorre apenas por causa daquilo que pode ser descrito como corrupção, ou seja, o mau uso criminoso de poderes legais ou administrativos. Antes, acontece perfeitamente dentro do âmbito normal da legalidade porque alguns setores do povo

[13] O autor faz uma preposição ao termo sociedade civil, compreendendo-o enquanto "uma associação fechada de grupos de elite modernos, separada da mais ampla vida popular das comunidades, encastelada em enclaves de liberdade cívica e lei racional." (Chatterjee, 2004, p.70)

> simplesmente não têm o conhecimento ou a vontade de reclamar aquilo que lhes é atribuído como direito. Essa é uma situação comum não apenas em países como a índia, onde a sociedade civil efetiva é limitada a um pequeno setor de pessoas que são "apropriadamente" cidadãos. É uma experiência bem conhecida na operação, digamos, dos serviços públicos de saúde e educação nas democracias sociais do Ocidente, em que a classe média culturalmente equipada é muito mais apta a usar o sistema do que os pobres e desprivilegiados" (CHATTERJEE, 2004, p. 147).

Diante disto, Chatterjee (2004) aponta que quando os pobres de países como a Índia, mobilizados na sociedade política conseguem afetar a implementação de atividades governamentais a seu favor, estes expandem suas liberdades através de meios que não estavam disponíveis para eles na sociedade civil. Além disso, o autor demonstra que em processos como estes, essas pessoas marginalizadas também necessitam de serem instruídas por interceptores que utilizam a "linguagem da administração". Neste caso etnografado pelo autor, estes "instrutores" são professores, que por terem um grau de instrução acadêmico os auxiliam na viabilização de suas reivindicações, atuando enquanto mediadores daqueles que são diferenciados por desigualdades de poder profundas e historicamente entrincheiradas. Estes professores mediam, segundo Chattarjee (2004), entre aqueles que governam e aqueles que são governados. Esta seria a "política dos governados", que se reproduz de forma viável e persuasiva, através das mediações daqueles que utilizam da "linguagem da administração" para que intercedem na burocracia.

O autor também contesta o exercício da democracia, ao reiterar que a "política dos governados, se sustentará através da "governancia" que se constitui enquanto o corpo de conhecimento e o conjunto de técnicas utilizadas pelos que governam, vinculadas a seus próprios interesses. Por isso, argumenta o autor que "A democracia hoje, insistirei, não é o governo do povo, pelo povo para o povo. Antes, deveria ser vista como a política dos governados" (CHATTERJEE, 2004, p. 70).

Ainda a respeito da questão do papel de mediação dos professores, Chattarjee (2000) analisa que embora a pauta central dos moradores das ocupações dos trilhos tenha sido a de obter reconhecimento enquanto grupo populacional, nestas ocupações não havia uma forma comunal estabelecida, pelo fato de que os moradores vieram de locais distintos, como sul de Bangala, Paquistão Oriental e Bangladesh. Por este motivo, a atuação desses professores, consistiu também no estimulo e auxílio a esses sujeitos para

forjarem uma identidade coletiva como caráter moral, com o intuito estratégico de projetarem-se enquanto um grupo populacional, sendo esta uma categoria empírica sob o ponto de vista governamental, possibilitando assim a definição de alvos de políticas públicas. Chattarjee aponta este aspecto enquanto uma característica crucial da política dos governados: dar à forma empírica de um grupo populacional, os atributos morais de uma comunidade.

À luz do que foi exposto destaco aqui o fato de que nesta pesquisa, ao mesmo tempo que pude observar relatos de moradores da ocupação Guarani Kaiowá que corroboram com a inserção de militantes que não vivem na ocupação no território, validando a atuação destes sujeitos pela ajuda que oferecem, percebi por outro lado frases e percepções como as de Welligton, que afirmou que "eles estão ajudando a gente a participar da luta". Esta é uma questão questionável. Conforme descrito, o ato de ocupar o terreno foi fruto das reflexões e necessidades emergenciais dos moradores. Entretanto, esta noção expressa pelo morador, de que estão "participando da luta", sugere um grande mérito aos militantes enquanto "progenitores da luta", que permitem que os moradores "participem", sendo que na verdade, seria o oposto. Afinal de contas, neste caso, são os militantes que vem participando da luta. Sobretudo pelo fato de que no contexto da ocupação Guarani Kaiowá, tantos os militantes das Brigadas Populares quanto os do MOB não são sem tetos.

À luz da retomada destas reflexões realizadas, retomo meus questionamentos a respeito de minha inserção na militância social e, especificamente, em uma ocupação urbana, mesmo não sendo sem teto. Conforme descrito nas discussões anteriores, um movimento social ou mediadores, podem em casos de conflitos e desigualdades, assegurar e apoiar lutas por direitos junto às pessoas que estão subjugadas em uma diversidade de relações de poderes assimétricos existentes em nossa sociedade, podendo promover ganhos positivos para o território e vida destas pessoas.

Além disso, a inserção e o trabalho de um movimento social nestes territórios, constitui-se não somente enquanto uma ferramenta para alcançar pautas específicas, iniciais e imediatistas que emergem nos conflitos quando ocupam um terreno. Estes buscam também forjar, a longo prazo, através de lutas diárias, uma cultura de práticas ancoradas em seus respectivos enquadramentos ideológicos. Entretanto, esse é um aspecto que tem gerado controvérsias, as quais abordarei no próximo item deste capítulo.

1.3 Delimitação do campo: "MLB, essa luta é pra valer!"

Os movimentos sociais que atuam em ocupações urbanas em Belo Horizonte e RMBH, os quais a seguir especificarei, ao atuar nestes territórios, têm objetivos que ultrapassam a esfera da defesa dos moradores nos conflitos oriundos das ocupações de terrenos e a inserção em lutas referentes a pautas específicas, como por exemplo, a luta pela reforma urbana. Através dos chamados trabalho de base[14], os movimentos intentam geralmente promover o engajamento e a adesão dos moradores das ocupações aos modelos políticos referentes às suas respectivas ideologias. Desta forma, almejam não somente a conquista de um território, a construção de casas e moradias para sem tetos mas, a longo prazo, o alcance de um projeto político maior.

Todavia, muitas vezes, a atuação destes movimentos sociais tem esbarrado em controvérsias que dizem respeito à sua agenda político-ideológica e a expectativa ou agenda dos moradores nos territórios. Este foi um dos aspectos observados e problematizados na minha etnografia sobre a ocupação Guarani Kaiowá. Ao analisar a relação dos militantes das Brigadas Populares e do MOB com os moradores da ocupação, pude perceber alguns desalinhamentos[15] no que diz respeito às expectativas dos moradores em relação às dos militantes. Tais expectativas se contrastavam por diversas vezes em relação às concepções do que seria um fazer político para estas pessoas. Além disso, pude verificar que ao longo de muitos anos, a maioria dos moradores não aderia às Brigadas Populares e nem ao MOB, salvo algumas exceções. Porém, embora não houvesse a adesão destes moradores às Brigadas Populares e ao MOB, um dos fatores que ainda mantém um vínculo[16] entre eles, reside no fato de a ocupação ainda não ser

[14] O objetivo principal de um trabalho de base territorial e inserido nas lutas das classes periféricas é atuar a partir das necessidades e dos problemas sofridos pelas pessoas destas classes, junto a elas, não em seu nome. (Representando-as de alguma forma) (Bartholl; 2015, p. 181)

[15] Pude observar que com o passar do tempo havia uma diminuição da presença dos moradores em assembleias, reuniões e atos convocados pelos militantes. Combinados antes delimitados como a preservação de uma área verde na ocupação foram subvertidos com a construção de galinheiros e casas, bem como a venda e aluguel de lotes, que antes havia sido proibida a partir das estruturas de organização estabelecidas entre os militantes e moradores da ocupação. Tais aspectos não correspondiam as expectativas dos militantes.

[16] Atualmente consolidou-se um centro comunitário da ocupação construído pelo MOB junto aos moradores. Esse espaço e sua gestão tem concebido a continuidade das relações entre os militantes do MOB com os moradores. O MOB vem recentemente através desse espaço, estimulando os moradores a integrarem o movimento social através de encontros comunitários realizados dentro do centro social, onde o MOB vem propondo conversas sobre conjuntura política, correlacionando com os percalços vivenciados pelos moradores, buscando encontrar soluções para problemas que estes vivenciam no território. Geralmente, cerca de 10 moradores tem participado com frequência dos encontros. Já as Brigadas Populares tem sido responsável por acompanhar o processo jurídico da ocupação através de um coletivo de advogados

regularizada. Por este motivo, persiste uma relação de dependência dos moradores em função da necessidade ainda de serem representados e apoiados por militantes nas esferas institucionais.

Ao vislumbrar desalinhamentos relacionados às diferentes concepções de fazer político, no mestrado me propus refletir sobre estes aspectos a partir de uma pesquisa com o enfoque nas metodologias de trabalho de base do MOB e das Brigadas Populares na ocupação Guarani Kaiowá. A expectativa era analisar uma possível relação entre as metodologias de trabalho de base desses movimentos sociais com os desalinhamentos observados. Entretanto, alguns fatores frustraram minhas expectativas.

As relações sociais da militância nos territórios das ocupações podem ser bastante instáveis e conturbadas. Isso inclui problemas que vão desde o risco de um despejo, demandando uma enorme energia, foco e disposição dos militantes para apoiar os moradores com a organização e realização de atos, idas em reuniões e audiências públicas até a problemas com tráfico de drogas por exemplo. Além disso, tanto os militantes quanto os moradores possuem suas subjetividades, o que pode compreender problemas pessoais, de saúde e até mesmo conflitos nestas redes de relações. Por um longo tempo insisti em me manter neste campo da pesquisa etnográfica. Entretanto, diante de uma série de obstáculos, optei por uma mudança no locus da pesquisa, permanecendo ainda dentro da mesma temática.

Diante de uma profunda inserção na ocupação pesquisada anteriormente, ao mesmo tempo em que completamente mergulhada nas redes de relações daquela localidade, além de me deparar com os problemas subjetivos que envolviam atores do campo, me vi com dificuldades em engatar um processo de estranhamento familiar. Velho (1978), ao trazer reflexões sobre o caráter relativo das noções de distância, de familiar e exótico, sugere que o estranhamento do familiar, torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos e situações. Tal condição me parecia no momento distante de ser alcançada, me vendo assim impossibilitada de seguir a diante com a continuidade da pesquisa neste território.

populares, bem como vem junto ao MOB e os moradores da ocupação buscando tentativas de negociações com a prefeitura de Contagem a fim de realizar a regularização da ocupação.

Ainda aspirando realizar uma pesquisa que dialogasse com os questionamentos propostos anteriormente, me vinham lembranças de que o Movimento de Luta nos Bairros Vilas e Favelas (MLB), sempre me chamava atenção nos espaços em que pudemos compartilhar juntos, como atos, reuniões, ocupações em instituições públicas, etc. Tenho lembranças de chegar em manifestações, por exemplo, onde a presença do MLB era muito perceptível, sendo composta por uma grande quantidade de pessoas pobres, negras, com bandeiras, gritando: "MLB, essa luta é pra valer!", contraponto com os outros movimentos sociais e entidades que também atuam em ocupações, mas que, na maioria das vezes, nos espaços públicos se caracterizavam por uma composição significativa de militantes que não vivem nos territórios das ocupações urbanas, ao lado de poucos ou as vezes nenhum morador de ocupações urbanas.

O MLB me chama a atenção por ser composto de uma maioria de moradores de ocupações urbanas tomando frente às suas reivindicações, fazendo falas em instituições e órgãos públicos, bem como em manifestações nas ruas. Essas observações me sugeriam que esses moradores teriam mais poder diante de suas reivindicações e aspirações por conseguirem exercer uma auto representação, não somente nos territórios onde vivem, mas sobretudo nos espaços institucionais, onde pude observar o contrário por diversas vezes. Ou seja, moradores de ocupações presentes, porém "calados", sendo representados por apoiadores e militantes que não vivem nos territórios que atuam.

Minha hipótese é de que no caso do MLB, a adesão dos moradores das ocupações ao movimento social parece ser massiva e muito significativa, diferindo dos outros movimentos sociais, conforme exemplificado anteriormente. Diante disso, questiono sobre os aspectos relacionados a esta adesão, como ela se daria e se existem relações entre este vínculo com a forma como os moradores das ocupações onde o MLB atua se dispõem em certos espaços. Espaços onde as relações assimétricas de poder poderiam intimida-los ou silenciá-los, mas ao contrário, parecem estar sendo subvertidas e ressignificadas por estes sujeitos.

Este suposto protagonismo do "povo" que o MLB projeta, que pretendo investigar, me sugere ter relações com a forma com que o movimento social foi criado

por sua precursora, já falecida, Eliana Silva, uma mulher negra, pobre, moradora de uma antiga ocupação, a Vila Corumbiara[17].

Assim, essa pesquisa me instigou ao conhecer os processos em que sujeitos periféricos parecem de alguma forma romper com o excesso de relações de dependência, através dos quais precisam constantemente ser representados por outros sujeitos, sendo estes, em maioria, provenientes de uma realidade sócio econômica muito distinta daquelas em que estas pessoas vivem. A possibilidade deste conhecimento me parece ser relevante não somente para estimular reflexões entre outros movimentos sociais atuantes em territórios periféricos, como também para estimular reflexões que possam correlacionar e interceptar as localidades dos territórios das ocupações urbanas, o agenciamento dos moradores desses locais, em contextos políticos mais amplos.

Em análises desse gênero, a antropologia provê ferramentas que possibilitam, como afirma Wolf (2003), não apenas descrever e interpretar localidades em escala micro, mas também explicar, tendo em vista as diferentes escalas e contextos que de fato as interceptam.

Ao apontar a relação do agenciamento destes sujeitos com contextos políticos mais amplos, situo aqui o anuncio de um período que conforma uma crise na relação de entidades políticas, movimentos sociais e organizações de esquerda ou ditas de esquerda no Brasil com as "bases", assimilando que tal crise pode ser melhor compreendida se a noção de crise for como afirma Roitman (2013), "constituída como um objeto de conhecimento":

> "O que considerarei é como a crise se constitui como objeto de conhecimento. A crise é mobilizada em construções de narrativas para marcar um "momento da verdade" ou como um meio de pensar a própria "história". Tais momentos da verdade podem ser definidos como pontos de virada na história, quando decisões são tomadas ou eventos são decididos, estabelecendo assim uma teologia específica. Eles também podem ser definidos como instâncias em que o "real" é revelado, como quando uma chamada "bolha" financeira parece estourar, divulgando o alegado "valor falso" com base na especulação e revelando o "valor verdadeiro" ou o os chamados fundamentos da economia. Como uma categoria que denota um momento de verdade dessa maneira, e apesar das suposições de que a crise não implica, por si só, uma direção

[17] Ainda no último ano da gestão de Patrus Ananias, em 1996, a insatisfação popular deu origem à Ocupação Corumbiara, que recebeu o nome em homenagem aos mortos num conflito em 1995 entre camponeses sem terra e forças militares do Estado de Rondônia. A ocupação ocorreu em um terreno particular na região do Barreiro, no Vale do Jatobá. Sua organização foi feita pela Liga Operária (LOP) e pelo Partido Comunista Revolucionário (PCR). As 379 famílias participantes integravam núcleos de sem casa e vinham se engajando no Orçamento Participativo da Habitação (OPH), mas perceberam que a oferta formal de moradias por essa via era ínfima diante da demanda. (LOURENÇO, 2014, p. 25)

> definida de mudança, o termo crise significa um diagnóstico do presente; implica um certo telos – isto é, é inevitavelmente, embora na maioria das vezes implícito, direcionado a uma norma. Evocar crise implica referência a uma norma porque requer um estado comparativo de julgamento: crise comparada a quê? Essa pergunta evoca o significado da crise como um problema axiológico, ou o questionamento dos fundamentos epistemológicos ou éticos de certos domínios da vida e do pensamento[18]" (ROITMAN, 2016, p. 2 tradução livre).

Ao falar de crises das entidades autodenominadas de esquerda com as "bases", relembro aqui uma frase enunciada por um famoso cantor de rap do Brasil, Mano Brown, quando em um showmício, durante a campanha do candidato à presidência do Brasil em 2018, Fernando Haddad afirmou: "A cegueira que atinge lá, atinge aqui também". Ao fazer estas afirmações, o cantor "azedou" o clima de festa e de esperança em busca da vitória do Partido dos Trabalhadores que concorria ao mandato presidencial no 2° turno nas eleições presidenciais de 2018. Ao expressar para o público e para o PT duras críticas referentes ao contexto político, Mano Brown afirmou que não confiava em uma virada em que precisavam de "30 milhões de votos para tirar".

Neste período, iniciou-se uma forte campanha da corrida pelo "vira voto" fortemente protagonizada pela esquerda partidária, que se uniu junto a movimentos sociais, organizações políticas, sindicatos e outras entidades para realizar ações com o intuito derrotar o candidato Jair Bolsonaro do PSL e eleger o candidato Fernando Haddad. O foco central da atuação de muitos foi na época os bairros periféricos, vilas e favelas do país. As pessoas que aderiram ao "vira voto" realizaram rodas de conversas nestes locais, bem como fizeram panfletagens e bateram de porta em porta nas casas para conversar com os moradores. Também colocaram mesas nas ruas, convidando as pessoas para tomar café, dentre outras ações com o mesmo fim.

A respeito desta corrida por "virar o voto" o cantor disse ainda no showmício de apoio ao PT: "Sou realista". E por fim enfatizou: "vai ter que voltar pra base!!". Fernando Haddad ao responder às críticas de Mano Brown, afirmou que ele tinha toda a razão: "Precisamos voltar pra periferia de coração aberto porque a periferia não votou com a gente no primeiro turno".

Diante desta realidade, como a chamada "base" tem se relacionado com esses campos de poderes? Quais e como tem sido seus agenciamentos? como estas localidades

[18] Tradução livre.

tem se relacionado com contextos políticos mais amplos? A proposta sobre a qual me debruço, de conhecer e analisar as trajetórias de sujeitos periféricos que sugerem o exercício da construção de um forte empoderamento e auto representatividade diante das reivindicações de seus direitos e demais aspirações políticas, possibilita o desvelar de múltiplas constituições de poder em distintas escalas. Escalas que, de acordo com Vigh (2008), podem demonstrar que um campo social não está estruturado, ou seja, não é estático e "intocável".

Pesquisar um campo que me é familiar, enquanto militante de um movimento social, é como sugere Velho (1978), um objeto relevante de investigação para uma antropologia que esteja preocupada em perceber as mudanças sociais não apenas ao nível de grandes transformações históricas, mas como resultados acumulados e progressivos de decisões cotidianas.

Os lentos e aparentemente pequenos processos políticos que compreendem o cotidiano, ao meu ver, possibilitam transformações históricas. Desta forma, tal potencialidade me estimula a conhecer e analisar as trajetórias de vida de algumas lideranças do MLB que sejam originárias de contextos sócio políticos em que se encontravam marginalizados na sociedade, sendo estas pessoas oriundas de classe social baixa. Através da história oral e de etnografias, busco compreender e analisar os seguintes aspectos: De onde vieram? Como chegam até as ocupações urbanas? Como se tornaram lideranças e militantes dos territórios que vivem e do movimento social que atuam? Em que circunstâncias? Como foram escolhidos para exercerem tais papeis? O que motivou a escolha destes sujeitos? Quais são suas concepções e valores? Quais habilidades tem? Como ocorreu os processos e aprendizagem política destes sujeitos? Foram usadas metodologias pelo movimento social para envolver e engajar politicamente estas pessoas? Quais foram? Como é a prática de atuação destes sujeitos diante das relações políticas as quais se deparam? Quais são suas concepções e ambições políticas ao exercerem estes papeis?

1.3.1 Inserção no Campo

As primeiras tentativas de iniciar interlocuções com o MLB foram através de dois antropólogos militantes conhecidos meus da faculdade, Aiano e Fábio Jota. Ambos à sua maneira, fizeram ponderações sobre os limites que o movimento social estava colocando para o assédio de pesquisadores. Um deles me sugeriu que eu escrevesse um

paper para a OPA Oficina Popular de Assessória explicando minhas intenções. Esta seria uma espécie de frente onde várias demandas do movimento social circulavam, conforme me explicou o militante.

Tal fato não somente me desestimulou, como reforçou um pressuposto meu de que o movimento social era fechado pelo seu perfil ideológico Marxista/ Stalinista. Confesso que não tinha, a princípio, muito interesse em pesquisar um movimento social que divergia das minhas concepções políticas e ideológicas e que preferiria "puxar a sardinha para o meu lado". Diante disso eu não fiz o tal paper, mas ao ser convidada por Fabio Jota para uma festa de aniversário de comemoração de 20 anos do MLB na ocupação Paulo Freire.

Chegado o dia da festa fui até a ocupação. Na entrada me deparei com faixas e bandeiras do movimento social. Na portaria encontrei Edinho, um jovem, morador da ocupação Maria Carolina de Jesus e militante do MLB que até então conhecia de vista, e mais à frente tive a oportunidade de entrevista-lo. Edinho estava com um *walk talk* junto a um outro companheiro promovendo a segurança[19] da festa.

Na festa me encontrei com vários militantes do MLB conhecidos. A relação do MOB com o MLB sempre foi positiva e sabia que havia respeito e admiração entre nós. Mas neste dia optei por não comentar nada sobre pesquisa. Fiquei na festa por cerca de uma hora e meia. Me chamou atenção a quantidade de bandeiras do MLB no local, as bandeiras da Unidade Popular[20] (UP), e faixas com frases politizadas

Havia várias barraquinhas onde os moradores vendiam comidas e bebidas e um palco onde aconteceu um show de rap de um conjunto que morava na região do Barreiro[21],

[19] O MLB sofre com frequência perseguição da Polícia Militar. A exemplificar, no carnaval de 2018, estive presente no bloco Filhos de Tcha Tcha que percorreu de forma belíssima e alegre por algumas ocupações do MLB na região do barreiro: Eliana Silva, Irmã Dorothy, Camilo Torres e Paulo Freire. No final do desfile onde todos estavam concentrados em um lugar descampado na ocupação Paulo Freire a PM invadiu o local e de forma arbitrária e sem nenhum motivo interrompeu a festa de forma extremamente truculenta com tiros de bala de borracha e bombas, agressões, prisões arbitrárias resultando no dia na prisão duas pessoas presas e 21 feridas.

[20] A Unidade Popular pelo Socialismo (UP), é uma organização socialista que surgiu em meio às Jornadas de Junho de 2013. Se encontra atualmente em processo de formalizar-se como partido. Leonardo Péricles, ex coordenador nacional do MLB e morador da ocupação Eliana Silva é presidente da Comissão Nacional Provisória da UP.

[21] A região do Barreiro é zona limítrofe de Belo Horizonte, se encontra distante 18 km do centro da capital. A região abriga o "Vale das ocupações", onde estão localizadas as ocupações Eliana Silva, Irmã Dorothy, Nelson Mandela e Paulo Freire.

assim como o show de uma jovem moradora da ocupação Paulo Freire, que dançou e cantou músicas do gênero funk, animando principalmente as crianças e os jovens.

A partir da festa iniciei uma pesquisa bibliográfica sobre MLB, bem como comecei a buscar informações sobre o movimento social nas redes sociais. Desta forma, comecei a me programar para frequentar as atividades públicas do movimento social. Depois da festa, a primeira atividade em que estive presente foi um encontro que o MLB promoveu na Faculdade de Arquitetura, promovido por estudantes da faculdade e militantes.

O objetivo deste encontro foi apresentar o MLB para estudantes e os convidarem para formar núcleos de luta do MLB no local. Ou seja, agregar mais militantes e apoio para o movimento social. Neste dia, ao chegar na sala do diretório acadêmico da arquitetura, me apresentei para os militantes que lá estavam e que me conheciam. Disse para todos que estava etnografando a reunião. Ali conheci Maura, que é coordenadora estadual do MLB e moradora da ocupação Paulo Freire. Ao final do encontro conversamos, falei a respeito de minha pesquisa e peguei seu contato. Ela se dispôs a se encontrar comigo em um outro momento.

A segunda atividade em que estive presente foi um encontro realizado na FAFICH, promovido pelo MLB com o mesmo intuito do anterior. Neste encontro havia dois militantes que eu conhecia, estudantes da FAFICH, e um outro militante que me era desconhecido. Fábio Chagas. Fábio Chagas me chamou atenção pelo seu grande conhecimento a respeito de assuntos ligados à militância do MLB e mesmo sendo um militante que não mora em ocupações, conhecer a respeito de sua atuação me pareceu muito relevante, pois ele atualmente é o coordenador da comissão de formação política para os militantes do MLB. Neste dia peguei o seu contato, pois ele havia me convidado para um curso de formação política com o tema Introdução ao Marxismo, promovido pela Unidade Popular (UP) e realizado na ocupação Carolina Maria de Jesus. Ele havia comentado que além de militantes da UP, dentre outros interessados aleatórios, moradores da ocupação, militantes do MLB no geral participariam desta formação política. Eu me inscrevi para participar pela internet através de um link e paguei o valor de quinze reais pela inscrição. Uma semana antes do curso acontecer eu já havia estado na ocupação Carolina Maria de Jesus pela primeira vez para entrevistar Maura, moradora da ocupação.

No dia do curso, ao chegar na portaria do prédio, fui direcionada ao auditório da ocupação. No auditório, ao me deparar com várias pessoas sentadas nas cadeiras, a primeira coisa que fiz foi tentar localizar quem seriam os moradores das ocupações que estavam presentes. As pessoas estavam chegando e eu me assentei em três lugares diferentes buscando localizar possíveis moradores. Na terceira vez me assentei próximo a um grupo de quatro pessoas, três homens e duas mulheres, supondo que eles eram moradores de ocupação, e ao trocar algumas palavras com eles, vi que havia acertado. Permaneci próxima a estes moradores durante todo o curso. No horário do almoço trocamos algumas palavras, e neste momento, aproveitei para perguntar se tinham disponibilidade de me receberem na ocupação que viviam e de conversarem comigo em um outro momento. Ambos foram abertos e simpáticos e me passaram seus contatos. Entretanto, me alertaram que logo estavam indo para o Congresso Nacional do MLB em Recife, que iriam de ônibus e a viagem seria muito longa e que eu deveria procurá-los depois do congresso, quase duas semanas depois.

Passado o período do congresso, optei por procurar primeiramente Poliana, a coordenadora nacional do MLB em Minas Gerais. Maura ao conversar comigo havia elogiado Poliana, que eu já conhecia, dizendo que ela era uma grande liderança e que havia completado apenas a oitava série. Me surpreendi quando soube. Poliana é uma mulher branca. Eu já tão acostumada em conhecer um certo perfil de militantes que são brancos de classe média alta, nunca havia passado pela minha cabeça que ela poderia ter vindo de um outro contexto sócio - econômico.

Estava em meus planos entrevistar a Poliana, pois afinal, enquanto moradora de uma ocupação e coordenadora nacional do MLB ela teria muito a acrescentar, mas eu postergava por me sentir intimidada. Conheço Poliana há alguns anos e sei que ela e seu marido Leonardo Péricles dedicam suas vidas diária e incansavelmente à militância. Por isso imaginava que seria muito difícil conseguir um espaço em sua agenda. Posterguei isso, até que no dia em que estive na ocupação Carolina Maria de Jesus e me disseram que Poli (assim chamada) estava lá, em outra atividade. Aproveitei o horário do almoço para procura-la. Quando a encontrei, conversei com ela que foi bastante solicita, dizendo que eu poderia procura-la após o congresso. Passado o congresso, marquei a entrevista que por duas vezes precisou ser desmarcada por conta de suas tarefas. Na terceira vez Poliana me recebeu de forma muito atenciosa na Carolina Maria de Jesus.

Ao frequentar as atividades do MLB pude ampliar as possibilidades, conhecer e entrar em contato com várias pessoas. Sem perceber furei o "bloqueio" de ter que pedir autorização para uma instância maior, a OPA, ao ir conversando individualmente com as pessoas. Sobretudo ao conversar com Poliana que é coordenadora nacional. Assim pude ter tranquilidade em dar continuidade aos próximos passos onde fui conhecendo outras pessoas através de indicações. Além disso, fui me surpreendendo positivamente com o que ia encontrando, o que me gerou ânimo e empolgação para dar continuidade à pesquisa.

O relato que fiz da sugestão de que eu passasse por um processo que seria uma espécie de solicitação, de autorização para a instância que é a OPA, me fez refletir a respeito do "pacto" que o antropólogo faz com o sujeito pesquisado. Acredito que consegui penetrar aos poucos no território da forma como relatei, pelo fato de que "pactos", contrapartidas e relações de confiança foram anteriormente construídos e estabelecidos entre nós, militantes.

O MLB tem boas relações com o MOB. Juntos, já havíamos realizado algumas ações. Desta forma, essa relação já estabelecida anteriormente proporcionou confiança por parte das pessoas às quais me aproximei. Eu não era apenas uma estudante de pós - graduação em antropologia querendo esmiuçar as metodologias do MLB e a vida de algumas de suas lideranças. Eu era também a militante do MOB que já apoiou o MLB na realização da ocupação de um terreno, a ocupação Paulo Freire, que estivemos juntos ocupando por 12 horas a Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Havia, portanto, um histórico de solidariedade entre MOB e MLB em situações difíceis.

1.4 Contextualizando (elucidando alguns conceitos)

Nesta pesquisa pretendo abordar sobre a trajetória de vida de pessoas que compõem o MLB e a forma como este movimento social se constitui. Antes disso, elucido algumas categorias êmicas, ou seja do léxico dos meus interlocutores, bem como discuto sobre movimento social e a luta pela Reforma Urbana.

1.4.1 Movimento Social

A temática dos movimentos sociais emergiu na academia enquanto objeto de estudo com Lorens Von Stein, por volta de 1840, quando o autor abordou a necessidade de uma ciência da sociedade que se debruçasse no estudo dos movimentos sociais, bem como um movimento proletário francês e do comunismo e socialismo emergentes. (SCHERER-WARREN, 1987)

Foi a partir dos anos 60 do século XX, quando os movimentos sociais alcançaram destaque e visibilidade na sociedade enquanto fenômenos e marcos históricos, que a temática ganhou um significativo espaço e status no mundo acadêmico ocidental, firmando-se enquanto objeto de análise científica. Assim, a partir desde período inauguraram-se novas teorias e paradigmas dentro do campo das Ciências Sociais, instaurando o surgimento de uma relevante expressão de teorias sobre o social, ações coletivas e sociedade civil.

Gohn (1997), em "Teoria dos Movimentos Sociais. Paradigmas Clássicos e contemporâneos", ao explicitar as teorias referentes aos movimentos sociais destaca a amplitude e a variedade de conceitos e categorias que perfazem este campo de estudos. [22]

> "É diante de tal amplitude, que configuram estudos sobre a manifestação de ações coletivas sendo este atualmente um grande campo dentro das ciências humanas, cujo amplo leque que abarca diversas áreas, busca compreender o que motiva e agrega indivíduos e os procedimentos que manejam as formas coletivas de comportamento. Isto inclui desde os processos de massificação, às lutas emancipatórias até aglomerações episódicas casuais." (MENDONÇA, 2007).

A respeito de tais teorias e paradigmas na contemporaneidade, Scherer-Warren (2006), aponta que devido à complexidade das novas dinâmicas dos movimentos sociais, as teorizações nem sempre tem alcançado tal dinamismo. A autora anuncia a globalização e a informatização da sociedade enquanto fatores que tem diversificado e complexificado

[22] Os principais paradigmas e teorias dos Movimentos Sociais emergentes nas últimas décadas podem ser vistos em Gohn (1997), que irá sistematiza-los através de um estudo comparativo, demonstrando as semelhanças e diferenças entre as teorias diante do debate incluindo: o paradigma norte americano sobre as ações e movimentos sociais, as teorias clássicas americanas sob a ação coletiva, a teoria de Mobilização de Recursos, as teorias de Mobilização Política (MP) contemporânea, a produção teórica europeia, a teoria do Novos Movimentos Sociais (NMS) e as teorias marxistas de análises dos movimentos sociais. Maria da Gloria Gohn (1997), também irá traçar críticas ao que compreende enquanto inadequações de uso de algumas teorias para o estudo dos movimentos sociais na América Latina, devido as subjetividades dos cenários sociopolíticos e econômicos das lutas sociais latino-americanas, conforme argumenta a autora. Gohn (1997) também irá descreve e analisar o paradigma latino – americano com um enfoque no que vem sendo produzido sobre a temática dos movimentos sociais no Brasil.

os movimentos sociais em vários países, inclusive no Brasil. Assim, argumenta que grande parte das explicações paradigmáticas ou hegemônicas dos estudos da segunda metade do século XX precisam ser revistos e atualizados diante do surgimento de tal diversidade de sujeitos e novos cenários políticos.

Nesta pesquisa, não pretendo me deter no aprofundamento das discussões teóricas e analíticas a respeito das definições conceituais e paradigmas que definem a categoria movimento social, haja visto a amplitude e complexidade desta discussão teórica. O que me interessa são as trajetórias de vida de sujeitos periféricos que compõem um movimento social cuja pauta dá destaque para a luta pela Reforma Urbana.

Desta forma, ao referir-me à categoria movimento social opto aqui pela definição e ressalvas que Souza (2009) propõe, definindo a categoria movimento social enquanto uma composição de sujeitos que praticam ações coletivas organizadas, de carácter público e, sobretudo, relativamente duradoras e ambiciosas, conforme descreve o autor:

> "Para alguns autores, "tudo é movimento"; e em outras palavras: a expressão "movimento social" poderia recobrir e efetivamente recobre tipos de ação coletiva os mais diferentes, independentemente do nível de ambição, do grau de organização e da escala temporal. Entretanto, para outros autores (como, de maneiras diferentes, TOURAINE [1973], CASTELLS [1972] e eu próprio [*vide* p. ex. SOUZA, 19988, 2006ª e 2008]), "movimento" é um termo que deve ser reservado para ações coletivas organizadas, de caráter público e relativamente duradouras particularmente ambiciosas" (SOUZA, 2009, p. 9 Grifo do autor).

À luz dessas ressalvas, neste trabalho a compreensão a respeito do que seria um movimento social refere-se a uma aglutinação de sujeitos organizados em prol de pautas específicas, de forma que não sejam efêmeras, mas conforme descreveu Souza (2009), sejam relativamente duradoras e ambiciosas, no sentido de que pretendem avançar para alcançar metas que englobam suas ambições e planejamentos políticos.

A exemplificar, o MLB, movimento social foco desta pesquisa, através de uma pauta específica, que é a luta pela moradia, desdobra outras pautas vinculadas a aspectos relativamente duradouros, referentes aos projetos políticos do movimento social, como pode ser visto em um trecho de seus cadernos de formação política intitulado "Morar dignamente é um direito humano! As propostas do MLB para a reforma urbana":

> "Como vemos, a reforma urbana que queremos e mais do que a moradia. É uma cidade para o povo. É como uma plantação: para se plantar, é fundamental

> ter a terra, mas ela só não basta. É preciso também ter as sementes, arar o solo, adubar, irrigar, combater as pestes e ervas daninhas, etc.
>
> A reforma urbana também é assim. O item mais importante é a casa, o local de moradia, mas não é tudo. São necessários, ainda, vários outros elementos, como energia elétrica, água, coleta de lixo, emprego, alimentação, educação, segurança, cultura, etc." (MLB, 2019, p. 25)

O MLB a priori pauta a luta por moradia, para então, a partir e através dela, articularem outras lutas que se interconectam: o que chamam da criação de poder popular e socialismo, conforme descrevem no caderno de formação política:

> "O MLB sempre buscou a construção de uma reforma urbana que enfrente e resolva os graves problemas das nossas cidades e fortaleça a luta pelo poder popular e pelo socialismo no Brasil. Temos avançado neste sentido, mas ainda há muito a fazer." (MLB, 2019 p. 20)
>
> "[...] Entendemos que a luta pela moradia é o motor principal da luta pela reforma urbana, pois através dela conseguimos mobilizar milhares de pessoas, pressionar os governos e chamar atenção para os problemas enfrentados pelo povo pobre nas grandes cidades" (MLB, 2019 p. 20).
>
> "É preciso lutar por um governo que deixe de se submeter aos interesses das empreiteiras e do capital imobiliário, enfrente os grandes donos de terra e, em vez de pagar os juros da dívida pública aos banqueiros, invista amplamente na construção de moradias e faça uma reforma fundiária no Brasil, democratizando o acesso à terra e colocando em prática a função social da propriedade prevista na lei." (MLB, 2019 p. 10).

Estes trechos demonstram que o movimento social através de uma pauta, se estende a outras que são vinculadas a um projeto político de construção de uma sociedade segundo suas concepções ideológicas. Sobretudo quando afirmam que "É preciso lutar por um governo que deixe de se submeter aos interesses das empreiteiras, etc."

As pautas e ações do MLB, são um exemplo da concepção que Sousa (2009), Touraine (1973) e Castells (1972) propõem para a categoria movimento social, no que diz respeito a ações "particularmente ambiciosas", em contraponto com a crítica que fazem a autores que compreendem que "tudo é movimento", independente dos níveis de ambições e graus de organização, a exemplificar, uma passeata por uma pauta específica, composta por sujeitos que nunca antes se viram e ou estiveram articulados internamente em níveis organizacionais.

1.4.2 A luta pela Reforma Urbana

No Brasil, em grandes centros urbanos expressam-se através dos movimentos sociais diversas lutas e reivindicações vinculadas à questão da habitação, sendo este um dos principais problemas sociais vivenciados pela população pobre, decorrente do resultado de séculos da execução de projetos políticos reprodutores de desigualdades sócio espaciais.

Todavia, os problemas urbanos contemporâneos relacionam-se com o histórico de formação fundiária do país. O quilombola Nego Bispo (2015), ao abordar o tema da colonização[23] no Brasil, atrela a origem dos processos de expropriação territorial com a imposição de um modelo de sociedade aos negros e indígenas, sendo estes os primeiros a serem subjugados nesta terra. Desde o início, do que Bispo nomeou enquanto invasão, prosseguiu-se através da condução de classes, elites e grupos raciais dominantes, um processo de dominação iniciado pela expropriação de terras dos povos originários atrelado a escravidão dos negros sequestrados de África, que foi instaurada enquanto uma instituição central na formação social e econômica do país.

Ao longo de décadas, tais processos de expropriação tornaram possível a existência de grandes latifúndios submetidos ao modelo de exportação, urbanização e industrialização desenfreados, imbricados ao desenvolvimento da economia capitalista no Brasil. Apesar disso, surgiram também enquanto formas de resistência às políticas de genocídio do Estado, inúmeras comunidades, como: Caldeirões, Canudos, Pau de Colher, Quilombo dos Palmares. (BISPO, 2015) Em um poema, o autor expressa sobre as políticas de genocídio, as expropriações e o movimento de resistência dos povos:

> "Fogo!...Queimaram Palmares,
> Nasceu Canudos.
> Fogo!...Queimaram Canudos,
> Nasceu Caldeirões.
> Fogo!...Queimaram Caldeirões,
> Nasceu Pau de Colher.
> Fogo!...Queimaram Pau de Colher...
> E nasceram, e nascerão tantas outras comunidades que os vão cansar se continuarem queimando...

[23] Embora Bispo aponte o monoteísmo judaico-cristão, imposto através do que nomeou de invasão das américas, enquanto um aspecto atrelado ao poder do estado e do capital, enquanto um modelo de colonização, o autor não restringe o conceito "colonização" apenas a estes fatores descritos. Bispo compreende enquanto colonização "todos os processos etnocêntricos de invasão, expropriação, etnocídio, subjugação e até de substituição de uma cultura pela outra, independentemente do território físico geográfico em que essa cultura se encontra.

> Porque mesmo que queimem a escrita, Não queimarão a oralidade.
> Mesmo que queimem os símbolos, Não queimarão os significados.
> Mesmo queimando o nosso povo, Não queimarão a ancestralidade"
>
> (BISPO, 2015)

Destacam-se também, alguns exemplos de outras formas de lutas e resistências relacionados aos conflitos de distribuição de terra na história do Brasil, como a Guerra do Contestado (1912-1916) no Sul, a Guerra do Formoso (1950- 1960), no Centro-Oeste, sendo estes alguns dos mais importantes episódios dessa história. (REIS, 2012)

Vislumbra-se que ao longo da história de lutas pela terra no Brasil, também formataram movimentos reacionários forjados pelas elites governamentais em sintonia com aparatos repressivos, que se posicionaram dando respostas na tentativa de conter e ou extinguir as mobilizações da população pobre e demais povos excluídos e subjugados do país. Reis (2012), descreve uma relevante forma organizativa atrelada às lutas pela terra, as Ligas Camponesas, sendo considerado por alguns analistas enquanto motivadoras do movimento que gerou o golpe militar no Brasil em 1964, diante da potência do discurso promovido pela entidade, conforme descreve a autora:

> "[...] a organização das Ligas Camponesas, movimento surgido em meados da década de 1950, da luta de arrendatários pelo acesso à terra no interior de Pernambuco (Martins, 1981). O crescimento das Ligas (só no Nordeste, elas tinham em torno de 70 mil associados) e a politização de seu discurso – que passou a incluir temas como a reforma agrária, o desenvolvimento e a questão regional –, foram considerados por muitos analistas como um dos detonadores do movimento que levou ao golpe militar no Brasil em 1964." (REIS, 2012, p. 90)

Voltando os olhos para os contextos urbanos, remonto um exemplo conterrâneo sobre outras possibilidades vinculadas à reação ou não reação de elites e instituições dominantes frente aos movimentos daqueles que se sentem oprimidos e mergulhados em uma realidade repleta de injustiças e desigualdades. Mattos (2018), ao pesquisar a relação sobre as perspectivas da presença e ausência do Estado a partir de análises dos discursos sobre a situação de risco geomorfológico constatada em laudos perito-judiciais em relação à Ocupação Pomar do Cafezal, localizada no Aglomerado da Serra, Belo Horizonte/MG, verifica que a ausência e presença do Estado se manifestam e se encontram sujeitas aos interesses vigentes de determinados contextos históricos.

A partir desta perspectiva, a autora demonstra que os problemas vinculados às questões de habitação, a existência das favelas e outras formas de moradia precárias não são efeitos indesejados do crescimento urbano desenfreado, mas sim compreendem um projeto político de espoliação urbana, conforme descreve:

> "Se, por um lado, há a reivindicação dos(as) moradores(as) das áreas irregulares da cidade para que suas localidades sejam atendidas por políticas públicas e que sejam contempladas por equipamentos públicos (posto de saúde, creches, linhas de ônibus e etc) como uma forma de atuação do estado nesses espaços; por outro, a presença dos aparatos repressivos do estado, seja na sua dimensão militarizada ou quanto aos perigos de remoção que constantemente rondam esses lugares, sempre foi uma constante na vida dessas pessoas. Por essa perspectiva, podemos compreender melhor as estratégias de ausência e presença do estado conforme os interesses vigentes em um dado contexto histórico. Dessa forma, é possível concluir que a favela e as outras formas de moradia da população pobre nas cidades brasileiras não são um efeito indesejado do crescimento urbano. Estas ocupações informais são reflexos da espoliação urbana e das formas de acumulação de riquezas na produção da cidade. O estado, o planejamento e a urbanização participam deste processo decisivamente, reforçando as condições que impedem o acesso desta população ao "fazer-cidade". (MATTOS 2018, p. 50)

O caso etnografado por Mattos (2018) é um entre muitos oriundos do contexto dos problemas urbanos do país. Ermínia Maricato (2009), arquiteta, urbanista, professora, pesquisadora e ativista brasileira, em sua longa trajetória[24] de pesquisa, constata que os problemas urbanos das cidades brasileiras não são ocasionados por falta de planejamentos, mas sim compreendem um projeto ideológico que reforça desigualdades:

> "Não é por falta de Planos Urbanísticos que as cidades brasileiras apresentam problemas graves. Não é também, necessariamente, devido à má qualidade desses planos, mas porque seu crescimento se faz ao largo dos planos aprovados nas Câmaras Municipais, que seguem interesses tradicionais da política local e grupos específicos ligados ao governo de plantão. O "plano-discurso" cumpre um papel ideológico (Villaça, 1995) e ajuda a encobrir o motor que comanda os investimentos urbanos. No caso das metrópoles, além dos grupos locais, o capital imobiliário e as empreiteiras contam sempre na definição dos investimentos que não obedecem a nenhum plano explícito." (MARICATO, 2009, p. 124).

[24] Ermínia Maricato é ativista política e uma das mais importantes pensadoras brasileiras da atualidade. Seu trabalho se volta, principalmente, ao debate crítico sobre o nosso processo periférico de urbanização. Já ocupou cargos públicos, como na Prefeitura da Cidade de São Paulo, onde foi Secretária de Habitação e Desenvolvimento Urbano (1989-1992) e no Governo Federal, onde foi Secretária Executiva do Ministério das Cidades (2003-2005) cuja proposta de criação se deu sob sua coordenação. Profa. Colaboradora do Curso de Pós-Graduação da FAUUSP além de participar de corpos editoriais. Criadora do BR Cidades. (https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/20.078/7351 , 2019)

É, pois, confrontando os interesses das elites, que surgiram no país ao longo de várias décadas, inúmeras formas reivindicativas com o intuito de transformar esta realidade. Uma destas formas organizativas convergiu para a criação da luta pela Reforma Urbana. Em 1963, arquitetos e demais profissionais ligados à questão urbana se mobilizaram junto a setores da sociedade, elaborando uma proposta modernizadora e democrática para as cidades do Brasil que previa um controle sobre a propriedade da terra. A proposta foi lançada do Congresso do IAB – Instituto de Arquitetos do Brasil, realizado em Petrópolis (MARICATO, 2009).

Antes desta ocasião, nos anos 1960, movimentos sociais já se encontravam nas ruas apoiando as chamadas "reforma de base"[25] do governo João Goulart. Entretanto, os impulsos movidos pelas pretensões da execução de reformas e base, foram contidos pelo golpe militar e a ditadura que se instaurou no Brasil a partir de 1964.

Durante o período ditatorial foi instituído o Sistema Financeiro da Habitação (SFH) por meio do Banco Nacional de Habitação (BNH). Este sistema promoveu a transferência de recursos em proporções nunca vistas antes, destinados a construções de habitações e infraestruturas subsidiadas a execução de grandes obras de saneamento atreladas à obras de extensão viária locais e regionais, transformando a estrutura de diversas cidades no país (CALDAS, 2015).

Porém, conforme aponta Maricato (2015), diversos estudos demonstram que este alto investimento do subsídio habitacional promovido pelo SFH/BNH foi apropriado pelo mercado privado, favorecendo as classes médias urbanas, inclusive, participando de sua consolidação, cumprindo o papel fundamental de apoio ao regime ditatorial. Desta forma, o sistema aprofundou a dualidade entre mercado e exclusão.

Além do BNH, foram também instituídos durante o período ditatorial, o Sistema Nacional de Planejamento Local Integrado – SNPLI e o Fundo de Financiamento de Planos de Desenvolvimento Local Integrado, que operavam com recursos do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço. Entretanto, assim como o SFH, este sistema não solucionou os problemas das classes baixas, sendo caraterizado de acordo com Caldas (2015), por compreender um abismo[26] entre o discurso e a prática.

[25] Reformas de base foi o nome dado pelo ex presidente do Brasil João Goulart ás reformas estruturais as quais propôs, incluíam os setores político, educacional, agrário e fiscal.
[26] Coube ao SERFHAU - Serviço Federal de Habitação e Urbanismo o papel de coordenação e gestão do SNPLI, que a partir de janeiro de 1967, juntamente com BNH, foi vinculado ao recém-criado Ministério

De acordo com a autora, estes sistemas implantados[27], desvinculados de uma suposta finalidade original, tiveram enquanto consequência a acentuação dos graves problemas urbanos já enfrentados anteriormente, acarretando um processo de supervalorização da terra urbana, de forma que a população pobre continuava sem alternativa, restando a estes a ocupação de encostas, áreas de inundação e preservação, sob o olhar conivente do poder público (CALDAS, 2015).

Diante do processo de enfraquecimento do regime ditatorial e do avanço das lutas populares que retomavam aos espaços públicos, o tema da reforma urbana retomou aos espaços públicos de discussão ganhando força na sociedade. Destes movimentos sociais, destacou-se o Movimento Nacional pela Reforma Urbana – MNRU, criado em 1985 pelos setores progressistas da Igreja Católica, setores não governamentais e técnicos de assessoria aos movimentos urbanos além dos movimentos sociais.

O MNRU deu grande ênfase na crítica do uso do espaço urbano enquanto fonte de lucros para um setor dominante, pautando o processo de democratização do direito à cidade enquanto proposta de reestruturação do espaço urbano, através da instituição da participação dos habitantes da cidade nas conduções de seus destinos, o que inclui o direito à terra, (a moradia), aos meios de subsistência, o saneamento ambiental, à saúde, à educação, transporte público, trabalho, alimentação, lazer e informação (MLB, 2019).

Diante das retomadas das pautas vinculadas a reforma urbana e suas articulações, o MNRU encaminhou uma proposta de ementa popular sobre a questão urbana para a

do Interior. O que se seguiu, no entanto, demonstrou enorme abismo entre o discurso e a prática governamental. Monte-Mór (2008, p. 48) avalia que ocorreu, de fato, o início da construção de uma política urbana nacional, declarada no Plano Decenal, elaborado em 1967 como "instrumento para alterar a estrutura de urbanização do país". O Plano Decenal - PED abordou questões de desenvolvimento local e regional e conceitos de análise urbana, tais como, densidades, custos de urbanização, dentre outros. Também incluiu a questão territorial na medida em propunha uma estrutura de organização regional e de pólos de desenvolvimento para implantação do SNPLI, além de prever a descentralização para os estados, a formação de recursos humanos, o sistema de avaliação e monitoramento. Constituiu-se enfim, em um completo sistema para dar conta da tarefa de implantar e monitorar o processo dinâmico de urbanização no país. No entanto, o Plano Decenal foi abandonado, prevalecendo a visão centralizadora de incentivo ao "capitalismo selvagem" que caracterizou o "milagre brasileiro", conduzida pelo Ministro da Fazenda Delfim Neto. O resultado da ação do governo federal implicou no agravamento da concentração populacional nas grandes cidades, pois se pautava pela intensificação e expansão da indústria nos maiores centros, uma vez que estes reuniam as condições gerais de produção, como já vimos antes (CALDAS, 2015 p. 36).

[27] Houve também a implantação de conjuntos habitacionais destinados às camadas de baixa renda, entretanto estes foram construídos em regiões distantes da malha urbanizada da cidade, criando condições para especulações imobiliárias diante de grandes vazios urbanos gerados, contribuindo para a oneração do custo de expansão de infraestrutura e segregação espacial (CALDAS, 2015).

formulação da constituinte de 1988[28]. Pela primeira vez na história do país, instituiu-se um capítulo dedicado ao tema na Constituição.

Também foi fruto desde contexto o Fórum Nacional de Reforma Urbana (FNRU), composto assim como o MNRU, por setores progressistas da Igreja Católica, setores não governamentais, técnicos de assessoria aos movimentos sociais e lideranças dos movimentos sociais urbanos. Através das articulações do FNRU foi conquistada a regulamentação do capítulo da política urbana na Constituição de 1988 (MARICATO, 2009).

Mesmo que o alcance desta regulamentação possa ser considerado um grande alcance para o reconhecimento das pautas da reforma urbana, a respeito disto, Maricato (2009) avalia que o FNRU cometeu um equívoco ao concentrar as energias apenas no eixo de sua atuação na legislação:

> "[...] cometeu o equívoco de centrar o eixo de sua atuação em propostas formais legislativas, como se a principal causa da exclusão social urbana decorresse da ausência de novas leis ou novos instrumentos urbanísticos para controlar o mercado, quando grande parte da população está e continuaria fora do mercado ou sem outras alternativas legais e modernas (isto é, sem segurança e sem um padrão mínimo de qualidade)" (MARICATO, 2009. p. 143).

A autora recorre à Vilaça (1989) para enfatizar que o "planejamento urbano" ocupa um lugar mítico na mídia nacional. Desta forma traça uma crítica ao excesso de fé no que chamou de "solução racionalizadora" diante do caos existentes nas capitais urbanas. Maricato (2009) recusa o atrelamento do caos com justificativas relacionadas a falta de planejamentos, alegando que, pelo contrário, o que existe é a ausência de reconhecimento de profundos conflitos imbricados no motor de uma realidade urbana.

A autora cita diversos instrumentos como o IPTU, solo criado, zonas especiais de interesse social, zonas especiais de interesse ambiental, habitação de interesse social etc, os quais deveriam ser utilizados para a manutenção de desigualdades sociais, mas que vem ao contrário, contribuindo na restrição de moradia a essas camadas através de estruturas segregadoras. Segundo Maricato (2009) a busca por instrumentos mais virtuosos ou tecnicamente melhores far-se-ia de forma quase totalmente inútil, pois estes

[28] A Assembleia Nacional Constituinte foi instalada no Congresso Nacional de Brasília, resultante da Emenda Constitucional nº 26, de 1985, com o intuito de elaborar uma Constituição democrática para o Brasil após o período ditatorial que perdurou 21 anos.

acabam obedecendo uma mesma práxis de fortalecer a desigualdades (MARICATO, 2009).

A respeito dessas questões, em sua tese intitulada “Política Urbana, Ação Governamental e a Utopia da Reforma Urbana no Brasil”, Caldas (2015), aborda as possibilidades da Política Urbana no Estado brasileiro, observando que os avanços obtidos mesmo que importantes, tem sido conquistas pontuais que fraquejam pelo fato de não transformarem o modo de produção das cidades. Tais conquistas, foram segundo a autora fraquejadas pelas dinâmicas próprias do capitalismo em sua relação com o Estado, atrelado aos problemas advindos de um caótico processo de descentralização de competências diante da ausência de coordenação intergovernamental, implantada no federalismo brasileiro. Demonstrando que as propostas subsidiadas pela Reforma Urbana no Brasil, continuam no campo da utopia por não terem confrontado os interesses do capital, a propriedade privada da terra e a forma de uso vinculada aos interesses privados.

Segundo as últimas pesquisas do IBGE (2015), que tem como base a Pesquisa Nacional Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do IBGE, o déficit habitacional no Brasil compreende cerca de 8 milhões de moradias. É diante deste panorama, onde as leis e instrumentos legais de alguma forma são submetidos aos interesses do capital em revelia à função social da propriedade e da cidade, que as ocupações urbanas continuam surgindo enquanto formas eficazes que sujeitos sem teto encontram para resolver suas necessidades emergências, que em teoria é um direito, mas que na prática se projeta de outra forma.

Embora o senso comum possa atrelar os movimentos de ocupação de terras urbanas enquanto efeitos colaterais de crises sociopolíticas e econômicas contemporâneos (URVOY, 2015) ao voltarmos os olhos para processos de formação fundiária do país, constatamos que o fenômeno das ocupações não são recentes, que existem a séculos, sendo resultado de formatações sócio espaciais segregadoras, que se mantém até os dias atuais (MENDONÇA, 2002).

Assim, podemos considerar as ocupações urbanas enquanto "lugares de práticas em que a lei e outras práticas estatais são colonizadas por outras maneiras de regular que emanam das urgentes necessidades das populações de assegurar sua sobrevivência política e econômica." (DAS; POOLE, 2008, p. 11). Além disso, tais práticas, não se restringem apenas ao campo da sobrevivência, pois possuem também em si um potencial provocador de transformação e de movimento na cidade, bem como descreve Agier:

> "[...] um agir político cujo objeto é um direito humano e, ao mesmo tempo, um direito à cidade. As duas formas são igualmente políticas, mas de modos distintos. O movimento mais radical atualmente, aquele que faz com que ainda exista a questão política do horizonte da cidade, é o que a faz existir não como uma abstração, mas como uma imanência, uma construção em curso e em movimento." (AGIER, 2015, p. 492).

A respeito da existência destes processos em construção e movimento (AGIER, 2015, p. 484) também irá destacar a potencialidade da antropologia em reconhece-los e compreende-los através do olhar antropológico:

> "Se a antropologia pode e tem todo o interesse em se apoiar nesta teoria da relatividade urbana no tempo e no espaço, é porque a dinâmica e a transformação podem ser reconhecidas em um saber livre de amarras políticas, normativas e institucionais, como é o saber antropológico. São portanto a descrição e a compreensão do movimento permanente de transformação urbana no tempo e no espaço que podem constituir a contribuição do olhar antropológico sobre a cidade." (AGIER, 2015, o. 484).

Agier (2015), compreende que os conhecimentos da antropologia urbana não partirão da própria cidade, de forma abstrata, mas sim a partir de um compilado de sequências da vida urbana retiradas de um ínfimo pedaço do curso real do mundo. Desta forma, as pessoas aqui pesquisadas que integram os movimentos sociais, são compositoras do tecer das sequências ínfimas da vida urbana. E é pois através de suas ações, que estes sujeitos conseguem através do ato de ocupar terrenos que não cumprem função social, dentre outras ações políticas as quais executam, denunciar o cinismo e a covardia do que Maricato (2009) chamou de "solução racionalizadora", bem como será visto a diante.

2. O SURGIMENTO DE OCUPAÇÕES URBANAS E MOVIMENTOS SOCIAIS EM BELO HORIZONTE

2.1 Belo Horizonte, do arraial à capital

A cidade de Belo Horizonte possui registros de reivindicações urbanas desde 1902, quando moradores de bairros que não possuíam serviços básicos e equipamentos urbanos, amparam-se na vida associativa através de coletivos, associações e organizações para reivindicar melhorias aos governantes. (SOMARRIBA; VALADARES; AFONSO, 1984) Estes sujeitos compõem o processo de transformação do antigo Arraial de Belo Horizonte, localizado no vale do Rio das Velhas, no município de Sabará à cidade de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais. Em 1889, com a transição da era monárquica para o período republicano, novas ambições foram tramadas para as estruturas econômicas, políticas e sociais do Brasil. A exemplificar, em Minas Gerais, o esgotamento do ciclo do ouro impulsionou o surgimento de novas forças econômicas emergentes no estado, o que por sua vez proporcionou a Minas Gerais significativa importância no âmbito nacional (LE VEN, 1977).

Foi esculpido no estado de Minas Gerais um novo modelo econômico urbano-industrial, alimentado pela expansão de produções agrícolas voltadas para exportação e o crescimento de indústrias. Foi neste cenário que grupos oligárquicos e a elite mineira em ascensão, promoveram articulações para transferir a antiga sede do estado, Ouro Preto, para o local que lhes favoreceria, Arraial de Belo Horizonte, região onde o Estado possuía uma grande quantidade de terras. Iniciou-se então uma brusca transformação na região. Para dar lugar aos negócios da nova capital mineira, o Arraial antes existente foi posto ao chão, completamente demolido, de tal forma que tudo o que existia antes fora desprezado e ignorado (MONTE MÓR, 1987, p. 24).

A forma como a "nova Belo Horizonte" foi concebida e constituída exibiu desde os primeiros traçados a delimitação dos "espaços de primeira categoria", caracterizados por serem lugares privilegiados bem arquitetados, de outros locais distantes deste, destinado aos pobres e trabalhadores (ANANIAS, 1994). A composição da formatação desta hierarquia social, além de ser marcada por distinções de classe e concentração do capital, também configura o posicionamento do indivíduo na estrutura social, conforme aponta Mendonça (2002), demonstrando que a distribuição do processo de ocupação e distribuição de espaços da cidade foi conduzido por transferências administradas pelo

governo que priorizou proprietários e funcionários de Ouro Preto, a antiga capital do Estado de Minas Gerais. O governo também concedeu através de doação, lotes aos funcionários públicos vinculados ao aparelho burocrático estatal de acordo com tipologias hierárquicas do funcionalismo. Por fim, o restante dos terrenos foi leiloado e adquirido de acordo com o critério de renda da nova população, o que por sua vez ocasionou deste os primórdios da consolidação da cidade a concentração de lotes e a prática de especulação imobiliária.

Já aos antigos moradores do Arraial de Belo Horizonte e trabalhadores que chegaram para construir a cidade, fora destinado os espaços de "segunda categoria". O governo de Minas Gerais concentrou todos os esforços para atender aos anseios da elite do estado, desprezando possibilidades para atender aos operários e suas famílias que migraram para a capital. A estes restaram a ocupação de terrenos em locais periféricos da cidade, sem nenhuma infraestrutura (URVOY, 2015).

2.2 O surgimento das lutas Urbanas em Belo Horizonte

Antes de adentrar a temática dos atuais movimentos sociais inseridos nas lutas sociais urbanas, com o recorte de atuação em ocupações, é preciso voltar os olhos para o surgimento destes e suas práticas em contexto. Conforme descrito, o surgimento da cidade de Belo Horizonte foi marcado pelo processo de migração de trabalhadores que sofreram com as adversidades das "promessas do progresso". Entretanto, estes não se recolheram e silenciaram em meio às dificuldades vivenciadas. As formas organizativas dos movimentos, coletivos e associações de moradores de Belo Horizonte foram um dos meios que encontraram para tentarem mudar a dura realidade que vivenciavam.

A partir de 1902, em Belo Horizonte, constam registros da existência de associações de moradores de bairros como Lagoinha, Calafate, Santa Efigênia e Floresta que se reuniam para reivindicar a instalação de equipamentos urbanos e serviços básicos nos bairros, bem como a instalação de água e implementação de bonde (SOMARRIBA; VALADARES; AFONSO,1984). Já a classe trabalhadora composta por operários imigrantes também se organizou em coletivos para protestar contra as descriminações que viviam, a desvalorização da profissão e os atrasos dos salários. Conforme aponta Le Ven (1977), estes operários se reivindicavam em maioria enquanto anarquistas, se organizavam através de comitês e agremiações além de produzirem jornais. Pretendiam

se organizar de forma autônoma se reconhecendo enquanto pertencentes a uma classe. Entretanto, com receio da força organizativa e espírito revolucionário que estes operários europeus possuíam, o governo do estado tomou algumas medidas para desmobiliza-los criando novas agremiações: "Confederação auxiliadora dos operários do Estado de Minas" com o Jornal " O Labor", e a " Associação Auxiliadora dos Funcionários Públicos de Minas Gerais", organizações criadas de cima para baixo com elementos nacionais e ideologia legalista que configuram ao Estado a solução dos problemas dos operários" (LE VEN, 1977 p. 88).

As associações de bairros descritas anteriormente continuaram e existir com o passar dos anos, pois os problemas vinculados à carência de equipamentos urbanos perduravam nos bairros que surgiam junto ao crescimento da cidade, porém o modelo associativo passou por algumas transformações. A exemplificar, a criação da Câmara Municipal de Belo Horizonte, em 1936, promoveu algumas mudanças no cenário político. Antes da criação da Câmara, os prefeitos eram nomeados. Já com o novo cenário político, a população passou a ter possibilidade de escolher seus governantes no âmbito do legislativo e executivo. Isto provocou uma intensa movimentação nos bairros da cidade. Neste período, as associações de bairros passaram a se constituir em diretórios dos vários partidos políticos de forma que agregavam aos objetivos de filiação partidária suas reivindicações específicas referentes aos bairros onde atuavam (SOMARRIBA; VALADARES; AFONSO, 1984).

Segundo Somarriba, Valadares e Afonso (1984), durante a década de 1950, foi crescente o número de criações de associações de bairros e favelas que reivindicavam desde melhorias urbanas à legalização e posse dos terrenos, tal como a União dos Trabalhadores de Periferia de Belo Horizonte (UTP), entidade recriada a partir da Federação dos Trabalhadores Favelados de Belo Horizonte, que em 1964 contou com 55 associações a ela filiadas, e a União de Defesa Coletiva dos moradores da Pedreira Prado Lopes, uma das favelas mais antigas de Belo Horizonte. Destaca-se também o surgimento de associações dos bairros São Vicente e Vila dos Marmiteiros. Entretanto, com o início da ditadura militar estas associações foram criminalizadas, consideradas subversivas, sendo então extintas. Da mesma forma que as associações dos moradores de bairros, vilas e favelas foram taxadas de ilegais, a tratativa do governo durante o período ditatorial se deu pelo mesmo viés. Segundo (SOMARRIBA, 2004), neste período o governo respondeu às demandas da periferia com a adoção de uma política que pretendia erradicar

as favelas. Foi criado nesta época o órgão de assessoria do Departamento Municipal de Bairros e Habitações Populares (DBP), a Coordenação de Desfavelamento das Áreas Urbanas e Suburbanas cujo objetivos eram erradicar favelas e prevenir ocupações. Também foi criado a Superintendência de Terras Urbanas do Município de Belo Horizonte (SUTUR), pela Lei 1.072, de 18/9/1964 que propunha medidas para implementar a reforma urbana, a exemplo o lançamento no mercado de lotes com preços mais acessíveis para pessoas de baixa renda mas essa lei nunca chegou a ser aplicada, tornando-se letra morta (SOMARRIBA, 2004).

Já na década de 1970, período em que a ditadura militar estava em curso, foi criado o PLAMBEL, órgão de planejamento metropolitano. E em 1971 a extinção do Departamento Municipal de Bairros e Habitações Populares (DBP) deu lugar ao novo órgão (CHISBEL), que também adotou políticas de erradicação de favelas através de remoções, sem resolver os problemas estruturais e ou dar alternativas aos moradores das favelas (HOURI, 2008).

Foi apenas com as transições políticas após o fim da ditadura que movimentos e associações de bairros e favelas começaram a retomar as lutas. Com o intuito de se desmembrarem das práticas de políticas clientelistas existentes dos antigos Comitês instaurados nos bairros, as entidades passaram a ser identificadas como Associações Comunitárias. Entretanto, Somarriba, Valadares e Afonso (1984) afirmam que mesmo que o objetivo das alterações nos nomes estivesse relacionado à pretensão de projetarem-se enquanto apolíticas, as entidades permaneceram sendo instrumentalizadas de acordo com demandas políticas.

O fim da ditadura e a abertura política também promoveram mudanças no âmbito das políticas públicas e programas que buscavam incorporar as reivindicações da população. O Programa de Desenvolvimento Comunitário (PRODECOM), programa estadual criado no âmbito da Secretaria de Estado de Planejamento e Coordenação Geral (Seplan/MG), vigorou de 1979 à 1983, (BEDÊ, 2005) e pretendia realizar implementações de ações urbanísticas nas vilas e favelas. Somarriba (2004) avalia que o Programa incluía a participação das associações comunitárias na avaliação da escolha das obras prioritárias, entretanto não promoveu a legalização de posse dos terrenos. Segundo a autora esta questão recebeu atenção somente em 1984, com a criação do PROFAVELA, um Programa Municipal de Regularização de Favelas que ficou a cargo do Município, através da URBEL (Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte), criada em 1983 cuja

finalidade era atender famílias de baixa renda através do assentamentos e terrenos e da urbanização de lotes (BEDÊ, 2005).

Em 1985, a Lei do PROFAVELA foi transferida para os encargos do Executivo Municipal. A partir de então, a execução das ações do Programa – anteriormente concentradas nas secretarias de Desenvolvimento Urbano, Ação Comunitária e Assuntos Especiais – foi transferida para o controle da Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte (URBEL), que se tornou o órgão oficial responsável pelas questões urbanas ligadas às favelas – urbanização, regularização fundiária, remoção e reassentamento de famílias. Mais à frente, a URBEL foi também encarregada pelos planejamentos de conjuntos habitacionais populares e produção de lotes e conjuntos urbanizados (HOURI, 2005).

Conforme descreve Bedê (2005) o PROFAVELA, até o início da década de 90 trabalhou na regularização de favelas assentadas sobre áreas públicas municipais. De acordo com a autora, esse processo era na maioria das vezes realizado em desarmonia com o processo de urbanização, sendo executado através de obras pontuais, desconsiderando a referência de planejamento que representou a experiência do PRODECOM, que incluía a participação e opinião pública a respeito das prioridades.

Nos anos 1980, destacam-se três entidades que foram referências na construção das lutas urbanas da época: União dos Trabalhadores de Periferia (UTP), Pastoral de Favelas e Federação das Associações de Moradores de Belo Horizonte (FAMOBH). Para essas entidades, as reivindicações tinham enfoque na regularização fundiária, saneamento e instalação de serviços públicos para as ocupações e favelas da cidade. Reivindicavam suas pautas ocupando terrenos ociosos na cidade, realizavam manifestações além de promoverem seminários sobre a temática (FREITAS, 2015).

Em relação ao tema de políticas habitacionais da década de 1980, ao avaliar a questão, Bedê (2005), conclui que tanto o estado quanto município produziram poucas experiências de produção habitacional no período. Na mesma época em que o PRODECOM vigorou, foi também criado pelo governo o PROCASA, programa de produção de moradias que foi destinado ao reassentamento. Porém a autora argumenta que as moradias eram destinadas apenas às famílias desabrigadas por fortes chuvas em 1979. Além disso, nos anos 1980 também foi criado o programa de produção estadual denominado PRÓ HABITAÇÃO, que tinha restrições a atuação no interior do estado. A autora compreende o período caracterizando-o de duas formas distintas: a princípio, a política adotada pelo governo, de caráter populista, produziu grandes assentamentos

habitacionais em áreas públicas nas periferias da capital. Entretanto, a autora destaca que os assentamentos eram irregulares e possuíam infraestrutura precária. Bedê (2005) também complementa que a distribuição das residências foi feita de forma clientelista, e que com o passar do tempo a ocupação do local se configurou gradualmente em um processo de "favelização." Já o segundo momento de atuação por parte do poder público, foi de omissão total. O governo argumentava que investimentos em políticas habitacionais poderiam implicar no aumento de migrações da população do interior do estado para a capital.

Já na década de 1990, precisamente a partir de 1993, elegeu-se em Belo Horizonte a Frente Brasil Popular com a liderança do Partido dos Trabalhadores (PT) e de Patrus Ananias. A gestão do governo petista trouxe segundo Bittencourt (2016), inovações na temática das questões de políticas habitacionais, por ter sido uma gestão que se propôs solidificar uma política habitacional em Belo Horizonte, convidando setores organizados da sociedade civil para planejarem planos de ações coordenadas e integradas com noções sistêmicas sobre os problemas habitacionais da cidade, diferenciando-se das diversas experiências dos governos anteriores, que até então realizavam apenas ações paliativas e tratamentos pontuais e residuais diante dos problemas oriundos da habitação urbana.

Não obstante a inovação e o pioneirismo da política habitacional gestada pela Frente BH Popular, Bedê (2005) e Bittencourt (2016) avaliam que apesar da disposição para lidar com os problemas urbanos ligados à habitação, propondo a integração de sem tetos, periféricos e movimentos sociais, ainda assim, predominou-se a hegemonia de gestão pública de produção de empreendimentos de habitação social atrelados aos interesses e às formas produtivas relacionadas aos agentes de estado. Houve limites estruturais diante das produções habitacionais. Os recursos habitacionais não eram capazes de suprir os problemas de forma ampla. Seria necessário, de acordo com Bittencourt (2016 p. 32) uma "transformação radical da estrutura de arrecadação e destinação dos recursos públicos, dentro da totalidade do Estado brasileiro, em todas suas esferas, inclusive a federal".

Neste período, devido a aproximação dos movimentos sociais com as instituições, resultante da proposta do governo de inclusão destes em processos que pretendiam consolidar uma política habitacional em Belo Horizonte, estas entidades sociais praticamente se eximiram das práticas e atos radicais, como por exemplo a

ocupação de terrenos e manifestações em ruas. Durante a gestão Frente BH Popular 1993 – 1996 ocorreram apenas seis ocupações em imóveis ociosos, mas que foram desfeitas através de negociações via política pública habitacional, com exceção da ocupação Vila Corumbiara, que aconteceu em 1996, no último ano da gestão do governo Patrus (MAIA, 2017).

Com o fim da gestão Frente BH Popular, Belo Horizonte foi governada por Célio de Castro, do PSB (Partido Socialista Brasileiro), que deu continuidade às políticas públicas anteriores (HOURI, 2008). Em 2002, findada a gestão de Célio de Castro, a prefeitura de Belo Horizonte foi assumida por Fernando Pimentel do PT (Partido dos Trabalhadores) sendo reeleito após quatros anos. A gestão de Fernando Pimentel, foi caracterizada por priorizar a inserção da cidade no mercado internacional, e no que tange às questões de políticas públicas habitacionais o cenário foi alterado em relação às gestões anteriores, conforme explícita Bittencourt:

> "Em relação à política propriamente habitacional dentro do governo deste período (2002-2008), têm-se basicamente três movimentos relevantes: o primeiro é a própria exiguidade dos recursos destinados à política habitacional e o seu resultado mais evidente em número de unidades produzidas que, aquelas voltadas para o atendimento do déficit habitacional, atinge um número nitidamente irrelevante, face ao déficit municipal. O segundo é o constrangimento das formas produtivas iniciadas em 1993, com a abertura para a gestão pública, cogestão e autogestão, se resumido basicamente à modalidade gestão pública, combinada a terceirização da produção por via de licitação às construtoras privadas. E o terceiro, como consequência desse monopólio do planejamento pela burocracia municipal, é a consolidação de concepção espacial de empreendimento habitacional desenvolvido que se reduz ao modelo popularmente conhecido como "predinhos", indicando uma prática nitidamente heterônoma de projeto e exercício da arquitetura, a contragosto dos setores sociais que foram seus beneficiários e usuários." (BITTENCOURT, 2016 p. 38)

Campos e Mendonça (2013) ao analisarem a estrutura socioespacial e a produção habitacional na região metropolitana de Belo Horizonte, concluem que na última década as políticas habitacionais não alcançaram de forma significativa os segmentos de baixa renda. Os maiores beneficiados da política habitacional foram os proprietários fundiários e incorporadores imobiliários que receberam grandes investimentos públicos federais para financiar a produção da habitação. (MAIA, 2017)

Bedê (2014) chega a conclusões similares a respeito das recentes políticas habitacionais:

> "A ação do Estado na questão habitacional urbana, especialmente no que diz respeito à habitação de interesse social, vem refletindo, desde suas origens, estratégias para o atendimento de interesses ligados ao projeto político hegemônico de cada um dos períodos da história brasileira. Dando sustentação a essas estratégias, todo um esquema de construção ideológica é montado visando à consolidação de conceitos e valores correspondentes aos objetivos pretendidos." (BEDÊ, 2014 p. 29)

Já Mendonça (2002) avalia que no decorrer das décadas de 80 e 90, Belo Horizonte e RMBH sofreram intensas complexificações em suas estruturas sócio-espaciais, o que por sua vez contribuiu para delimitar ainda mais os limites entre a cidade e periferia, perpetuando o que ocorreu deste a criação da capital: a expulsão dos trabalhadores para locais periféricos e a consolidação de uma hierarquia descendente do centro para periferia, que possui pouco acesso a bens materiais e simbólicos disponíveis na cidade.

2.3 Movimentos sociais contemporâneos de lutas urbanas pela moradia e Reforma Urbana em Belo Horizonte

No que diz respeito às formas de denúncia e enfrentamento a projetos políticos que reforçam contradições e excluem sujeitos, retomando o histórico de lutas e movimentos sociais de lutas urbanas que emergiram em Belo Horizonte, estes podem ser vislumbrados desde a criação da capital, sendo forjados ao longo de várias décadas. Não obstante, nos anos 2000, o mesmo ocorreu diante da permanência do cenário sociopolítico que ainda reproduz e consolida as hierarquias que distinguem centro e periferia (MENDONÇA, 2002).

Na avaliação de Mendonça (2002), nas décadas de 80 e 90, houve acirramento das delimitações entre o que chamou de limites entre a cidade e a periferia, bem como o aumento das desigualdades reproduzidas as assimetrias expressas nessas delimitações. Após a década de 90, precisamente no ano 2002, o então vice prefeito do segundo mandato de Célio de Castro, Fernando Pimentel (PT), ao assumir a prefeitura e gestar uma política voltada para criar condições de inserção de Belo Horizonte no mercado nacional, focou em projetos divergentes das reais necessidades e direitos sociais. Além

disso, manteve uma negativa em reconhecer os conflitos urbanos existentes atrelados à questão do direito à moradia e à cidade, conforme descreve Bittencourt (2017):

> "Quando Fernando Pimentel (PT), até então vice-prefeito da coligação do segundo mandato de Célio de Castro, assume a prefeitura de Belo Horizonte, que se esboça o significado geral de uma governança urbana por meio do que vários autores (VAINER, 2000; ARANTES, 2000; HARVEY 1989) chamaram de planejamento estratégico e/ou empresarial que, em síntese, se torna um modo de governar marcado por projeto destinado a criar as condições da inserção da cidade no mercado nacional e internacional de disputa por investimento dos mais variados capitais, em detrimento dos interesses da cidadania e seu rol de direitos urbanos, sociais e fundamentais" (BITTENCOURT, 2017 p. 34).

Bittencourt (2017) aponta que as gestões de Pimentel, de 2002 a 2008, constituíram-se numa forma mais acabada do empresariamento urbano. Porém, tal gestão neoliberal atingiu seu ápice na gestão de Márcio Lacerda (PSB) a partir de 2009. A longo prazo, o resultado dessas gestões implicou em graves consequências para os problemas da questão habitacional, o afastamento da participação popular nas políticas de planejamento urbano e a recusa ao diálogo com movimentos sociais atrelada a perseguições políticas, tal como explicita o autor:

> "As consequências para a questão habitacional foram muitas. A cidade assume sua forma mais higienista e segregacionista, tendo importância unicamente pelo seu papel como geradora de mais valia urbana e de lucro, modificando e elevando exponencialmente a intensidade de sua disputa entre setores sociais e os grandes capitais." (BITTENCOURT, 2017 p. 59).
>
> "Além de muitas outras implicações, pode-se apontar, o aniquilamento da participação popular, do envolvimento da sociedade civil na elaboração do planejamento urbano, até à instituição de vários dispositivos voltados ao constrangimento e à perseguição de novas formas de movimentos sociais e suas táticas e estratégias de reivindicar a cidade, como, evidentemente, nos casos das ocupações de imóveis ociosos, seja para fazer dele habitação popular condigna, ou outras funções e finalidades sociais, políticas e culturais." (BITTENCOURT, 2017 p. 59).

Foi diante deste contexto que nasceram os movimentos sociais aos quais chamo de contemporâneos. Surgiram fazendo frente à forma como a cidade de Belo Horizonte vem se reproduzindo, denunciando as inversões de prioridades que vem perpetuando uma série de desigualdades. Tais movimentos sociais constituíram-se, em maioria, a partir de

ações coletivas protagonizadas por sem tetos, que ocupavam terrenos ociosos e atuavam nesses territórios. Ao ocuparem terras, esses movimentos sociais vêem buscando não somente solucionar questões primárias, ligadas à sobrevivência vinculadas à luta pela moradia, como também veem contestando as políticas sócio - econômicas vigentes. Além disso, tem-se desdobrado desta pauta a reivindicação por outros aspectos que tangenciam a questão habitacional nos territórios onde atuam, como por exemplo a instalação de equipamentos urbanos como água, luz, asfalto e esgoto e demais aspectos que englobam a luta pela reforma urbana.

A seguir, apresento um panorama dos movimentos sociais contemporâneos de lutas urbanas por moradia e reforma Urbana de Belo Horizonte e Região Metropolitana. Ele inclui outros três movimentos relevantes para além do MLB, movimento escolhido para tratar das trajetórias de vida de militantes e a forma como este movimento social vem se reproduzindo.

A relevância destes movimentos sociais se dá pelo grande enfoque que eles tem dado às ações de ocupação de terrenos, pressionando órgãos responsáveis por políticas habitacionais. Ressalta-se a eficácia desses movimentos proporcionarem às famílias pobres a garantia de direitos básicos como a moradia, o que desafia as próprias políticas públicas do Estado.

O relatório "Ocupações urbanas na região metropolitana de Belo horizonte" faz esta distinção ao mapear a existência de cerca de 24 ocupações em Belo Horizonte e região metropolitana, demonstrando que cerca de 14.000 famílias, aproximadamente 55 mil pessoas, hoje tem a possibilidade de ter uma vida mais digna graças a existência das ocupações urbanas (PRAXIS, 2016).

Além disso, destaco as potencialidades e efeitos desses movimentos a partir de suas contestações e ações. Um exemplo é a aprovação, em junho de 2019, após cinco anos de tramitações na câmara municipal. O Novo Plano Diretor, também conhecido como Estatuto da Cidade, previsto na Lei 10.257/01[29] que estabelece as diretrizes da política urbana.

A proposta e construção do Novo Plano Diretor de Belo Horizonte envolveu cerca de setenta entidades e movimentos sociais[30], entre elas a Pastoral de Rua, o

[29] http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10257.htm
[30] https://www.obeltrano.com.br/portfolio/pressao-pelo-plano-diretor-de-bh/

Sindicato dos Arquitetos de Minas Gerais, o instituto dos Arquitetos do Brasil, MLB, Brigadas Populares, etc. A nova proposta foi uma grande conquista para estas entidades por prever instrumentos de distribuição de renda fundiária urbana para democratização da cidade, a geração de recursos para produção de moradias, o reconhecimento das ocupações urbanas, a proteção de patrimônios culturais da cidade, a recuperação, preservação e geração de áreas verdes, a criação dentre outros aspectos.

É relevante dizer que embora eu tenha realizado este recorte na pesquisa, para além destes quatro movimentos sociais citados e escolhidos por convergirem em formatos organizativos similares,[31] existem outras inúmeras formas de contestações e ações realizadas por sujeitos marginalizados que vivem em Belo Horizonte e em outros grandes centros urbanos não abordados nessa pesquisa. Estes também praticam ações como a ocupação de morros, encostas e terrenos ociosos enquanto forma de sobrevivência e resistência. Para acrescentar à questão da diversidade de manifestações de movimentos sociais que lutam por moradia, retomo a seguir uma discussão crítica levada a feito em trabalho anterior a propósito das categorias definidoras das características desses movimentos sociais. (MAIA, 2017)

Os movimentos sociais aqui descritos, assim como grande parte da recente literatura que tangencia a temática das ocupações urbanas de Belo Horizonte e RMBH, como Freitas (2015), Bittencourt (2016), Lourenço (2014), Canettieri; Paolinelli (2019), Franzoni (2018), dentre outros, vem utilizando os conceitos de "ocupações organizadas" e "ocupações espontâneas", que por sua vez são categorias êmicas do universo dos movimentos sociais.

As ocupações "organizadas", segundo as concepções dos movimentos e literatura que reproduz tal categoria, abarcam as ocupações vinculadas aos movimentos sociais. Já as "espontâneas" seriam aquelas ocupações de terrenos realizadas por sujeitos não vinculados aos movimentos sociais. Ao interrogar os militantes a respeito do termo "espontâneo", eles exibiram o que pensam a respeito da distinção das categorias "espontâneas" e "organizada", conforme a seguir:

[31] Ambos os movimentos sociais à sua maneira, atuam nos territórios das ocupações realizando trabalhos de base, almejando o que compreendem por emancipação da classe dos mais oprimidos.

Leonardo Péricles, militante do MLB, afirma que o termo não é pejorativo e argumenta sobre os motivos pelos quais os movimentos sociais vêm verbalizado estas distinções:

> "[...] Acho que existe isso. A gente não pode tratar isso de forma pejorativa... tipo ah, a que foi a que foi espontânea então ela é uma merda... Não tem função... Não! Cada uma tem seu papel. Inclusive, historicamente a maioria das ocupações não são organizadas. O povo foi lá se juntou e fez. Inclusive não precisa de movimento pra fazer, tá mais do que provado..." (Péricles, 2017).
>
> "[...] A Vila Corumbiara foi organizada por movimentos, e a Vitória da Conquista foi espontânea. A Vitória da Conquista existe assim como a Corumbiara. Hoje se você for na Vitória ela não tem asfalto até hoje, a luz é precária, tem um monte de problema.... Se você vai na Corumbiara, ela tem título de posse! Essa é uma diferença, é um negócio, vai mais longe... Aquela que tem uma organização... E ai a gente tenta inclusive usar isso de exemplo para que o povo se organize. Acho que essa é a questão do enfrentamento." (Péricles, 2017).
>
> "[...] Então, a ocupação organizada o que a gente considera... Qual é a formulação do M.L.B sobre isso? É que elas vão mais longe!" (Péricles, 2017).

Já Thiago Miranda, militante do MOB, traça críticas ao termo "espontâneo" sugerindo reflexões a respeito dos modos organizativos de sem tetos que podem não se equiparar aos objetivos e aspirações ideológicas das organizações e movimentos sociais:

> "Thiago: Espontânea! nó isso é dum preconceito terrível né, espontâneo! Imagina se é espontâneo, uma pessoa ter que refletir se ela vai arrebentar uma cerca ou não e entrar lá dentro. Imagina se é espontâneo ela ter que conversar com o parente, com um vizinho, com aquele fulano, se isso é espontâneo!! Como se fosse uma coisa meio instintiva. Não... É fruto de organização, é fruto de, de reflexão, é fruto de dor né, é fruto de desespero, e é fruto de organização. Só não é organização do mooodo como a organização política pensa que é, mas eles tão se organizando, ou não tão? Eles vão precisar, eles vão precisar ué, eles vão precisar de um machado pra quebrar aquele trem, eles vão precisar de um alicate pra poder costurar, eles vão precisar de juntar uma grana pra poder levantar, eles vão precisar de falar com o camarada que sabe levantar barraco de lona não sei aonde, pô, isso é organização. Não tem nada de espontâneo não. Pelo que a gente entende, e isso não é porque, uma questão teórica, é uma questão da gente vê, né na prática cotidiana da nossa, da nossa convivência lá da ocupação.
>
> [...] É.... os camaradas tem muito conhecimento né, eles são eletricistas, eles são pedreiros, eles são mestres de obras eles são, eles são, um milhão de coisa. Então eles tem os conhecimentos deles. Nós temos alguns conhecimentos que eles não têm, eles têm conhecimentos que nós não temos." (Thiago, 2017),

As críticas a respeito destas categorias, me sugerem um importante aspecto para promover reflexões junto aos movimentos sociais. Mesmo que o ato de ocupar um terreno

dos sem tetos desvinculados aos movimentos sociais seja considerada por estes legítimo, a distinção entre as categorias "organizadas" e "espontâneas", ao meu ver exibem e podem reforçar hierarquias que desconsideram os inúmeros saberes dos sem tetos, por não convergir com os objetivos dos movimentos sociais.

A seguir, apresento o histórico dos movimentos socais contemporâneos e chamo atenção para a forma como se constituíram. Tais discernimentos são relevantes para a compreensão de questões levantadas em relação a alguns aspectos que constituem o perfil e as práticas de militantes que atuam e vivem nas ocupações urbanas. A metodologia utilizada para esta descrição consistiu na realização de entrevistas com alguns militantes, pesquisa bibliográfica e também no conhecimento que tenho a respeito destes movimentos sociais em função da minha inserção neste universo.

2.3.1 Brigadas Populares

As Brigadas Populares nasceu a partir de um grupo de estudos marxistas (NEM), idealizado por estudantes de direito e universitários de Belo Horizonte. As pretensões do grupo se ancoravam em não somente promover debates acerca do marxismo, como também realizar ações políticas, conformando a teoria com a prática.

Em 2006 o grupo foi fundado, e a partir de dissoluções de seus membros, fundaram as Brigadas Populares, cuja linha política se atrelou ao socialismo. A primeira inserção em trabalho de base da organização política ocorreu ainda no ano de 2006, na Vila do Cafezal[32], favela localizada no bairro Serra, em Belo Horizonte, quando militantes se envolveram na criação de um pomar comunitário no local. Neste período alguns moradores da Vila do Cafezal solicitaram apoio dos militantes das Brigadas para ocuparem um prédio abandonado no bairro. Deste então, a Brigadas Populares passou a se inserir em dezenas de processos de ocupações de terrenos e propriedades abandonadas. São exemplos, a ocupação João de Barro I, II e III, em 2007, Ocupação Camilo Torres em 2008, Dandara em 2009, Irmã Dorothy em 2010, ocupação Guarani Kaiowá em 2013,

[32] Mattos (2018) em sua dissertação intitulada "O risco nas/das margens: A ocupação pomar do cafezal no discurso da governabilidade" analisa discursos sobre a situação de risco geomorfológico constatada em laudos perito-judiciais em relação à Ocupação Pomar do Cafezal localizada no Aglomerado da Serra, Belo Horizonte/MG, além de etnografar outros processos referentes ao local.

e ocupações da região do Izidora: Rosa Leão, Esperança e Vitória em 2013, Ocupação Tomás Balduíno em 2014, dentre outras. [33]

As Brigadas Populares é composta, conforme descreve Lourenço (2014) por maioria de estudantes universitários ou profissionais graduados provenientes da pequena burguesia. [34] Tal conceito, como sugere o autor, parece ser mais adequado do que classe média, pois aponta para a posição social não se restringindo apenas a faixa de renda mensal. Tendo em vista a posição social destes sujeitos, chamo atenção para o fato de que estes não necessitam de ocupar terrenos abandonados para obterem uma moradia.

Os militantes, ao se inserirem nesses territórios, não almejam somente a sua conquista, a construção de casas e moradias como se fossem um fim em si. Pretendem também alcançar, através da inserção nos territórios das ocupações, suas finalidades políticas, o que chamam de "criar uma nova maioria política".

Isabela Gonçalves, militante das Brigadas Populares e vereadora do PSOL, ao ser entrevista por mim, afirmou que as Brigadas Populares pode ser definida da seguinte forma:

> "É uma organização política no sentido mais Gramsciano. Que tem uma perspectiva revolucionária, e que constitui um método próprio pra construir o que a gente chama de nova maioria política. A nova maioria política parte do entendimento de que as amplas maiorias sociais do Brasil, elas não conseguem se fazer maiorias políticas. Pra isso é preciso de um método que fundamentalmente trabalhe uma política de alianças forte, o que a gente chama e unidade aberta. Então, alianças fortes que se dão a partir de ações concretas no cotidiano do povo, são capazes de constituir uma nova maioria política para lutar por processos mais profundos de transformação, como a Revolução Brasileira" (Gonçalves, 2019).

Atualmente, a organização política passa por processos de transformação, que são assim explicitados por Isabela Gonçalves:

[33] Bittencourt (2016) em sua dissertação intitulada Cidadania autoconstruída: o ciclo de lutas sociais das ocupações urbanas na RMBH (2006 - 15)", analisa o ciclo histórico de ocupações urbanas pelo direito à moradia que se instaura em Belo Horizonte e Região Metropolitana, a partir de 2006.

[34] "Na tradição marxista das ciências sociais, essa expressão designa grupos que precisam trabalhar para sobreviver, mas que não se identificam com o proletariado, porque são proprietários de (modestos) meios de produção ou porque dispõem de uma formação cultural que lhes dá acesso a empregos tidos por melhores: pequenos comerciantes, mestres de ofício, professores primários, funcionários de escritórios etc." (LOURENÇO, 2014. P.82)

> "As Brigadas participou de um processo de fusão com uma outra organização dentro do PSOL pra se constituir enquanto uma organização política de braços, tem um braço na luta institucional, uma braço no movimento sindical que é a intersindical e um braço no movimento popular que é as Brigadas Populares." (Gonçalves, 2019).

A respeito desta fusão, Isabela contou sobre os fatores que motivaram as Brigadas Populares na decisão de adentrar aos espaços institucionais, como é o seu caso por exemplo, que de militante das Brigadas se tornou vereadora:

> "Porque a gente sempre tava com um pires na mão na porta de algum gabinete pedindo uma audiência pública, pedindo um recurso pra um ônibus (risos) pedindo uma negociação com a prefeitura, e muitas vezes essas pessoas faziam as coisas de maneira distanciada das lutas, secundarizada. Você tinha o problema dá... (eu to falando no município né) Então, a gente tinha o problema que depois os políticos de direita entravam nos territórios asfaltando as ruas, e ai como é que você vai enfrentar isso né? É muito difícil. (risos) É muito difícil. Você precisa fazer também essa disputa da institucionalidade. Ocupar todos os lugares." (Gonçalves, 2018).

Embora essas mudanças resultem em aspectos positivos para a organização, considerado enquanto uma "interconexão com lutas e redes a partir dessa força que traz o mandato.", conforme descreve a militante, por outro lado Isabela reconhece que as Brigadas Populares vêm enfrentando novos desafios:

> "É porque olha, a gente não tinha mandato nenhum e agora a gente tem dois! E uma organização que tem diversos desafios e como prioridade o trabalho territorial, e agora a gente precisa deslocar alguns militantes para dar conta dessa tarefa institucional, e ai é muito difícil equilibrar as coisas e saber não deslocar o foco para a institucionalidade. Então esse é um processo de aprendizado rico que nós estamos enfrentando, mas é um problema que a gente se coloca todos os dias e tá buscando a superação. Então esse é uma das principais dificuldades." (Gonçalves, 2019).

Isabela também me contou sobre o que considera como grandes conquistas realizadas pelas Brigadas, correlacionando-as a autocríticas que as Brigadas teriam feito recentemente diante do projeto maior que almejam, a "revolução brasileira":

> "[...] várias pequenas conquistas que vão se dando. Pra dar um exemplo, Dandara é uma conquista, Izidora é uma conquista, Thomaz Balduino é uma conquista, a construção da agroecologia é uma conquista. Os mandatos são uma conquista. A formação política de mulheres é uma conquista. Então são várias pequenas conquistas. Esse trabalho específico com as ocupações gerou a resistência de mais de 20 mil pessoas na RMBH onde a gente esteve

> envolvidos nos últimos anos. Desde Betim, Vespasiano, Neves, muitos territórios que conseguiram resistir e se autorganizar. São conquistas importantes, porém ainda parciais do ponto de vista do objetivo que é a transformação central do poder político, a revolução brasileira, porque... (e ai eu to tentando ser um pouco mais crítica aqui na entrevista, porque eu acho que é isso que você quer né/ risos)
>
> Como que a gente faz com que todas essas conquistas que a gente teve até hoje, signifiquem um acúmulo forte de luta pra transformação da relação estado capital. Porque assim, beleza, a gente conquistou a pauta, moradia, o despejo, a urbanização da comunidade. Mas desse processo, o que que isso vai gerar de semente pra transformação mais profunda de poder político? Essa foi uma questão que a gente se fez recentemente..." (Isabela, 2019).

2.3.2 Luta Popular

O Luta Popular é um movimento social presente em diversos estados. Surgiu em São Paulo, em 2015, no 2° Congresso da CSP – Conlutas. [35] Fonseca (2017) descreve o processo de avaliação do 2° Congresso da CSP – Conlutas em que um dos encaminhamentos foi a construção de um movimento social

> "O 2º Congresso da CSP-Conlutas ocorreu entre os dias 4 e 7 de junho de 2015, na cidade de Sumaré/SP. Os pontos de pauta debatidos neste Congresso, seguindo os anteriores, partiram da avaliação de conjuntura internacional e nacional para, em seguida, avaliar as temáticas de opressões (Mulheres, Negros e Negras e LGBT) e, assim, fazer uma avaliação da atuação da Central entre o período congressual e definir os planos de lutas para do próximo período de 2 anos." (FONSCECA, 2017. p. 121).

Diante de uma avalição realizada no congresso, compreendeu-se que caberia a CSP- Conlutas incorporar mais os movimentos populares:

> "Há ainda quem – mesmo dentro da CSP-Conlutas – encare com desdém ou sem importância as formas organizativas desenvolvidas pela classe trabalhadora fora das fábricas. Não é raro encontrar, mesmo entre nossos ativistas sindicais mais combativos, aqueles que achem que a Reforma Urbana e a Reforma Agrária são bandeiras que só os movimentos sem-teto ou de sem-terra devem carregar (Caderno de Resolução – 2º Congresso da CSPConlutas, pág. 81)
>
> Em contraposição à estas posturas, apresenta-se o Movimento Luta Popular, que passa integrar a Central. O movimento indica que a cultura é um campo de batalha para a disputa de corações e mentes para a superação do capitalismo e defende que a CSP-Conlutas deva incorporar mais os movimentos populares,

[35] A Conlutas surge em 2004 enquanto iniciativa do Movimento por uma tendência socialista (MTS), denominação do grupo ligado ao Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU) quando integrava a CUT. FONSCECA (2017)

> fortalecendo-os nas coordenações estaduais e na executiva nacional." (FONSCECA, 2017. P.131).

Nasce então o Luta Popular:

> "O Luta Popular é um movimento independente dos que massacram nosso povo. São os mais pobres que queremos envolver nessa luta que vai desde a organização para forçar os governos a asfaltar uma rua, passando pela interferência na qualidade da educação, saúde, moradia, transporte, até à luta pela destruição do capitalismo. Nossas bandeiras envolvem também a luta contra o racismo, o machismo e a homofobia. Tudo aquilo que divide e menospreza nosso povo deve ser destruído do nosso meio. O Luta Popular nasce não só para lutar pelos pobres, mas para lutar com os pobres. Venha você também fazer parte dessa luta, venha para o Luta Popular!" (http://cspconlutas.org.br/2012/09/lancamento-domovimento-luta-popular-e-marcado-por-jornada-de-lutas-nos-estados/) consultado 10/07/2017.)" (FONSCECA, 2017. p. 132)."

O Luta Popular é um movimento social que concentra seus esforços em congregar trabalhadores a partir do local onde moram com enfoque em bairros periféricos e ocupações. Em Belo Horizonte o movimento social surgiu em 2013, quando realizou junto a três mil famílias uma ocupação no município de Contagem, RMBH, em parceria com o IHG (Instituto Helena Greco de Direitos Humanos) e a AGB (Associação Brasileira de Geógrafos). A ocupação recebeu o nome de William Rosa, em homenagem a um falecido professor do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais, que desenvolvia um trabalho junto às ocupações urbanas de Belo Horizonte.

Ao entrevistar Lacerda, militante do Luta Popular de Minas Gerais e morador da ocupação Willian Rosa, ele me contou um pouco de sua trajetória e também do surgimento do Luta Popular:

> "Eu tô engajado nas lutas sociais desde 2013. Inicialmente, comecei nos núcleos de sem casa da prefeitura de Belo Horizonte. A gente tinha um núcleo e moradia da Vila Santa Rita. E a partir desse núcleo a gente conheceu o pessoal do MLB e mais alguns outros lutadores que vinham dos movimento de ocupação dos anos 80, que a partir da política de participação popular dos governos do PT, a gente percebeu que esses movimentos foram tomando um novo formado e se tornado institucionalizados. Então a gente viu que a maioria dos movimentos que faziam ocupação, FAMOB, FAMENG, os movimentos do final dos anos 70 e início da década de 80 foram institucionalizando através dos núcleos. E a gente percebeu que essa postura de ficar em núcleo de sem casa, só atendia os interesses dos governos, porque as famílias estavam de certa forma controladas mas sem nenhum busca de perspectiva. E ai nos iniciamos

> um processo de ruptura com essa lógica aqui no barreiro e nesse processo de ruptura a gente se aproximou bastante do pessoal da Brigadas Populares. E ai no ano de 2008 nos organizamos a ocupação Camilo Torres aqui no Barreiro e a partir daí a gente resgatou novamente o processo e ocupação organizada em Belo horizonte e região metropolitana."
>
> [...] Eu no meio disso tudo, eu sou uma pessoa de periferia, sempre morei e atuei na periferia, e a partir da participação, articulação com esses outros movimentos a gente conseguiu dar um avanço. Então eu posso falar que eu sou parte de pessoas que são moradores de periferia, que de certa forma se engajou em um processo de lutas maiores ai, entendo que a única saída é a organização da classe trabalhadora pra poder mudar esse sistema ai que cria desigualdade e oprime os trabalhadores. (Lacerda, 2020)
>
> "Então... O Luta Popular Surgiu em São Paulo, com uma pegada diferente. É um movimento que trabalha no território, mas que busca bastante atuar na área cultural, em especial com a juventude da periferia, que ao longo do tempo, historicamente vem sendo vítima de extermínio por parte da violência policial. Então temos essa pegada de atuar nos grupos que fazem cultura. Lá em São Paulo o pessoal atua na periferia em conjunto com o pessoal que faz sarau, os movimentos de Hip Hop. Além de atuar também com movimento de moradia.
>
> E no Brasil atuamos em oito estados da federação. Tem companheiros nossos atuando no Rio, no Distrito Federal, Maranhão, Amazonas, no Pará, Curitiba, a gente aqui em Minas. Em Minas a gente tem uma atuação mais mesmo da luta por moradia, que nos iniciamos a partir da ocupação Willian Rosa e hoje ampliamos essa atuação para a ocupação que nós temos aqui em Belo Horizonte chamada Fábio Alves. Então em Minas nós estamos com o foco na luta por moradia. O movimento começou a se construir em 2013, um pouco antes daquele processo e grande manifestações. Foi neste período." (Lacerda, 2020).

Já em relação à constituição do perfil de militantes do Luta Popular de Minas Gerais, Lacerda contou que muitas das lutas promovidas pelo movimento social são protagonizadas por pessoas de setores médio da sociedade, e problematizou estes aspectos:

> "Sobre a questão do protagonismo, a gente percebe que o pessoal das periferias dos movimentos que existem. A gente vê essa grande dificuldade. Existe essa demanda das periferia, demanda por direitos. E a gente percebe que quem acaba dirigindo esse processo e hegemonizando ele, de fato são os setores médios da sociedade que de certa forma vê esse espaço como espaço de atuação. E existe mesmo um desafio muito grande que é criar condições de formação política de engajamento no próprio pessoa da periferia, que a gente entende que uma forma de dar um protagonismo á aquele que é de fato o real ator da luta social.
>
> Então que ao longo do tempo, a gente percebe ai que né, tanto as Brigadas e demais movimentos tem bastante dificuldade de avançar nisso.
>
> E de fato eu vejo nisso um grande problema porque essas lutas só vão ter um protagonismo e um alcance maior a partir do momento que as famílias e os trabalhadores da periferia se apropriarem do processo de organização e de direção dessas lutas né. A gente acredita que isso é um salto de qualidade." (Lacerda, 2020).

2.3.3 MOB -MG Movimento de Organização de Base de Minas Gerais

O MOB-MG Movimento de Organização de Base de Minas Gerais tem suas origens na constituição da FTA Frente Terra e Autonomia, um movimento social que surgiu no período das Jornadas de Junho de 2013, quando um grupo de simpatizantes de teorias e práticas anarquistas realizaram um evento político e cultural denominado Encontro Libertário Terra Preta, descrito anteriormente, ao qual estive presente. Um dos participantes do grupo era morador da ocupação Guarani Kaiowá[36] e sugeriu que a ocupação sediasse o encontro. No período a ocupação tinha apenas alguns meses de existência. Assim, a proposta do evento seria uma estratégia interessante para trazer visibilidade e apoio à ocupação. Durante o encontro, a ocupação recebeu pessoas de diversos estados e até mesmo pessoas de outros países. Aconteceram no Terra rodas de conversas, oficinas e debates sobre diversos assuntos.

Findando o encontro, alguns participantes propuseram dar continuidade ao debate sobre pedagogia libertária[37], que foi uma das temáticas das oficinas realizadas no Terra Preta que despertou grande interesse nos participantes (visitantes da ocupação). Estas pessoas passaram a realizar diversos encontros no Espaço Comum Luiz Estrela[38]. Eu pude participar de vários deles. O formato consistia em leituras individuais sobre pedagogia libertária, já estipuladas anteriormente, e debates a respeito do texto e temáticas levantadas com o grupo. Após um certo acúmulo, foi proposto em um dos encontros que pensássemos em articular atividades na ocupação que colocassem em prática aspectos da pedagogia libertária na Ocupação Guarani Kaiowá.

A partir disso, foram realizadas uma série de atividades[39] na ocupação com o intuito de trabalhar através da pedagogia libertária, focando no envolvimento das

[36] Em minha monografia intitulada *Militantes e moradores de uma ocupação: uma etnografia da Ocupação Emanuel Guarani Kaiowá* abordo o contexto do surgimento da ocupação, através de relatos dos moradores, dentre outras questões.

[37] Cherubini (2014) afirma que "no campo educacional, a pedagogia libertária é defendida por muitos como sendo uma alternativa para a prática emancipadora de qualidade, estando fundamentados em princípios de autogestão, afirmação da liberdade, princípios federalistas de governo. Essas características, quando aplicadas ao ensino provocaria uma ruptura dos paradigmas liberais perpassados na estrutura de ensino dualista."

[38] O Espaço Comum Luiz Estrela é um casarão, localizado no bairro Santa Efigênia em Belo Horizonte, que esteve abandonado por mais de 20 anos até ser ocupado em 2013 por artistas e ativistas políticos. MAYER (2015) em sua dissertação de Mestrado "O comum no horizonte da metrópole biopolítica" irá tratar sobre o surgimento da Ocupação Espaço Comum Luiz Estrela.

[39] As atividades consistiram em oficina de autogestão de montagem de bicicleta, cinema na praça, plantio em áreas verdes da ocupação, dentre outras atividades.

crianças.[40] Para além da realização destas atividades, os participantes mais assíduos decidiram criar um movimento social denominado Frente Terra e Autonomia. A decisão surgiu dos anseios destes apoiadores externos da ocupação de criar no local espaços organizativos que possibilitassem uma atuação política, social e cultural. Os princípios dos movimentos social incluíam democracia de base, a não-hierarquia, a não participação em eleições e apoio a candidatos ou partidos, dando prioridade à participação popular dos processos decisórios de suas próprias vidas.

Em 2013, a Frente Terra e Autonomia, passou por um processo de reflexão, convertendo-se também em MOB – Movimento de Organização de Base. O MOB surgiu no Rio de Janeiro em setembro de 2013, sendo fruto das discussões do I Congresso do Movimento dos Trabalhadores Desempregados – "Pela Base"[41]. Com o acúmulo de debates do I Congresso, o MTD – "Pela Base!", que anteriormente teve um grande enfoque na questão dos trabalhadores desempregados, concluiu que diante das mudanças vivenciadas pelo movimento que abarcavam uma atuação mais ampla[42], para além da questão dos desempregados, deveriam se compreender enquanto um movimento popular de trabalho comunitário, conforme justificam na nota de lançamento do Movimento de Organização de Base (MOB):

> "onde pautamos todas as necessidades básicas que o governo não consegue prover às pessoas, como educação, renda, cultura, moradia etc e imprimimos à partir das conquistas imediatas o horizonte estratégico de construção do poder popular, o poder do povo. Assim, sentimos a necessidade de alterar o nome do movimento para outro que expressasse melhor o tipo de trabalho que realizamos."

Assim, o antigo MTD – pela base tornou-se MOB – Movimento de Organização de Base:

[40] A princípio foi dado um enfoque nas crianças, pelo fato de observarmos que estas estavam em maioria expostas a uma série de vulnerabilidades do território como conflitos e demais violências.
[41] O I Congresso do MTD pela base foi realizado por militantes do movimento e apoiadores dos trabalhos desenvolvidos, tendo como intuito o estimulo de reflexões sobre a trajetória do grupo atrelado ao objetivo de estipularem novos percursos para o movimento social, além de fomentar debates sobre Trabalho de Base, Educação Popular e Economia Coletiva.
[42] O MTD pela base estava desenvolvendo o Cursinho Pré-vestibular "Solidariedade", o trabalho "Germinar" com crianças do Morro dos Macacos e região, e a manutenção do Centro de Cultura Social, em Vila Isabel.

> "Escolhemos continuar como movimento popular pautando sempre a importância de estar organizado pelas bases de onde atuamos, de maneira a criar um povo forte e independente de empresas, governos e políticos. Assim, chamamos as pessoas que têm interesse em construir um movimento comunitário por local a se juntar e integrar o Movimento de Organização de Base e criar seus núcleos de atuação ou se inserir em núcleos já existentes. Sabemos que a transformação da sociedade não será feita apenas por um único grupo, um único movimento, mas é só na união e articulação em movimentos populares organizados e na criação de organismos do povo para o povo que poderemos avançar. Nesse sentido, o trabalho comunitário/popular é fundamental, no campo e na cidade para alavancar a transformação social para além das diferentes conjunturas e garantir nossos direitos e conquistas. Venha se organizar com o MOB!"

Deste contexto, em julho de 2014 foi fundado o primeiro núcleo fora do estado fluminense do MOB: o de Paraná, com atuação em três comunidades: Portelinha, Vila das Torres e Campo Comprido.

Em 2015 foi realizado um encontro dos movimentos sociais no Rio de Janeiro promovido pelo MOB que convidou outros movimentos com perfis similares aos seus, com o intuito de se fortalecerem e refletirem sobre a conjuntura política. Foi neste encontro que contou com a presença de militantes dos movimentos sociais dos três estados que aconteceram as primeiras aproximações entre a FTA e o MOB, onde juntos puderam compartilhar experiências e anseios. Os acúmulos promovidos pelos debates, resultaram em núcleos e pró- núcleos do MOB que surgiram em cidades de São Paulo (ABC, Mogi das Cruzes, Jardim Angela, São Paulo capital e no Pará em Belém. Neste encontro havia sido feito o convite para a FTA se transformar em MOB. Entretanto, no período, após discussões internas, a FTA optou por não aderir esta ideia diante dos apegos à imagem já construída tanto na ocupação onde atuava há alguns anos, a ocupação Guarani Kaiowá, quanto em outras esferas da política de Belo Horizonte e suas demais relações com outras entidades políticas da cidade.

Contudo, diante de reflexões realizadas pela FTA no final de 2017, sobre o cenário macro da sociedade brasileira, em 2018 a FTA avaliou que os movimentos sociais estavam vivenciando uma conjuntura política adversa e julgou necessário realizar mudanças como explicitam em nota publicada em redes sociais:

> "Foi diante dessa conjuntura adversa em que estamos atravessando que ao fim do ano passado a FTA deu início um profundo debate sobre nos transformarmos em MOB. Avaliamos que o momento exige maior organização, união e articulação das e dos que lutam pela base, e aqui estamos: maio de 2018, a então Frente Terra e Autonomia, movimento comunitário da

> região metropolitana de BH, passa a ser o Movimento de Organização de Base - Minas Gerais. A partir de agora somos um núcleo de um movimento nacional, que modestamente mas de forma convicta vem consolidando um trabalho comunitário compromissado com a vida, a luta e a organização do povo trabalhador, e que vem construindo desde a base o Poder Popular. Continuamos luta nos territórios, comunidades, ocupações, construindo espaços de organização, democracia e luta de base, tal como em outros locais em que estamos nos inserindo e que iremos nos inserir."

Atualmente o movimento social em Minas Gerais atua em três núcleos: O núcleo Ocupação Guarani Kaiowá, onde vem acompanhando os processos de lutas políticas [43]da ocupação pela regularização do terreno, e articulando atividades políticas e culturais que geralmente ocorrem no centro comunitário da ocupação, construído pelos moradores e militantes com recursos de uma campanha na internet para arrecadação de fundos. O núcleo Vila Esperança, que surgiu através da existência do Afirmativa, cursinho popular preparatório pré-vestibular do MOB, sediado no Espaço Comum Luiz Estrela, que tinha como enfoque o envolvimento de moradores da Vila Esperança, conhecida também como favela Pau Comeu, localizada na região do bairro Santa Efigênia. Após o segundo ano de existência do cursinho, um dos alunos[44], sugeriu de realizarem também um curso preparatório para o ENCEJA[45], que será sediado dentro de sua casa e inaugurado no primeiro semestre de 2020.

Já o núcleo serrano é composto por jovens, moradores do bairro, que ao conhecerem o MOB em uma manifestação na rua, pediram ingresso ao movimento social e estão atualmente buscando promover atividades culturais no bairro para abordar questões políticas. Com exceção do núcleo Serrano, que é composto integralmente por moradores do bairro, tanto o núcleo GK quanto o Vila Aparecida é composto em maioria por militantes que não moram no território que atuam, e veem recentemente investindo

[43] Quando as possiblidades de reconhecimento e regularização dos territórios se esgotam pelas vias jurídicas, os movimentos sociais junto ao moradores das ocupações dão ênfase em estratégias do que chamam de lutas políticas, que envolvem manifestações e ocupações que chamem a atenção de autoridades púbicas, seja o governo do estado o prefeito de um município, ou a ocupação de prédios públicos por exemplo.

[44] Este mesmo aluno do cursinho, um adulto negro na faixa dos 30 anos, morador da Vila Esperança, não tinha até então o ensino médio completo. Entretanto, após frequentar o cursinho, em um ano conseguiu através de sua nota no ENEM concluir o ensino médio e ser aprovado com bolsa na faculdade de Direito Dom Helder Câmara.

[45] Foi compreendido através de conversas com moradores da Vila Aparecida, que muitos deles ainda não tinham o ensino médio completo, e que por isso um cursinho pré vestibular, a princípio não atenderia suas demandas. Estes preferiam se preparar para o Enceja, uma avaliação promovida pelo Governo Federal no qual a finalidade é aplicar provas aos jovens adultos que repetiram algum ano letivo ou até mesmo não concluíram o mesmo na faixa de idade apropriada podendo ser realizado para pleitear certificação no nível de conclusão do ensino fundamental e ensino médio.

em ações para mudar este panorama, buscando inserir no movimento social sujeitos que vivem nos territórios onde atuam.

2.3.4 MLB - Movimento de Luta nos Bairros Vilas e Favelas

A criação do MLB - Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas está intrínseca ao histórico da ocupação Vila Corumbiara que surgiu em 1996 no bairro Barreiro em Belo Horizonte, Minas Gerais, e que hoje é reconhecida enquanto um bairro. A ocupação foi realizada por sem - tetos, pela liga camponesa dentre outros movimentos sociais inseridos.

Leonardo Péricles, militante do MLB, ex coordenador nacional do MLB e atual presidente do partido Unidade Popular, ao ser entrevistado por mim, afirmou que o histórico da Vila Corumbiara sugere um enfrentamento "homérico" e me contou um pouco sobre alguns aspectos da ocupação que conheceu ao frequentá-la, realizando trabalho de base no local, atuando enquanto um militante de um movimento estudantil secundário:

> "Léo: Pesquise a história da Corumbiara, porque é um enfrentamento assim, daqueles homérico!!!
>
> [...] É aqui no Barreiro, do lado do Cardoso aqui. E o povo teve que beber água de córrego porque não entrava nada, não saia nada. Inclusive estudante de medicina da UFMG, professores, padres. Padre Zé Agustiniano que apoia a gente hoje aqui estiveram no período lá no enfrentamento na Vila Corumbiara. Foi um negócio assim, imenso. Dona Helena Greco que era vereadora na época ajudou, foi pra dentro da ocupação, um monte de gente. Foi um enfrentamento assim, o povo de foice e enxada e, foi uma resistência assim maravilhosa. O nome da ocupação foi homenagem ao massacre de Corumbiara que aconteceu né, o MST." (Péricles, 2017).

Uma das principais lideranças da ocupação, foi Eliana Silva, que morava na ocupação. Ela foi uma mulher pobre, periférica e esteve envolvida nos processos da ocupação até sua morte, tendo sido presidente da Associação de Moradores da Vila Corumbiara, bem como também militou no Partido Comunista Revolucionário (PCR)[46] e

[46] [46] O PCR é um partido ainda não legalizado que foi fundado em 1966, por um grupo de militantes egressos do PCdoB que divergiam dos rumos que o partido trilhava. Seus princípios ideológicos baseiam-se no marxismo-leninismo tendo forte atuação nos meios sindicais e estudantis em todo o país. Inicialmente, realizou trabalhos na área rural e urbana, especialmente, no Nordeste do Brasil, mas com o início da repressão violenta do golpe militar, o partido opta por aderir à luta armada, tendo vários militantes presos,

do movimento estudantil secundarista. Em uma matéria do jornal A Verdade, Eliana Silva é homenageada e descrita da seguinte forma:

> "Eliana Silva de Jesus iniciou sua militância, no início da década de 1980, atuando no movimento secundarista, participando ativamente da luta política contra a ditadura militar, pela democratização e pelas "Diretas Já!" no Brasil, também com destacada participação na reconstrução da União Colegial de Minas Gerais (UCMG), em 1989, e outras importantes lutas da juventude brasileira, entre elas a meia-entrada e o passe-livre. Eliana também participou das greves e das lutas operárias, apoiando as lutas dos trabalhadores metalúrgicos, da construção civil, dos rodoviários, dos professores e dos servidores públicos. Jornal"
>
> (A Verdade, 2016. Disponível em: http://averdade.org.br/2016/03/eliana-silva-exemplo-de-mulher-revolucionaria/ Acesso em 30/09/2019)

torturados e alguns mortos. Porém, as atividades partidárias continuam, especialmente, no movimento estudantil, na luta pela derrubada do regime. Em 1981, o PCR decide pela fusão com o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) na tentativa de ampliar o foco de atuação nacionalmente, esta fusão vai até fevereiro de 1995, quando há o rompimento e a refundação do PCR. Hoje, a atuação do partido divide-se entre movimento de bairro, sindical e estudantil, dirigindo diversas entidades representativas no país. (SILVA, 2015)

Imagem 1: “9 anos sem Eliana Silva: Flyer”. Fonte: Jornal A Verdade

Foi diante dos processos de construção da Vila Corumbiara e de divergências nas conduções da ocupação com os outros movimentos sociais ineridos na Vila que Eliana se articulou com outras entidades em um congresso que aconteceu em Belo Horizonte em 1999, onde foram reunidas lideranças de ocupações de várias capitais brasileiras. Muitas delas facilitadas pelos contatos que sua militância no PCR e movimento social estudantil promoveram. A partir do congresso criou-se um novo movimento nacional de luta pela moradia e reforma urbana, o MLB. O congresso foi composto por militantes de Pernambuco, sendo este o estado onde surgiu a primeira ocupação do MLB. Por este motivo, militantes do MLB sugerem que o movimento social teria dois berços.

Silva (2012) descreve um pouco deste processo de organização de um novo movimento social que resultou também das divergências do direcionamento da Vila Corumbiara:

> “Após três anos, alguns integrantes da ocupação desencadearam a formação de um grupo que consolidou e incentivou a fundação do MLB no ano de 1999, ao lado de outras lideranças que atuavam em vários estados do país. Apesar de o movimento ter surgido em Minas Gerais, a primeira ocupação organizada e direcionada pelo MLB, foi a ocupação Mércia de Albuquerque (atualmente em processo de construção dos conjuntos residenciais), no município de Jaboatão dos Guararapes, Região Metropolitana do Recife, em meados de 2002.” (SILVA, 2012, p. 71).

Poliana, atual coordenadora nacional do MLB, ao ser questionada sobre o motivo que levou Eliana Silva a criar um novo movimento social, tendo em vista a existência das entidades que já atuavam na Vila Corumbiara, afirma que Eliana Silva ambicionava algo que fosse muito além das pretensões das entidades que ali atuavam:

> “Por questões de discordâncias do método da forma, e achar que deveria ser nacional, que abarcasse outras discussões, não só pela luta por moradia, mas pelas Reformas Urbanas. Porque não era um movimento de reformar urbana, era um movimento mais de enfrentamento pela luta pela terra.” (Poliana. Coordenadora nacional do MLB, 2019)

Paralelo a este processo, Eliana Silva desenvolveu na Vila Corumbiara, atuando a partir do processo de consolidação do MLB, a criação de associação de bairros, um

coral para crianças e toda uma trajetória de luta para instalação de água, luz, transporte escolar, creche comunitária, coleta de lixo, dentre outros aspectos. Em 2011, Eliana Silva faleceu com um câncer de mama, mas desde então o Movimento criado por ela cresceu e se espalhou por diversos estados do país. Antes de falecer, Eliana Silva deixou uma carta dedicada aos seus companheiros:

> "Viva. Bom mesmo é ir à luta com determinação, abraçar a vida com paixão, perder com classe e vencer com ousadia. Porque o mundo pertence a quem se atreve, e a vida é "muito" para ser insignificante. Não há nada como um dia após o outro para renovarmos nossas forças, a prece não traz soluções milagrosas aos nossos problemas, mas nos dá a paz, serenidade, compreensão e fortalece-nos, então somos capazes de encontrar os melhores caminhos. Se Deus resolvesse os nossos problemas, que mérito teríamos? Aprenderíamos com eles? E tudo quanto a vida nos apresenta vem para nos ensinar a sermos melhores. Somos capazes de amar e amar é uma forma de viver... Somos viajantes que escolhemos nossas estradas conforme nossa inteligência e vontade. Respeitar a escolha alheia, mais do que alertar, e mostrar pelos próprios passos a estrada por nós escolhida, não é possível fazer a nossa fronteira. A verdade libertadora é aquela que conhecemos na atividade incessante do bem".
>
> (Jornal A Verdade, 2016. Disponível em: http://averdade.org.br/2016/03/eliana-silva-exemplo-de-mulher-revolucionaria/ Acesso em 30/09/2019.)

Leonardo Péricles, conta que a morte de Eliana Silva foi uma enorme perda, e que neste período o MLB se desarticulou. Entretanto, logo militantes se reuniram com o intuito de reerguer o MLB, sendo ele um dos convidados como conta:

> "Eu chego no segundo semestre de 2011, onde fui convidado pra poder ajudar a organizar, organizar outros trabalhos e tudo. Achei interessantíssimo a ideia e topei! e Vim né. Foi tirado coletivamente para eu poder ajudar. Ai comecei lá o trabalho de formiguinha junto com outros companheiros a reorganizar o movimento. E ai uma das coisas que a gente tirou no finalzinho de 2011 foi de organizar uma nova ocupação urbana, e ai agente começou a preparação da Eliana Silva." (Péricles, militante do MLB, 2017).

A ocupação Eliana Silva I foi realizada, sendo uma das primeiras de várias ocupações forjadas pelo MLB. Atualmente o movimento social existe em quatorze estados. Em Belo Horizonte o MLB realizou ocupações na RMBH como a Eliana Silva I e II (2002) e Paulo Freire (2015). Esteve também inserido nos processos das ocupações Izidora (Rosa Leão, Esperança e Vitória) (2014) e Nelson Mandela (2014) em Ibirité,

Nova Lima, Contagem e Mário Campos outras ocupações que não se consolidaram, tendo sido despejadas: Temer Jamais e Manoel Aleixo.

O MLB é um movimento social que luta pela reforma urbana e defende pragmaticamente o socialismo, estando estritamente ligado ao Partido Comunista Revolucionário (PCR), tento diversos militantes do PCR que compõe o MLB e vice versa. Atualmente, muitos militantes do MLB vêm construindo o partido Unidade Popular (UP), um partido pensado pelos militantes do PCR que visa se regularizar para a disputa eleitoral.

Cabe aqui também ressaltar que o PCR é uma organização política que não se elege e possui ao seu entorno movimentos que são centralizados pelo partido como a União da Juventude e Rebelião (UJR), que visa à organização dos jovens para a luta política; o Movimento Luta de Classe (MLC), que desenvolve a luta sindical; o Movimento de Mulheres Olga Benário (MOB), responsável pela luta contra a violência à mulher; e o Movimento de Luta nos Bairros Vilas e Favelas (MLB), que se dedica a organização das famílias sem-teto na luta pela Reforma Urbana (OLIVEIRA, 2018).

Chamo atenção para o fato de um movimento social possuir vínculos com um partido. Fábio Chagas e Poliana ao serem indagados sobre a defesa da Reforma Urbana mas também do socialismo respondem:

> "O MLB é um movimento de luta nos bairros vilas e favela, um movimento de luta pela reforma urbana, pelo socialismo. Nós entendemos que é necessário lutar nas lutas pontuais, como a pela moradia, pelo transporte, pelo saneamento, pela educação, então são todas lutas que o MLB abarca. O que a gente não consegue construir de luta, a gente participa das que estão sendo construídas, (em outras esferas e instâncias), entendendo esse processo da reforma urbana como um todo. E do socialismo entendendo que a gente precisa construir uma nova sociedade pra dar fim a isso que dá ai, porque do jeito que tá não dá. E só lutar e modificar nesse sistema não vai resolver nosso problema central que é o capitalismo. (Poliana. Coordenadora nacional do MLB, 2019)
>
> O MLB luta imediatamente por moradia, mas também luta pela reforma urbana, a gente disputa a cidade em todos os seus aspectos e a gent2e tem um projeto emancipatório, a gente tem um horizonte emancipatório, no caso a gente enxerga o socialismo como o projeto emancipatório. (Chagas, militante do MLB, 2019)
>
> Marina: Porque enxergam o socialismo como projeto emancipatório?
>
> Fábio: Porque a gente é marxista. Embora o MLB não pareça ser um movimento que estuda o marxismo, a gente estuda o marxismo né, nós somos marxistas. E nós enxergamos a partir da leitura do marxismo, nós enxergamos que a superação histórica do capitalismo para uma vida melhor, é o socialismo. A gente acredita ainda hoje, embora você tenha outros projetos anti-capitalistas, nós aderimos a um projeto socialista. (Chagas, militante do MLB, 2019)

Poliana e Fábio argumentam que as pautas reivindicadas e alcançadas por um movimento social possuem limites quando se deparam não somente com as esferas institucionais em contexto político macro, mas também com propostas de projetos de uma sociedade. Por isso, argumentam que, para além de questões pontuais seria preciso pensar a longo prazo e apostar em um outro projeto político, que no caso, seria para o movimento social o socialismo. Por este motivo, atualmente o MLB vem participando do processo de construção de um novo partido da esfera institucional da esquerda, a Unidade Popular (UP).

Elenco algumas categorias êmicas do MLB, cuja compreensão é importante para o decorrer deste trabalho. Ao longo das entrevistas realizadas, pude perceber as distinções verbalizadas pelos entrevistados em relação às seguintes categorias: militante, coordenador, e liderança. Pude compreender que segundo suas concepções, militantes são todas as pessoas que compõem o MLB. Isto inclui desde aos moradores das ocupações a outros sujeitos que também integram o movimento social, mas que não moram nas ocupações.

Já as e os coordenadoras(res) são, em maioria, pessoas que vivem nas ocupações e que tem funções e tarefas escolhidas e definidas pelo movimento social junto aos outros moradores. Estas escolhas ocorrem de acordo com as especificidades de cada local. Em relação à categoria liderança, pode estar muitas vezes atrelada ao "cargo" da coordenação, mas sobretudo, se dá pelo prestígio, confiança, lealdade e destaque que esta pessoa adquire nas suas relações dentro do movimento social. Edinho, morador da ocupação Carolina Maria de Jesus e coordenador estadual do MLB, falou sobre o que compreende por "coordenar" e "liderar":

> "[...] E dá coordenação se tornar liderança, porque pra mim são duas palavras diferentes. Coordenação pra mim é quem coordena né, e as vezes a coordenação pode até ser votada mas as vezes também ela é colocada no lugar sabe. Então quando você vai fazer ocupação lá e tal tem eleição nos núcleos, mas as vezes você pega muita gente, "gente vem cá, ajuda aqui e se transforma em coordenação e tal". Agora pra essa pessoa, coordenador bem básico, virar um coordenador liderança, virar uma referência no espaço, demanda um trabalho de mais tempo, de ter uma confiança da base, para que as pessoas enxerguem ela como referência, que ela tem ação na luta. Porque na hora que o pau quebra se ela sai correndo ninguém vai reconhecer ela como liderança." (Edinho, 2019).

Fábio Chagas, militante do MLB não mora em uma ocupação, mas também é coordenador estadual do MLB e da comissão de educação do MLB. Assim como Edinho ele fala das implicâncias de uma liderança, da importância de consolidar uma confiança para o movimento social:

> "[...] Então acho que esse é um critério, a experiência das pessoas, a dedicação, a lealdade ao movimento. Se eu não tivesse mostrado lealdade ao movimento, se eu não tivesse mostrado disposição de briga como teve um trancamento na greve geral contra a reforma da previdência, a gente fez um trancamento e foi um fracasso o trancamento. E ai nós seguramos o trancamento no peito, paramos tudo e tacamos fogo.
>
> [...] Ai os companheiros viram "oh o professor, o cara é de briga. O cara na hora do vamo vê, o cara botou fogo né, o cara enfrentou, o cara parou carro, o motorista desceu, teve até um pm que desceu armado, com a mão no revolver, eu fui pra cima. "Oh esse cara não é de correr da raia" Então é um cara que tem o estudo, mas é um cara bom de briga. Na hora do despejo ele é um cara que vai sair na mão na polícia, porque o MLB tem isso, a gente e nem esconde. E a gente não esconde, nós somos de briga mesmo, a gente sai na porrada com polícia assim, a gente não faz a menor cerimônia. Se tiver que sair na porrada com o choque a gente sai, porque é a nossa característica, a gente é da luta do povo, a gente vai as últimas consequências. Então "o professor e´ um cara de briga, esse cara é um cara tem que tá na coordenação" (Chagas, 2019).

Aqui, Fábio argumentou que mesmo que seja um doutor, "o professor", como é conhecido por muitos no MLB, e também seja um coordenador estadual do movimento social, para ele, o que o confere o reconhecimento de ser um liderança, para além das tarefas que exerce, seria sua lealdade e disposição de resistência e enfrentamento para salvaguardar o movimento social. Conforme descreveu "é de briga" e não foge da "raia". Ao longo desta dissertação, nas descrições das entrevistas dos militantes do MLB, serão expostas suas percepções em relação às diferenças entre militantes, coordenadores e lideranças.

O MLB possui coordenações municipais, estaduais e nacional. As coordenações são eleitas em congressos que acontecem com uma periodicidade que intercala alguns poucos anos. No contexto do MLB em Minas Gerais, existem também as coordenações das ocupações urbanas que não necessariamente são coordenadores municipais, nacionais ou estaduais, mas que tem uma atuação específica no território.

As coordenações das ocupações se organizam cada qual a sua maneira, realizando assembleias nas ocupações. A periodicidade irá depender do tempo de existência de cada ocupação e de suas respectivas demandas, problemas e projetos.

Militantes, coordenadores das ocupações e coordenadores dos outros âmbitos se encontram mensalmente ou trimensalmente em reuniões nomeadas de “Encontrão”. Este seria um momento onde o próprio nome já diz, realizar um grande encontro com coordenadores de todas as ocupações e demais militantes do MLB.

O MLB também realiza “núcleos de luta”. Existe um núcleo mais restrito a participação de pessoas externas ao movimento, em que o foco consiste na preparação de sem tetos para um momento propício de ocuparem um terreno. Já outros núcleos de luta, foram criados para serem sediados em locais como a Faculdades de Arquitetura e Direito da UFMG, tendo como foco propiciar espaços de encontro para que o MLB proponha para os alunos parcerias, bem como convidar os alunos para ingressarem no movimento social. Poliana, coordenadora da Eliana Silva e coordenadora nacional do MLB descreveu em entrevista como funciona estas instâncias:

> “A gente tem os núcleos de base do movimento. São núcleos de famílias que não tem casa que se reúnem semanalmente pra discutir essas questões que coloquei para você. Para ouvir um pouco da dificuldade, para construir a ocupação, o processo de luta mais acirrado.
>
> A gente tem na nossa organização, a luta direta que são as ocupações, as tomadas de terra que são as lutas mais radicais, mas a gente tem outras atuações como a luta pela política institucional, então dentro da instituição cavar algumas coisas, o que a gente quase não tem surgido efeito. A luta da instituição seria: Minha Casa Minha Vida, os núcleos oficiais de moradia, mas essas não são a nossa principal ferramenta.
>
> O MLB também tem comissões, comissão de educação, de juventude, de cultura, de comunicação. São militantes que atuam especificamente nessas áreas. É o espaço que a gente consegue mesclar a militância da universidade com a militância do território, então um desse exemplo trabalho foi o Edinho, a Estefani que são moradores da periferia das ocupações que receberam uma formação de militantes da universidade. Então do Aiano, do Juliano. São militantes que tem essa formação da universidade, mas que não se limitam neles, então eles trazem pra dentro do território e formam lideranças. Essa é a proposta das comissões, que são espaços de formação para a base.
>
> Existe também a OPA: Oficina Popular de acessória. É como se fosse uma coordenação das comissões. São várias comissões, então é um espaço onde a gente consegue centralizar as demandas e redistribui-las para o território. Então por exemplo a Estefani é da OPA pela comunicação, o Tales é da OPA pelo Jurídico a Camila está na OPA pela acessória técnica de projetos, a Maura está na OPA pela acessória de educação popular, então tem várias ali.
>
> O papel deles é montar os núcleos e ir formado os núcleos. É como se fosse um centro mesmo, um espaço que você consegue colocar e tirar as coisas. Um espaço de troca. A Camila ela tá na OPA e ela escuta lá as demandas, então alguém de algum lugar vai dizer “oh precisamos fazer um projeto de tal lugar”, então ela leva pra comissão que vai desenhar, que vai pensar e vai trazer de volta. É um espaço que a gente consegue misturar o nosso trabalho né. Não ser uma coisa acadêmica, a acessória não é uma coisa da universidade, tem gente que nem nunca foi para a universidade e nem pretende ir, mas é um espaço que

> a gente absorve o conhecimento da universidade. Consegue absorver o que a universidade que não é só coisa ruim, a universidade tem muita coisa boa. E a gente entende isso muito. Aprendemos muito com a universidade." (Poliana, 2019).

Conforme visto, um dos objetivos principais destes movimentos sociais contemporâneos citados, além da reivindicação e conquista de suas pautas, consiste na expansão e crescimento. Sobretudo através do que compreendem enquanto o que nomeiam de "emancipação dos sujeitos periféricos. O ideário militante que se sustenta na emancipação da classe dos mais oprimidos, os excluídos, pobres e periféricos, objetiva a inserção dos moradores das ocupações em seus projetos políticos. Esta inserção, consiste no que militantes chamam de trabalho de base ou formação política, podendo ser executada pelos movimentos sociais de maneiras diferentes, dependendo de cada linha ideológica. Um trabalho de base e formação política pode consistir em realizar cursos de formação política com os moradores, convocá-los a participar de manifestações e atos ou apoiar alguma candidatura política, fomentar e construir nas ocupações espaços para discussões como assembleias e reuniões e locais para consolidação de outros projetos e atividades como centros sociais, creches, etc. São estes alguns dos inúmeros exemplos que explicitam que, quando os militantes se inserem, apoiam e/ou fomentam uma ocupação urbana junto aos sem tetos, não pretendem somente conquistar a posse do terreno, mas sim almejam levar a diante outros diversos projetos.

2.4 A composição dos movimentos sociais contemporâneos que lutam por moradia e Reforma Urbana em Belo Horizonte

Chamo aqui a atenção para um dos aspectos que moveu as intencionalidades desta pesquisa. Embora os movimentos sociais tenham muitos objetivos comuns, estes se constituem de maneira diferente no que diz respeito às pessoas que compõem o movimento social. A exemplificar, as Brigadas Populares por ter nascido de um grupo de estudos fomentado por estudantes de direito da UFMG, que ansiavam por tecer a teoria com a prática, teve como uma base constituinte no quadro militante uma maioria de sujeitos de classe média e universitários. Por outro lado, Isabela Gonçalves afirma que a organização possui também em seu quadro de militância outros sujeitos distintos dos caracterizados por Lourenço (2014) enquanto provenientes da pequena Burguesia, conforme me descreveu em entrevista:

> "Tem vários. A gente tem muitos estudantes universitários, tem muitos advogados, mas tem pedreiros, tem manicures, tem ambulantes, tem uma diversidade de sujeitos. A gente define o nosso caráter de massas justamente por essa ideia de caber todo mundo. Claro, não vai caber ali o opressor né, ela entende a construção de uma aliança ampla que envolve classes médias, classes trabalhadores, a classe mais precarizadas, população em situação de rua. Tem militante que tá em situação de rua." (Gonçalves, 2019, militante das Brigadas Populares e vereadora do PSOL).

Assim como as Brigadas Populares, o Movimento de Organização de Base também possuí, em maioria, no seu quadro militante, sujeitos de classe média. É composto por uma maioria de jovens na faixa dos 20 a 30 anos que engloba pessoas de classe média e baixa, bem como professor, estudantes universitárias, trabalhadoras e trabalhadores do setor terciário. Conforme já descrito, dos três núcleos de atuação do movimento social, em apenas um, o do bairro Serrano, é composto integralmente por sujeitos que vivem no território.

O Luta Popular por sua vez, bem como descreveu o militante Lacerda, é composto em maioria por pessoas de setores médios que, conforme argumentou, dirigem processos que deveriam ser protagonizados pelo "real ator da luta social", aqueles que vivem na periferia. Como expressou, o movimento social se vê desafiado a criar condições para engajar os sujeitos nos territórios que atuam, em processos como os que o militante nomeou, de formação política.

Por fim, o MLB, Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas, me parece possuir um perfil de integrantes com maior composição de moradores de ocupação, ou seja, pessoas que vivem no próprio território onde o movimento social atua. Sendo esse, um dos motivos pelos quais me senti instigada a pesquisa sobre o movimento social e suas características. Impelida por essa questão, ao entrevistar Fábio Chagas, historiador e militante do MLB, questionei a ele sobre o perfil dos militantes do movimento social. O militante ao me responder, descreveu a composição do MLB da seguinte forma:

> "Acho que são pessoas com poucos recursos econômicos, com pouca escolaridade. E pessoas com uma disposição para o enfretamento. É impressionante isso. O MLB, em pouco tempo, ele, a militância se torna disposta ao enfrentamento. Qualquer que seja o enfrentamento, o MLB está sempre disposto.
>
> Você tem uma classe média no MLB né, mas essa classe média é pequena e ela é concentrada. Por exemplo hoje, onde é que tá a classe média no MLB? Tá dentro do grupo de arquitetos na UFMG, tá dentro da FAFICH. Da FAFICH

> eu nem diria que é uma classe média, uma classe média baixa né. Mas são pessoas que tem acesso à universidade pública, o que faz toda a diferença, e a maioria das pessoas é de cor parda para negra também. (Fábio Chagas, militante do MLB, 2017)

Conforme Fábio descreveu, embora o MLB tenha em seu quadro universitário militantes de classe média, a grande maioria dos militantes é composta de pessoas pobres, com pouca escolaridade. Ao saber do histórico do surgimento do movimento social, que nasce a partir das ideias de uma mulher pobre e periférica, suponho que o perfil da composição do MLB tenha estreitas relações com seu berço.

Haja visto que tanto as Brigadas Populares, quanto o MOB, Luta Popular e o MLB buscam se expandir e alcançar suas ambições políticas através da atuação nas ocupações urbanas, sugiro que o MLB parece estar mais próximo e alinhado às suas pretensões ao observar sua constituição, caracterizada por maioria de moradores de ocupações que se reivindicam ser do MLB. Diante disso questiono: será que estão realmente mais alinhados e próximos as suas ambições por estes motivos? Como é o engajamento destes sujeitos? Porque e como estes sujeitos decidiram se engajar no movimento social, e seriam estes de fato militantes e lideranças que correspondem às concepções e expectativas do MLB. Esta será uma das questões sobre as quais pretendo discorrer adiante nesta pesquisa.

3. “É OU NÃO É MEU POVO!?”

3.1 “É ou não é meu povo!?”

Imagine esta cena: Um militante, possivelmente um homem branco, que está no centro de algum lugar, seja palanque, degrau ou outro lugar de destaque, cercado pelo povo, pela “massa”, por pessoas pobres que esperam alguma coisa deste homem, alguma coisa que lhe trará algum alívio em suas vidas. Ao centro, o militante, ao mesmo tempo que gesticula, pronuncia uma série de frases e, ao fim, questiona em tom alto aqueles que, calados, voltam os olhos para sua presença: “É ou não é meu povo!!!?”.

Essa é uma expressão que escutei e ainda escuto por diversas vezes ao longo de minha trajetória de militância vinculada às lutas das ocupações urbanas. Geralmente esta frase é dita em cenas que compõem a presença de uma liderança localizada em algum lugar central de destaque. E ao seu redor está o povo, conhecido enquanto “massa” ou “meu povo”, que ao serem impelidos por esta pergunta geralmente respondem um “é..!!” ou um “sim!!”, ao mesmo tempo que balançam a cabeça demonstrando um sinal positivo.

A forma como esta expressão é dita e o seu conteúdo sempre me incomodaram. Embora exista a conjunção, ou entre palavras, que expressam um sim ou um não, a expressão sempre me soou como algo impositivo, como se as pessoas fossem pressionadas a dizer um “é!!” ou “sim!!”. Confesso que já presenciei momentos em que esta expressão foi bastante útil em situações de desesperança e desânimo quando foi dita após uma série de frases que justificavam o motivo pelo qual o “povo” deveria permanecer na luta e não desistir. Eu mesma, por inúmeras vezes já pronunciei frases similares a esta em situações onde sentia que as pessoas ao meu redor deveriam ser estimuladas a ter esperança.

O meu incomodo tem relações com a presença e o papel de lideranças que geralmente estão em posições de poder assimétricas em relação às pessoas as quais “lideram”, mesmo que eu compreenda a partir de minhas experiências na militância, a importância da presença de líderes e os resultados de suas práticas em prol de uma pauta, uma luta nos territórios que atuam. Através das descrições dos movimentos sociais contemporâneos de Belo Horizonte que atuam em ocupações, percebe-se que esses tipos de relações não são incomuns. Da mesma forma, como visto anteriormente no exemplo da etnografia realizada por Chatterjee (2004) em uma colônia ferroviária na Índia, o autor

demonstra que os sujeitos ocupantes necessitam de serem mediados por interceptores que utilizam a "linguagem da administração", que no caso, seriam professores, que por terem um grau de instrução acadêmico os auxiliam na viabilização de suas reivindicações, atuando enquanto mediadores.

À luz dessas reflexões, retomo novamente, um aspecto relevante abordado na etnografia que realizei da ocupação Guarani Kaiowá (MAIA, 2017) para dialogar com as proposições dessa pesquisa. Os trechos a seguir, relatam um momento onde nós militantes ao irmos para a assembleia da ocupação Guarani Kaiowá com pautas estabelecidas, fomos subvertidos pelos moradores que decidiram discutir uma outra questão conflituosa[47] evitada propositalmente por nós. Tal situação provocou uma reviravolta em minha escrita:

> "No momento da assembleia, decidimos não tocar nesta pauta e falar somente da retomada do quartinho que fica ao lado do piso do centro social, Entretanto, ao tocar ligeiramente no assunto do centro social e dizer que era melhor conversar em outro momento pois estávamos temerosos por conta do conflito gerado anteriormente, fomos interrompidos pelos moradores que começaram a discutir sobre o assunto. Lembro que uma das moradoras disse: "Ah não, eu sai de casa na hora do almoço pra vir pra assembleia, agora vamos resolver isso agora!" O morador temporário foi convocado e os moradores começaram a pressioná-lo Nós militantes tentávamos dizer, calma gente, vamos ouvir um de cada vez, pois todos falavam ao mesmo tempo, mas por mais que tentássemos gritar, assoviar, acenar com as mãos foi inútil, era como se não estivéssemos ali.
>
> [...] Por fim depreendo através de uma reviravolta que inclui a vivência deste dia, a releitura das páginas anteriores e uma reflexão, que, quando os moradores se colocam enquanto passivos diante das vocalizações dos militantes, não estão passivos diante das questões do cotidiano da ocupação que lhes dizem respeito, mas sim às questões jurídicas que embora sejam muito importantes para a ocupação, e lhe digam respeito, não são compreendidas pelos moradores que não conseguem se inserir nas discussões, entregando então a confiança para quem entende, sendo assim, acontece o que dona Dolores diz: " é melhor deixar pros entendido resolver", ou como dona Maria também argumenta que "tinha de ir uma mais forte" que "Sabe conversar, sabe resolver... as coisas né... Sabe decidir!" E Ricardo quando diz que "não é quere não, você tem que saber, saber conviver com a sociedade sô, saber conviver com o problema social." (MAIA, 2017, p. 108).

Antes de me deparar com a situação descrita, eu havia escrito algumas páginas onde não medi esforços para demonstrar o quanto nós militantes erámos autoritários nas

[47] Em 2016 uma ocupação realizada por sem tetos junto as Brigadas Populares foi despejada. Por isto, militantes levaram alguns destas pessoas que foram despejadas para morar temporariamente em um local na ocupação Guarani Kaiowá destinado para ser construído o centro social da ocupação. Com o passar do tempo os militantes das Brigadas foram realocando estas pessoas para outras ocupações, restando apenas um morador e sua esposa que se recusaram a sair por diversas vezes, gerando grandes incômodos e conflitos com os moradores da ocupação Guarani Kaiowá.

relações com os moradores, sobretudo no que dizia respeito às decisões políticas da comunidade. Entretanto, este ocorrido foi como um balde de água gelada, uma reviravolta que me tirou de um lugar equivocado e um tanto desalinhado com a realidade do cotidiano do território, mesmo que eu o frequentasse assiduamente.

Na disposição de um fazer antropológico, pude perceber que estava enquanto militante restringindo o conceito de política no que diz respeito a uma vida pública e privada. Ou seja, havia um abismo entre minhas concepções militantes acerca do que é política em relação ao fazer político dos moradores, que em uma das assembleias ignoraram nossa presença e tomaram suas próprias decisões, demostrando que não tinham dificuldade alguma de percepção e intervenção. Neste caso, erámos nós militantes que estávamos "participando" das outras formas políticas e organizativas destes sujeitos.

Kushnir (2007) ao abordar sobre antropologia e política, argumenta que enquanto intelectuais, devemos evitar que nossas perspectivas e desejos de melhorar a qualidade da democracia possam interferir nos manejos de nossas pesquisas, pois ao contrário corremos o risco de rotular perpetuamente as pessoas ao invés de compreendê-las. Kuschnir, referindo-se às reflexões de Peirano (1998), aponta ainda que a percepção da "política" enquanto uma esfera social à parte de outras esferas seria um produto da ideologia moderna.

A autora nos lembra que a abordagem da política pela antropologia é uma proposta complexa de ser executada pelos pressupostos que implica. O primeiro é de que a sociedade é heterogênea, composta por redes sociais que incorporam e possibilitam múltiplas percepções da realidade. O segundo, de que o "mundo da política" não é um dado a priori, por isto precisa ser investigado e determinado a partir das formulações e dos comportamentos de atores sociais e de contextos particulares. Para Kuschnir (2007) a antropologia não deve estudar o que a política deve ser, mas o que ela é para um determinado grupo em determinados contextos históricos e sociais específicos, conforme argumenta:

> "Compreender, "do ponto de vista do nativo", práticas muitas vezes diferentes daquelas que idealizamos pode gerar incômodo, intelectual ou cívico, mas um incômodo necessário, pois, como disse Geertz, "se quiséssemos verdades caseiras, deveríamos ter ficado em casa" (KUSCHNIR, 2007).

Um dos aspectos relacionados às diferenças que descrevi ao perceber as distinções entre as concepções sobre política para uma militante em relação as concepções de moradores de uma ocupação, também foram expressos por Caldeira (1984), que ao etnografar o cotidiano de moradores de uma periferia em São Paulo, buscando compreender o que pensavam estes sujeitos sobre o "poder dos poderosos", encontrou outras noções descritas pelos sujeitos pesquisados:

> "Pensada como um meio de pedir ao governo; em outros; aparece como um meio de reivindicar ou exigir, mas há sempre um aspecto presente: a ideia de que tem que ser *todos*. A verdade é que, para eles, a união não é mediada por nenhum canal institucional. Não pensam em termos de uma categoria, de sindicato, de um partido, enfim, de qualquer forma de organização ou de representação de interesses coletivos. Assim sendo, só conseguem imaginar a força vinda de uma união geral, que criasse algo como um novo Leviatã – o ser uno que nasce da comunhão de todos os indivíduos. Mas a questão é, como isso é difícil, aparece nas entrevistas esse sentimento misto de esperança e descrença. Esta última vem, ao meu ver, justamente do fato de não saberem pensar um instrumento para organizar os fracos." (CALDEIRA, 1984, p. 225).

Neste caso, a autora também observou nas falas de moradores, que mesmo que soubessem e mencionassem explicitamente sobre a necessidade do embate entre forças distintas, entre ricos e pobres, compreendendo que tal conflito possa ser capaz de promover transformações, a exemplo de, parar o funcionamento de fábricas, conforme citou um morador, estes ainda se restringem nas formas organizativas. Da mesma forma, no contexto da ocupação Guarani Kaiowá, mesmo que os moradores tivessem como no caso descrito, intervindo através da união, tomando suas próprias decisões diante de certos problemas, estes ainda demonstram necessitar da ação dos chamados líderes e os papeis que estes exercem, como a representação.

O próprio histórico do surgimento da ocupação e relatos dos moradores demostram que diante de jogos de forças presentes em nossa sociedade, somente esta união não é suficiente. Ao entrevistar Lúcia, moradora da ocupação Guarani Kaiowá, perguntei sobre o que pensava sobre os militantes que atuavam na ocupação, e sua resposta consistiu em uma fala onde afirmou que os moradores deveriam ser gratos a estes militantes por tudo o que fizeram e recebe-los bem, dando a entender que os moradores não precisavam mais deles passado alguns anos, sugerindo que as atividades propostas pelos militantes deveriam ser acolhidas pelos moradores, não por necessidade, mas para dar uma "moral" a àqueles que os ajudaram. Entretanto, em meio a esta conversa, a

moradora me contou que uma das coisas que mais gostaria que acontecesse na ocupação nos próximos anos seria ver as ruas asfaltadas, e logo em seguida me perguntou: “Mas Marina, como é que a gente faz pra colocar luz e asfalto aqui?”, e complementou dizendo que nós, militantes, bem que podíamos ajuda-los.

Caldeira (1984) também observou em sua pesquisa questões similares a esta, no que diz respeito às restrições e viabilidades de sujeitos periféricos alcançarem conquistas políticas. A autora apresenta relatos de moradores conscientes do que desejariam mudar, mas que se deparam com entraves ao projetar qual seria o caminho para executar suas ambições:

> “[...] O problema todo está em que, se os entrevistados sabem o que gostariam que mudasse, e se reiteram a todo instante o modelo do certo, não conseguem imaginar o caminho para a mudança, a não ser pelo próprio modelo que sabem que não está funcionando.” (CALDEIRA, 1984, p. 260).

.

Além de observar e compreender que estes moradores não conseguem imaginar o caminho para a mudança e não concebem a união sendo mediada por canais institucionais e categorias como partidos, sindicatos ou formas de representação e organização de interesses coletivos, a autora considera que:

> “O pensamento faz a volta e retorna ao ponto zero, que é a constatação da realidade atual, em que o povo não tem voz. Nas idas e vindas, o que faz é bater na mesma tecla e todos as sugestões estão aprisionadas no modelo institucional-legal que conheceram.” (CALDEIRA, 1984, p. 260).

Trago aqui um poema de um amigo para ilustrar algumas reflexões:

> “Não deixem que os heróis
> Salvem o mundo por nóis
>
> No futuro lhe asseguro
> Que o herói vira algoz
>
> Não deixem que os heróis
> Salvem o mundo por nóis
>
> Em nome de Jesus
> Pacifista fica feroz
>
> Não deixem que os heróis
> Salvem o mundo por nóis

Vai buscá lá nas antiga
Pergunte aos seus avós

Não deixem que os heróis
Salvem o mundo por nóis

Senão a salvação
Não prosseguirá após

Não deixem que os heróis
Salvem o mundo por nóis

A justiça que nós julga
É caduca e atroz

Não deixem que os heróis
Salvem o mundo por nóis

Cada um é responsável
Tem a sua própria voz

Não deixem que os heróis
Salvem o mundo por nóis

Toda gota se ajunta
Forma o rio até a foz

Não deixem que os heróis
Salvem o mundo por nóis

A mudança vem da luta
Façamos o nós por nóis

(Kenny Mendes Belo Horizonte, Abril de 2017)

Venho problematizando ao longo desta escrita, não a existência de uma liderança em si e o papel que exerce, mas as assimetrias de poder que compõem este tipo de relação. Compreendo que em meio a uma diversidade de subjetividades, existem pessoas mais propensas que as outras, que serão mais proativas e terão mais tato para lidar com questões ligadas ao coletivo. Porém, saindo deste aspecto das subjetividades, percebo que para além disso, certas formatações de lideranças podem pressupor também desigualdade, indicando que existem os que desconhecem, que por necessidade, ao delegar as reflexividades e decisões ao outro, perdem a chance de conhecer, aprender e exercer a auto representatividade.

Diante dos aspectos já descritos anteriormente, que justificam os motivos pelos quais o MLB me chama atenção e instiga, haja visto a projeção do movimento social que exibe sujeitos que parecem exercer uma maior auto representatividade e apropriação das próprias pautas e reinvindicações, sugerindo uma menor ou uma não dependência de apoiadores e ou militantes que vivem fora dos territórios, iniciei através da história oral uma série de entrevistas com o intuito de conhecer algumas lideranças que vivem em

ocupações urbanas onde o MLB atua e que tenham vindo de uma origem marcada pela desigualdade social, sendo estes sujeitos advindos de lugares periféricos e marginais.

A partir de então, busquei compreender através da história oral o percurso destas pessoas dentro do MLB: como se tornaram militantes e lideranças, em que circunstâncias, se foram escolhidos para exercerem o papel que assumem dentro do movimento social, as motivações pessoais destes sujeitos para aderirem ao movimento social, suas concepções, valores e habilidades. A forma como ocorreu os processos e aprendizagem destes sujeitos, as metodologias utilizadas pelo movimento social e as práticas de atuação destes sujeitos.

A escolha da história oral enquanto ferramenta, se deu por compreender a possibilidade de captar as relações da encruzilhada da vida do individual com o social (QUEIROZ, 1987). Ou seja, às trajetórias individuais que confluíram a partir de percalços similares, para um encontro através do engajamento em um movimento social.

A história oral surgiu a princípio como história das elites, com seus primeiros trabalhos voltados para a narrativa dos grandes feitos de "grandes homens", empresários, presidentes políticos, etc (TRIBITSCH, 1994). Mas a partir da década de 60, acontece um giro, onde propõe-se a construção de uma história oral que aborde a vida das pessoas anônimas.

No que diz respeito às pessoas anônimas, (THOMPSON, 2002) aborda alguns aspectos das potencialidades de um trabalho de pesquisa com história oral, com destaque para vozes ocultas, conforme explica:

> "[...] a história oral tem um poder único de nos dar acesso às experiências daqueles que vivem às margens do poder, e cujas vozes estão ocultas porque suas vidas são muito menos prováveis de serem documentadas nos arquivos. Essas vozes ocultas são acima de tudo de mulheres – e é por isso que a história oral tem sido tão fundamental para a criação da história das mulheres; mas existem muitas outras, tais como os trabalhadores que não estão organizados em sindicatos, os muito pobres, os deficientes, os sem-teto ou grupos marginalizados. No Brasil isso inclui particularmente os povos indígenas, as comunidades rurais de ex escravos que viviam nos quilombos e, acima de tudo, as famílias das favelas das grandes cidades." (Thompson, 2002, p. 17).

A história oral também pode possibilitar, sobretudo em contextos de opressão o que Silvia (1987) sugere enquanto "um ejercicio colectivo de desalienacíon, que pode por

exemplo nos permitir a refletir sobre os lugares e privilégios de um pesquisador inserido em uma “cadeia colonial”, como reflete:

> “[...] un ejercicio colectivo de desalienación, tanto para el investigador como para su interlocutor. Si en este proceso se conjugan esfuerzos de interacción consciente entre distintos sectores: y si la base del ejercicio es el mutuo reconocimiento y la honestidad en cuanto al lugar que se ocupa en la "cadena colonial", los resultados serán tanto más ricos en este sentido.” (SILVIA, 1987).

À luz das reflexões acerca da potência de um dos aspectos da história oral, de dar um enfoque às vozes ocultas, das pessoas anônimas, busquei através da realização de entrevistas e etnografias, conhecer a experiência de algumas pessoas que compõem a coletividade do movimento social MLB. Como afirma Queiroz (1987), através do resgate das experiências dos sujeitos e da vocalização de suas subjetividades, possibilita-se captar algo que ultrapasse o caráter individual que se insere nas coletividades.

A seguir, apresento a descrição da trajetória de vida de lideranças do MLB que vivem nas ocupações realizadas pelo movimento social, dando enfoque para a origem social destes sujeitos, buscando compreender como conheceram o MLB, o motivo pelo qual decidiram ocupar um terreno e morar nas ocupações, como se tornaram militantes, o que os motivou a exercer este papel, quais seriam suas habilidades e valores que lhes permitiram este exercício e como foram constituídos os processos de conhecimento destes sujeitos dentro do movimento social.

3.2 A trajetória de luta dos entrevistados

3.2.1 Maura. Do Hip Hop ao movimento social

Maura tem 34 anos, nasceu em Belo Horizonte. Embora sua família toda tenha morado a princípio no Vale do Jatobá, um dos bairros mais antigos da região do Barreiro. Ela também morou em vários lugares diferentes, conforme contou: “aluguel você muda sempre, é igual cigano”. Quando seu pai morreu, toda sua família se mudou para o Cabana, e de tanto se mudar não se lembra de todos os lugares. Desta sua trajetória, o Hip Hop foi um divisor de águas em sua vida. “Desde sempre”, “desde pequena” Maura teve relações com o Hip Hop. O Vale do Jatobá, um dos lugares onde morou mais tempo,

quando era bem novinha, era referência em encontros e grandes eventos de Hip Hop de Minas Gerais, conforme se lembra:

> "juntava Minas Gerais inteira, ai eu tava em casa né.
>
> [...] porque eu sempre fui do movimento Hip Hop, então a gente sempre tava rodando por ai, fazendo ações sociais, mas não tão organizada como o movimento. Ai sempre quando tinha manifestação, esses atos em prol de alguma pauta que eu entendia enquanto importante eu ia. Mas movimento social eu nunca curti sabe. Sempre tinha aquela visão que a maioria da galera tem que não é de movimento e de ONG né. Que movimento só explora as pessoas. Eu sempre tive essa visão. Eu ligava movimento social a politicagem sabe, a coisa de dinheiro. Até coisa de ONG mesmo eu sempre liguei muito a lavagem de dinheiro, a oportunismo, gente querendo ganhar dinheiro em cima da galera que precisa. Mas eu sempre achei legítima a luta, as manifestações. Só que ser organizada em alguma coisa eu nunca quis.
>
> [...] E eu pensava, porque que tem um tanto de movimento social? Na minha cabeça era assim: Porque que todo mundo não é um só? Se fosse bom seria um só e não esse tanto de gente. Eu pensava assim. Mas hoje... (risos) Era isso, até eu conhecer o MLB."

Foi então através do Hip Hop, morando no Vale do Jatobá, que ainda bem jovem Maura se envolveu com associações de bairro. Rindo, Maura afirmou "que achava super revolucionário". Ao atuar nestas associações exerceu o cargo de primeira secretária, tesoureira, "sempre era alguma coisa". Estas associações eram conforme descreveu, criadas pelos anciãos do bairro:

> "Sempre são os anciãos do bairro que o bairro é um bairro muito conservador. Galera velha, da igreja católica eu dominaria assim. É sempre essa galera mais velha. "O seu tião da farmácia... que é da associação..." os caras milenar. Ai abria espaço pra juventude e a gente ia.
>
> [...] Lá tem associação, conselho comunitário, brigas de conselho com associação, ameaça de morte (risos) O pessoal leva a sério esse rolê. "

Mesmo que as associações tivessem sido criadas por estas pessoas que Maura chamou de "anciãos", junto a outros jovens, ela se envolviam com a organização de festas, como a "tradicional festa do primeiro de maio", onde chamavam cantores locais e faziam coisas para as crianças. Maura identifica que para os "anciãos" as associações seriam algo como as "ONGs", o "terceiro setor", mas que para ela era "super militar[48]", "fazer coisas para os outros."

Conclui Maura:

[48] A palavra utilizada por Maura refere-se a militância.

"Eu achava que era isso. (Militância) Nada a ver..."

Ao questiona-la sobre o que a motivava a fazer "coisas para os outros", Maura reflete:

> "Tentar mudar as condições das pessoas. A galera é muito pobre sempre muito pobre... periferia, não tem a fazer, não tem recurso pra nada e eu pensava: gente o que nós vamos fazer aqui? Morrer né! A juventude é só droga e tráfico, guerraiada danada, guerra um bairro com o outro o bairro do jatobá sempre no meio. Cabana... morei no Cabana, o meu padrasto era uma das pessoas do rolê que mandava lá sabe, ai você vai convivendo com essas coisas sabe..."

A aproximação de Maura com o MLB se deu de forma inusitada. Em 2012, em uma viagem feita com uma amiga para o Rio de Janeiro, Maura decidiu morar na cidade junto a uma amiga "tentar a vida lá, fazer alguma coisa lá diferente".

Mas em um período precisou voltar para Belo Horizonte a fim de buscar alguns pertences. Lembra-se que em um desses dias estava em casa, na Vila Rita, quando viu alguns caveirões passando pela rua. Ao saber que estavam ali para despejar as pessoas que ocuparam um terreno próximo (a Eliana Silva I), comentou com sua irmã "gente, vão matar essa galera que invadiu ali né..." Maura tem lembranças de ter visto muitos aparatos policiais. Disse que chegou até a pensar em ir lá com pena do "povo", mas que por algum motivo não foi, e por fim, só teve notícias de que teria sido muito ruim.

Onze meses depois, Maura ainda estava morando no Rio de Janeiro, trabalhando em uma ONG chamada CUFA, quando recebeu um telefonema que mudou completamente sua vida:

> "Minha irmã um dia me ligou e falou que minha mãe estava indo na reunião da Eliana Silva. Ai eu falei. O que que é isso, Eliana Silva? Ela disse, "aquele povo que quase morreu aquele dia", ai eu falei, misericórdia!!! A minha mãe só rezava e trabalhava, ela não faz mais nada! Ai eu falei, isso é coisa da minha tia! Porque minha tia adora o movimento!"

A tia de Maura, irmã de sua mãe, havia há muitos anos atrás ocupado um terreno na Vila Pinha, onde está localizada agora a Vila Formosa, uma antiga ocupação que se tornou um bairro. Maura guarda memórias de infância, onde ela, junto à sua mãe, ajudou

a demarcar o terreno onde sua tia mora atualmente. Por isso ela acredita que sua tia teria influenciado sua mãe na decisão de tentar ocupar um terreno:

> "Minha tia já tinha as manhas desse role... (risos) Ai falou com minha mãe, 'você vai ficar pagando aluguel a vida toda Cleide?' Ai minha mãe foi né."

Diante desta notícia Maura voltou para Belo Horizonte por ter ficado preocupada com sua mãe que até então "só rezava e trabalhava", e estaria prestes a ocupar um terreno. Conforme recorda:

> "Ai eu voltei, voltei correndo. Larguei tudo no Rio e voltei desesperada e falei mãe!!! E minha mãe de boas lá. Ai eu falei mãe e ai, você não tava no negócio lá? Ai ela falou: "eu tava, mas ai eu vou deixar... eu vou pra próxima porque eu quero entender mais". Ai falei ah, porque não avisou né.. (risos)".

Maura contou que por três anos sua mãe frequentou reuniões preparativas do MLB para ocuparem um novo terreno que a diante seria a ocupação Paulo Freire. Maura esteve em apenas uma destas reuniões acompanhando sua mãe. Neste meio tempo, através de amigos do seu bairro ela conheceu Bahia[49] ex militante das Brigadas Populares, falecido em 2015. Através desta amizade Maura conheceu as ocupações da Izidora e participou das lutas frente a iminência de despejo da época. Embora o MLB e Brigadas atuassem nas ocupações da Izidora, Maura reiterou que fez isso de forma autônoma, pela proximidade com seu amigo, ainda sem desejo de se envolver com movimentos sociais, em relação aos quais nutria resistência.

Muitas coisas aconteceram em sua vida, enquanto sua mãe ainda frequentava estas reuniões, relembra Maura:

> "Já fazia três anos, ela estava sem paciência já. Desde quando eu voltei do Rio. E eu já tinha feito... Nossa, eu já tinha trabalhado em vários lugares, já tinha feito faculdade de tecnólogo de dois anos, já tinha formado e falei caramba, que trem que não ocupa! (riu). Eu falava, eu vou morar na Izidora. (brincando). Ai em maio, minha mãe desistiu. Minha mãe ia em todas as reuniões. Ela era a doninha legal que ia em rodas as reuniões. E ela desistiu, falou: "cansei... depois de três anos...". Ela faltou em uma reunião, e nessa reunião eles anunciaram que aconteceria a ocupação. Só que um dia ela encontrou no supermercado com a Meire que também estava indo nas reuniões e falou para ela "Que isso, você faltou, mas vai ter!!" Minha mãe endoidou... Eu tinha

[49] "No dia 31 de março de 2015, na ocupação Vitória, que compõe as ocupações da região da Izidora, foi assassinado de forma extremamente brutal o Bahia, morador e uma das principais lideranças da ocupação Vitória. Seu assassinato decorreu da tentativa de remanejar uma casa não ocupada para uma mulher com crianças e filhos, que não tinha onde morar. Moradores proprietários de vários terrenos na ocupação forjaram uma cilada para o Bahia e o assassinaram a golpes de machado e foice. O jovem rapaz, morreu defendendo o mínimo que se espera de uma ocupação urbana, que é dar casa para quem não tem." (Maia, 2017, p. 20).

> acabado de ser promovida no meu trampo. Eu trabalhava em uma ONG aqui e tinha entrado para a PUC. Estava fazendo duas faculdades ao mesmo tempo. Eu estava no terceiro período já, fazendo ciência sociais. Ai eu peguei, tava mó de boa, falei... Vou tocar a vida porque não vai ter nada... Ai resolvi tocar a vida e ham, (risos) e fizeram a ocupação!".

Foi na noite do dia 30 de maio que Maura acompanhou sua mãe no início da ocupação:

> "Falei "Eu vou com você! Você não vai desistir desse trem mais não! Três anos! Vamos ver como é esse negócio!" Ai nós entramos na madrugada junto na Paulo Freire. Ai eu entrei na Paulo Freire com ela e tô ai até hoje no movimento! Eu entrei na madrugada, fiquei. Nunca mais eu desgrudei da ocupação!
>
> [...] Cara, quando amanheceu e quando eu olhei assim aquele taaanto de barraca! Parecia que nós tava lá a um mês e falei, caralho essa galera é muito organizada!! Muito organizada! Cada um sabia o que fazer, exatamente o que fazer, a hora de fazer. Quando amanheceu nós tava servindo café para os policiais que chegaram lá. Servindo café!!! (risos).Gente eu pensei, que galera louca!!! (risos) Ai amanheceu, tá tudo bom? Não, tem barraca dos outros sendo levada pelo vento pra pregar... Você tá o tempo todo fazendo. Gente que não tem nada pra faze em ocupação tem que ir embora, porque eu não sei o que tá fazendo lá. (risos)".

A militante conta que já no primeiro dia se deparou com o "pessoal num desespero", fazendo cadastros e que "tinha um computador lá boiando e todo mundo anotando o trem na mão". Neste momento contou que alguém gritou perguntando se havia alguém que sabia mexer no computador e que logo em seguida, Poliana, apontou para Maura dizendo que ela sabia. Maura então se prontificou a realizar o trabalho e a partir de então foi intensificando suas responsabilidades dentro do movimento social, conforme descreve:

> "Ai fui entrando para os cadastros, e cadastro é uma grande responsabilidade. Nossa senhora, é um grande negócio, porque tudo na ocupação tem que passar por ali. Tudo tem que passar por ali, quem tá aqui, quem não tá, criança, tudo, você tem que fazer todo um arranjo do negócio. Ai a Poliana tinha feito esse trabalho na Eliana Silva ela foi passando pra mim. E virei coordenadora do cadastro já no primeiro dia (risos)
>
> Ela virou pra mim e falou "a coordenadora do cadastro" eu falei: "oi?" (risos) Eu não sei se eu vou ficar aqui né... Foi desse jeito. Ai nós viramos coordenadores do cadastro, orientados... e tal e tudo e reunião e foi tendo essa responsabilidade. Criamos essa responsabilidade muito grande. Porque mesmo se você é coordenador de alguma coisa, você faz tudo, você prega barraca, você constrói, não tem jeito, você faz tudo. Ai eu virei coordenadora. (risos)".

Mesmo Maura me contando que virou coordenadora de forma repentina à medida que se envolvia com as atividades, perguntei para ela se houve um convite mais formalizado feito por alguém do movimento social para que ela se tornasse coordenadora:

> "Marina: Houve um convite formal?
>
> Maura: Não é formal não. (risos) Quando você vê você tá na estadual aqui. Você vai fazendo tanta coisa, quando você vê você tá fazendo trabalho em Nova Lima, não sei onde... E ai perguntam "e os informes do estado?"

Maura reiterou que, de fato, se tornou militante do MLB à medida que se comprometeu com as demandas que foram surgindo e deveriam ser encaminhadas. Entretanto, afirmou que antes de uma ocupação surgir, ao longo do período preparatório nas inúmeras reuniões, vão se formando as coordenações. E que após um tempo, foi eleita formalmente enquanto coordenadora:

> "Já tinha uma coordenação já do MLB formada. Eles tinham acabado de fazer um congresso e eleito a coordenação que existia quando iniciou a Paulo Freire. Mas mesmo existindo já essas coordenações me fizeram o convite para ajudar a organizar né, porque os trabalhos foram crescendo, não tinha como ficar só aquele tiquinho de gente que era, era bem pouquinho e ai foi crescendo. Ai eu e uma galera fomos sendo convidados.
>
> Depois de um ano que estava na Paulo Freire eu fui eleita mesmo a coordenadora estadual em um congresso que aconteceu a três anos atrás. Antes eu era só convidada. Eu e a maioria, uma galera, e agora a gente é mesmo, nós fomos votado e tudo. Acontece assim, você vai sendo convidada (pela coordenação do MLB), você vai convidando no meio do caminho algumas pessoas."

Maura também me contou que um dos motivos que fez com que ela se envolvesse tanto nestes processos além do seu deslumbramento com tudo o que estava acontecendo, foi o fato de que sua mãe já nos primeiros dias, ao se deparar com todas as intempéries e dificuldades do ato de ocupar um terreno e consolida-lo, pediu que sua filha ficasse em seu lugar para ajudá-la:

> "Minha mãe só foi, entrou e voltou pra casa dela no aluguel. (risos) Ela falou que não tinha condição. (nessa hora todo mundo é idoso né) (risos) Ela falou, fica ai e luta.. E eu falei mãe, mas foi você que inventou o role todo. E ela falou "fica ai lutando porque eu trabalho, eu sou nanana..." todo aquele drama... É, ela não aguenta né, não dá conta coitada. Ai eu falei, tá vou ficar lá. Abandonei emprego, faculdade... Na rescisão eles tiveram que ir lá,, porque nem pra isso eu sai de lá de dentro da ocupação mais. (risos) Você garra um amor pela coisa

> menina, que não tem jeito! Eu já gostava de luta e vi que o movimento era tão organizado... Eu falei que caramba!".

3.2.2 Poliana. A luta para romper com as dependências do aluguel: morrer ou conquistar

Poliana é coordenadora nacional do MLB e moradora da ocupação Eliana Silva. Ao iniciar o relato sobre sua trajetória de vida trouxe memórias de um percurso de instabilidades referentes à sucessivas mudanças de casa. Já tendo morado na casa de seus avós em Ibirité, em um albergue no Rio de Janeiro, de favor na casa de parentes, de aluguel com sua mãe em inúmeras casas, e por fim, já adulta morou de favor na casa de sua ex sogra. Poliana me contou que sua mãe trabalhava duro para criar os filhos. Ela era vendedora ambulante, vendia vassouras na rua e nos finais de semana vendia balaios e cestas em uma feira.

Nesse processo, pelo fato de ter que, por um longo tempo ficar em casa cuidando de irmãos, enquanto sua mãe trabalhava, Poliana deixou de frequentar a escola. Quando se deu conta, o tempo havia passado e ela havia conseguido concluir apenas a oitava série. Já mais velha, se casou e teve uma filha. Neste período, começou a frequentar a igreja evangélica junto ao marido, que era evangélico. Ambos moravam em cima da casa de sua sogra, mas Poliana lembra que, nunca se sentiu incomodada neste lugar por considerar bem sua ex sogra. Entretanto, as condições de sua mãe incomodavam Poliana profundamente:

> "Fiquei morando lá esse tempo, só que isso não me afligia. Eu não tinha incomodo em morar lá. Me incomodava a minha mãe morar de aluguel. Me incomodava muito!
>
> Minha mãe sofria violência, por parte do meu padrasto. Ela casou no rio, ela veio casada de lá. E a gente nunca se deu bem com ele e ela sofria violência, bebia, brigava, quebrava as coisas, batia. Violência que eu acho que ela nunca supera na vida. E ai me incomodava muito essa questão dele beber e ficar jogando na cara, 'eu que pago o aluguel.'
>
> Nisso minha mãe teve dois filhos para além da minha irmã, três crianças. E tinha isso eu sai de casa e minha mãe meio que se lascou na vida, ficou sem esse apoio meu. Isso me incomodava muito, o meu sonho era conseguir comprar uma casa para minha mãe. Então eu e meu ex marido tentamos comprar casa para a minha mãe de todas as formas. Tentamos Minha Casa Minha Vida, financiamento na Caixa, empréstimo, tudo o que você imaginar. Ele tinha renda, trabalhava fichado. Eu também trabalhava... A gente tentou juntar renda pra poder comprar casa não deu, não dava."

Diante desta situação e de todas as tentativas falhas para mudar a realidade sua mãe, Poliana encontrou uma alavanca que mudou radicalmente, não somente a vida de sua mãe, mas também a sua:

> "Lá pra 2012, eu tava na porta... Eu e minha mãe montamos uma lojinha pra trabalhar junto, porque até então ela tava vendendo rodo e vassoura ainda. Ela já tava mais velha, então pra tirar ela dessa situação eu e meu ex marido montamos uma lojinha bem micro de R$1,99, na Vila Pinho. Ai um dia a gente tava lá trabalhando e escutei alguém passando na rua gritando assim "você que mora de favor, de aluguel, em área de risco, venha ser da Luta do MLB". Ai na hora eu achei que era esse negócio de núcleo de moradia.... Eu sempre ouvia falar que tinha uns núcleos que reuniam e que as pessoas iam ter casa. Ai eu pensei, será que é esses núcleos? Vou pegar o papel, peguei o papel (eu não esqueço desse momento) peguei o papel e mostrei pra minha mãe e falei, mãe olha isso aqui, quem sabe né, que é aqui que a gente vai conseguir a casa. Ai minha mãe falou, uai vamos ver né...".

A partir deste dia, Poliana, sua mãe e seu ex marido se envolveram com o MLB ao começarem a participar de reuniões preparativas para ocupar um terreno. Neste processo, Poliana relatou que a princípio havia se disposto a estar lá para conquistar uma casa para sua mãe, mas que no processo preparativo, ao longo dos encontros e reuniões promovidos pelo MLB se convenceu de que ela também deveria lutar para ter uma casa. Poliana contou que a primeira reunião que participou foi marcante para ela, por conta de uma resposta data por uma militante do MLB a uma pergunta feita por algum participante da reunião, o que por sua vez estimulou Poliana a permanecer:

> "Foi muito engraçado a primeira reunião. Eu cheguei, todo mundo recebeu o jornal, ai todo mundo leu o jornal e eu pensando "o que eu tô fazendo aqui senhor?" Ai de repente alguém vai e levanta a mão, e fala "aqui, eu vi essa semana no jornal que teve esse pessoal ai do MST que fez uma invasão, ai chegou o povo lá e encheu eles de bala e morreu um monte de gente." Ai a menina que tava fazendo a reunião, o nome dela é Sabrina, ela respondeu com a melhor resposta do universo, ela falou assim olha... (ridícula essa resposta, mas ela me ganhou com essa ridícula resposta dela) (falou rindo) Ela falou assim: Olha gente, a luta é assim né... Pra conquistar as vezes uns vão morrer. Mas olha pra você ver, uns morreram e outros conquistaram. (riu) Era pra mim ter saído correndo (fala rindo) Mas eu achei um máximo cara! Eu falei, pronto, é isso que eu quero pra minha vida, ou morrer ou conquistar, não tem meia alternativa, não tem meio termo mais, eu já tentei de tudo. (fala rindo) E ai com essa fala dela, ela me convenceu a participar das próximas reuniões.".

Depois de alguns meses participando dos processos organizativos, ela e sua mãe ocuparam o terreno. A ocupação nomeada Eliana Silva I em homenagem a precursora do

movimento social foi despejada em vinte e um dias. Mas após um tempo o movimento social se rearticulou para realizar a segunda tentativa. Poliana que na ocupação anterior havia se envolvido com arrecadações de mantimentos e doações para a ocupação, reconhece que se posicionava de forma prestativa:

> "E ai fiquei atuando assim. Me pediam sempre um favor né. Você que ajudar nisso? Vou. Você pode ajudar nisso? Vou também... Eu fiquei nesse apoio ali logístico da ocupação. Muito na minha, muito individualista muito pensando em mim, mas querendo que desse certo. E ai a gente foi despejado."

Após o despejo, no processo de rearticulação, Poliana foi demandada pelo movimento social para ligar para as pessoas que desistiram após o despejo. Segundo ela, o MLB argumentou que só haveria outra ocupação se houvessem famílias, e que só haveriam famílias se as pessoas ajudassem. Assim, Poliana se incumbiu desta tarefa. Durante três meses o MLB se rearticulou e realizaram a ocupação Eliana Silva II que se concretizou. Poliana contou que desta vez ela entrou na ocupação enquanto coordenadora, que ela nem sabia o que era, mas que "já tava". Perguntei a Poliana sobre como foi feito o convite e porque achava que lhe convidaram.

> "Marina: E como esse convite foi feito?
>
> Poliana: Foi massa! Foi o Léo. Eles tavam em uma reunião da coordenação na lona... Eu achava um máximo porque todo dia entrava uma turma na lona, depois saia e tava tudo resolvido as coisa. Fazia uma assembleia... Mas ai me chamaram e falaram, "olha a gente ai fazer uma reunião pra tratar as coisas da ocupação, você topa ir?" Ai eu falei, topo! Vamo lá! Ai fui indo, foi assim. Eu lembro que as primeiras eu participava só pra olhar. Bem calada assim... Eu queria ver como que era.. Depois o Leo até falou disso, "a gente acaba observando quais são as pessoas que falam mais". (Poliana, 2019)
>
> Marina: E porque você acha que te convidaram?
>
> Poliana: Eu acho que é porque eu me propunha a fazer as coisas. Eu acho que é porque eu sempre tava assim, ah precisa de mim, to aqui, sabe... Eu tinha disponibilidade. Eu e minha mãe fechamos a minha lojinha nesse período e falamos, vamos dedicar a luta e tal.. Minha mãe ficou um tempo sozinha na lojinha, ela acabou fechando também. Mas eu tava ali.. Precisava de alguém pra capinar eu vou... precisava de alguém.. E ai eu sempre me dispunha e eu acho que foi isso que fez com que eles me chamassem pra atuar.
>
> Mas eu lembro que nas primeiras reuniões eu ficava calada e eu ficava com receio deles. Pensava nas coisas mas não tinha coragem de falar, porque eu achava que minha opinião não importava. Tipo, um monte gente falando, todo mundo ali entendo o que tava fazendo e eu cheguei agora. Mas depois eu comecei a dar minhas opiniões ai eu vi que elas contavam, as pessoas levavam em consideração o que eu falava. Eu falava alguma coisa e as pessoas falavam, é pode ser... Ai eu pensava, cara, as pessoas levam em consideração o que a gente tá fazendo aqui e tal.

> E ai foi bem legal. O Leo até depois fez uma observação nesse sentido a gente costuma ver que as pessoas que você convida são as mais falantes, as que falam mais. E não necessariamente. As vezes aquele caladinho ali também ele tem muita coisa a oferecer e as vezes é o jeito mesmo das pessoas. Eu acabei me envolvendo no processo. Me envolvendo muito!! Dediquei a minha vida a Eliana Silva II !! Literalmente! Então, eu não tava trabalhando mais. Nesse processo eu separei do pai da minha menina e fui morar na ocupação. (ele ocupou comigo. Ele ficou, mas não comigo) Eu separei na verdade, porque eu não queria mais. A luta me mostrou... (pausa e faz um silêncio)."

Neste momento, Poliana fez uma breve pausa e me falou sobre as profundas mudanças que a decisão trouxera para sua vida. A partir desse momento, me emocionei com seus relatos:

> "Cara, é muito engraçado... Eu falo com as pessoas assim, eu sou duas Polianas. Uma Poliana antes do MLB e uma Poliana depois. Quem me conhecia antes não me reconhece não. As minhas amizades são outras, nem as minhas amizades me reconhecem. Ela falam ah Poliana, você morreu, você mudou.... É porque, eu mudei mesmo, eu mudei pra caralho! Eu era muito individualista.
>
> E eu era muito cara, eu era muito... consumista... Eu consumia muito. Eu ganhava de manhã pra gastar de tarde sabe. E foi um processo assim louco. As coisas foram acontecendo sem eu perceber foram acontecendo. Sabe, então já não era mais tão importante mais no final de semana eu ir arrumar o cabelo. Era mais importante a assembleia que ia rolar, sabe. Não era mais tão importante, ter que sei lá,,. ir no shopping. Eu nem sei mais a última vez que eu fui. Eu ia no shopping quase todo final de semana assistir um filme, ou ia no shopping andar à toa. Hoje em dia eu deteeesto ir no shopping.
>
> Ai quando eu fui percebendo eu tava deixando de fazer essas coisas pra ficar na ocupação, pra fazer a ficha, pra entregar o lote, pra conversar com as pessoas e isso foi acontecendo, de uma maneira muito tranquila. Com pressão das pessoas, porque as pessoas pressionavam. "Poliana olha como você tá, você tá ridícula", sabe, quantas vezes eu já não ouvi isso. "Você tá acabada, você tá com o rosto todo queimado, olha o seu cabelo..." E aí eu sinceramente, foda-se, eu não tô preocupada com isso, eu tô preocupada com outra coisa. E aí eu fui me envolvendo na luta, aí as coisas começaram a fazer sentido. Quando eu entendi, foi uma chavinha que virou assim né... Quando eu consegui dar resposta do porque tinha um tanto de terra vazia e a minha mãe não tinha casa. Aquilo cresceu em mim um ódio interno. Tão grande..."

Perguntei qual teria sido a "chavinha" da mudança, e ela apontou as formações políticas que recebera no movimento social:

> "Foram as formações né. E pra mim os principais espaços de formação são as assembleias. Então foi em uma assembleia. Eu não me lembro exatamente quem falou, mas quando explicou isso, olha, pra ter fome é preciso ter desempregado. E foi nessa lógica né. Pra ter aluguel é preciso que tenha pessoas sem casa. Porque que tem que ter pessoa sem casa? Porque alguém precisa ganhar em cima das pessoas que não tem casa. Por isso que tem terra

> vazia, porque tem que ter mesmo, terra vazia pra que tenham os sem casa para que alguém ganhe em cima disso.
>
> E aí quando isso fez sentido eu falei, cara, é isso mesmo, eu quero ficar nesse movimento. E aí eu fui me envolvendo, aí eu separei, fui morar na ocupação. Isso tudo um mês. Eu descobri as coisas em um mês. E eu fui morar na ocupação, com um mês de Eliana Silva fui morar literalmente, pequei todas as minhas coisas, fui pra dentro de uma barraca. Fui pra ocupação com tudo o que eu tinha, que era nada, que era só a minha roupa e a minha filha. E nunca mais eu sai, tô na Eliana Silva até hoje."

Poliana me contou que sua casa foi a última a ser construída na ocupação. Que por dois anos morou em uma barraca de camping, em uma barraca de lona e, por último em um cômodo emprestado. Me espantei com a demora do tempo para sua casa ser construída, mas me espantei ainda mais pelo tempo que ela aguentou vivendo em tal situação, tendo em vista que antes ela tinha uma casa, mesmo não sendo sua. Poliana me disse que não via o tempo passar:

> "Eu não via o tempo passar. Eu não sei te dizer. Eu não percebia que tinha passado um ano, que tinha passado dois anos. Eu tava ali sabe, tava ali fazendo as coisas assim, sem medir, sem querer que acabasse, sem hora para acabar literalmente. Fazendo, fazendo...Vamos fazer e amanhã vamo fazer também e depois de amanhã vamos fazer de novo e quando percebi eu tava nesse negócio todo."

3.2.3 Edinho. Do Vale do Jequitinhonha à militância urbana

Edinho tem 25 anos, é morador da ocupação Maria Carolina de Jesus, militante e coordenador nacional do MLB. Concluiu o ensino médio e tem formação em cinema pela Escola Livre de Cinema, em Belo Horizonte. Trabalha com filmagem e mídias nesta área, tendo sido um dos quatro selecionados dentre cerca de 1900 candidatos a ocupar o cargo de comunicação/ áudio visual oferecido por um processo seletivo da Gabinetona[50], onde trabalha atualmente e onde pude entrevista-lo. Eu Conhecia Edinho de vista nos espaços da militância. No dia em que fui entrevistar Poliana encontrei com ele na Maria Carolina de Jejus, ocasião em que trocamos algumas palavras. Depois disso pensei que seria interessante entrevista-lo.

[50] Gabinetona é o nome do mandato coletivo construído por quatro parlamentares em três esferas do Legislativo: Cida Falabella e Bella Gonçalves, na Câmara Municipal de Belo Horizonte; Andréia de Jesus, na ALMG; e Áurea Carolina, na Câmara dos Deputados, todas do PSOL.

Edinho nasceu em Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha. Me contou que em um contexto de crise econômica na década de 90, a região que vivia, era conhecida como "Vale da Fome" e sofria com os problemas sociais. Das suas lembranças do lugar onde nasceu, do tempo em que era mais jovem, destaca-se intensa migração das pessoas. Ele "via o lugar sendo abandonado", conforme contou:

> "Você cresce e até uma certa idade... Depois você vai embora. Tinha uma parte que trabalhava nos canaviais em São Paulo, saiam em março e iam para SP e voltavam em dezembro. Passavam se mão me engano 9 meses trabalhando nos canaviais e voltavam no final do ano, naquele recesso de final de ano."

Seu pai trabalhava com obras e viajava bastante, enquanto sua mãe era técnica de enfermagem. Um fator importante, relatado por Edinho, consiste no fato de que seus pais participaram da fundação do PT no começo da década de 80. Como descreveu, existia uma trajetória de militância na região onde a igreja, tinha uma grande influência, "cumpria o papel do Estado, onde não existia Estado."

O militante e coordenador do MLB contou também que seus pais chegaram a participar de um projeto de agricultura familiar em Araçuaí, nos idos de 2003 e 2004, financiado pela prefeitura e pela EMATER, que investiram na compra de material hidráulico. Assim, em um pedaço de terra sem cercas, dividido por famílias, onde cada um reconhecia seu pedaço pelo contato, executaram juntos um projeto de agricultura familiar, onde as pessoas trabalhavam na terra. O que não era usado pelo consumo próprio ou vendido era comprado pela prefeitura para ser usado em creches por exemplo. Havia também cooperativas para produtores de leite. Entretanto, com o passar do tempo, em uma outra gestão da prefeitura, foi findado o projeto.

Ao descrever sobre sua cidade de origem, Edinho compreende que a região sofreu profundas mudanças, com o fim das migrações sazonais de trabalhadores para os canaviais devido a automatização do campo. Por isso, o local teria perdido renda circulante. Em 2009, diante da falta de perspectivas[51], seu pai se mudou para Belo

[51] Edinho fez esta seguinte ressalva ao aborda este assunto: Nós não tínhamos mais perspectiva.... Hoje o panorama é outro de 2009 para 2019. O que tinha em BH em 2009, levava anos para chegar no interior.... Araçuaí já não é mais uma cidade pequena, é média. Se o contexto fosse hoje, talvez eu não sairia. Tem outras técnicas da questão do plantio. Hoje tem muitos bananais. Muitas pessoas trabalham com isso. Não tem mais agricultura familiar, isso tá longe de ter, mas dentro da exploração ainda existe alguma coisa, ainda existem emprego, então, tem pedreiros, mineradoras que ainda tem emprego nessa região que as pessoas conseguem trabalhar. É ruim, é, mas ainda existe emprego.

Horizonte e, logo em seguida veio Edinho, seu primo e mais tarde sua mãe. Ambos foram morar em Santa Luzia:

> "A gente morava meio de favor, meio de aluguel. Era um aluguel mais barato, de um parente. Então a gente morava ali. E era apertado, era dois cômodos e um banheiro. Quando ficava eu meu pai e primo era muito tranquilo, a gente ficava o dia todo fora trabalhando e voltava pra dormir. Depois veio uma prima minha uma irmã minha. Já não dava mais pra morar para aquele mesmo espaço. E fomos para outro lugar, Vila Iris em Santa Luzia. Até que um dia, lá na Vila Iris, em uma visita, o marido de uma outra prima minha disse que estava acontecendo as ocupações da Izidora, no final de 2013. Onde ele morava de aluguel. Tinha uma pessoa saindo do bairro que estava saindo para a ocupação. Como essa outra pessoa ficou sabendo, eu não sei, mas existe ai uma rede de comunicação do boca a boca que chegou até a gente. (risos)"

Ao decidirem procurar as ocupações da Izidora e chegarem lá, se depararam com uma "ironia do destino". Na ocupação Esperança se depararam com a liderança da ocupação, Edna, que era conhecida da família há muito tempo, tendo origens também no Jequitinhonha. Edinho me contou que sua avó fez o parto de Edna. Eles não sabiam que ela estava lá, "foi um reencontro". Sua família não participou do processo inicial da ocupação. Como o terreno é muito grande, ainda havia muitos espaços vazios. Assim conseguiram "um pedaço". Após viver três anos na ocupação, em 2016 sua mãe estava com alguns problemas de saúde e voltou para o interior, para tentar conseguir sua aposentadoria junto ao seu marido, problema que não conseguiram solucionar até os dias atuais. Desta forma, desde então Edinho continuou a viver sozinho na ocupação Esperança, região da Izidora.

Diante dos inúmeros problemas decorrentes da eminência de despejo das ocupações da Izidora que perduraram ao longo dos últimos anos, Edinho se envolveu com as frentes de resistência ao despejo forjadas no território. Foi em 2014 que Edinho conheceu o MLB, e passou a atuar nas ocupações da região da Izidora já no início dessas. Ele conta que antes conhecia o MLB só das assembleias realizadas na ocupação que vivia. Foi através de um festival de inverno realizado pela UFMG, onde houve a atuação dos movimentos sociais que atuavam nas ocupações, que Edinho começou a conhecer a fundo o MLB. O movimento social participou das oficinas temáticas realizadas no festival, onde moradores das ocupações e militantes dos movimentos sociais tiveram protagonismo. Ele lembra que depois deste contato mais intimista, começou a participar

das manifestações convocadas pelo MLB para barrar as ameaças de despejo das ocupações da Izidora. Além disso, ao falar sobre seu engajamento no MLB, destacou a importância do seu envolvimento com as oficinas de filmagem que aconteceram na ocupação Esperança, promovidas pelos militantes do MLB:

> "O Aiano e o Juliano eles são do cinema, naquela época eles faziam muita oficina com crianças, com jovens lá. Eu participava muito desses espaços. Inclusive hoje como profissão eu venho muito ainda desse espaço, de aprender muito com eles. Eu lembro que daquela juventude que tinha no Izidora, uma parte foi para o tráfico, outra parte já faleceram. Então, tem um contexto como um todo de como o movimento faz diferença nesse sentido. Naquela juventude eu era um pouco mais velho que esses meninos (5 anos a mais que eles). Mas assim, eu sempre morei em favela, mas nunca fui para eles lados. Eu nunca fui puxado para esses espaços porque ainda tive oportunidades de ter outras coisas, com as oficinas eu ainda consegui ajudar a coezionar esses espaços também."

Neste período, Edinho foi convidado para ser militante do MLB, e este convite, conforme argumentou, foi consequência de sua constante presença nas atividades propostas pelo MLB:

> "Eles começaram a reconhecer em mim uma espécie de referência naquele local, que eu tava sempre colando naqueles espaços que tinha de luta e tal... (dentro da Izidora e fora) Eu atuava nos lugares e tal. E daí me convidaram. Falaram assim, "Ôh você tá fazendo tudo isso, você pode fazer ainda melhor dentro de um espaço organizado e tal. Então me apresentaram a tese do movimento. Eu li... E daí pra cá foi isso, onde tinha espaço de formação e atuação eu tava sendo colocado pra poder tá, e tá atuando dentro desse espaço. E ai que veio o convite de tá no movimento, de fazer parte. Então você vai desenvolvendo também né, vai tendo formação, vai conhecendo experiências."

Ao interpelar um pouco mais Edinho sobre as motivações para o convite, ele reiterou:

> "Primeiro tem uma galera que oscila muito na luta né. Primeiro você tem a questão dos interesses econômicos, aquela coisa básica da moradia. As vezes não fazem muito mais esforço do que isso. E eu acho que eu fazia mais esforços do que estar só nesses espaços. E também por uma questão teórica. Eu perguntava muito pro Aiano dessas questões teóricas. Pedia indicação de leitura, de várias coisas..."

Indagado sobre seu interesse pelas questões teóricas, ele reflete sobre as influências de seus pais e o desejo de conhecimento:

> "Marina: Porque você tinha interesse nas questões teóricas?
>
> Edinho: Primeiro porque é isso. Dessas questões da minha família de estar nesses espaços políticos lá desde antes, me fazia conhecer um pouco desse espaço, mas as vezes conhecia pouco do teórico né. E ai você até tem figuras, mas tem pouco sobre aquelas figuras. Por exemplo, a figura do Fidel Castro que era muito influente na minha infância no interior. E eu queria saber tanto do contexto da moradia, mas também queria saber de outros contextos da política também. Porque as veze s agente tava num contexto maior. Então me interessava e eu pedia indicações teóricas. E ai ele acabou me passando mais sobre essas questões teóricas, do movimento. Foi ai que eu acabe lendo a teses e outros documentos, sobre questões do aluguel, do minha casa minha vida e várias coisas. Então, e ai você vai conseguindo entender isso melhor, principalmente quando você vê de outras pessoas que estão na luta com você."

A respeito dos companheiros de luta, Edinho menciona Poliana e Leonardo como "pessoas que teorizam, mas tão dentro desse espaço também". Em suas palavras:

> "Até nesse período aí eu conhecia por exemplo pouco a Poli e o Leo. Conhecia a Poliana de algumas manifestações da Izidora que ela ia, ainda conhecia mais o Léo. Mas de Paulo Freire para cá eu conheci eles melhor. E ai você consegue entender também que essas pessoas que teorizam estão do seu lado também lutando. Sabe, você consegue entender que as duas coisas tão meio que junto. De onde ela tira essa informação, é da própria luta então você consegue ter um pouco disso, do que quer enxergar como referência. Isso é importante."

A partir do seu engajamento e interesse nas demandas e atividades do MLB, Edinho foi estreitando cada vez mais os laços com o movimento social, criando experiências que, segundo sua avaliação foram muito importantes, como a organização e consolidação da Ocupação Paulo Freire, na qual esteve presente e ativo:

> "Por exemplo, em 2015 foi uma experiência muito boa. Eu tive a oportunidade de ver como que se faz uma ocupação. Fomos junto fazer a ocupação Paulo Freire. Ai eu fui lá e conheci a organização do movimento. Então você vê como é previamente, como as famílias se organizam, os núcleos, a formação, e fui aprendendo ali na prática né, como é que se faz. Eu já tinha a experiência de como era viver em uma ocupação, mas eu tinha que saber como é que faz também né. Fui aprendendo a fazer e tal... E ai você vai aprendendo como é a organização no dia a dia. A Paulo freire eu tive muita experiência com a questão das famílias serem atuantes dentro da comunidade, delas cumprirem as tarefas, da portaria, da segurança de com as coisas funcionam."

De forma não linear na entrevista, Edinho faz várias referências a processos que experienciou enquanto articulador e coordenador de algumas ocupações que surgiram,

dando ênfase às repressões que sofreram por parte da Polícia Militar de Minas Gerais a propósito dos problemas vivenciados nestas ocupações. Essa questão é referida como parte significativa de sua formação enquanto militante, e que lhe teria conferido experiência e habilidade para se tornar um coordenador do MLB. Depois de ter atuado nos processos organizativos da ocupação Paulo Freire, participou no processo de duas outras ocupações em que o MLB não obteve sucesso, sendo despejados de forma truculenta, conforme conta:

> "Aí sofremos outro despejo em que a Gabi Levou um tiro na boca[52]. E esse despejo foi o divisor de águas na vida da militância porque foi um negócio que balançou muito todo mundo né. Uma parte achava que fazer ocupação já não dava mais, (repensava e refletia, será que isso mesmo, que estamos fazendo da forma certa?) Então foi meio um divisor de águas de quem se manteve mais firme e quem foi se abalando naquele momento."

Questionado sobre sua posição diante do abalo sofrido pelo MLB neste período, ele contou que enquanto uma liderança, foi "obrigado a se firmar" pois tinha que convencer os outros de que não era momento de desistir. Logo após o despejo ocorrido na ocupação Manuel Aleixo, em que Gabi levou um tiro na boca, o movimento rapidamente decidiu se reerguer e reorganizar com o intuito de "dar uma resposta". Em sete meses, como contou, no espaço de 1° de maio (dia do trabalhador) onde sofreram o despejo após sete meses até as véspera do dia sete de setembro (feriado da independência do Brasil), realizaram a ocupação Carolina Maria de Jejus. Neste período Edinho foi indicado pelo movimento para assumir grandes responsabilidades da Maria Carolina de Jejus, pois outras pessoas que moravam nas ocupações do barreiro estavam sendo visadas, "As pessoas percebem as movimentações".

Edinho me contou sobre como foi sua experiência atuando na ocupação Carolina Maria de Jesus:

> "[...] eu havia acumulado experiência da Izidora., dos processos de eminencia de despejo que a gente fez barricada, passar a noite em claro, de todo dia no dia seguinte esperar a polícia chegar.... Aquilo ali você vai adquirindo

[52] Mineiro (2018) em sua monografia, através de análises da imagem produzidas ao longo de dois processos de ocupação de terrenos na Região Metropolitana de Belo Horizonte e seus violentos despejos (Ocupação Temer Jamais e Ocupação Rururbana Manoel Aleixo), irá abordar sobre o ocorrido. Durante o processo de despejo da ocupação Manoel Aleixo, Gabriela, uma garota de 14 anos, irmã de Poliana, recebeu na boca um tiro de bala de borracha à queima roupa.

> experiência pra usar na luta depois. E quando você vê movimentação, pra Carolina já conseguia ter muito mais tranquilidade por já saber como era a movimentação da polícia anteriormente. Conseguia passar tranquilidade para as famílias porque já passei por isso antes. Sabia mais ou mesmo qual é o limite da tensão, até onde podíamos ir. Então tudo isso ajudou no início da Carolina né."

Diante da referência criada em torno de sua pessoa, conta que acabou ficando para ajudar com a ocupação. A princípio a ideia era que ele passasse apenas um mês na Carolina e que, neste tempo formasse uma nova coordenação. Entretanto, após um mês fizeram uma avaliação conjunta de que seria melhor que ele morasse na ocupação Carolina Maria de Jesus. Em suas palavras: "passei o material pra frente da Izidora"[53] e foi morar na Carolina. Segundo ele, a "Carolina" levou 10 meses para criar estabilidade no que dizia respeito às negociações:

> "Cada dia durava uma semana (parecia) Foi tenso. Todo dia era eminencia de despejo, etc... Inclusive aprendi muito meio que lhe dar com s pessoas. Porque na Izidora tinha a experiência de viver dentro da ocupação, mas eu não era as pessoas que via os problemas e resolvia os problemas. Na Carolina aprendi como se resolve os problemas das pessoas porque chega uma, Ah meu vizinho ligou o som alto, ah porque não sei quem me olhou torto. Porque não sei quem fez num sei o que, ai você para e pensa, poxa o povo não sabe nem conviver (risos) Mas é real, convivência é complicado. Você vê um monte de pessoa no mesmo espaço, várias famílias morando no mesmo andar sem divisória sem nada, então é complicado a convivência. Então tinha muito disso. Não é só você conviver com várias pessoas. São pessoas que você nunca tinha visto antes. Pessoas que vieram de outra região da cidade. Um dia você tá dormindo com seus filhos, com suas coisas do lado de uma pessoa que você não conhecia antes sabe. Então essa experiência da ocupação ela é diferente mesmo, pra gente enquanto ser humano a prender e tal."

Diante se sua intensa trajetória, e após ter me relatado sobre os desafios que vivencia enquanto militante, e sobre sua vida de forma geral, indaguei as razões de manter "uma vida assim" como militante e coordenador de um movimento social. Edinho a princípio respondeu que se mantinha ali porque "era bom para o movimento" e logo em seguida falou sobre ser apaixonado por "aquilo", além de fazer um desabafo comparando sua vida com as de outras pessoas que ele sugere ter uma vida mais fácil, afirmando que estas pessoas deveriam e poderiam, segundo ele fazer muito mais. Edinho também

[53] Aqui Edinho quer dizer que não vendeu a casa. "Passar o material para frente" significa que ele pediu para o novo morador um valor referente ao material que comprou ao construir a casa.

relacionou suas justificativas à conjuntura política que o Brasil vivencia atualmente. Reiterou o quanto que o tiro que a Gabi levou na boca o incentivou a permanecer:

> "Marina: O que te mantem a ter "uma vida assim"?
>
> Edinho: Acho que é bom para o movimento. Ah, você tem que apaixonar por um negócio desse pra tá todo dia nesse negócio. (risos) Pô vei, você tem tanta coisa pra fazer na vida. A vida te oferece muita Coisa. Inclusive eu observo muito isso, vejo muitas pessoas falando "Ah porque eu não consigo...". Quando eu olho pra uma pessoa e ela fala "Ah, minha vida tá um caos, que é isso, que é aquilo..." Eu me pergunto, o que essa pessoa tá fazendo tá fazendo da vida? (risos)
>
> Ai a pessoa trabalha e estuda. (faz uma pausa) Eu fiz isso. (outra breve pausa) Antes de entrar pro movimento eu fazia isso. Eu trabalhava e estudava. E chegou uma época que eu trabalhava estudava e fazia parte do movimento. E hoje eu ainda faço isso.
>
> Às vezes a pessoas só trabalha sabe? É obvio que o que a gente tem hoje nessa sociedade, no capitalismo, você tira das pessoas tudo o que ela tem. A pessoa tem que lavar roupa, tem que arrumar a casa fazer isso aquilo, cuidar de filho... Fazer uma série de coisa que demanda muito da classe trabalhadora. Agora você tem ai a reforma da previdência que não tem nem limite pra trabalhar mais. Então você trabalha num período gigante, você pega um período gigante de transito pra você chegar onde você mora, e chega lá e fazer essas coisas tudo ainda, cuidar de filho cansado não sei o que, essas pessoas tudo bem, mas tem gente que não faz isso também, sabe.
>
> [..]Tem uma galera que mora no centro da cidade não faz uma ação, não trabalha, e fala que a vida tá um caos. Ai, (risos) isso que eu não entendo.
>
> Você tem bar, você tem festa, tem isso tem aquilo, e as vezes as pessoas acham que a militância delas é ir num evento que teve num bar com a pessoa x que fala que é de esquerda que foi ministro no governo Lula no governo Dilma. Toda a militância se resuma a isso. Sabe, é importam te ir nesses espaços? Eu acho que é importante, eu também vou! Mas assim, é só isso!!!? As pessoas vão fazer só isso da vida? E achar que só isso é o caos!!?
>
> [...] Mas o que me incomoda é ver que as outras organizações também e outros militantes, até mesmo no próprio MLB podem fazer mais! É que falta ação dentro da esquerda. Tá, ai a gente fala, pô o Mano Brown falou "ah porque o PT tem que fazer auto crítica, porque não foi pra favela..." É, tem que fazer mesmo. Agora quantos que foram sabe? Ai criticar o PT ainda fácil, porque tem um monte que critica o PT e também não foi. (para a favela)
>
> E tem que ir nesses lugares. A gente tem que se sentir incomodado de não poder tá nesses lugares também de várias formas. Eu tive que comentar isso com as pessoas porquê da mesma forma como aquele tiro no rosto da Gabi mudou uma parte da militância do MLB, eu me coloco muito nesse sentido porque foi um divisor de água até ali. Porque até ali eu tinha uma militância ativa no movimento, mas ainda era quando o movimento propunha as coisas. Eu não tinha tantas responsabilidades. Então eu ia um dia quando tinha alguma coisa, uma vez por semana. Naquele dia eu entedia que a gente precisava eu precisava fazer muito mais do que eu fazia.
>
> Então as pessoas as vezes saem por medo de repressão, medo de estar em uma organização de esquerda, medo de se dedicar, daquilo exigir mais dela, e a conjuntura exige mais da gente. Acho que a conjuntura vem moldando a gente. E isso e uma das coisas que faz a gente estar no movimento hoje. Acho que tem que tá por amor, porque se você não tá por amor, você também não vai tá no negócio.

3.2.4 Edna. Conhecimento, direito e luta

Edna é a pessoa a quem Edinho se referiu, quando me contou que sua avó havia realizado o seu parto de sua mãe, e que anos depois se encontraram “por ironia do destino”. Conheci Edna no curso introdutório de formação ao marxismo promovido pela UP. Neste dia peguei seu contato e marcamos a entrevista em sua casa, na ocupação Esperança, na região da Izidora. Edna me recebeu muito bem. Sua casa fica logo na entrada da ocupação e sua porta faz frente para uma rua que não integra a ocupação. Quando cheguei, ela me mostrou um espaço da sua casa onde tinha uma grande mesa, uma estante com alguns livros e alguns painéis com fotos da ocupação.

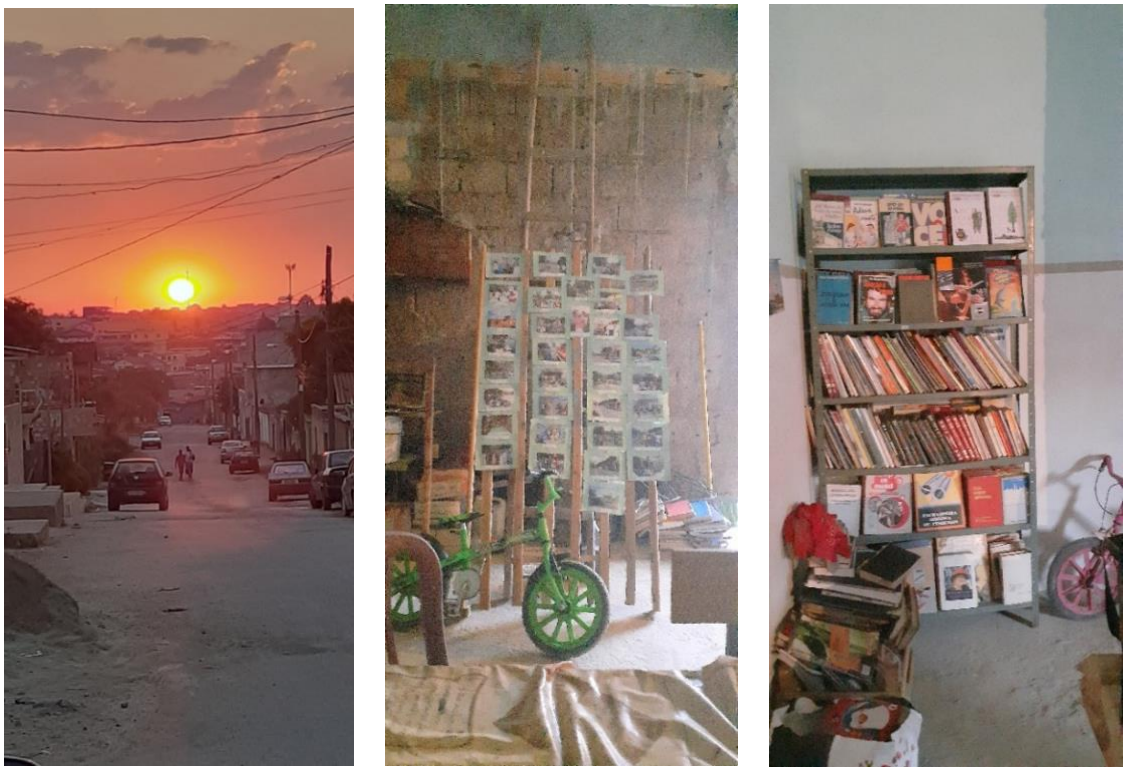

Imagem 2: “Fotos da rua de entrada da ocupação, de um mural de fotos e biblioteca na casa de Edna”.

Imagem 3: “Mural de fotos da ocupação na casa de Edna”.

Em seguida, ela me convidou para caminharmos alguns minutos por algumas ruas. Nesta caminhada Edna me mostrou com orgulho a rua inicial da ocupação, que havia sido asfaltada recentemente através de um mutirão realizado por moradores. Me disse que havia muito ainda a ser feito, que a ocupação era muito grande e por isso me convidou para que eu voltasse outro dia mais cedo, pois estava escurecendo. Assim voltamos até sua casa e nos sentamos em sua sala para iniciar a conversa.

Imagem 4: “Foto da rua de entrada da ocupação Esperança”.

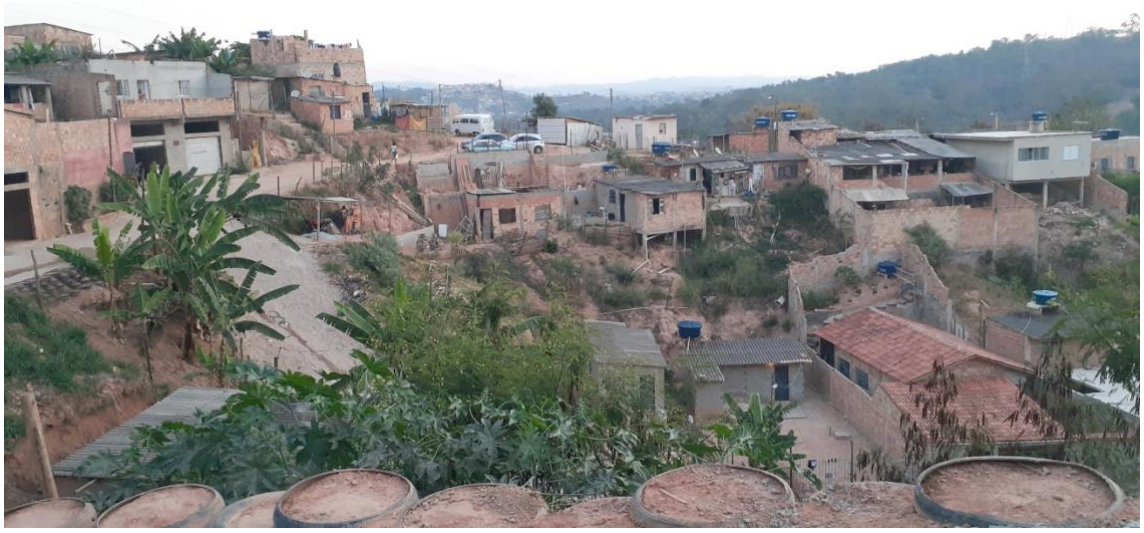

Imagem 5: “Foto da entrada da ocupação Esperança”.

Ao começar a falar sobre sua trajetória de vida, Edna inicialmente abordou sobre sua descendência, falando sobre sua avó:

> “Meu nome é Edna Gonçalves de Souza eu sou de Araçuaí Minas Gerais, nasci lá. Sou descendente de índia (Pataxó).
>
> [...] Minha avó, mãe do meu pai era índia. Ela foi pega no laço, foi morar com meu avô, mas não conheceu a civilização. Ela casou com meu avô, mas nunca quis conhecer a civilização, ficou sempre no interior, afastada de tudo e de todos.”

Após falar sobre seus avós, contou que veio de Araçuaí para Belo Horizonte muito jovem, com sete anos. Segundo ela, a escassez no campo ocasionada pela instabilidade de chuvas fez com que a situação ficasse difícil para seu pai que trabalhava na roça. Assim ele decidiu ir para Belo Horizonte trabalhar de carpinteiro, e em seguida, diante da ausência do pai que voltava para a casa de seis em seis meses, sua mãe vendeu tudo o que tinha e veio para Belo Horizonte com todos seus filhos.

Chegando em Belo Horizonte, sua família morou em um barraco que seu pai já havia alugado. Edna lembra:

> “[...] e a gente entrou pra dentro, vivemos vários anos de aluguel né. A vida toda. A gente morou no Jaqueline, São Benedito. E sempre cresci vendo dificuldade do meu pai e da minha mãe tendo que estudar a gente e ir pagando aluguel. Foi um sacrifício muito grande, eram 7 filhos. Meu pais sacrificavam mesmo, pra poder colocar comida em casa, pagar água, pagar luz e pagar

> aluguel. Isso era muuito difícil. A gente cresceu assim pagando aluguel. O meu pai nunca tinha condição de comprar um lote porque tudo o que ele fazia era o aluguel, a água a, luz e o alimento da casa né, e as vezes um livro um caderno, uma roupinha pros filhos."

Diante deste contexto, Edna contou que quando começou a ficar mais velha começou a entender as coisas. Ao ver seus pais passando por dificuldades, em um período em que sua mãe, que trabalhava em casa de família, adoeceu, decidiu ajuda-la trabalhando em seu lugar. Por conta disso teve que parar os estudos. Entretanto, Edna se casou aos dezesseis anos, teve filhos e com o passar do tempo sentiu necessidade de voltar a estudar para apoia-los com deveres de casa, etc. Assim, conseguiu se formar para ajudá-los. Hoje, se sente muito grata por ver que todos "são estudados".

A dificuldade dos pais de Edna a inspirou a entrar na luta das ocupações urbanas, sobretudo quando viu tantas famílias em uma mesma situação: "chorando, sem ter onde recorrer, com a necessidade de ter uma moradia digna". Antes de morar na ocupação Esperança, Edna morou de aluguel no bairro Londrina, até quando em 2013, soube através de uma amiga de uma ocupação que estava ocorrendo na região (a ocupação Rosa Leão). A convite de sua amiga Edna foi até a ocupação, entretanto se deparou com pessoas voltando, pois não havia mais espaço. Ela contou que voltou para casa chateada junto com suas amigas mas, algum tempo depois, em agosto de 2013, um grupo de pessoas deu entrada em um local próximo a ocupação Rosa Leão, o terreno que segundo Edna estava lá por cerca de 45 anos sem cumprir função social e que hoje é à ocupação Esperança. Edna lembrou assim essa experiência:

> "Na segunda eu cheguei e vi aquele tanto de gente que tinha ocupado. Ai uma colega tinha tirado um pedaço aqui, e falou "oh eu vou tirar um pedaço ali", eu vou dar você um pedaço também, e me deu. E a gente viu aquela multidão toda, chegando gente de todas as partes para ocupar e ai no quarto dia eu tive uma ideia de reunir esse povo e fazer uma grande assembleia e perguntar para eles, ôh, a gente aqui está, e o que vamos fazer agora? E nisso a polícia já começou a rondar, os Werneck já começaram a rondar também e uma pessoa tomou a frente de tá procurando políticos para ajudar, vereador, deputado, ai eu já com o pouco que eu aprendi, eu assim, conhecendo pouco de política "ah, vereador não vai poder me ajudar". Ai procurei a coordenação do Rosa Leão e perguntei como eles estavam resolvendo. E falaram "oh, vai chegar um Frei ai que é da CPT, é de movimento e ele vai vir pra cá para nos ajudar" e nisso eu falei "meu Deus! Que bom! Quem sabe esse frei pode dar uma ajuda pra nós também".

A partir desse momento, Edna conheceu os movimentos sociais que chegaram nas ocupações para apoia-las:

> "E ele chegou na luta com nós. Ai através do frei veio as Brigadas Popular, ai depois foi chegando também o MLB. Ai ficou os três movimentos atuando, ai depois chegou o coletivo Margarida Alves também. E ficou os quatro movimento dando força a gente. E depois de 30 dias que tinha acontecido o Esperança aconteceu a Vitória também que é uma outra ocupação dentro da Izidora com 4 mil famílias. E ai nestas três ocupações na Izidora tá dando por volta de 8 mil famílias."

Perguntada sobre o que teria motivado a convocação de uma assembleia na ocupação que havia acabado de surgir. Ela contou que almejava com isso "alertar o povo" e consolidar uma força para se defenderem das ameaças de despejo, conforme descreveu:

> "Assim, eu via a polícia rondando né, toda hora passando. Eu achei que eles queriam fazer algo. Então eu já desconfiei e queria passar pro povo que a gente precisava tá reunido né, pra pegar uma força, que qualquer coisa que viesse que até nos procurar alguém que poderia nos ajudar... Ai eu acho que foi nesse sentido mesmo pra todo mundo se fortalecer, pra não dispersar."

Questionei também sobre que tipo de ajuda ela esperava. Edna me falou que ambicionava ter conhecimento sobre o que estava acontecendo e sobre o que estava fazendo:

> "Ah, na verdade eu não sabia nada de ocupação. O pessoal que foi ocupando também achou que era só ocupar aquela terra que tava ali sem cumprir função social nenhuma né. E achava que não tinha nenhum dono nem nada, que tava jogado, que era do estado e que era um direito. E o povo não sabia, então a gente queria entender. Ter um entendimento da terra, um entendimento do porque a terra estava aqui, qual era a função dessa terra né, qual era o nosso direito de ocupar, então foi isso, nesse sentido."

Se a princípio Edna não tinha experiência, com o passar do tempo se tornou uma referência na ocupação. Uma grande liderança que foi se forjando no decorrer da luta, conforme enfatiza:

> "Ah, uma experiência assim de muita luta, muita luta! Não é fácil. Quando a gente descobriu verdadeiramente aquilo que a gente queria, que era conquistar a moradia, que era conquistar nosso direito... A gente descobriu que a gente

> tinha esse direito de uma moradia digna né. Todo cidadão, tá na constituinte que tem direito a uma moradia digna, educação, saúde, e quando nós chegamos a gente era bem leigo nisto. Muitas famílias eram leigas nisto. E pra conquistar esse direito à moradia nossa de estar aqui nesse lugar, nesse terreno, foi uma luta, mas uma luta que ela abrangeu muito choro, muita angustia, sabe... A gente teve que ir pra cima mesmo porque, muitas das vezes tem nosso direitos, mas eles nos são negados né, eles são tirados de nós. É negado todo momento, e muita das vezes o povo não tem conhecimento que tem esse direito, e as políticas públicas mesmo, eles sabem disso e eles negam o direito do povo, da população né. É um sentimento de muita luta."

Indaguei mais uma vez a respeito dos conhecimentos adquiridos nestes percursos de luta, sobre como se deram exatamente. Edna citou os movimentos sociais enquanto um suporte das lutas políticas travadas pelas ocupações e a trajetória de persistência, atrelado ao seu envolvimento enquanto representante da ocupação:

> "Ai começa né, aquela trajetória toda para que as famílias ficassem. E ai os movimentos começam a nos orientar e nós começamos a bater nas portas do poder público, em todas as portas e começamos a falar "olha lá´, tem esse tanto de famílias, o que vocês vão fazer?" Esse povo todo ocupou e precisa de uma moradia. E são gente de todos os lugar e famílias grandes e famílias pequenas, e temos muitos adolescentes, muita criança, muito idoso, muito cadeirante, muito doente, e o que vocês vão fazer? Ai o Estado ficou naquele momento ainda era o governo Anastásia que nos recebeu, e o prefeito na época era o Marcio Lacerda, em 2013. Ele não quis nos receber nenhum dia do governo dele, não parou pra nos escutar nem um só minuto, criticou né, e o Anastásia falou que ia apoiar mas depois falou que não tinha condição e que a condição dele era preparar 5 mil policiais para retirar essas família. Mas a gente foi batendo em todas as portas e foi dizendo, olha se tirar essas 8 mil famílias de lá, nessas três ocupações que acabou de nascer, vai ter um derramamento de sangue, porque essas famílias veio pra morar, e elas tem necessidade de morar e elas ocupou e elas estão ali, e não tão para brincadeira.
>
> Elas querem a moradia, é lá que eles decidiram, não importa de que maneira, é lá que eles encontraram o lugar de criar seus filhos, de dar continuidade as suas vidas. E eles não acreditaram, ficaram desacreditados e a polícia se preparando pra ir tirar. A gente buscou poio do dentro de todo o território nacional e fomos junto com os movimentos, junto com os apoios as universidades e fizemos aquela rede de apoio muito grande dentro da cidade, pra fora também e fomos buscando apoio. Porque quando se falava em tirar, tinha gente querendo se suicidar, falando que ia suicidar com a família inteira, gente já preparando suicídio. Era muito angustiante.
>
> Então naquele momento nós não sabíamos como fazer. A gente enquanto coordenação buscava apoio e os movimentos por outro, as redes de apoio, as universidade buscando o que fazer... Até que chega o governo do Pimentel né, porque o governo do Pimentel foi quando se abriu uma mesa de negociação dentro da cidade administrativa, e ai através dessa mesa de negociação foi acontecendo as negociações para as ocupações né. Não favorável, todo momento era pra fazer a reintegração de posse, mas junto os movimentos as universidade, a rede de apoio e as lideranças com muita luta a gente foi conquistando espaço e ficando. Fazendo vários documentários e tal, e lutando... As famílias lutando também e construído suas casas e quando a gente pensa que não, as ocupações já estavam todas consolidadas."

Diante da sua trajetória que representou e ainda representa a ocupação em lutas políticas, articulações e redes de apoio, perguntei para Edna sobre o motivo pelo qual ela havia se tornado uma liderança. Edna me disse que é "coisa de Deus" ela ter permanecido em uma luta, "que não é para os fracos":

> "Assim, é coisa de Deus mesmo né. Porque igual eu te falei, quando eu vi aquela multidão ocupando, não tinha onde correr e ai eu já dei aquela ideia de chamar aquela assembleia com o povo, pro povo ficar unido e ninguém dispersar se chegasse a alguma polícia qualquer coisa. Era todo mundo unido e ai começou... Ai os movimentos chegaram, comecei a conversar com os movimentos, fazer reunião. E não tinha como ser outra pessoa se a referência não fosse eu né, as ideias partiu de mim, embora tivesse outras lideranças no começo. Eram 15 coordenadores, mas assim, a luta ela é tão grande, ela é tão ardia que ninguém quis ficar, ninguém quis ficar. Essa é uma luta que ela não é para os fracos, é para corajosos mesmo. Para aqueles que tem necessidade de lutar mesmo."

Com a saída de muitas lideranças, que não conseguiram permanecer com as funções e tarefas outras pessoas da ocupação foram se dispondo a assumir a coordenação, de forma que ela não ficasse sozinha. Diante disso, reiterei a pergunta sobre suas motivações para permanecer enquanto liderança com grandes responsabilidades em uma "luta que não é para os fracos", ainda atualmente, quando já existem outros coordenadores na ocupação:

> "Marina: E o que te motivou a ficar nessa luta que não é para qualquer um?
>
> Edna: Ah quem me deu mais motivo assim de tá, é que quando eu vi que tava preparando 5 mil policiais e eu vendo pais de família falando que não tinha para onde levar seus filhos, que tava desempregado, a esposa desempregada, que não tinha para onde ir com os filhos né. E ai o desespero daquele pai conversando com a gente que falava "eu prefiro a morte do que continuar vivendo desse jeito nesse país que não dá oportunidade nem para uma moradia, nem pra um barraco de lona". E quando eu vi uma senhora também com os filhos e falando "ah eu vou suicidar e entregar meus filhos pra eles porque eu não vou querer ver meus filhos jogados de qualquer maneia na rua, porque ela relatava que ela não queria ver isso para os filhos dela. E isto comoveu muito a gente naquele momento.
>
> E isso bateu (fez uma pausa) eu olhava para aqueles pais, aquelas mães de família, aqueles adolescentes, as crianças e isto comoveu muita gente e no meu caso eu falei "Meu Deus, me dá força pra mim poder ajudar. Eu preciso de ajuda, mas eu preciso também ajudar". Entendeu? E ai Deus foi e deu força...
>
> Marina: Passados todo esse sufoco, o que te motiva hoje a permanecer nessa luta?
>
> Edna: Ó, é que ainda tem as negociação de urbanização né. E enquanto o Estado, o município não entra, os órgãos de política urbana todos não entra para urbanização, ainda tem muitas reuniões que a gente tem que tá de cima,

de bater na porta com o poder público. E as famílias acabou vendo as coordenações como apoio, como apoio de segurança. E não dá para sair, a gente dentro do território hoje... Eu como uma liderança eu sou uma mãe, eu sou uma avó, eu sou uma tia, eu sou uma policial, eu sou uma psicóloga, eu sou é tudo! A gente acaba sendo um pouco de tudo e acaba aprendendo um pouco de tudo também. Que a gente trabalha com vários setores né, e a gente acaba mediando não só o conflito lá fora mas o conflito aqui dentro também, e promovendo a paz entre os moradores né. Que nem aqui na ocupação Esperança, assim, o pessoal me vê como tudo e ai não deu para sair ainda, mas é... Nesses 7 anos bem casado (risos) espero sair...

Marina: Você quer sair?

Edna: Não, tem várias lutas ainda né. A gente tem que dar continuidade em outros territórios também né. Não é só ficar aqui.

Edna: Quis territórios?

É sobre moradia, a gente tem que continuar a luta dentro da cidade. A luta por educação, a luta por saúde, que a educação ainda é muito preocupante pra gente como liderança, porque a gente descobriu nesses setes anos de escola que tem muito adolescente ainda que tá fora de escola, é falta de oportunidade também que o poder público não dá. Né, muito jovem, muita criança... Então a gente luta muito."

Sobre a participação em algum dos movimentos sociais que havia composto as trajetórias de lutas da ocupação, a moradora comentou:

Marina: Você faz parte de algum movimento social?

Edna: Hoje eu tomei ciência que eu sou mais o MLB, que é um movimento mais povão, que é um movimento que tá mais junto do povo mesmo, o povo humilde o povo trabalhador o povo pobre. E ai a gente tá mais é do lado do povão mesmo né. Como liderança eu me identifiquei com o MLB, que a gente quando tá voltado pelo lado do povo mesmo, ai eu me identifiquei muito com o movimento ai eu tô no MLB hoje.

Marina: O que fez você se identificar?

Edna: Ah é o trabalho mesmo dentro das ocupações né. O pessoal do MLB, muitos mora dentro de ocupação né, as lideranças mesmo dentro aqui do estado de Minas Gerais são moradores de ocupação, conhece a realidade de ocupação, conhece a realidade de um despejo de uma ocupação, conhece a realidade do povo que tem necessidade do povo quem tem necessidade de moradia. A necessidade de moradia, moradia digna, quando a gente fala que é moradia digna é que nós não alcançamos ainda, mas estamos na luta ainda para conseguir. Então eu me identifico muito com o MLB.

Marina: E como você entrou para o MLB?

Edna: Eu sou coordenadora aqui da ocupação esperança e por o MLB tá aqui também, estar junto conosco eu acabei sendo, fortalecendo como militante mesmo do MLB, militando mesmo.

Marina: E para você se tornar militante teve algum convite?

Edna: Teve assim convites, assim mesmo e.. (pausa) Ah, porque sempre quando a gente vai pra, a gente tá numa luta dessa grande né.. Oque acontece, sempre a gente tem que ir fortalecendo, porque como o MLB fortaleceu aqui o Izidora, não só o MLB, mas os outros movimentos. Mas como tava ligado e agora, com seis nos de ocupação a gente se sente um pouco mais em terra, não em terra firme ainda, mas já em terra.

> Ai a gente vê que tem outras demandas e outras necessidades pra gente de continuidade né, não é só em um território, porque as vezes a gente tem outras ocupações que precisa do apoio, e precisa de mais gente né, e tem que crescer. O movimento precisa crescer, porque se as pessoas só querer o paio e não querer apoiar também né, ai fica difícil e falta pernas pra outros lugares.

Ao fim da entrevista, Edna foi até seu quarto e voltou me mostrando o livro "Mulheres em Luta. Feminismos e direito das ocupações da Izidora", que foi produto da dissertação de Mestrado no Programa de Pós-graduação em Direito da UFMG de Isaías (2018). Ela folheou o livro me mostrando algumas imagens suas, dentre outros acontecimentos registrados que foram importantes na trajetória de resistências e lutas das ocupações da Izidora.

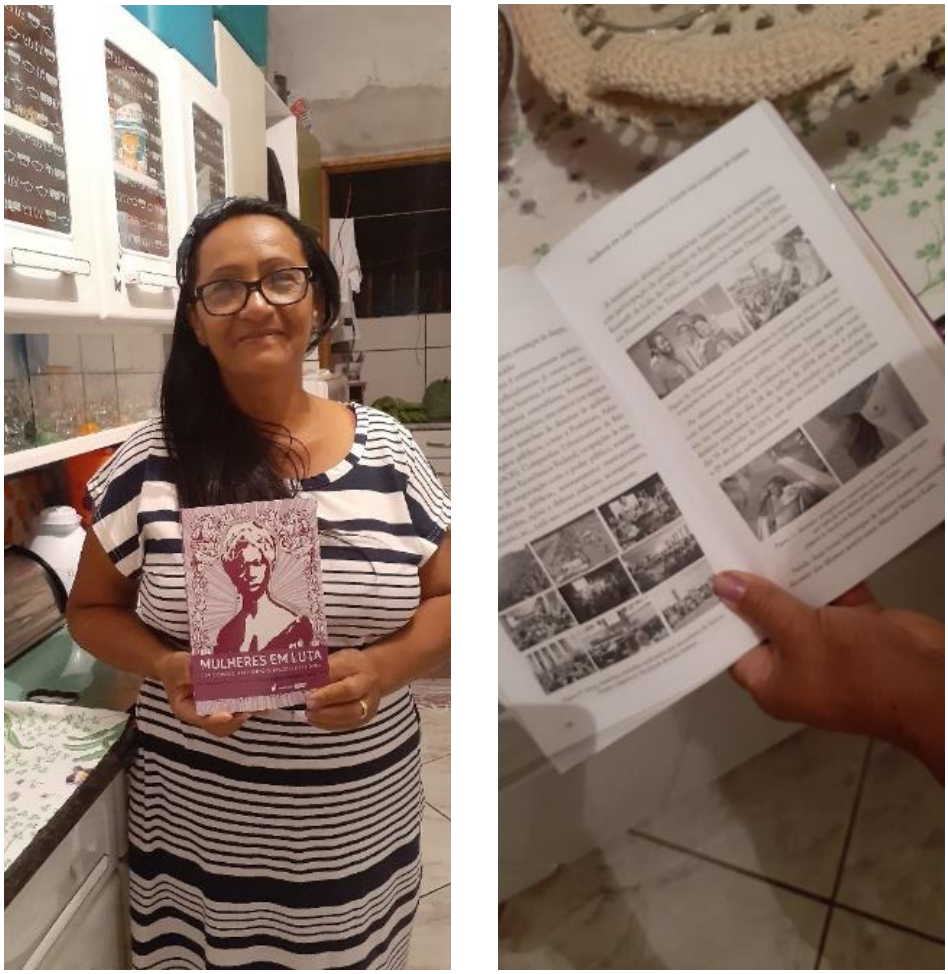

Imagem 6: "Foto/Edna, 2019, ocupação Esperança".

3.2.5 Inês. Da infância marcada pela pobreza à militância pelos pobres e oprimidos

Conheci Inês através de Poliana. Após entrevista-la, perguntei se poderia participar de algumas atividades do MLB e Poliana sugeriu que eu fosse nas reuniões de núcleo que Inês coordenava. Estas reuniões acontecem todas as semanas durante meses e são destinadas às pessoas que desejam ocupar terrenos, sendo o objetivo destes encontros[54] a instrução e formação política dos participantes, que ao longo do tempo são preparados para ocuparem um terreno, quando houver oportunidade. Na primeira reunião de núcleo da qual participei, me apresentei e peguei o contato de Inês no final da atividade. Por telefone combinamos de realizar a entrevista em sua casa, na ocupação Maria Carolina de Jesus. No dia da entrevista, quando cheguei no segundo andar onde ficava seu apartamento, logo me chamou a atenção o fato de que sua porta estava aberta, diferente dos outros apartamentos. Ela estava sentada no sofá conversando com um rapaz mais jovem sobre algumas coisas da ocupação. O apartamento era pequeno, de poucos metros. Não havia nenhuma parede ou divisória. Ao fundo ficava a cozinha junto à lavanderia. No meio, uma mesa com um armário e do outro lado um sofá que ficava a frente de sua cama. Me assentei na mesa enquanto ela conversava com o rapaz no sofá, aguardei alguns poucos minutos e após ele ter ido embora começamos a conversar. Inês deu início à conversa falando sobre sua origem.

Inês Maria de Oliveira tem 62 anos. Nasceu em Raul Soares, Zona da Mata Mineira. Aos 11 anos ela veio morar em Belo Horizonte. Diante de muitas dificuldades financeiras, seus pais decidiram se mudar com seus filhos para Belo Horizonte na tentativa de melhorar as condições de vida, mas se depararam com situações ainda mais difíceis conforme Inês me contou:

> "Bom, meu pai veio à procura de trabalho, aí a gente veio. Ele trabalhava na roça. Era difícil né, era muito difícil, uma vida muito sofrida. Ai quando a gente veio prá cá foi pior ainda, porque a gente teve muitas dificuldades, não tinha lugar de morar, não tinha nem comida pra comer. A gente pedia esmola pra comer, para se manter. Pedia esmola eu e minha mãe. Meu pai adoeceu, fez uma cirurgia ficou uns dois anos na cama e ai a gente teve que... A gente vivia de esmola mesmo. A gente saia de manhã, eu e minha mãe, e saia pedindo, de porta em porta. A Gente morava lá no Providência. Conhecemos uma pessoa que tinha um lote lá e ele deixou a gente fazer uma barraca de lona, e agente morava lá. Eu lembro que quando a gente chegou em BH, era véspera de natal. Eu e minhas irmãs tudo pequena. Quando foi na noite de natal, os vizinhos

[54] No item 4.5 abordo sobre minha experiência ao etnografar algumas destas reuniões.

> levaram uma ceia pra gente, levou presente, então foi uma coisa que me marcou muito. Até hoje eu lembro disso. A gente ganhou roupa nova. Coisa que não tinha na roça né, ganhou brinquedo, então a gente ficou toda empolgada, menino você já viu..."

Já mais velha Inês se casou, teve filhos e se mudou para o bairro Primeiro de Maio. Neste período conheceu o padre Piggi[55] da Pastoral Metropolitana dos Sem casa. Este encontro alavancou uma enorme mudança em sua vida. A partir de então, iniciou uma trajetória de militância a qual se dedica até hoje. Ela me contou sobre como se deu este processo:

> "Marina: Você começou a trabalhar?
>
> Inês: Não, nunca trabalhei fora.
>
> Marina: Seu marido que trabalhava fora?
>
> Inês: É, meu marido que trabalhava. Ai a gente pagava aluguel. Era uma vida muuuito difícil! Nossa, como que era difícil... Ai depois eu conheci o padre Piggi.
>
> Marina: Como você conheceu o padre Piggi? Foi seu primeiro contato com movimento?
>
> Inês: Foi assim, a gente pagava aluguel... Aí passaram na rua um pessoal falando "Ah, todo mundo que paga aluguel, tem uma reunião na igreja..." Isso em 83. Bairro Primeiro de Maio. Ai quando eu cheguei lá, aí ele já me escolheu, "ah você vai coordenar um grupo..." Ai foi onde começou minha trajetória. (risos)
>
> Marina: Porque você acha que ele te escolheu?
>
> Inês: Não sei... Nessa época eu era uma pessoa muito sofrida né. Nossa... E assim, eu ainda não sabia andar no centro da cidade, eu não sabia usar telefone. Tudo o que eu sei eu aprendi com esse padre.
>
> [...] É um orgulho para mim ter conhecido ele. Hoje em dia ele tá velhinho, mas antes também ele já fez ocupação no Primeiro de Maio. Tinha uma favela lá que eles ocuparam. Então na época a gente foi preso junto com ele. Ele apanhou muito na época sabe... Onde ele vai tem muita gente com ele. É um líder mesmo, ele nasceu para ser líder. Então eu admiro ele pra caramba, nossa admiro mesmo.
>
> [...] Aí ele ensinou, eu fiz curso de liderança... Eu tenho uma coisa comigo, que tudo que eu sinto eu falo na cara. Se eu sinto alguma coisa com você eu chego perto de você e falo. Eu acho que isso chama muito atenção das pessoas. Então eu acho que foi isso chamou atenção dele (risos) Porque tudo eu falo com a boca. (risos)
>
> Marina: O que você fazia lá?
>
> Inês: A princípio eu era tesoureira e fazia reunião de coordenação das famílias.
>
> Marina: Vocês ocupavam terrenos?
>
> Inês: Não, não. A gente foi em Brasília muitas vezes... Aí depois a gente conseguiu material e o terreno para construir mil e trezentas casas. Era auto construção. Então cada pessoa tinha vinte e um dias para construir dois

[55] Pier Luigi Bernareggi tem 73 anos. Nasceu na Itália e se abdicou dos privilégios de uma família muito rica. Vive no Brasil desde 1964. Desde então abraçou a causa dos pobres, moradores de favelas e sem teto de Belo Horizonte e região metropolitana participando ativamente de diversas lutas.

> cômodos e um banheiro. Era muita correria mesmo né. Eu sei que assim, que em vinte dias ficou um bairro pronto. (Conjunto Felicidade)
>
> Marina: Você recebeu cursos na pastoral, para ser coordenadora, como foi?
>
> Inês: Ah fiz muito curso para coordenação mesmo, de liderança....
>
> Marina: Como eram? E o que eles ensinavam?
>
> Inês: Ah, como que trata as pessoas, como que mexe com caixa, com o que faz uma ata.
>
> Marina: Quem dava o curso?
>
> Inês: Ah, não me lembro viu... Mas geralmente era o pessoal da prefeitura, o pessoal da extinta LBA (Legião Brasileira de Assistência."

Inês iniciou o que chamou de "primeiro trabalho" na Pastoral Metropolitana dos Sem Casa junto ao padre Piggi. Um dos objetivos da Pastoral dos sem casa consistia em reunir pessoas para juntas pressionarem governantes para a execução de políticas públicas que disponibilizassem verbas e ou moradias para pessoas pobres.

Após conseguirem verba para a construção de casas, centenas de famílias iniciaram um processo de auto construção. Nesta sua primeira experiência enquanto coordenadora, Inês participou ativamente junto a estas famílias na construção de 3600 casas (o Conjunto Felicidade) no bairro Floramar, conforme descreveu:

> "A gente conseguiu material para 3600 famílias na época. Fomos em Brasília e conseguimos do fundo perdido. Construiu dois cômodos, um banheiro. As pessoas além do material tinham um carrinho de mão que ganhava, tinha tábuas para fazer o alicerce, todo mundo tinha suas tábuas, tinha seu carrinho. A gente que coordenava dava um suporte para eles. Na época a agente fez um curso no SEBRAE de auto construção, um curso gratuito. Fizemos esse curso lá para entender de auto construção.
>
> Aprendemos na tora e ficávamos olhando na tora também se tava certo as casas, se não tava... (risos) Na época tinha um engenheiro da URBEL que acompanhava também, mas mais era agente mesmo sabe. Então assim, quando a pessoa começou a fazer o alicerce, ai todas as 3600 famílias, todo mundo tinha que fazer o alicerce... Quando uma terminou, todas terminou porque tinha prazo estipulado. Então a coordenação ficou assim, um com duas ruas, outro com duas ruas.
>
> Ai eu sei que na época assim, o dia que pôs o telhado em uma casa, toda as 3600 pessoas colocavam o telhado nas casas. Então era muita casa sabe. E assim para comunicar com as pessoas a gente usava uma sirene. A gente fez um galpão grandão... Esse galpão existe lá até hoje onde funciona a associação. Então ficava a sirene lá. Qualquer coisa a gente apitava a sirene e vinha todo mundo correndo. As 3600 famílias para o galpão. Na época foi a gente que fez a rede de esgoto lá, foi a gente que mediu todos os lotes. Foi um trabalho duro mesmo sabe. Trabalho muito pesado para as mulheres e tinha mais mulheres mesmo. Poucos homens.
>
> Marina: Porque será?
>
> Inês: Mais que tem é mulher... Sozinha né...

Marina: Porque será?

Inês: Sempre é assim."

Findada a construção das casas, Inês junto a outras coordenadoras fundaram a associação do Conjunto Felicidade, a ABAF (Associação dos moradores do bairro Jardim Felicidade). Ela permaneceu durante oito anos na associação e saiu após ter vencido o mandato estipulado. Depois disso fundou uma creche no local onde atuou por treze anos. Mais uma vez perguntei sobre o processo de se tornar liderança, sobre as formações que teve e Inês descreveu um pouco mais sobre a experiência inicial que a formou, traçando paralelos do passado e do presente:

> "Então assim, eu fiz muito curso de liderança. Eu tenho uns quatro diplomas desses curso, mas eu acho que o que manda mais é o dia a dia né. Você lhe dar com as pessoas mesmo... Hoje em dia eu não tenho muita dificuldade de lhe dar com as pessoas. Porque assim, quando as pessoas chegam no núcleo do MLB, só dela conversar comigo eu já sei fazer uma análise dela. Tem hora que eu falo assim, nossa, eu tinha que ter feito psicologia, (risos) porque você fica tão envolvida, você vai indo, então você tem a prática. Entendeu? Então, é muito muito bom porque eu aprendi muita coisa.
>
> Assim, igual lá na creche... Nessa associação tinha muitos funcionários, todos de carteira assinada. Então isso tudo eu peguei experiência em documentação, esses trem... Então eu aprendi muita coisa mesmo. Nossa, as vezes eu paro para pensar 'Nossa, quanta coisa que tem na minha cabeça, tá cheia'."

Alguns anos depois Inês ficou viúva e se casou novamente. A casa que havia então construído no Conjunto Felicidade ficou para seus filhos. Diante disso, ela participou da fundação do MMH Movimento Mineiro de Habitação para conseguir um teto para viver junto com o marido. Mais uma vez Inês se tornou coordenadora dentro do MMH onde coordenou um núcleo de famílias que estavam na espera da conquista de uma casa. A atuação do MMH consistia em participar de esferas nas instâncias públicas no sentido de pressionar governantes para executar políticas públicas habitacionais afim de atender as pessoas em espera. Após nove anos atuando neste movimento Inês se frustrou de tanto esperar junto a outras famílias e decidiu sair do movimento. Sua saída também foi motivada por ter se deparado com novas possibilidades e perspectivas ao conhecer o MLB, conforme contou:

> "Minha chegada no MLB foi porque eu participava de um movimento e já tinha 9 anos que a gente tava nesse movimento. Eu era uma das coordenadoras lá do

> Movimento Mineiro de Habitação. Ficamos lá nove anos e nós não conseguiu muita coisa. E eu tinha um núcleo com 200 famílias. Então, quando foi um dia eu conheci o Léo, ai o Léo foi lá e falou pra gente sobre ocupação, como que era, falou sobre o MLB. Ai o Leo fez uma reunião na casa de uma amiga minha e me chamou para a reunião. Então eu larguei o Movimento Mineiro e passei para o MLB, porque eu gosto de ver resultado. E onde eu tava eu não tava vendo resultado. Imagina você ficar nove anos reunindo com as famílias e não ver resultado. Não conseguimos moradia.
>
> Ai algumas pessoa do núcleo que eu coordenava fizeram eu ir pra cá. A gente ficou três meses fazendo reunião pelo MLB e fizemos a ocupação do prédio lá na Afonso Pena. E chegou até aqui entendeu."

Inês é militante do MLB há apenas dois anos. Ao conversar co ela, mergulhei no interessante relato de seu passado e suas experiências de auto construção de casas e lutas pela reforma urbana nas décadas passadas em Belo Horizonte, e quase me esqueci das questões vinculadas ao MLB. Foi em função de sua significativa trajetória que Leonardo Péricles a convidou a entrar para o MLB, depositando grande confiança nela em um período crítico[56]. Ele a convidou para continuar conduzindo suas reuniões com 200 famílias, pelo MLB.

Mesmo tendo uma grande experiência de luta por moradia, Inês não tinha experiência com ocupações. Conforme me contou, sua entrada no MLB proporcionou-lhe novos aprendizados, além de mudanças em relação às suas concepções a respeito do que era uma ocupação urbana e sobre as pessoas que vivem nesses lugares, conforme descreveu:

> "Marina: Você foi convidada pelo MLB para entrar?
>
> Inês: Não. Eles me chamaram como coordenadora já. No mesmo dia o Leo foi lá ele falou, "Inês, traz a pessoas do seu núcleo". Ai eu falei, então tá, eu vou ver quem quer vir. Então trouxe comecei a fazer reunião pelo MLB.
>
> Marina: Você tinha essa carga enorme de experiência, mas ao dessa vez coordenar o núcleo pelo MLB, você teve alguma formação?
>
> Inês: Fizemos reuniões. Reunião com o Léo, o Edinho, o Tales. Eles acompanharam a gente, explicaram um pouco da linha do MLB. Só que eu não tinha experiência nenhuma de ocupação. É bem diferente a linha que eu trabalhava dessa que hoje eu tô trabalhando. Essa eu vejo mais resultados. Eu vejo uma maneira hoje em dia de eu ajudar as pessoas."

[56] Após terem sofrido com um despejo truculento na ocupação Manuel Aleixo onde Gabi levou um tiro de bala de borracha na boca, o MLB estava se rearticulando internamente e se organizando para realizar a ocupação Carolina Maria de Jesus em um prédio no alto da Afonso Pena.

Perguntei para Inês sobre o que a motivou desde as décadas anteriores a exercer o papel de coordenadora, de liderar, mesmo após ter conquistado pela segunda vez uma casa. Suas respostas sugerem que esse se tornou seu modo de vida, seu propósito, pautado na empatia para com o "lugar dos oprimidos"

> "Olha Marina, eu acho que se hoje eu parasse eu morreria. Hoje eu vivo só para isso. Hoje é eu e meu marido, só que meu marido trabalha fora e eu fico sozinha. Então assim, eu vivo 24 horas pro MLB. É assim, igual você viu aqui. O dia todo tem família conversando, o dia todo eu tô exclusivamente por conta do MLB. Então assim... (faz uma pausa) Eu amo de paixão a Poliana e o Léo. Eu falo mesmo, nossa, Poliana é uma filha do coração mesmo sabe, ela é uma filha do coração. Eles me ajudaram muito porque quando eu vim para o movimento eu tinha alguns problemas, tava com muita depressão.
>
> Eu cheguei aqui porque o trabalho que eu tava fazendo lá não era tão intenso igual aqui. Porque aqui eu vim para ocupação, quer dizer que é problema 24 horas, então eu nem lembro dos meus mais né. E antes não, eu ficava focada no problema familiar. Hoje em dia não. É tanta coisa, eu passo o dia inteiro e quando chega de noite eu penso, nossa...
>
> Antes não, eu chorava porque o filho não ligou, eu chorava porque o filho não passou o natal. Hoje em dia não, "Mae vem cá almoçar no dia de natal!!", eu falo "nossa não posso, eu tô aqui na ocupação, tô fazendo isso aquilo...", "No mãe eu tô ligando e você não atende", eu falo "eu não vi, não ouvi..." Então assim, mudou hoje em dia.
>
> E eu venho carregando na bagagem.... Onde eu vejo um oprimido eu tô ali pra tomar a dor dele. (risos) São duas coisas que eu fui muito. Oprimida e passei fome. Então se falar, fulano não tem o que comer eu fico doida para arrumar uma cesta básica. Sabe, eu não consigo ver ninguém com fome e nem ninguém sendo oprimido. É duas coisas que eu não suporto mesmo. Então isso, é duas bandeiras que eu carrego.
>
> Pode ser quem for. Se eu tiver passando na rua e ver um policial batendo em alguém eu paro e vou entrando no meio. Meus filhos falam "qualquer dia você vai levar", vou nada...
>
> Eu não me vejo fora disso não. Eu gosto mesmo. Tô por prazer, não tô por obrigação, é pro meu bem mesmo. Me sinto bem, me sinto bem mesmo. Então eu pretendo ficar no MLB até... Eu acho que aqui eu vou morrer, só pode (risos) O dia que eu morrer eu vou levar a bandeira do MLB.
>
> [...] Gosto muito de fazer reunião com as famílias.... (faz uma pausa) Eu sei que as coisas não é fácil, mas é um prazer que eu tenho mesmo.
>
> Marina: O que o MLB significa para Você?
>
> Inês: Para mim? (pausa) Olha eu vejo... quando fala comigo MLB eu vejo... (pausa) Ah, viu é difícil. É uma coisa bem preciosa para mim. Hoje em dia faz parte da minha vida o MLB. É uma coisa que me tirou da depressão, é uma coisa que cada dia eu aprendo mais com as famílias com as outras coordenações. É um lugar onde eu me sinto à vontade. Eu me sinto à vontade no MLB.
>
> [...] Eu nunca fiquei fora da ocupação. Desde o dia que eu entrei para o MLB eu nunca fiquei um dia sem falar assim, hoje eu não tô trabalhando para o MLB. Não, todos os dias eu trabalho para o MLB. Depois que fez a ocupação, todos os dias eu trabalho para a ocupação. Todos os dias, de manhã até a tarde, Sabe, 24 horas eu sou MLB.

Marina: Nesse trabalho você tem algum recurso para ficar por conta?

Inês: Não. A gente não ganha nada. É um trabalho voluntário. Eu nunca ganhei nada. Eu nunca, nesses 38 anos, eu nunca ganhei nada para trabalhar, sempre é um trabalho voluntário, mas assim, o que eu ganhei não tem dinheiro que pague. É a experiência, entendeu?

[...] Mas eu gosto muuuito desse trabalho sabe. Porque é um trabalho intenso. Você levanta com problema deita de noite com problema."

Imagem 7: "Inês em seu apartamento. Ao fundo a porta aberta. Ocupação Carolina Maria de Jesus, 2019"

3.2.6 Paulista. Do trecho, da luta e da coordenação

Assim como Edna, conheci Paulista no curso de introdução ao marxismo que aconteceu na ocupação Carolina Maria de Jejus. Peguei seu contato no intervalo do curso quando ele estava junto a um grupo de moradores da ocupação Esperança. Ao contatar

Paulista, combinamos de realizar a entrevista em um sábado à tarde pois ele não tinha disponibilidade durante a semana por conta de seu trabalho. Marcamos às 16 horas em sua casa, na ocupação Esperança, mas quando eu já estava saindo de casa começou a cair uma chuva muito forte. Já no centro de Belo Horizonte quando eu estava me preparando para pegar o segundo ônibus, ele me ligou para perguntar se não preferia ir outro dia por conta da tempestade. Eu falei que poderia ir, que para mim não havia problemas e disse que iria mesmo assim. Ele então me pediu que eu ligasse para ele quando chegasse na estação e fosse pegar o terceiro ônibus rumo a Izidora. Quando cheguei na estação a chuva havia melhorado. Me assentei aguardando o ônibus e perguntei a um jovem negro, que estava sentado ao meu lado, se ele sabia onde ficava a ocupação Izidora. Eu havia estado lá antes para entrevistar Edna, mas não me lembrava em qual rua deveria descer. Este homem conversou comigo com certa dificuldade e timidez, não falando o português corretamente. Logo percebi que ele era um imigrante. Chegado o momento descemos juntos do ônibus e ele, que também morava na ocupação, foi me guiando, conversando muito pouco. Ao chegar na ocupação ele saiu andando na frente e as vezes olhando para trás para verificar se eu estava vindo. Em um certo momento quando a rua se dividiu ele apontou a direção que eu deveria seguir e fui caminhando sozinha.

Quando cheguei na ocupação Esperança, entendi o motivo pelo qual Paulista sugeriu desmarcar. Como choveu muito o dia escureceu rápido. Não havia mais luz no céu e em algumas partes da ocupação havia muita mata. A quadra 6 onde Paulista morava era muito distante da entrada da ocupação onde Edna mora, o local onde Paulista mora, é divisa da ocupação Esperança com a ocupação Vitória. Com a chuva as ruas de terra estavam todas enlameadas, algumas com grandes voçorocas. Havia morros e descidas. Por diversas vezes eu quase escorreguei e cai. Tive de andar extremamente devagar me guiando pela lanterna do meu celular. Enquanto eu caminhava Paulista me ligou novamente e disse que me esperaria na porta de casa. Chegando em sua casa, me deparei com o primeiro cômodo, a cozinha e ao fundo seu quarto. Agradeci pela disponibilidade, me apresentei explicando a ele sobre o meu trabalho e começamos a entrevista.

Paulista tem 35 anos. Nasceu em Caraguatatuba no litoral de São Paulo. Seu pai, já falecido, era pedreiro e sua mãe é pensionista. Ele veio morar em Belo Horizonte há seis anos atrás para trabalhar na área de construção civil. Paulista é operador de máquinas de asfalto. Antes de vir morar em Belo Horizonte já havia morado em diversos estados e,

em Minas Gerais, em outros municípios e cidades. Ao contar sobre sua profissão disse ser “do trecho”.

Paulista chegou na ocupação Esperança por indicação de um amigo que trabalhava em Itabirito para mineração da Vale. Neste mesmo período namorava e planejava se casar com sua ex companheira e ter um lugar para morarem juntos. A ocupação surgiu enquanto uma oportunidade, entretanto Paulista me contou que não gostou muito a princípio da ideia de ir morar em uma ocupação. Mas que mudou de ideia, bem como criou afeto pelos moradores. Explica:

> “Paulista: [...] Eu não gostei muito daqui na época né...
>
> [...] É. A visão de quem mora em ocupação é diferente das pessoas que não moram, que não tem conhecimento, acha que morador de ocupação é totalmente diferente de quem mora nos bairros mais nobres né.
>
> Marina: Acha que é o que?
>
> Paulista: É bandido, vagabundo, ladrão, assaltante, criminoso e tudo mais que as vezes num é aquilo. Aí eu achava isso. Só que porém eu fui convencido pela minha ex companheira.
>
> [...] você chegar num bairro que é novo... Tem parte que as vezes você sofre com aquilo, por exemplo, ônibus, falta de água, falta de luz, um lixeiro que não passa, mas tem alguma coisa que já é melhor. Aí você já começa tipo assim, "pô isso aqui é ruim, mas isso aqui compensa". E quando eu entrei por exemplo, eu dei esse exemplo de questão de gostar, por que tem algumas coisas que mudam, por exemplo, as vezes você chega num lugar que você é bem recebido, que você vê o carinho das pessoas, que você vê o sofrimento das pessoas, você vê de uma forma diferente.

Perguntei então, como ele havia se tornado uma liderança e se havia distinções entre ser líder ou coordenador. Paulista explicou a diferença e apontou as mudanças positivas que trouxe para local enquanto um dos aspectos que o impulsionaram a se tornar coordenador:

> Paulista: Na verdade a líder mesmo não sou eu, é a Edina. A gente faz parte de uma coordenação que ajuda a liderança né. Sou coordenador. Liderança não, líder é sempre o líder né. Tem a parte que é o líder que é o responsável que assina. Coordenador ele não assina, ele apenas ajuda.
>
> [...] quando eu cheguei aqui, o que que eu mudei, por exemplo, eu mudei a luz, que praticamente não tinha. Eu só? Não! Eu junto com mais pessoas que eu levantei pra ajudar, porque são muitos problemas. Aí vem um projeto de uma rua.... Porque você tem que tá sempre a frente colocando. Eu tenho prática com luz, alta tensão, que já é lá em cima com CEMIG e tudo mais. Eu tenho conhecimento com planejamento de urbanização né. Eu trabalhei nesse setor, nessa área, prestei serviço. Então a gente tem um pouco de conhecimento com água, porque não tem tanto segredo, né. Então isso fez eu ser escolhido pela Edina, que falou "vou colocar você como coordenador da quadra 6 pra tá

> ajudando, e vai conversando com esse pessoal, vai levando informações, vai trazendo o povo, e assim por diante".

Paulista, também fez considerações sobre a importância de ter o "conhecimento e a prática" para executar suas funções:

> [...] porque não adianta pegar você, como uma pessoa que é estudante, tem uma base... Igual a gente recebe vários alunos da PUC, da UFMG também já teve aqui dentro, e com professores né, mas a gente que vive na ocupação, a gente tem teoria e prática. A teoria que você estuda lá fora, por exemplo igual a luz, pra mim chegar lá e mexer numa instalação dessa lá, eu tenho que tá estudando, quantos volts que ela tem, o quanto de descarga que ela pode me dar... Qual tipo de equipamento vou ter que usar pra pegar naquela proteção? Então você tem que estudar, mas também tem que fazer a prática. Se você pega um aluno que vem pela primeira vez que estudou lá, e estudou, estudou, computador tudo e tal, tem seus livros tem tudo. Ela sabe quanto chega ali, mas ela nunca colocou a mão. Ela vai ter medo. Mesmo com proteção pode ter medo. E o problema é o medo, porque se você tiver o medo você nunca faz.

Contando ainda a respeito das tarefas que executa enquanto coordenador, ele expressou que a consideração que tem pelos moradores o motiva a abrir exceções, flexibilizando as normas para ajudar as pessoas mais necessitadas e vulneráveis. Conta:

> [...] existe norma pra tudo. Tem as normas, tem os termos, mas se alguém me pedir ajuda hoje às 23hrs da noite, meia noite, eu não vou aguentar ficar até amanhã às 7 horas pra mim ir lá na casa do Paulista pra ir lá chamar ele. Por exemplo, tem uma criança ali, tem uma mulher ali, não sei quem ali...e precisa.
>
> [...] Então essas coisas as vezes leva a você pensar "pô, mas a pessoa é leiga, é uma pessoa leiga". É uma mulher que nunca mexeu com nada, as vezes é uma esposa que não entende, as vezes ela mora sozinha, tem filhos, as vezes ela não consegue, as vezes ela não tem dinheiro, o dinheiro desse mês foi mal pra pagar, fazer compra, pagar as conta e não tem dinheiro pra nada. E aí você tem esse conhecimento, você vai lá e faz. Não que você é obrigado, mas que você entende e teve aquela parte né, um Deus te ajude, um obrigado, um reconhecimento.

No que diz respeito a forma como as coordenações se estruturam, ele considerou que existe uma instabilidade, argumentando que muitas pessoas abandonam a função porque "a luta é perversa" como descreve:

> [...] como se diz, essa luta é uma luta muito assim, perversa, sabe, uma luta que as vezes as pessoas não tem muita coragem. Porque coordenação você enfrenta bom, o ruim, você tá ali pra fazer o bem, mas as pessoas acham que você tá pra fazer o mau, e é muita coisa que vem pra cima da cabeça da pessoa, então você tem que estudar muito, você tem que ter muita paciência, você tem que ser calmo, tem que, né, andar sempre pelo caminho certo porque você é um espelho, querendo ou não, você é espelho. Porque se você faz o outro também tem o direito de fazer. Então isso leva a você ficar um pouco meio assim, será que né, vai dar certo... Será que eu fico, será que eu não fico... Essa questão de coordenação, a gente tem um outro tipo de voz, né. Só que o bom de tudo é

> que você ganha confiança, você ganha o carinho, você ganha o amor das pessoas, você ganha também tudo um pouco a mais...

Diante das afirmações de Paulista, indaguei o coordenador sobre como, diante das pressões vivenciadas, ele sustenta seus compromissos na ocupação. Ele afirma que "a luta vai até quando você morre":

> [...] Hoje quando você cresce, você já se torna a ser uma pessoa consciente de ti, de você mesma, você já começa uma lição de vida que foi que eu aprendi de lutar.Você já começa a lutar para dar os primeiros passinhos aí dos primeiros passinhos você começa a prender a trocar de roupa, sair, viajar com mamãe e papai, depois você já vai pra escola. Aí quando você vai pra escola você já começa a estudar, começa a aprender fazer o seu nome. Você já começa a luta aí!
>
> Aí passou de ano...? E vai vir a pergunta, o que você quer ser quando crescer? Você quer formar em que? Aí uns quer ser doutor, outros quer ser outras coisas... A luta já começa ai. Então não tem como você sair da luta.
>
> Igual o seu trabalho é uma luta! O meu trabalho é uma luta! E quando ela termina? Ninguém sabe. A luta vai até quando você morre.

Paulista também entende que um outro aspecto que o motiva a permanecer na luta, são suas indignações. Quando se depara com pessoas que como sugere, parecem não serem críticas diante da realidade social que vivem, por aceitarem tudo "o que vem lá de fora":

> Então o que me motiva a entrar na luta de hoje? É em termo de pessoas que não sabe o que é isso. Tudo o que vem de fora ele aceita. É pessoa leiga...
>
> Marina: Tudo o que vem de fora é o que?
>
> O que vem lá de fora por exemplo, vem um governo é isso mesmo, vem um presidente é isso mesmo, vem aquilo é isso mesmo, se vim pra tirar... Também é isso mesmo, se vim fazer aquilo é aquilo mesmo. E muita gente não entende que existe uma parte que você tem que entender. Por que é isso? Por que vai tirar? Onde começou o meio e o fim...
>
> Então, hoje aqui é uma ocupação que vive ai em parte com justiça, com grande governantes e tudo demais. A gente sabemos, nós ocupantes hoje, em termos do Brasil inteiro que somos pessoas que não são aceitáveis. São invasores, são tomadores de terra e é isso que hoje principalmente o governo Bolsonaro coloca né.
>
> Marina: E você acha que essas pessoas aceitam tudo o que vem de fora porquê?
>
> No ponto que eu conheço é porque não participa de nada né. Talvez não liga um rádio, talvez não liga a televisão, talvez não procura ouvir um jornal, talvez não procura ir em numa reunião, não debate... Às vezes as pessoas quando chega pra levar pra ela, escuta e finge que não ouviu, as vezes também nem quer ouvir. Talvez quer viver nos seus cantinhos, igual o pessoal de antigamente, lá nas suas casinhas lá no cantinho deles. Quando aparece gente some.

Por fim, indaguei Paulista a respeito dos movimentos sociais que atuam na ocupação. Ele afirmou fazer parte do MLB e explicitou divisões em relação a sua atuação "de dentro", em sua ocupação, com a atuação "lá fora" do MLB:

> Marina: Tem movimentos sociais que atuam aqui?
>
> Paulista: Tem. Não dá pra lembrar de todos assim, mas o que a gente convive assim na mente... Nós temos a UP que é nosso partido hoje, junto com MLB. Não lembro se tem mais alguns.
>
> Marina: Você faz parte deles?
>
> Paulista: Faço. Faço parte do MLB. E hoje eu faço parte também da UP.
>
> Marina: Você é militante?
>
> Paulista: Faço parte hoje né. Sempre quando posso eu tô junto com eles, mas eu tô devendo muito as vezes né.
>
> Marina: E como você conheceu?
>
> Paulista: Aqui dentro. Fazendo trabalho aqui dentro da ocupação.
>
> Marina: E como foi?
>
> Paulista: É, eles chamaram né, porque já tem amigos que já é de dentro né. Aí fez o convite pra participar com eles, aí tamo juntos. Só que porém eu não atuo com eles lá fora. Mas aqui dentro, sempre quando dá sim. E quando tem ato lá fora também. Chama, procura e a gente tá junto. Eu também tô com eles. Não direito igual eles andam sempre fazendo suas tarefas, porque também eu tenho daqui da ocupação, então ficaria muito cansativo e puxado pra mim.
>
> Marina: E você escolheu atuar pelo MLB por algum motivo específico?
>
> Paulista: Não. Por fazer parte da luta mesmo né. Porque querendo ou não já é política né. Essa parte de você tá convivendo no dia a dia. É uma questão de você viver luta e política. Porque hoje a gente vive a política. Querendo ou não tudo o que você faz é política.

Nas descrições expostas, foram apresentados alguns aspectos das trajetórias de vida de Maura, Poliana, Edinho, Edna Inês e Paulista, lideranças e coordenadores do MLB, que embora tenham vivenciado diferentes experiências no decorrer na vida, ao mesmo tempo exibem ter muito em comum. Na sessão seguinte desenvolverei tal questão.

3.4 A origem social

De forma provocativa, Jessé Souza (2009) usa o termo "ralé estrutural brasileira", para chamar a atenção para a invisibilidade social, analítica e política de uma classe social que integra cerca de 1/3 da população brasileira e que se encontra abaixo das expectativas dos princípios de dignidade. Ao abordar sobre a constituição desta classe

condenada ao fardo de destinos similares, de se tornarem "corpos" mal pagos e explorados, Souza (2009) critica o que compreende enquanto senso comum. Seria a ideia de que as causas da constituição e reprodução da "ralé brasileira" estariam restritas apenas às causas longínquas como, por exemplo, a "herança da escravidão"[57] e "500 anos de desigualdade", atreladas a discursos fatalistas e eufêmicos que escamoteiam e relaxam responsabilidades, contribuindo para a naturalização e legitimação de tal desigualdade.

Ao conhecer um pouco sobre a trajetória de vida de Maura, Poliana, Edinho, Edna, Inês e Paulista e suas origens familiares, vislumbram-se histórias de vida que compõem a constituição e a reprodução do que Souza (2009) chama de "ralé brasileira". Palavras como "dificuldades", "difícil", "duro", "escassez", "sacrifício", "viver de favor", "aluguel", "busca" e "instabilidade", foram expressas por diversas vezes em suas falas, demonstrando o fardo comum existente no percurso de vida destas pessoas e de seus antecedentes, pais, mães, avós e avôs.

Maura, uma mulher negra de origem periférica, ao falar sobre seu passado contou sobre o contexto social das periferias por onde viveu, afirmando que ao se deparar com pessoas muito pobres em um território sem recursos, onde a maioria da juventude estava envolvida com uso e venda de drogas e conflitos oriundos do narcotráfico, sem outras perspectivas, se questionava com uma premeditada e temida resposta "o que nós vamos fazer aqui? Morrer né". Outro aspecto marcante de sua vida foi expresso quando usou a metáfora "vida de cigano", demonstrando a instabilidade que ela junto de sua família vivenciou, pelo fato de terem morado em casas de aluguel, tendo que se mudar com muita frequência.

Poliana, assim como Maura também demonstrou ter tido uma "vida de cigano". O incomodo de ter tido uma "vida de cigano" expresso por ambas, conferem o que Caldeira (1984) observou na etnografia realizada em um bairro periférico de São Paulo, que a possibilidade de ter uma casa própria, possibilita aos trabalhadores pobres se desacorrentar do aluguel, escapar do cortiço e favela, podendo viver de uma maneira mais digna e mais penosa, mas também significa apreciar corretamente a sociedade e os valores que ela oferece, conforme descreve:

> "Em uma sociedade capitalista, ser proprietário é um valor em si mesmo. Neste sentido a casa representa parte da realização de um projeto de ascensão social:

> ser proprietário, estar no que é seu, não depender de aluguel; significa uma interação mais efetiva à cidade, e é uma das marcas de que se conseguiu melhorar. A casa confere dignidade a quem possui. (CALDEIRA, 1984, p. 108)".

O percurso de Poliana foi marcado por diversas mudanças de casas, desde a casa de seus avós, um albergue no Rio de Janeiro até viver de favor em casa de parentes. Tal instabilidade se deu por conta das inúmeras dificuldades financeiras pelas quais sua mãe vivenciou para criar sua família, tendo já trabalhado enquanto vendedora ambulante nas ruas. Diante dos sacrifícios e dificuldades de sua mãe, Poliana teve que deixar de frequentar a escola, conseguindo concluir apenas a oitava série.

Já Edinho, Edna e Inês são pessoas que junto às suas famílias, vivenciaram o êxodo rural migrando com seus pais de suas cidades no interior de Minas Gerais para Belo Horizonte. Edinho, de Araçuaí, Vale do Jequitinhonha, que cresceu escutando que a região que vivia era o "Vale da Fome", migrou para Belo Horizonte em um contexto de crise econômica na década de 1990. O fim de um projeto de agricultura familiar ao qual seus pais integravam contribuiu com a instabilidade financeira de sua família. Além disso, com a automatização do campo, as migrações sazonais de trabalhadores para os canaviais ocasionaram uma considerável queda na renda circulante da região onde vivia com sua família e, como consequência, o estimulo de migração. Desta forma, vieram todos viver em Santa Luzia, região metropolitana de Belo Horizonte em busca de oportunidades, onde moraram "meio de favor" na casa de um parente até se mudarem para a ocupação Esperança, que integra as ocupações da Izidora.

Edna, também de Araçuai, mudou-se para Belo Horizonte ainda criança. O motivo da mudança de sua família, que obtinha o sustento do trabalho na roça, se deu pela escassez com a qual se depararam, ocasionada pela instabilidade das chuvas. A migração de sua família para a capital foi marcada por muitas dificuldades e sacrifícios conforme descreveu. Todo o dinheiro destinado a pagar contas e ao sustento básico de sua família, impossibilitava seu pai de algum dia vislumbrar a possibilidade da compra de um lote. Desta forma, viveram ao longo dos anos pagando aluguel. Em um certo período em que sua mãe adoeceu, Edna assim como Poliana também teve que abandonar os estudos para trabalhar de empregada doméstica para ajudar financeiramente sua família, conseguindo voltar a estudar somente depois de muitos anos.

Inês, assim como Edinho e Edna veio também do interior de Minas Gerais para Belo Horizonte ainda muito jovem. As dificuldades financeiras de seus pais que trabalhavam na roça motivaram a busca por melhores condições, mas ao chegarem em Belo Horizonte também se depararam com muitas dificuldades. Tiveram que morar em baixo de uma casa de lona em um pedaço de um lote cedido enquanto favor, bem como passaram fome e tiveram de pedir esmola nas ruas para sobreviverem.

A falta de perspectivas daqueles que antes tiravam seu sustento da roça foi expressa por Edinho que atrelou a queda de renda circulante com a automatização do campo e as migrações sazonais de trabalhadores para os canaviais. Já Edna e Inês justificaram que a vida na roça era "difícil", mas ao serem indagadas pelo motivo, não expressaram outros detalhes. Edinho, Edna e Inês são três exemplos que permeiam alguns aspectos que embora sejam referentes a diferentes gerações e regiões de Minas Gerais, podem ser relacionados.

Augusto (2011) ao analisar os aprendizados políticos, saberes e valores adquiridos por lideranças camponesas do sertão do Norte de Minas Gerais nas últimas três décadas, observou o quanto os processos migratórios marcaram a vida destas pessoas. A autora descreve a experiência da migração enquanto parte constitutiva da experiência geracional de populações pobres no século XX, entre as décadas de 50 e 80, observando que este processo migratório foi reflexo de conflitos pela resistência e permanência na terra e que, embora marcadas por diferenças, se ligam, em ambas as situações, por dois componentes:

> "Os elos do trabalho e da família na vida camponesa não se separam. O trabalho reproduz a família, quando assegura a ampliação da propriedade na extensão das necessidades de sobrevivência de todos os seus membros. Nessas circunstâncias, muitas vezes, a migração é estratégia de sobrevivência, uma maneira de "manter o jeito de viver", que se impõe. (AUGUSTO, 2011, p. 143)"

Moura (1993), ao pesquisar as dramáticas transformações das relações sociais no nordeste de Minas Gerais, no Vale do Jequitinhonha, percebe a fazenda, a grande propriedade, em última instância enquanto responsável pelo êxodo rural. De acordo com a autora, as mudanças na estrutura fundiária e nas relações sociais de produção ocasionaram a expulsão dos agregados e suas famílias dos pedaços de terras (sítios) em

que cultivavam no interior da fazenda. A partir de 1950 dois fatores simultâneos foram vistos enquanto significativos marcos de transformação na região:

> “o fazendeiro do Jequitinhonha reencontra no gado leiteiro e de corte a possibilidade de gerar pré-condições para um ciclo de acumulação; com isto está se iniciando ao mesmo tempo a expulsão do agregado e a suspensão da licença para plantar ao sitiante. Esse processo de expulsão/exclusão pode justificar-se no discurso do fazendeiro como "medo das leis sociais" ou por uma total dissimulação da questão. Vê-se que ele não deseja difundir o pagamento do salário a indivíduos que para ele venham a trabalhar, como alternativa à mudança que se esboça.
>
> Como no trecho seguinte de uma entrevista com um fazendeiro:
>
> "Porque alias desde as leis CLT de 1946 a coisa é assim: para o trabalhador ter carteira, salário etc... Só em 1963 começou e hoje já está começando os empregados a conhecer o que as leis dizem e começa essa, digamos, rebeldia e o proprietário tem medo das leis sociais, não quer se envolver e prefere mandar o camarada embora por conta própria trabalharem Belo Horizonte...Eu tenho medo das leis trabalhistas... (MOURA, 1993, p. 16)”

A reprodução camponesa no Vale do Jequitinhonha sempre esteve intrínseca a dependência do acesso a faixas de terra na grande propriedade. O pai de família deixava os filhos trabalhando na roça nas proximidades da casa, enquanto este trabalhava a roça no interior da fazenda. A casa e a roça em termos econômicos consistiam uma unidade de onde se provinham os produtos para as despesas das famílias. Porém, com ampliação dos pastos para o gado e a proibição da “licença para plantar” na grande fazenda, os agregados são expulsos gerando grandes transformações (MOURA, 1993, p. 16).

Ao verificar estes processos, Moura (1993) destacou quatro fases vivenciadas por estas famílias:

> 1° momento- roça controlada pelo pequeno produtor e sua família/roça controlada pelo fazendeiro, mas com "licença para plantar"
>
> 2°momento- roça controlada pelo pequeno produtor e sua família/pagamento do trabalho à base de jornada.
>
> 3° momento roça controlada pela família do pequeno produtor/salário urbano ou rural, pai de família (Belo Horizonte, São Paulo)
>
> 4° momento- /salário urbano ou rural do pai de família e de outros membros da família em Belo Horizonte, São Paulo ou mesmo outro estado. (MOURA 1993, p. 22).

Ao ser suprimida para muitos a roça nas terras da fazenda, restou então a estes pais de família e filhos, o trabalho esporádico e mal remunerado. Na tentativa de se comprometerem com as despesas de suas famílias saíram então em busca do trabalho proletário em outras cidades como Minas Gerais e São Paulo.

Perpassando por estes históricos de vida que remontam às décadas anteriores e se relacionam, é notório o fato de que décadas após décadas reproduzem-se deserdados da terra. À luz deste aspecto, Souza (2009) considera o discurso do "tempo longínquo" enquanto fatalista, quando tais afirmações vêm atreladas a justificativas sobre as impossibilidades de se solucionar algo pragmaticamente por ser antigo, enraizado. Para o autor estes argumentos seriam uma "violência simbólica" que vem sendo reproduzida cotidianamente através de meios "modernos" e especificamente simbólicos.

No que diz respeito a existência destas violências simbólicas, o autor chama atenção para a inexistência de políticas e consensos focados no planejamento e execução da reversão de quadro social de desigualdades. Diante das trajetórias de vida aqui descritas, questiono: quais foram as oportunidades que os pais destas pessoas entrevistadas e estes tiveram, não fosse a luta que travaram dentro de associações comunitárias ou de um movimento social para conseguirem sair do aluguel e ter uma casa própria e uma vida mais digna? Quais oportunidades jovens como Maura e Edinho que viram seus semelhantes trilhando o caminho marcado pelo conflito do tráfico tiveram, não fosse por exemplo a disposição de Maura que se inseriu em coletivos e promoveu movimentos culturais relacionados ao Hip Hop onde vivia? E Edinho que se encantou pelas oficinas áudio visuais oferecidas por militantes do MLB e a partir de então se deparou com outras possibilidades?

A ralé brasileira, bem como analisa Jessé Souza (2019), é invisibilizada diariamente enquanto classe de gênese e destino comum, porém é lembrada pela sociedade no debate público apenas enquanto, conforme descreve o autor:

> "um conjunto de "indivíduos" carentes ou perigosos, tratados fragmentariamente por temas de discussão superficiais, dado que nunca chegam sequer a nomear o problema real, tais como "violência", "segurança pública", "problema da escola pública", "carência da saúde pública", "combate à fome" etc. (SOUZA, 2009, p. 21)"

Um outro fator que encobre esta realidade e os conflitos sociais vinculados reproduzindo violências simbólicas se dão, de acordo com Souza (2019), pela crença no economicismo que determina a percepção da sociedade enquanto composta por um conjunto de *homo economicus*, sujeitos racionais que com as mesmas oportunidades, disposições de comportamento (disciplina, autocontrole e autorresponsabilidade), calculam suas chances em uma luta social por recursos escassos. Desta forma, é diante desta visão distorcida do mundo que pessoas marginalizadas são consideradas enquanto portadoras das mesmas capacidades e disposições de comportamento de indivíduos de classe média, conforme argumenta:

> "Como toda visão superficial e conservadora do mundo, a hegemonia do economicismo serve ao encobrimento dos conflitos sociais mais profundos e fundamentais da sociedade brasileira: a sua nunca percebida e menos ainda discutida "divisão de classes". O economicismo liberal, assim como o marxismo tradicional, percebe a realidade das classes sociais apenas "economicamente", no primeiro caso como produto da "renda" diferencial dos indivíduos e no segundo, como "lugar na produção". Isso equivale, na verdade, a esconder e tornar invisível todos os fatores e precondições sociais, emocionais, morais e culturais que constituem a renda diferencial, confundindo, ao fim e ao cabo, causa e efeito. Esconder os fatores não econômicos da desigualdade é, na verdade, tornar invisível as duas questões que permitem efetivamente "compreender" o fenômeno da desigualdade social: a sua gênese e a sua reprodução no tempo. (SOUZA, 2009, p. 18)".

Ao falar sobre fatores e precondições sociais, emocionais, morais e culturais, distanciando-se de fatores exclusivamente econômicos da desigualdade, Souza (2009) argumenta que mesmo que as classes altas monopolizem o poder econômico, seus filhos, por exemplo, só serão privilegiados se herdarem também o "estilo de vida" de seus pais através de construções "afetivas" e pré-reflexivas, um processo que seria a base para a compreensão da dinâmica social, mas que geralmente tem sido ofuscado.

Diante disso, quais seriam as heranças desta "ralé"? Conforme visto, sua constituição não seria apenas econômica, social e política, mas também existencial e moral. De acordo com Souza (2009) a fragilidade desta classe formata então uma percepção de suas "escolhas", consequentes de circunstâncias adversas e não desejadas como "escolhas livres", mas que ao contrário, "racionalizações" da ausência de outras opções diante de circunstâncias aos quais não se tem controle. Desta forma, este contexto para a "ralé" seria, como descreve Souza, disruptivo e tende à reprodução de sua própria exclusão:

> "Para quem é premido por necessidades de todo tipo ligadas à sobrevivência imediata, o mundo do "aqui e agora", como no caso da "ralé", a vida é toda marcada pela precariedade e escassez. Não tendo recebido dos pais em casa estímulos corporificados em exemplos concretos, condenados ao fracasso escolar, os jovens da "ralé" são jogados muito cedo, frequentemente desde os nove ou 10 anos, na competição social sem qualquer preparo. Disponível para aceitar qualquer trabalho precisamente porque não está preparado para exercer nenhum, toda a vida é posta sob o signo da arbitrariedade. Num contexto de desemprego estrutural como o brasileiro, a própria colocação em atividades mal pagas e com baixo reconhecimento social é sempre muito difícil. O recurso às poucas "relações sociais", ao "pistolão", se explica nesse contexto de luta interna de todos contra todos entre os próprios despossuídos. (SOUZA, 2009, p. 415)".

Ainda em relação às perspectivas desta classe, de acordo com o autor:

> "Apesar de essa classe ser efetivamente explorada por outras classes que podem comprar o privilégio de não se envolver cotidianamente com atividades que exigem muito tempo e esforço corporal, esse tipo de trabalho incerto, precário, mal pago e desvalorizado marca toda a vida e todo o comportamento de seus membros. Como a prisão no "aqui e no agora" das necessidades primárias de sobrevivência impede qualquer cálculo racional de probabilidades reais, toda a vida é vivida como "jogo de azar", comandada por subjetividades poderosas" (SOUZA, 2009, p. 417)".

Mesmo diante de tantas adversidades e impossibilidades estancadas em suas vidas, a trajetória de Maura, Poliana, Edinho, Edna, Inês e Paulista e o caminho que traçaram demonstra, que cada um à sua maneira, em um dado momento de suas vidas, recusaram os "jogos de azar", comandados por subjetividades poderosas" e as crenças vinculadas à ideologia da meritocracia, de que no mundo moderno as oportunidades são iguais para todos. A partir de uma percepção realista de suas vidas, muito potencializada pelo percurso de lutas que travaram em comunhão com outros semelhantes vivendo em ocupações urbanas e a atuação em um movimento social, puderam apostar na criação de outras possibilidades e perspectivas que forjaram em suas vidas. Se perceberam enquanto pessoas oprimidas e subjugadas mas também enquanto sujeitos agentes com capacidades transformadoras através das lutas pelos seus direitos negados.

3.4.1 A "chave que virou"

Maura, antes de ir morar em uma ocupação urbana e ser militante de um movimento social, não naturalizava ou se conformava com a realidade que vivia. Desde jovem buscou se movimentar nos territórios aos quais viveu por acreditar que sua ação tinha uma capacidade transformadora. Já Poliana, desde nova questionava-se a respeito das desigualdades, não achando justo o que vivenciava. Entretanto, só foi encontrar respostas para suas reflexões a partir de suas experiências ao ocupar um terreno e se engajar no MLB.

Ambas me contaram a respeito das desigualdades sociais existentes, demonstrando que mesmo diante de muitos esforços individuais, inúmeros obstáculos e impossibilidades sempre surgem para pessoas que são pobres:

> "Mas a minha história é bem essa assim, eu trabalhei em muitos lugares eu sempre tive uma vontade de entender o mundo de alguma maneira e não entendia. Então eu sempre e fiz a pergunta assim, porque tem esse tanto de terra vazia? Principalmente quando a gente viajava e tinha uma imensidão de terra. E a minha mãe não tem uma terra? Isso era uma pergunta frequente na minha cabeça, uma outra pergunta era, porque as minhas primas tem um quarto e eu não posso ter um quarto? Eu não achava reposta pra essas coisas né. A minha mãe trabalha, o meu pai trabalha, porque eu não posso ter?
>
> [...] O meu avô, que a gente morava com ele na infância, ele tinha uma terra em Ibirité, e tinha uma casa muito ruim, muito velha antiga, mas ele tinha um pedaço grande ali tipo tinha um pomarzinho, um lugar que ele plantava ali e tal. Não era uma fazenda um sítio, mas era um lugar que ele podia construir casa para os filhos por exemplo. E ai ficava do lado de uma propriedade de um cara muito rico em Ibirité, chamado Doutor Elias, e ai esse cara ofereceu pro meu avô um lote em troca da terra toda mas com dois cômodos construídos. E meu avô trocou tudo o que tinha por esses dois cômodos construídos porque ele tinha medo da casa dele cair na cabeça dos filhos. Então eu me questionava sobre isso o tempo todo. Porque meu avó precisa aceitar dois cômodos e ai agora a minha mãe não pode nem construir porque não cabe no terreno, podia ter construído lá?" (Poliana, 2019)"

Ao questionar Maura sobre o que fazia com que as pessoas permanecessem frequentando as reuniões de núcleo do MLB por meses e as vezes anos, para que um dia tivesse a oportunidade de ocupar um terreno, sem desistir, ela também toca no aspecto das desigualdades:

> "[..] Por exemplo, o que prendeu ela (sua mãe) três anos nessas reuniões né? Cara, é você apresentar a conjuntura. Você apresentar a realidade para as pessoas "o que o aluguel te deu até hoje? Você dá a conta ali pra pessoa. Você fala: Você trabalha, você tira x pra comer, você tira x pro aluguel, que horas você vai comprar a sua casa? Qual que é o sobradinho? O que vai sobrar pra

> você ter uma casa? Sabe, você convence a pessoa com a conjuntura nossa, você mostra a realidade pra elas, olha o preço do aluguel!
>
> Antes da gente ir pra ocupação a gente pagava R$650,00 reais de aluguel numa casa insalubre que tinha duas janela sabe, um quarto era do tamanho desse banheiro aqui. E ai você convence as pessoas. "Você tá dando R$600,00 nisso pro resto da sua vida, é isso que você quer? Enquanto tem gente ai explorando, pegando seu dinheiro. Tá cheio de imóvel vazio ai, fazendo nada, sem cumprir a função social e você ai pagando aluguel pro resto da sua vida. Você vai comprar que dia? Você acredita que você vai comprar uma casa trabalhando? Pobre... Vai comprar como?
>
> [...] Você faz uma luta política muito forte, porque as pessoas entender que não tem prefeito ajudando, não tem governador, não tem nada, são elas por elas. (Maura, 2019)"

Os questionamentos de Poliana e as críticas de Maura exibem diversos aspectos e facetas do "princípio meritocrático", que de acordo com Souza (2009), se sustenta nas sociedades modernas ocidentais ou ocidentalizadas através da separação do indivíduo da sociedade, em conformidade com a "ilusão" da ausência da existência de uma dominação social injusta. Assim, a definição de "justiça social" moderna consiste na premissa de que não se tratam todos de modo igual, mas que cada um receberia o que é de seu próprio mérito. À luz destes aspectos, Souza argumenta:

> "Nesse sentido, toda determinação social que constrói indivíduos fadados ao sucesso ou ao fracasso tem que ser cuidadosamente silenciada. É isso que permite que se possa culpar os pobres pelo próprio fracasso. É também o mesmo fato que faz com que todo o processo familiar, privado, invisível e silencioso, que incute no pequeno privilegiado as predisposições e a "economia moral" — o conjunto de predisposições que explicam o comportamento prático de cada um de nós — que leva ao sucesso — disciplina, autocontrole, habilidades sociais etc. —, possa ser "esquecido". O "esquecimento" do social no individual é o que permite a celebração do mérito individual, que em última análise justifica e legitima todo tipo de privilégio em condições modernas. É esse mesmo "esquecimento", por outro lado, que permite atribuir "culpa" individual àqueles "azarados" que nasceram em famílias erradas, as quais só reproduzem, em sua imensa maioria, a própria precariedade. Como, no entanto, o social, também nesse caso, é desvinculado do individual, o indivíduo fracassado não é discriminado e humilhado cotidianamente como mero "azarado", mas como alguém que, por preguiça, inépcia ou maldade, por "culpa", portanto, "escolheu" o fracasso." (SOUZA, 2019, p. 43).

A ideologia do mérito então, segundo Souza (2009) esconde o "caráter de classe" através de suas múltiplas manifestações e dimensões que sustentam a dominação. O sentimento de culpa de fracasso e incapacidade destes sujeitos minam a autoconfiança e a estima social. É desta forma que se veem cercados pelas urgências das necessidades

primárias de sobrevivência em uma vida de "jogo de azar", guiada por subjetividades poderosas.

De acordo com os "princípio meritocráticos" e a definição de "justiça social" incrustradas em nossa sociedade, cada um conquista o que é de próprio mérito. Todavia, como Poliana já muito jovem questionava: "A minha mãe trabalha, o meu pai trabalha, porque eu não posso ter?", e Maura relembra em diálogo com sem tetos: "Você acredita que você vai comprar uma casa trabalhando? Pobre... Vai comprar como?" Elas apresentam aqui o desvelar das consequências da separação do indivíduo da sociedade, de acordo com a ideologia meritocracia criticada por Souza (2009). Este desvelar foi como a "chavinha que virou" para Poliana quando entendeu os motivos pelos quais mesmo que seus pais trabalhassem ela não poderia ter um quarto, conforme contou:

> "Poliana: Quando eu consegui dar resposta porque que tinha um tanto de terra vazia e a minha mãe não tinha casa... Aquilo cresceu em mim um ódio interno... Tão grande...
>
> Marina: Qual foi essa chavinha?
>
> Poliana: Foram as formações né. E pra mim os principais espaços de formação são as assembleias. Então foi em uma assembleia. Eu não me lembro exatamente quem falou, Mas quando explicou isso, olha, pra ter fome é preciso ter desempregado, e foi nessa lógica né. Pra ter aluguel é preciso que tenha pessoas sem casa. Porque que tem que ter pessoa sem casa? Porque alguém precisa ganhar em cima das pessoas que não tem casa. Por isso que tem terra vazia, porque tem que ter mesmo, terra vazia pra que tenham os sem casa para que alguém ganhe em cima disso." (Poliana, 2019).

Observa-se que a indignação e o conhecimento que surgiu diante das lutas travadas por Maura e Poliana colocaram sob ruínas em suas vidas os "discursos fatalistas" tão criticados por Souza (2009). Estes mesmos "discursos fatalistas" foram já denunciados por Freire (2000) em suas obras, sobretudo em "Pedagogia da Indignação". Poliana e Maura assim como Edinho, Edna, Inês e Paulista são um exemplo de "seres capazes de intervir no mundo e não só de a ele se adaptar", como ensina Freire (2000):

> "A consciência do mundo, que viabiliza a consciência de mim, inviabiliza a imutabilidade do mundo. A consciência do mundo e a consciência de mim me fazem um ser não apenas no mundo mas *com* o mundo e *com* os outros**.** Um ser capaz de intervir no mundo e não só de a ele se adaptar. É neste sentido que mulheres e homens interferem no mundo enquanto os outros

> animais apenas *mexem* [58]nele. É por isso que não apenas temos história, mas fazemos a história que igualmente nos faz e que nos torna portanto históricos.
>
> Mas, se recuso, de um lado, o discurso fatalista, imobilizador da história, recuso, por outro lado, o discurso não menos alienado do voluntarismo histórico, segundo o qual a mudança virá porque está dito que virá. No fundo, são ambos estes discursos negadores da contradição dialética que cada sujeito experimenta em si mesmo, de, sabendo-se objeto da história, tornar-se igualmente seu sujeito.
>
> Saliente-se que o discurso da impossibilidade da mudança para a melhora do mundo não é o discurso da *constatação* da impossibilidade mas o discurso ideológico da inviabilização do possível. Um discurso por isso mesmo, reacionário; na melhor das hipóteses, um discurso desesperadamente fatalista. (FREIRE, 2000, p. 20)".

Considerando o exposto por Maura, que diante de uma realidade onde "não existe prefeito ajudando, não tem governador, não tem nada" e que "são elas por elas", questiono: o que moveu estes sujeitos aqui pesquisados a ocupar um terreno, se engajarem e permanecerem em um movimento social? A realidade a qual viviam, a indignação a inconformidade e sentimentos como raiva, ódio, amor e compaixão pelos seus semelhantes. Retomo aqui alguns trechos de frases expostas pelos entrevistados para ilustrar tal questão. A mesma raiva que Poliana descreveu foi expressa de forma enfática por Maura, que ao ser questionada sobre os motivos que a fez entrar pelo MLB, falou sobre o ódio que sente:

> "Marina: Porque você entrou no MLB?
>
> Maura: Porque eu acho que eu tinha muito ódio. Eu acho que eu entrei no MLB por ódio. Eu tinha muito ódio da situação que eu vivia e das outras pessoas. Eu tinha muito ódio de não ter nada! De não ter nada! De viver trinta anos e não ter nada!!! Nunca consegui ter nada e vivia na ilusão e ver meus amigos na ilusão de que eles tinham alguma coisa sabe, totalmente rendidos ao capitalismo. É ódio! Eu acho que foi o ódio, essa é a frase. Porque você entrou? É porque eu tenho ódio no coração (risos) Olha que lindo. (risos)
>
> Eu fiquei porque eu tenho ódio no coração. E é só assim que você consegue sabe, não é hãããn... sendo bom não. Você tem que ter raiva! Porque a raiva move a gente pra mudar as coisas. Como você desperta as pessoas da ocupação? É fazendo elas ficar com ódio do governo. Você faz elas ficarem com ódio da situação que elas vivem. "Porque a galera lá tem parque, tem cinema o tempo todo e vocês tá aqui? Porque?"

[58] Aqui me distancio de Freire quando afirma que animais "apenas mexem" no mundo. Obras de autores como por exemplo Ingold (2012) e Tsing (2015) podem contrapor tal concepção. Ingold (2012) argumenta que não é apenas a mente que possui atributos intervencionistas, mas as coisas de modo geral e o que estas o fazem ao longo dos caminhos que seguimos à medida que traçamos os fluxos de materiais do ASO. Já Tsing (2015), ao abordar a natureza humana enquanto uma relação entre espécies, realizou uma etnografia dos cogumelos. Nesta pesquisa a autora argumenta que não se pode ignorar as interdependências entre espécies que dão vida aos humanos na Terra e que nela intervém.

> [...] “Que casa que é essa que você tem, um barraco de telha? Caindo aos pedaços... “Tem Que fazer as pessoas ter ódio. Ódio motiva a gente pra luta. Tá vendo as pessoas falam que ter ódio é ruim. (risos) Né não.” (Maura, 2009).

Já as dificuldades que Edna e Inês vivenciaram desde crianças, vendo as enormes dificuldades de seus pais, sobretudo Inês que chegou a ter de pedir esmola nas ruas, moveram ambas a se engajarem na luta por moradia e ingressarem no MLB. Quando elas olham para os outros sentem também indignação e compaixão, se colocando na pele do próximo ao se lembrarem do que já viveram enquanto crianças e adultas, conforme descreveram:

> “E eu venho carregando na bagagem.... Onde eu vejo um oprimido eu tô ali pra tomar a dor dele. (risos) São duas coisas que eu fui muito. Oprimida e passei fome. Então se falar, fulano não tem o que comer eu fico doida para arrumar um cesta, sabe eu não consigo ver ninguém com fome e nem ninguém sendo oprimido. É duas coisas que assim, eu não suporto mesmo sabe. Então isso é duas bandeiras que eu carrego mesmo.” (Inês, 2019).

Já Edna afirmou:

> “Eu entrei nessa luta quando eu vi várias famílias com a necessidade de uma moradia pra morar, uma moradia digna que competisse aquelas famílias, aqueles pais de família chorando, sem ter onde recorrer, e eu entrei e acabei entrando nesta luta e aqui estou.
>
> [...] eu olhava para aqueles pais, aquelas mães de família, aqueles adolescentes, as crianças e isto comoveu muita gente e no meu caso eu falei “Meu deus em dá força pra mim poder ajudar. Eu preciso de ajuda, mas eu preciso também ajudar...” (Edna, 2019).

Freire (1970) compreende que os sentimentos aparentemente ambíguos, a raiva que move a rebelião e o amor, são catalizadores para a realização de ações genuinamente éticas e humanas. Ambos se alimentam e tem potenciais positivos, conforme argumenta:

> “Na verdade, porém, por paradoxal que possa parecer, na resposta dos oprimidos à violência dos opressores é que vamos encontrar o gesto de amor. Consciente ou inconscientemente, o ato de rebelião dos oprimidos, que é sempre tão ou quase tão violento quanto a violência que os cria, este ato dos oprimidos, sim, pode inaugurar o amor. (FREIRE, 1970, p. 44)”.

Edinho também, ao ser questionado sobre os motivos que o fazem permanecer atuando no MLB, fala que diante de uma difícil conjuntura socio política é preciso

permanecer em luta "por amor" e que esse amor sustenta a dedicação e o compromisso:

> "Então as pessoas as vezes saem por medo de repressão, medo de estar em uma organização de esquerda, medo de se dedicar, daquilo exigir mais dela, e a conjuntura exige mais da gente. Acho que a conjuntura vem moldando a gente. E isso é uma das coisas que faz a gente tá no movimento hoje. Acho que tem que tá por amor, porque se você não tá por amor, e se você não tá por amor você também não vai tá no negócio. E se não tá 100% para aquilo você não vai tá. Às vezes o 1% vai te tirar daí, vai te tirar em algum momento sabe, você vai acabar saindo da luta. (Edinho, 2019)".

Dá mesma forma, ao ser questionada sobre porque é militante, Inês demonstra o amor pela sua militância dentro do MLB, exprimindo o quanto é comprometida com suas tarefas:

> "Ah, porque eu penso num todo mesmo, sabe. Penso num todo. E assim, eu não sou muito de falar em reunião, mas com as famílias eu falo o dia todo. O dia inteiro... Quando não tem um problema eu procuro um para resolver sabe. (risos) É a coisa que eu gosto mesmo, eu amo fazer o que eu tô fazendo. A chance que o MLB me deu de fazer esse trabalho. Nossa, não tem dinheiro que pague. Não tem mesmo, é uma coisa que eu adoro fazer. Adoro lhe dar com as famílias, adoro conversar, tentar ajudar a resolver os problemas. O meu mesmo fica ai (risos) mas os dos outros eu tô tentando resolver. (Inês, 2019)".

As percepções de Edinho, que argumenta que deve-se estar "100%" para uma causa, mesmo diante de contextos de repressão, e o compromisso e dedicação de Inês, confluem com o que Freire compreende, enquanto uma característica essencial que compete a quem tem amor por uma causa:

> "[...] porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico. (FREIRE, 1970, p. 45)".

E complementa:

> "Como ato de valentia, não pode ser piegas; como ato de liberdade, não pode ser pretexto para a manipulação, senão gerador de outros atos de liberdade. A não ser assim, não é amor. Somente com a supressão da situação opressora é possível restaurar o amor que nela estava proibido. Se não amo o mundo, se não amo a amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo. (FREIRE, 1970, p. 45)".

A propósito de Freire (1970), destaco aqui o conceito de “compromisso dialógico”, que é relevante para compreender a forma como as pessoas entrevistadas foram forjando suas lutas e o papel que exercem deste então dentro do movimento social. Ao me lembrar do que algumas pessoas entrevistadas afirmaram, quando disseram que ao se engajaram na luta não viram o tempo passar, e que ainda não veem, suponho que esta sensação é um dos resultados das relações que se estabeleceram dentro do MLB com a chegada destes sujeitos, relações estas que não se restringiram a momentos onde sujeitos “depositavam ideias” sobre os outros. Mas ao contrário, parecem não ter visto tempo passar por estarem inseridos em “compromissos dialógicos”, perspectiva que desenvolverei a seguir.

4. O MLB EM SUAS MÚLTIPLAS DINÂMICAS

4.1 O compromisso dialógico em movimento no MLB: ação e reflexão

Streck (2009), ao abordar sobre as influências e inspirações que os movimentos sociais trouxeram para as obras de Paulo Freire, analisa os movimentos sociais enquanto lugares de constituição de homens e mulheres que dizem sua palavra, "seu grito" conforme descreve:

> "A ética universal do ser humano, proposta por Freire, tem como ponto de referência o outro que, mesmo silenciado, faz ouvir o seu grito. Nesse sentido, os movimentos sociais populares são considerados por ele como a grande escola da vida. Neles, a ação por melhorias concretas em seu bairro ou das condições de vida anda de mãos dadas com a reflexão sobre o seu entorno e sobre estratégias de luta. "É por esse caminho, diz Freire, que o Movimento Popular, vai inovando a educação." (FREIRE; NOGUEIRA, 1989, p. 66). Eles são uma força instituinte nas práticas educativas." (STRECK 2009, p. 10).

No que diz respeito às práticas educativas, Freire (1970), ao abordar sobre a essência do diálogo enquanto fenômeno humano, situa a palavra enquanto constituinte desse processo, sendo suas dimensões: ação e reflexão, interativas e dependentes. Freire compreende que não há palavra verdadeira que não seja a práxis, diante de sua potencialidade de transformar o mundo, conforme argumenta:

> "A palavra inautêntica, por outro lado, com que não se pode transformar a realidade, resulta da dicotomia que se estabelece entre seus elementos constituintes. Assim é que, esgotada a palavra de sua dimensão de ação, sacrificada, automaticamente, a reflexão também, se transforma em palavreria, verbalismo, blablablá. Por tudo isto, alienada e alienante. É uma palavra oca, da qual não se pode esperar denúncia do mundo, pois que não há denúncia verdadeira sem compromisso de transformação, nem este sem ação." (FREIRE, 1970, p. 44).

Freire (1970) considera o diálogo uma exigência existencial onde se relacionam o refletir e o agir dos sujeitos dispostos a transformar e humanizar o mundo. Porém reitera que tal relação não deve-se reduzir a um ato onde um sujeito apenas deposita ideias no outro. Para Freire, uma educação autêntica não deve ser feita de forma impositiva, de "A" para "B" ou de "B" sobre "A, mas de "A" com "B".

No que tange às compreensões das relações e potencialidades de educação dentro dos movimentos sociais, que confluem para o que Freire (1970) chama de “A” com “B”, a ênfase dada pelo teórico político e militante Uruguaio, Zibechi (2004) para a importância do ambiente e suas relações humanas ligadas às práticas sociais, são relevantes para este debate. Para ele, o resultado de um processo educativo irá depender do caráter das relações sociais de determinado espaço, conforme aponta:

> “Ahora bien, ¿qué significa que el movimiento es el sujeto educativo? Que la educación es una educación en movimiento. Esto suele desafiar nuestras concepciones más elementales. ¿Cómo se puede educar en movimiento? Una cosa es educar para el movimiento o en el movimiento; otra es hacerlo en movimiento. Aquí lo decisivo no es qué pedagogía se sigue ni qué modelo de escuela se persigue, sino el clima y las relaciones humanas vinculadas a las prácticas sociales. La educación no es más –ni menos– que un clima social inserto en relaciones sociales; el resultado del proceso educativo dependerá del tipo de clima y del carácter de las relaciones sociales en un espacio-tiempo determinado. Si el clima es competitivo y las relaciones son jerárquicas, el espacio educativo será cerrado, separado del entorno, y los seres humanos que emerjan de ese proceso tenderán a estar cortados por esos mismos valores.” (ZIBECHI, 2006, p. 126).

Um exemplo da importância destacada por Zibechi (2006) aos ambientes e às relações humanas ligadas às práticas sociais é o de Inês. Mesmo com toda a experiência que tinha, atuando anteriormente ao longo de muitos anos em um outro movimento social de luta por moradia antes de entrar pra o MLB, durante a entrevista, por inúmeras vezes Inês afirmou que mudou muito, que aprendeu e que ainda aprende muito no MLB. Estes processos se deram “em movimento” diante das relações que foram surgindo no ambiente ao qual se inseriu. Este exemplo compreende as diferenciações feitas por Zibechi (2006) “Una cosa es educar para el movimiento o en el movimiento; otra es hacerlo en movimento”.

Em nossa conversa, Inês me contou que a princípio pensou que não iria morar em uma ocupação porque tinha certos preconceitos. Entretanto, ao tomar a decisão e mergulhar de cabeça atuando em um movimento social com formatos e estratégias diferentes dos quais ela estava acostumada anteriormente atuando no MMH, bem como ao começar a “convivência”, “abriu” sua cabeça. Ao abordar sobre seus antigos preconceitos, Inês evidencia que os resultados de processos educativos dentro de um movimento social dependem bastante do caráter das relações dos espaços:

> “Inês: Assim, a princípio eu achava que ocupação... Eu não pensei que eu ia vim para ocupação. Porque o que eu via... Eu via que ocupação era um bando de gente sem serviço, só tinha mal elemento, usuário de droga, prostituta... Então hoje em dia a minha cabeça mudou depois que eu vim para ocupação. Eu já não olho a pessoa que usa droga com os mesmos olhos que eu olhava antes. Hoje em dia tem muitas meninas que fazem vida ali na Guaicurus e vem para o meu núcleo. Então assim, eu já vejo diferente. Foi uma troca de experiência mesmo. Cada dia que passa eu aprendo mais.
>
> Marina**:** O que mudou seu olhar seu para essas pessoas?
>
> Inês: Antes eu tinha preconceito, eu tinha medo. Quando eu via alguém drogado eu tinha medo. Hoje em dia não, já acho normal, já consigo conversar com os meninos, já consigo dar um conselho, chegar e falar... Hoje é diferente. Antes não, antes eu corria.
>
> Marina: Isso é porque você acostumou ou alguém conversou com você sobre isso?
>
> Inês: No dia a dia da ocupação... Me aproximei das pessoas e eu vi que não era aquele bicho de sete cabeça, que essas pessoas simplesmente precisam de ajuda. Antes eu via a prostituição como uma falta de respeito, sei lá... Hoje em dia não, eu vejo como uma profissão mesmo. É um meio de ganhar a vida, levar o pão para dentro de casa... Então mudou o jeito de eu pensar. (faz uma pausa)
>
> Eu sou evangélica. E antes eu era homofóbica. Hoje eu já não sou mais. Então assim, eu aprendi muita coisa no MLB também. Hoje eu vejo naturalmente.
>
> Marina: De qual igreja você é?
>
> Inês: Eu sou Petencostal mesmo. Aquela bem... sabe... Então quando eu falei que eu vinha para ocupação, todo mundo da igreja e o meu pastor falaram “você não vai ficar lá”. Eu falei “vou!” ele falava “não vai”, porque eu era muito rígida, então hoje em dia não. Eu já levo... A igreja vê diferente. Ela vê como uma...Até mesmo assim, eu consigo levar para a igreja um modo diferente de olhar também.
>
> Marina: O que mudou? Você ainda é evangélica né?
>
> Inês: Sou evangélica ainda! Ainda sou, pretendo nunca sair né. Mas hoje a mente é mais aberta. Hoje a mente é aberta.
>
> Marina: Se você me puder falar em uma palavra para dizer sobre o que mudou sua cabeça...?
>
> Inês: A convivência. A convivência com as pessoas, como homossexuais, com drogados. É isso.”.

Inês mudou suas percepções e preconceitos “no dia-a-dia”, nas relações com as pessoas. Cabe aqui ressaltar que se o MLB por exemplo recusasse a integrar sujeitos que são geralmente excluídos e mal vistos em nossa sociedade, como as prostitutas por exemplo, Inês não teria tido a oportunidade de ter aprendido e mudado seus preconceitos, bem como o movimento social estaria reproduzindo relações exclusivas e opressivas. À luz destas questões, Zibechi (2006) afirma que:

> [...] Ese movimiento-deslizamiento es (mientras dura el movimiento) un proceso permanente de carácter auto-educativo. Se trata de hacerlo consciente, para potenciarlo, intensificarlo. También podemos entender al movimiento como el transformarse transformando. Si la lucha social no consigue modificar los lugares que ocupábamos antes, estará destinada al fracaso, ya que reproduce los roles opresivos que hicieron nacer el movimiento. El cambio de roles-lugares puede frenarse con la adopción de una nueva identidad que sustituye a la vieja, o bien puede tender a instalarse una suerte de fluidez, por la cual el sujeto se auto-transforma de forma continua." (ZIBECHI, 2006, p. 127).

É visto que o autor argumenta que a luta social se destinará ao fracasso caso não consiga modificar os lugares que ocupam, sobretudo se reproduz papeis opressivos que podem, por exemplo, ter dado origem ao movimento. Ao falar sobre "Transformar-se transformando", Zibechí (2004) sugere então uma intrínseca relação com a mudança de "papeis-lugares" que podem ser transformados dando lugar a novas identidades que substituem velhas identidades. Elucidando, percebi exemplos de transformação destes "papeis-lugares" nos processos que engajaram os sujeitos aqui pesquisados em suas trajetórias dentro do MLB. Maura por exemplo, contou sobre as transformações políticas que vivenciou ao acompanhar sua mãe e outras pessoas que conheceu ao longo de sua trajetória no MLB:

> "A minha mãe.... Ai hoje eu vejo a transformação que o movimento fez na vida dela sabe. Ver minha mãe participando em um congresso, lendo o jornal A verdade, querendo ver a matéria do MLB ali no jornal, procurando doida... Gente olha as transformações efetivas! É você ir na prefeitura, puxar mesas de diálogo, ajudar outras ocupações... São coisas efetivas pra mim. Barrar um despejo. Conseguir barrar um despejo de uma ocupação que você nem organizou. Eu acho que faz muita diferença na vida do povo. A gente sai conquistando gente por ai pra luta que você nem imagina, gente que a gente nem imagina. Eu vejo muita transformação política, não só pessoal mas política que o MLB faz, que os outros movimentos ainda não conseguiram fazer. (Maura, 2019)
>
> [...] E é tão bonitinho as pessoas perceberem que o movimento, uma pessoa, não é um negócio ali, as pessoas entenderem "olha só, eu sou do movimento". Saca, a galera antes no começo tinha o entendimento que o movimento é um negócio que ia fazer tudo pra elas, ai até elas entender que elas são isso daqui, que o movimento são elas. Se elas saírem não tem movimento (risos).
>
> Por exemplo o plano diretor foi aprovado e quando nós conquistamos, elas: "ah graças a... (pausa) "É mesmo!! A gente que foi lá pressionar né...?" É! Tá vendo, o movimento é você né, nós tudo, não é eu Poliana, Léo..." (Maura, 2019).

A inversão dos papeis e o surgimento de "novas identidades" 'que substituem "velhas identidades" são perceptíveis no relato de Maura em relação às suas percepções

ao acompanhar as pessoas que integram o MLB. Trata-se de inversões da crença de que um movimento social seria uma entidade monolítica, que sobrepuja à todos para a percepção de que "o movimento são elas", que sem estas pessoas, agentes políticos, não existiria movimento social. Isto por sua vez, provoca deslocamentos nos lugares que as pessoas que integram o movimento social ocupam. Sendo grande maioria oriunda de origens marcadas por subordinação e silenciamentos, desta vez, "fazem ouvir seu grito".

Maura também fala sobre mudanças em relação a existência de personalismos, quando diz que as pessoas ao atuarem enquanto sujeitos políticos e verem resultados, como por exemplo, a aprovação do Plano Diretor, compreendem que o movimento não é só o Léo ou a Poliana, que são duas importantes referências dentro do movimento social. Assim, compreendo que se estes sujeitos se engajaram em um movimento social impulsionadas pelas opressões que vivenciam, parecem vir paulatinamente modificando os "papeis lugares" que ocupam.

Ainda a respeito da mudança destes "papeis-lugares" transformados por "novas identidades" que substituem "velhas identidades", destaco aqui o exemplo dado por Poliana que ao me contar sobre o que motivou seu engajamento no MLB, disse: "Eu não era só a funcionária de uma empresa". Para ela foi marcante e crucial o fato de alguém ouvir e pedir a opinião de uma pessoa que, como ela argumentou, por não ter concluído nem a oitava série, poderia ter sido suprimida nas relações dentro do movimento social, sobretudo nos momentos de decisão:

> "[...] Acho que isso pra mim foi o principal, me consideraram, me deram espaço, me deixaram ser alguém sabe. Eu não era só "a funcionária da empresa". Eu era alguém que construía alguma coisa, e que construía alguma coisa que tinha significado pra mim. Eu acho que é um pouco disso assim.
>
> O movimento também me deu muito espaço pra isso, o movimento acreditou muito em mim. Hoje até... é muito engraçado, eu falo isso com o Leo. Eu não sei se eu consigo confiar e acreditar tanto nas pessoas no jeito que que eles confiaram e acreditaram em mim (quero muito que seja assim) mas o movimento confiava muito em mim, muito. E esse voto de confiança foi incrível assim. Eu recebia as contribuições, levava as contribuições pra casa. Teve um dia que eu cheguei no escritório falei com o Leo assim: "Como é que vocês confiam em mim assim? Vocês nem me conhecem". E ele falou "Uai, confiando..." E ai eu falei cara, que legal!
>
> E é literalmente isso, é você sentir que alguém tá confiando, que alguém tá contando com você, te pedir opinião. "Olha a gente vai fazer um mutirão, o que você acha?", sabe? Acho que pra mim isso foi o que fez mais sentido, foi me dar espaço, foi deixar eu fazer, foi me explicar, me dar as respostas que eu não tinha, acho que foram essas coisas. E ai eu não tinha, eu não tenho a oitava série na verdade, porque eu não considero a minha oitava série. Então eu não

> tenho a oitava série, E Alguém te ouvir? Ai você ver um doutor te ouvindo, alguém que tava na universidade sabe, pedindo a sua opinião... É um reconhecimento do que você faz na vida. Ver a sua trajetória de vida mesmo assim, te considerar." (Poliana, 2019).

4.2 Tornando-se militantes, coordenadores e lideranças. Habilidades e constituição dos processos de conhecimento

Conforme descrito anteriormente, as pessoas as quais entrevistei possuem em comum, além de uma origem social marcada por desigualdades, sentimentos como indignação e raiva que foram despertados a partir de suas experiências ao longo de suas trajetórias de vida, diante dos percalços que vivenciaram ao se depararem com a escassez e dificuldades que tiveram para acessar direitos básicos, como a moradia por exemplo. Tais sentimentos foram acentuados e potencializados ao se engajarem no MLB a partir das experiências de estarem juntos a semelhantes. Sentimentos como amor ao próximo e compaixão também os sustentam e os movem na militância. Isso, por exemplo, é perceptível quando Inês, Edna e Edinho falam sobre suas tarefas, alegando que não as fazem por obrigação, mas por amor e paixão.

Além desses valores e sentimentos similares, os percursos desses sujeitos também predispuseram processos de constituição de habilidades e conhecimentos em suas trajetórias de militância, formando subjetividades políticas. Como muitos exemplos até então ilustraram, essas habilidades e conhecimentos foram forjados em campos de práticas através das dimensões interativas de ação e reflexão, onde os resultados se deram não por via de representações resultantes de "ideias depositadas", mas através de relações de A com B (Freire, 1970), onde o caráter das interações dos espaços influenciaram os processos educativos (Zibechí. 2004).

A relevância do ambiente e suas relações ligadas às práticas sociais e a constituição do conhecimento em movimento enfatizadas por Zibechí (2004), podem dialogar com as noções de constituição de habilidades e conhecimento propostas por Ingold (2010). Ao discutir sobre o papel da experiência e transmissão geracional dos seres humanos e a forma como conhecem e participam da cultura, Ingold (2010) critica os pressupostos da ciência cognitiva: a noção de que o conhecimento se restringe as formas de "conteúdo mental", que através de vazamentos, preenchimentos e difusão pelas

margens, seriam passados de geração em geração, sendo a cultura uma herança cuja população irá receber de seus antepassados.

Ao situar o desenvolvimento humano além da dicotomia entre capacidades que seriam inatas e competências adquiridas, Ingold (2010) por sua vez propõe o conceito de habilidades humanas enquanto propriedades que emergem de sistemas dinâmicos onde cada geração poderá alcançar e ultrapassar a sabedoria de seus predecessores. Segundo Ingold (2010), a contribuição que cada geração oferecerá à seguinte, irá aumentar o conhecimento humano, que se daria mais pela educação da atenção do que por acúmulos.

Ingold (2010) recusa então a noção de que o conhecimento é informação, e de que os seres humanos seriam mecanismos para processá-lo. Ao contrário, defende que o conhecimento primeiramente consistiria em habilidades, e que todos os seres humanos seriam centros de percepções e agência em um campo de prática como descreve:

> "Habilidades, sugiro eu, são melhor compreendidas como propriedades deste tipo. É através de um processo de habilitação (*enskilment*), não de enculturação, que cada geração alcança e ultrapassa a sabedoria de suas predecessoras. Isto me leva a concluir que, no crescimento do conhecimento humano, a contribuição que cada geração dá à seguinte não é um suprimento acumulado de representações, mas uma educação da atenção." (Ingold, 2010, p. 7).

Assim, as relações de uma pessoa com seu ambiente, compreenderiam estruturas específicas de atenção e resposta, neurologicamente fundamentadas (INGOLD, 2010). Tal relação exposta pelo autor, pode ser vista nos processos de constituição de conhecimentos das pessoas entrevistadas, onde a educação pela atenção é forjada em seus fazeres dentro de sistemas dinâmicos.

Um dos primeiros aspectos que impulsionaram o início da militância de Maura, Poli, Edinho, Inês, Edna e Paulista, me parecem estar relacionados com a forma como se dispuseram e se doaram diante das necessidades que surgiam nas ocupações as quais foram viver. Maura contou que no início da consolidação da ocupação Carolina Maria de Jesus, precisaram de alguém que sabia usar o computador para realizar cadastros. Tendo já participado de associações de bairro e trabalhado em uma ONG no Rio de Janeiro, Maura já tinha algum tipo de capital técnico adquirido em seu percurso de vida, que ao ser acionado neste contexto, foi fundamental para a forma como ela se inseriu no movimento social. Poliana a indicou para assumir a tarefa de extrema importância e

responsabilidade de coordenar os cadastros, e ela mesmo sem saber se iria ficar na ocupação, pois estava ali a princípio pela sua mãe, aceitou como contou:

> "Ai nós viramos coordenadores do cadastro, orientados... e tal e tudo e reunião e foi tendo essa responsabilidade, criamos essa responsabilidade muito grande. Porque mesmo se você é coordenador de alguma coisa, você faz tudo, você prega barraca, você constrói, não tem jeito, você faz tudo. Ai eu virei coordenadora. (risos)" (Maura, 2019).

Além disso, a forma como o MLB se organiza, despertou em Maura deslumbramento e sentimentos, como afirmou: "Garra um amor pela coisa, que não tem jeito".

Da mesma forma que Maura, Poliana também foi se dispondo diante das solicitações do MLB. E possivelmente, a experiência que teve enquanto empreendedora no passado, quando montou uma lojinha com sua mãe, colaborou no seu engajamento com as tarefas solicitadas pelo movimento social. Poliana a princípio se envolveu de forma "muito individualista", com objetivo de conquistar a casa, esperando que desse tudo certo, mas foram despejados. Após o despejo, o MLB demandou ainda mais dela, que passou a trabalhar na rearticulação das pessoas. Ela se tornou responsável pela séria tarefa de trazer as famílias de volta para novas reuniões. À medida que foi se envolvendo, seu engajamento que antes era "individualista", transformou-se como afirmou:

> "[...] Ai quando eu fui percebendo, eu tava deixando de fazer essas coisas pra ficar na ocupação, pra fazer a ficha, pra entregar o lote, pra conversar com as pessoas e isso foi acontecendo, de uma maneira muito tranquila."
>
> [...] Eu não sei te dizer. Eu não percebia que tinha passado um ano, que tinha passado dois anos. Eu tava ali sabe, tava ali fazendo as coisas assim, sem medir, sem querer que acabasse, sabe, sem hora para acabar literalmente". (Poliana, 2019).

Ao abordar sobre os processos de constituição e conhecimento dos coordenadores e lideranças, Poliana também trouxe alguns aspectos relevantes no que diz respeito às relações entre lideranças e coordenadores com os moradores das ocupações. Ao indagá-la sobre tal questão, a militante afirmou que o MLB é um movimento que se constitui a partir da demanda do povo, "de baixo para cima" e não de "cima para baixo", que se busca seguir suas diretrizes de acordo com as necessidades das pessoas. Descreve:

> "[...] O MLB se constrói de baixo pra cima. Nós da coordenação vamos executar o que a galera quer. É óbvio que em determinado momento você vai

> dizer, “Oh gente, perai! Não é agora, vamo tentar desenhar de uma outra maneira...” Mas as nossas pautas são pautadas por quem tem necessidade. Quem vai dizer pra mim o melhor momento de fazer ocupação não sou eu, eu quero fazer amanhã. Quem vai dizer qual é o melhor momento pra fazer ocupação é as pessoas, quando elas sentirem que estão prontas, e é isso.” (Poliana, 2019).

No que diz respeito às metodologias das coordenações do movimento social, a militante considerou a existência de alguns problemas aos quais o MLB vem trabalhando para corrigi-los, buscando utilizar outras metodologias com o intuito de não excluir ou desestimular a participação das pessoas, quando essas se deparam com personalismos das coordenações. Neste relato, ela também traz experiências de sua trajetória, vividas no campo religioso, para repensar as formas de atuação no campo político:

> [...] você chega na assembleia e fala. A iluminada que recebeu Deus ali que tá falando, todo mundo precisa prestar atenção e todo mundo precisa fazer exatamente o que ele tá falando.
>
> A gente tenta quebrar isso quando a gente reconhece os nossos erros. Essa é uma tática que a gente tem usado. Como que a gente faz com que as pessoas falem? Dando razão para elas e reconhecendo as vezes que você errou, entendeu?
>
> Quando as pessoas mais falam na assembleia? Quando você chega e fala, galera a gente fez isso aqui mas não foi legal. Ai as pessoas vão dizer, realmente não foi mesmo não! Então é um momento que elas falam. As pessoas não falam para construir, elas falam para criticar. Então vamos começar pela crítica! Vamo lá! É o espaço que vocês querem? Então critica bastante! Porque ai você vai formando as pessoas. A Carolina por exemplo é uma ocupação que fala. A Eliana não fala
>
> Marina: Porque tem essa diferença?
>
> Poliana: Eu acho que Eliana Silva é porque a gente tinha o Leo, uma liderança muito formada. Que quase nunca vacilava! Então a chance dele errar e dele vacilar, das pessoas acharem que elas precisam dar opinião delas era pouco porque o cara falava, era exatamente isso.
>
> Aqui na Carolina as pessoas falam muito. Acho que é porque a liderança era nova. A galera que dirige aqui tinha menos experiência, e foi muito pau! Porque a coordenação falava assim “Eu não aguento mais afazer assembleia!! Vai pra assembleia o povo fica brigando com a gente!!!” Eu falo que bom, tá falando, tá reclamando, vai lá, discute com a massa! Entendeu? Veja as coisas!
>
> Mas aqui (referindo-se a ocupação Carolina Maria de Jesus), você não faz uma assembleia com todo mundo calado, nuuunca fez uma assembleia com todo mundo calado. O povo questiona, eu faço assembleia aqui o povo fala assim comigo, não!!! Não sei o que... Quantas vezes, entendeu, de ficar nervosa, atentada... Porque é difícil debater com o povo. É difícil você saber que você não tem a razão entendeu, foda-se os seus sete anos de militância, o cara que chegou agora ele manja igual você sabe. Eu acho que a gente... Não é proposital, mas a gente inibe as pessoas. Acho que a gente transparece mais do que a gente é, a agente transparece ser Deus.
>
> Marina: Você acha que inibe porquê?

> É! É igual na igreja, é o que você disse. Vai interromper seu pastor pra você ver. Você vai pro banco.
>
> Marina: Entendi. Então a estratégia que vocês têm usado para isso é aproveitarem dos próprios erros?
>
> Poliana: É. É expor que a gente não é perfeito. E que as pessoas as vezes tem mais razão que a gente. Porque por exemplo, na igreja, se você falar... se você faz alguma coisa que é fora da ordem, você vai pra um negócio que chama banco né, você vai pro banco. Mas ai você fica um tempo sem poder participar da ceia, você não pode ir no altar falar, cantar... Um monte de coisa que você é proibido de fazer porque você desobedeceu. E eu acho que as pessoas tem medo de colocar a opinião delas e da gente castiga-las. Então você vai ser excluído, o coordenador vai pegar no seu pé... Entendeu? E eu acho que a gente reforça isso quando a gente coloca a lógica punitivista, por exemplo o cara falou na assembleia e ai no dia seguinte você implica com ele. Ai você vai inibindo os outros a falar".

Retomando a trajetória dos militantes, o percurso inicial de Edinho no MLB, assim como Maura e Poliana, também se relaciona com o aspecto da doação gradual exercida por ele ao se envolver com o movimento social. Edinho foi morar na ocupação Esperança algum tempo depois dos meses iniciais da ocupação. Ele começou a conhecer e se engajar no MLB através do festival de inverno da UFMG. Sua participação nas oficinas de filmagens do festival, promovidas por militantes do MLB, foram essenciais para seu envolvimento. Ao observarem o interesse de Edinho em participar de diversas atividades e questionar sobre as questões teóricas que guiavam o MLB ideologicamente, convidaram-no para ingressar ao movimento social.

Ao ingressar formalmente no MLB, Edinho passou a assumir mais responsabilidades. A primeira consistiu em ajudar a organizar a ocupação Paulo Freire, em 2015, onde começou a adquirir experiências, participando dos processos organizativos da ocupação. Além de ter atuado na ocupação Paulo Freire, atuou nos processos organizativos de outras duas ocupações que sofreram despejo. Embora não tivessem obtido sucesso, estas experiências foram muito relevantes para ele. Edinho foi convidado a dirigir núcleos do MLB, ajudando na instrução de pessoas sem teto para realizarem novas ocupações. A esta altura, conforme argumentou, a partir de suas experiências anteriores, conseguia passar tranquilidade para as pessoas, sabendo lidar com possíveis adversidades.

Ao longo da conversa, por diversas vezes Edinho afirmou ter uma vida corrida, conjugando as tarefas que tem enquanto militante e coordenador. Ao ser indagado sobre o motivo de manter tal rotina, respondeu: "Acho que é bom para o movimento". Já quando abordou sobre as responsabilidades de coordenar um núcleo, descreveu como o

compromisso que firmou o transformou e o estimulou a estabelecer valores que o amparam a exercer o papel de um coordenador:

> "Em momento nenhum você pode ser inconsequente com as coisas que você fala. Você não pode ser negligente com a segurança dessas famílias, você não pode ser irresponsável com o que você vai fazer dentro de uma ocupação. Então você vai aprendendo como ser humano também a ser responsável, você vai crescendo com isso. A lidar por exemplo com o recurso dessas famílias, essas famílias pagam 10 reais de mensalidade. Mas também tem aquele recurso que é da ocupação, então como você gere isso? Você tem que ter responsabilidade porque você tá lidando com o dinheiro do povo. Então você tem que mostrar um serviço que as famílias tão teoricamente pagando por ele.
>
> Por exemplo, hoje na Carolina, você vê lá, todos os lugares estão iluminados. Aquilo é feito com os recursos das famílias. Então é um dinheiro que você gere e você presta conta dele, do que você tá fazendo. O MLB passa a ser o estado dentro da ocupação. Então é você que gere tanto os recursos, tanto financeiros, quanto outros recursos como alimentação e tudo, quanto as questões do dia a dia, os conflitos...
>
> Você não pode ser injusto com as pessoas, você tem que ser humilde, tem que ser várias coisas. Então você vai aprendendo com isso também, então um monte de coisa que não tinha, o MLB vai ensinando para a gente. E teoricamente também, me ensinou infinitamente das coisas." (Edinho, 2019).

Assim como Edinho, Edna chegou no terreno onde se consolidou a ocupação Esperança, algum tempo depois do processo inicial da ocupação. Logo quando foi ocupar o terreno ela se atentou para a importância da união dos que lá estavam, bem como teve a idealização de buscar informações a respeito do que estava acontecendo, sobre o terreno que estavam ocupando, sobre seus direitos dentre outros aspectos, conforme descreveu:

> "[...] aí eu já dei aquela ideia de chamar aquela assembleia com o povo pro povo ficar unido e ninguém dispersar se chegasse alguma polícia qualquer coisa, era todo mundo unido e ai começou. Ai os movimentos chegaram, comecei a conversar com os movimentos, fazer reunião. E não tinha como ser outra pessoa se a referência não fosse eu né, as ideias partiu de mim, embora tivesse outras lideranças no começo né." (Edna, 2019).

A princípio, Edna não tinha compreensão acerca dos processos de uma ocupação urbana, mas desde quando foi morar na ocupação, não somente buscou por conhecimentos, como também se dispôs, através deles, apoiar seus próximos. Assim, ao longo deste percurso foi se forjando enquanto uma liderança. Foi no início desta caminhada que Edna foi convidada para se tornar militante do MLB. Como afirmou, compreende que a ideia que teve inicialmente ao incentivar os moradores a realizar

assembleias “pro povo ficar unido e ninguém dispersar” e buscar por ajuda, foi “coisa de Deus”. Ao se deparar com inúmeras famílias sendo ameaçadas de despejo, inclusive a dela, pediu a Deus, “dá força pra mim poder ajudar. Eu preciso de ajuda, mas eu preciso também ajudar”. Foi assim, como contou, que Deus lhe deu força e ela se tornou uma “líder forte”. Conforme descreveu, desde então ela é vista enquanto “uma liderança, mãe, avó, tia, policial, psicóloga”, “é tudo”, trabalha com “vários setores” como descreve:

> “A gente acaba sendo um pouco de tudo e acaba aprendendo um pouco de tudo também. Que a gente trabalha com vários setores né, e a gente acaba mediando não só o conflito lá fora mas o conflito aqui dentro também.”

Retomando aspectos de sua trajetória de vida, destaco que as dificuldades e sacrifícios que seus pais passaram para sustentar os filhos, inspiraram Edna a entrar na luta das ocupações urbanas, não somente por ela, mas por várias famílias. Ao ser questionada sobre o motivo de ter aceitado o convite de entrar para o MLB, disse que aceitou porque o MLB “fortaleceu o Izidora”, e que se eles (moradores) foram ajudados, acredita que outras futuras ocupações também devem ser ajudadas. Ela deseja que “a luta continue dentro da cidade”. Seus interesses e disposições ultrapassam as aspirações pessoais, dedicando-se às questões vinculadas ao coletivo.

Inês, diferente de Poliana, Maura e Edinho, antes de ingressar no MLB já era uma importante liderança no MMH Movimento Mineiro de Habitação, e decidiu abandonar o movimento social por não ver “resultados”. Após este ocorrido, ela entrou para o MLB com funções e tarefas já estabelecidas, coordenando um dos núcleos que começaram a se articular para realizarem a ocupação Carolina Maria de Jesus, composto por pessoas que vieram do MMH junto com ela e por pessoas que sofreram o despejo da ocupação Manuel Aleixo. Inês, assim como Edna, passou por muitas dificuldades na infância, como afirmou “São duas coisas que eu fui muito. Oprimida e passei fome” e através de sua militância, ela faz “a vontade de Deus”. Por ter vivenciado a fome a opressão, Inês deseja ajudar as pessoas:

> “Eu vejo uma maneira hoje em dia de eu ajudar as pessoas. Eu acho assim, se uma pessoa não tem uma moradia, se eu conduzo a pessoa para as reuniões, esclareço, aquela pessoa tem um pouco de formação, ai o que acontece, eu creio que tô fazendo a vontade Deus também. Hoje eu mudei muito o meu

> modo de pensar sobre religião, porque antes eu era muito focado dentro da igreja hoje eu não sou muito. Eu custo a ir na igreja." (Inês, 2019).

Inês, que também demonstrou grande amor pelo movimento social, contou que "vive 24 horas para o MLB", ficando todos os dias exclusivamente por conta das demandas que surgem das famílias, um trabalho intenso como descreveu, onde ela "levanta com problema e deita de noite com problema", mas como argumenta, "se parasse morreria".

Por fim, Paulista, que também chegou na ocupação Esperança alguns anos após o início da consolidação da ocupação, foi convidado por Edna para se tornar coordenador. A liderança, ao perceber os conhecimentos de Paulista e sua estima em ajudar nas questões rotineiras da ocupação, apostou que ele poderia apoiar bastante o trabalho dos coordenadores. Ao falar sobre suas habilidades, Paulista se comparou com universitários, afirmando que estes podem ter muita teoria mas pouca prática. Compreendendo-se enquanto alguém "do trecho", afirmou ter a teoria e a prática e isto, segundo ele, seria essencial para o trabalho de um bom coordenador.

Mesmo diante de algumas inseguranças em relação aos "fardos" que um coordenador carrega, descritos por Paulista, ele decidiu aceitar o convite, pois contrapondo às dificuldades e problemas que uma liderança enfrenta, acredita que o carinho, a confiança e o reconhecimento dos moradores para com ele valem a pena. Ao elucidar estas relações Paulista contou que embora existam normas estabelecidas entre os moradores da Esperança, as pessoas o procuram a todo momento para resolver problemas, sobretudo os vinculados a energia elétrica. E ele costuma ajuda-las, mesmo se elas o procurarem em horários inusitados por ter empatia, compreendendo as necessidades e limitações dessas pessoas.

No que diz respeito a sua militância no MLB, Paulista demonstrou se dispor muito mais às tarefas restritas à ocupação Esperança do que propriamente ao MLB. Isto significa que ele concentra seus esforços às questões vinculadas estritamente a ocupação Esperança, diferentemente de Maura, Poliana e Edinho por exemplo, que além de atuar nas ocupações que vivem, também atuam em outras ocupações pelo MLB, como descreveu:

> [...] "Só que porém eu não atuo com eles lá fora. Mas aqui dentro, sempre quando dá sim. E quando tem ato lá fora também. Chama, procura e a gente tá

> junto. Eu também tô com eles. Não direito igual eles andam sempre fazendo suas tarefas, porque também eu tenho daqui da ocupação, então ficaria muito cansativo e puxado pra mim." (Paulista, 2019)

As habilidades, práticas e atuações de Poliana, Maura, Edinho, Edna, Inês e Paulista são diversas. Compreendem desde a realização de cadastros, estabelecer comunicação com as pessoas pelo MLB, coordenar núcleos, ir às reuniões com instituições públicas, ajudar a organizar manifestações, mediar conflitos nos territórios que atuam à consertar problemas ligados a eletricidade. O que parece ter sido relevante e propulsor para que estas pessoas desenvolvessem os papeis que exercem atualmente, compreende a forma como se dispuseram diante das demandas que surgiam. A partir de então, além dos conhecimentos forjados no percurso de vida, acionados no contexto da militância social, formaram-se novos processos de conhecimento através de seus engajamentos e envolvimentos em relação às tarefas que assumiram no movimento social.

No ambiente da luta política, em seus respectivos engajamentos, foram então sendo construídas as subjetividades, identidade, afetos e sentidos de vida. Diante disso, o MLB soube valorizar as habilidades dessas pessoas, suas qualidades, estimulando outros processos de conhecimento, construindo pontes. Assim, elas conferiram sentido para o que desempenhavam. Tal relação pode ser vislumbrado no relato de Poliana:

> Acho que pra mim isso foi o que fez mais sentido, foi me dar espaço, foi deixar eu fazer, foi me explicar, me dar as respostas que eu não tinha, acho que foram essas coisas. E ai eu não tinha, eu não tenho a oitava série na verdade, porque eu não considero a minha oitava série. Então eu não tenho a oitava série, E Alguém te ouvir? Ai você ver um doutor te ouvindo, alguém que tava na universidade sabe, pedindo a sua opinião... É um reconhecimento do que você faz na vida. Ver a sua trajetória de vida mesmo assim, te considerar." (Poliana, 2019).

O aspecto em comum que se destaca entre estas pessoas, compreende os deslocamentos de interesses pessoais para os interesses coletivos. É perceptível a forma como Poliana, Maura, Edna, Edinho Inês e Paulista se doaram diante das necessidades que surgiam nas ocupações as quais foram viver e de outras demandas do MLB. Estes percursos de agenciamento político, revelam deslocamentos e mudanças onde constituíram-se as habilidades e conhecimentos destes militantes. Como afirmou Paulista "querendo ou não. Tudo o que você faz é política."

4.3 Porque nem todos se engajam no MLB ou lideram?

O que parece incentivar o engajamento dos moradores das ocupações onde o MLB atua? Por que alguns se tornam coordenadores e lideranças enquanto outros não? Maura, ao descrever como foram os primeiros dias de consolidação da ocupação Eliana Silva, afirmou que "gente que não tem nada pra fazer em ocupação tem que ir embora." Ao dizer isto ela demonstra que sempre existem demandas e tarefas que surgem, sobretudo nos primeiros meses de uma ocupação. E mesmo algum tempo após a ocupação ir se consolidando, ainda existem uma série de demandas, sejam, por exemplo, as relacionadas às mediações de conflitos que possam surgir ou outras vinculadas aos processos de regularização urbana, que ainda estão em curso na maioria das ocupações realizadas pelo MLB.

Edinho, por sua vez, ao relatar sobre as responsabilidades e tarefas que militantes do MLB exercem dentro dos territórios, afirmou que "o MLB passa a ser o Estado dentro da ocupação", sendo responsável por solucionar conflitos e assegurar as pessoas diante de uma série de necessidades que estas possam ter. Diante disso, tendo em vista que as habilidades não seriam inatas às pessoas, mas sim forjadas através da educação pela atenção em campos práticos, questiono: porque nem todos se dispõem a executar certas tarefas? porque algumas pessoas parecem ser mais sobrecarregadas que as outras? Porque nem todos lideram?

À luz dessas questões, retomo o aspecto descrito por Poliana, relacionado à inibição, quando afirmou que coordenadores e lideranças inibem as pessoas por passarem a sensação de que são "fodas", transparecendo serem mais do que são. A partir desta perspectiva, sugiro que isto não compreenderia um diálogo de "A com B", mas sim o de "A para B".

Estes estereótipos descritos por Poliana, podem afastar as possibilidades de que pessoas possam desejar assumir certas responsabilidades e ou opinar sobre uma série de questões. Entretanto, este aspecto não parece ser tão predominante dentro do MLB, haja visto o que Poliana comentou a respeito da ocupação Carolina Maria de Jesus, que é um exemplo de uma ocupação, como ela descreveu, onde nunca houve uma assembleia sem que as pessoas debatessem sobre as pautas.

Uma outra questão relevante para dialogar com estes questionamentos, são os motivos expostos por Edna, que explicariam as razões de existirem poucos coordenadores nas ocupações:

> "Eram 15 coordenadores, mas assim.... a luta ela é tão grande, ela é tão "ardia" que ninguém quis ficar, ninguém quis ficar. Essa é uma luta que ela não é para os fracos, é para corajoso mesmo..." (Edna, 2019).

Paulista, assim como Edna, compreende que a luta é "ardia". Seu entendimento reitera as justificativas de Edna quando afirma que a "luta é perversa", pois, segundo ele, a coordenação tem de enfrentar o bom e o ruim:

> "[...] como se diz, essa luta é uma luta muito assim, perversa, sabe, uma luta que as vezes as pessoas não tem muita coragem. Porque coordenação você enfrenta bom, o ruim, você tá ali pra fazer o bem, mas as pessoas acham que você tá pra fazer o mau, e é muita coisa que vem pra cima da cabeça da pessoa, então você tem que estudar muito, você tem que ter muita paciência, você tem que ser calma, tem que, né, andar sempre pelo caminho certo porque você é um espelho, querendo ou não, você é espelho. Porque se você faz o outro também tem o direito de fazer. Então isso leva a você ficar um pouco meio assim, será que, né, vai dar certo...? Será que eu fico? será que eu não fico? Essa questão de coordenação, porque eles tem uma voz diferente, a gente tem um outro tipo de voz, né." (Paulista, 2019).

Ainda a respeito da relação dos moradores das ocupações do MLB com o próprio movimento social, descrevo abaixo um trecho de reflexões de Poliana que podem também se relacionar com estes aspectos descritos por Paulista e Edna:

> "Marina: Quais os maiores desafios que o MLB tem enfrentado?
>
> Poliana: Fazer com que as pessoas entendam que é um momento de luta. Que elas tem que ocupar, que elas tem que lutar agora debaixo desse governo. Esse é o nosso maior desafio.
>
> Marina: O que acontece? estão com medo?
>
> Poliana: Acho que as pessoas não tão com medo, porque medo não é a melhor palavra, mas elas estão desencorajadas, elas estão sem coragem, sem perspectiva, sem ânimo, sem vontade. Acho que esse é o maior desafio. É provar para a cidade, para além das famílias, provar para a cidade que esse é o momento de luta. Que não é momento de recuar, que não é o momento de se esconder, que não é momento de parar, que é momento de lutar, que é o momento de fazer ocupação, que é o momento de ir pra cima! Acho que esse é o maior desafio." (Poliana, 2019).

Quando Poliana fala sobre falta de perspectiva, ânimo e vontade das pessoas, sugere elementos que podem ter relações com processos de subalternização históricos, reiterados nas posições de classe, que dialogam com a perspectiva de Souza (2009) descrita anteriormente, quando o autor aponta para condições na vida de sujeitos como o trabalho incerto, desvalorizado, mal pago, o sentimento de prisão no "aqui e agora" atrelado às necessidades primárias de sobrevivência e as marcas que podem deixar no comportamento das pessoas, como o desencorajamento, o sentimento da ausência da existência de outras possibilidades. Possivelmente, isto seria então, um desafio para o MLB.

Além destes aspectos, diante das entrevistas e das etnografias as quais realizei, compreendo que embora o MLB paute suas ideologias em suas práticas, alinhando-as em suas pretensões políticas, a ausência das pessoas em atividades propostas pelo MLB, a negação de assumir tarefas e dar continuidades dentro do movimento social, passado o período de embates imediatos pela conquista imediata da casa, etc. Tudo isso pode sugerir o que Edinho descreveu ao ser entrevistado, quando afirmou que as vezes o que interessa às pessoas seria apenas a casa e não a ideologia política proposta pelo movimento social:

> "[...] a luta pela casa ela não tá dentro do espectro ideológico na verdade, se a pessoas precisa de casa. Então, se a vezes eu vejo as pessoas oscilando é porque o que interessa a elas é a casa e não a ideologia política. Então, ter uma ocupação que as pessoas se reconheçam de direita também não é um negócio de outro mundo na minha cabeça. Ela tá lá, ela precisa da casa. A casa não denomina se ela é direita ou da esquerda. É óbvio que essas lutas vêm sendo encampadas principalmente pela esquerda principalmente pela discussão da propriedade privada. Principalmente porque a direita condena isso. Agora, a concepção das pessoas é diferente. Porque o que ela tá vendo ali não é uma política é um direito dela. É uma necessidade básica que ela tem, ela precisa da casa. E as vezes as pessoas não querem se envolver com a palavra política, mas elas querem estar no espaço porque elas tem esse direito, a moradia delas. Elas querem uma coisa que é necessidade básica, porque é isso.
>
> Se alguém perguntar pra mim você prefere morar em uma ocupação de direita ou morar na rua? Eu vou querer morar em uma ocupação de direita. (risos) Eu vou querer morar né, apesar tudo eu vou querer uma casa. E inclusive eu vou tentar combater a direita. (risos)" (Edinho, 2019).

Quando Edinho afirma que as pessoas estão "oscilando", ou que "não querem saber de política", ele se refere ao fato de que as pessoas não estão necessariamente alinhadas com as aspirações político-ideológicas do MLB. Da mesma forma, quando entrevistei Fábio Chagas, que é coordenador da comissão de Formação do MLB, ele abordou a mesma questão descrita por Edinho:

> "Esta é a primeira pergunta da nova comissão de educação. Porque já teve uma outra. A comissão de educação que surgiu a dois anos atrás, ela veio de uma pergunta da coordenação nacional. O que que acontece que as pessoas conquistam a casa, se fecham na casa e abandonam a luta? O que a educação tem a ver com isso? Então o propósito da comissão de educação é especificamente, especialmente esse, não deixar que as pessoas se acomodem dentro de suas casas. Então a gente não tem a resposta. Agora, através da comissão de educação nós vamos tentar achar o nó do problema e a resposta para ele."

A ideia de estar "acomodado" expressa nas palavras de Fábio Chagas, sugere comportamentos como a ausência e falta de interesse nas atividades propostas pelo MLB. Soa como algo similar ao que Edna compreende quando justifica sua militância no MLB. Ela acredita que o movimento social precisa crescer:

> "[...] Precisa do apoio, e precisa de mais gente né, e tem que crescer, o movimento precisa crescer, porque se as pessoas só querer apoio e não querer apoiar também né, ai fica difícil e falta pernas pra outros lugares." (Edna, 2019).

Fazer o movimento crescer como Edna descreve, e também Poliana afirma, quando diz que o movimento social deve "para além das famílias, provar para a cidade que esse é o momento de luta", compreendem ao mesmo tempo um dos objetivos e desafios do MLB. Fazer o MLB crescer, irá depender da quantidade de pessoas dispostas a "ir pra cima" e continuar a realizar ocupações. Sobretudo irá também se relacionar com a disposição de pessoas que possam estar alinhadas ou não com as perspectivas e ambições do movimento social, para que como Fábio Chagas descreveu, as pessoas não "conquistem a casa, se fechem na casa e abandonem a luta". Afinal de contas, como Edinho afirmou, muitas vezes, as pessoas se interessam pela casa e não pela ideologia política.

Como abordado ao longo da escrita, dentro da condição de "rale", existem pontos de equivalência nas trajetórias de vida dos moradores das ocupações, mas existem idiossincrasias que vão se formando ao longo dos percursos desses sujeitos. Além disso, embora o enfoque desta pesquisa seja a atuação das lideranças, sugiro que existem outros tipos de engajamento dos sujeitos que vivem nos territórios das ocupações urbanas, que não se restringem ao abordado, mas que se fazem importantes e legítimos.

Diante dos motivos descritos que não são homogêneos, mas plurais, compreendo o motivo pelo qual nem todos se dispõem a assumir certas tarefas, bem como se engajar no MLB seja enquanto militante ou liderança.

4.4 O papel de "Estado" do Movimento Social

Uma abordagem antropológica do Estado, diferentemente de abordagens da ciência política onde se daria um enfoque nas estruturas, funções e instituições, busca assimilar como e através de quais processos o Estado se faz, como as pessoas o percebem e como se apresenta cotidianamente. A abordagem da política pela antropologia pretende, como descreve Kushnir (2007), explicar como atores sociais compreendem e experimentam a política, ou seja, como significam os objetos e as práticas que concernem o mundo da política. Desta forma, ao compreender grupos específicos, em circunstâncias particulares, possibilita-se comparações e diálogos com a literatura sobre contextos sociais mais amplos. Esta é a perspectiva, adotada nas análises que seguem. Elas ilustram a metáfora feita por Edinho, quando afirmou que o MLB se torna um "Estado" dentro da ocupação. Ao entrevistar alguns militantes do MLB e etnografar o movimento social, pude perceber uma série de elementos que ilustram esta metáfora.

A princípio, destaco o fato de que os moradores das ocupações vão viver nestes territórios por não serem assistidos por nenhuma política pública que solucione o problema da moradia em suas vidas. O movimento social, por sua vez, passa a "cumprir" papeis que deveriam ser executados pelo Estado, a partir do momento que possibilita a essas pessoas meios e estruturas para que consigam acessar uma moradia, mesmo que seja por vias não institucionais.

A partir do momento que estes sujeitos buscam o movimento social almejando solucionar suas necessidades e o aderem, estes também devem aderir às regras estabelecidas pelo MLB. Para ingressarem no movimento social e começarem a participar de reuniões preparatórias para ocuparem algum terreno, todas as pessoas devem se filiar ao MLB, adquirindo uma carteirinha, pagando uma taxa [59]mensal de dez reais. Em uma destas reuniões que estive presente, Inês que coordenava a reunião, em diálogo com outras pessoas ali presentes, abordou esta questão:

[59] Pelo que compreendi, isto é válido até o momento que ocuparem um possível local e a ocupação se consolidar com estruturas mínimas. A diante, se o morador da ocupação desejar, há a possibilidade de se desvincular do MLB e não pagar taxa.

> "Inês: Tem vantagem ser do MLB? Têm. Por exemplo, quem tá desempregado ganha cesta básica, tem energia solar... Quem é do MLB ganha benefício.
> Seu zé: É. As vezes a gente gasta cem reais pra uma coisa que não vai ser bom...
> Inês: É. A gente não sabe o dia de amanhã.
> Tereza: É, enquanto a gente tá aqui (na reunião de núcleo) pagando os dez reais, os dez reais vai ajudar outras pessoas. Depois quando a gente tiver lá na ocupação vamos ser ajudados também."

Foucault (2015), ao abordar sobre as instituições, irá argumentar que não seria o consenso que faria surgir um corpo social, mas sim a materialidade do poder se exercendo sobre o corpo dos indivíduos. No caso em análise, o poder, enquanto capacidade de controle, pode se exercer a partir e através da filiação dos sujeitos ao movimento social, quando os ingressantes adquirem uma carteirinha que irá servir enquanto um instrumento cuja função é disciplinar e controlar. As relações que mesclam níveis de cooperativismos e também dependências expressas por Inês ao falar das vantagens de ser do MLB, podem também ilustrar as materialidades do poder que o movimento social pode exerce sob os sujeitos. Outra possível analogia do movimento social com o Estado, pode ser compreendida através da noção de WEBER (1982) do exercício de uma interação burocrática, de prestação de serviço, com medidas que tornam-se metódicas a fim de continuamente realizar e regularizar deveres para a execução de direitos correspondentes. Isto pode apontar para a possibilidade de geração de sentimentos de pertencimento, para que subjetividades políticas e afetivas sejam forjadas, bem como também pode gerar resistências e dificuldades para muitos.

A seguir, descrevo um trecho onde Poliana relatou um conflito que teve com uma moradora da ocupação onde também mora. A discussão ocorreu por ela ter descumprido uma regra existente na ocupação, onde proíbem que qualquer morador pregue propaganda política em suas casas ou em qualquer outro espaço da ocupação. A situação expressa um exemplo de possíveis resistências e desacordos que os moradores das ocupações podem ter em relação às regras que norteiam as constituições do MLB, demonstrando que tais regras podem ser desfeitas e subvertidas a todo momento.

> "O que que a gente combinou com os moradores? Você vai fazer panfletagem paga? Então você vai fazer lá na rua. Dentro na ocupação não. Então o pessoal entendeu. Não fazem até agora. Eu acho que nessa eleição vai mudar. Mas de uns tempos pra cá mudou muita gente, tem muita gente nova. Eu acho que vai ser barbárie. (risos). É, mas a gente conseguiu! Até agora. Na Paulo Freire também a gente conseguiu... Vamos ver como é que vai ser.

> Mas os cara chega e oferece grana, entendeu, cesta básica... Tem uma menina lá na esquina na Eliana que eu tive que conversar sério com ela. Ela tava com uma placa de um cara...
>
> (fala com um tom muito enfático) Eu cheguei e falei, "Olha, você sabe que não pode né! Tem que tirar!!! Quem que é esse cara!!? Esse cara nunca veio aqui. Você tá botando placa desse cara agora e tal? Esse cara é de direita, ele é contra a gente. Ele votou contra gente (em algum processo ao qual ela não se referiu)".
>
> Ai ela viro eu falou assim, "Não, mas ele me deu uma cesta básica." Ai eu falei, "Então você vai pegar a cesta básica e vai devolver pra ele e vai ir na assembleia e falar que você tá precisando de uma cesta básica que a gente faz uma cesta básica pra você. Agora não dá pra você se vender por causa de uma cesta básica. Amanhã esse cara tá aqui despejando a sua casa, e você tá uma placa dele aqui. Ai ela ficou puta mas tirou a placa." (Poliana, 2019).

Regras como as expostas anteriormente, são instituídas para preservar e difundir os valores e objetivos do movimento social. Como já exposto, o MLB se reconhece enquanto um movimento social de luta pela reforma urbana, mas também pelo socialismo. Por isto, para o MLB, o debate da reforma urbana e o direito à cidade não devem ser desacoplados da luta contra o sistema capitalista, que como afirmam, seria o problema central da sociedade e deve ser superado pelo socialismo. A partir da compreensão de que a falta de moradia é um dos maiores problemas vivenciados pela maioria das famílias brasileiras, vislumbram através da mobilização que realizam em seus territórios em torno das lutas pontuais pela habitação, o motor para outras lutas.

A partir desta perspectiva, as regras instituídas nos processos organizativos de realização e constituição das ocupações tem uma importância fundamental na difusão dos valores e objetivos do movimento social, tal como descrevem:

> "As ocupações do MLB devem ser espaços reais de poder popular. Nelas, todos os assuntos relativos à vida comunitária devem ser tratados e resolvidos coletivamente, em assembleias, cabendo aos coordenadores do movimento incentivar a participação de todos os ocupantes. Além disso, é preciso difundir e praticar os valores de solidariedade, companheirismo, socialismo, divulgar e ler coletivamente o jornal A verdade os documentos do MLB. (MLB, 2019 p. 22)".

Entretanto, mesmo que o socialismo seja uma bandeira explicita e expressa pragmaticamente pelo movimento social, as entrevistas e relatos aqui expostos, demonstram que nem todos os moradores da ocupação desejam aderir a certas regras e escopos ideológicos do MLB. Haja visto o conflito descrito entre Poliana e a moradora,

bem como a compreensão de Edinho a respeito das expectativas e interesses dos moradores pela casa e não pela ideologia política do movimento social.

A seguir, apresento três relatos etnográficos que ilustram os trabalhos que o MLB realiza com o intuito de difundir e praticar os valores expressos enquanto essenciais para o movimento social. O primeiro, refere-se a uma reunião de núcleo na qual participei. Sendo este um espaço onde as pessoas que buscam pelo MLB iniciam seus primeiros contatos com o movimento social. O segundo, refere-se a uma atividade realizada por militantes do MLB vendendo jornais nas ocupações. O terceiro consiste em uma etnografia realizada em um curso de introdução ao marxismo promovido pela UP, onde estiveram presentes alguns coordenadores do MLB que vivem na ocupação Esperança.

4.5 Reuniões de núcleo

As reuniões de núcleo do MLB consistem em receber pessoas que procuram o movimento social com o intuito de ocupar terrenos quando houver uma oportunidade e prepara-las para tal ação. Tal como os relatos de Maura e Poliana expressaram, a realização destas reuniões podem durar meses ou anos. Tudo irá depender dos planejamentos e ponderações do MLB em relação as oportunidades e riscos da ocupação de um novo terreno. Tive a oportunidade de etnografar duas reuniões de núcleo a partir da sugestão feita Poliana.

As reuniões de núcleo funcionam da seguinte forma. A princípio, as pessoas interessadas em ocupar os terrenos devem filiar-se ao MLB através de uma contribuição mensal de dez reais. Desta forma, assim que começam a participar, ganham uma carteirinha do MLB com o nome. Nesta carteira são anotadas algumas informações que serão determinantes para elencar as prioridades estabelecidas ao convocarem as pessoas para a realização de novas ocupações. Isto inclui a frequência destas pessoas nas reuniões de núcleo, a participação em outras atividades do MLB, como manifestações em apoio a outras ocupações, plenárias, cursos de formação, etc. Tudo isso gera uma pontuação e é anotado e controlado por quem conduz o núcleo, que neste caso é a Inês.

Vou me restringir a descrever apenas a primeira reunião de núcleo na qual estive presente por ter sido a que me apresentou mais elementos relevantes para a reflexão. Uma das primeiras coisas que me chamou a atenção nesta reunião foram as pessoas que ali estavam. No dia, cheguei alguns minutos mais cedo para a reunião que estava marcada para às 19 horas. Minutos antes de começar, já havia um aglomerado de pessoas

aguardando Inês para abrir a porta do auditório que estava fechado. Neste meio tempo, me encostei na parede e comecei a observar quem estava chegando. À medida que o tempo passava e eu observava as pessoas fui sentindo uma vontade tremenda de chorar e comecei a andar de um lado para o outro segurando o choro, respirando tentando me conter.

Esse sentimento veio à tona ao ver a quantidade de pessoas idosas que estavam ali, com os semblantes e marcas nos rostos de muito cansaço. Vi algumas delas sem os dentes, outras com roupas já muito velhas, puídas e rasgadas. Uma senhora, por exemplo estava calçando um pé de um calçado e outro pé de outro. Eu fiquei indignada e muito triste ao ver tantas pessoas já tão idosas, se aproximando do fim da vida, sem um mínimo de conforto, tendo ainda que lutar para conseguir uma moradia. Foi de doer o coração.

Quando Inês chegou, todos entraram. Eu me apesentei para ela e fui me assentar. Estavam todos colocando as cadeiras de formas aleatórias quando ela chamou a atenção dizendo para que fizessem um círculo: "Porque a gente faz um círculo? Pra ver todo mundo!" Logo quando a reunião começou, minha vontade de chorar passou porque em meio a tanta dureza as pessoas faziam piadas e deboches umas com as outras, riam, retrucavam e Inês guiava a reunião de uma forma um tanto escrachada, tal como ela me contou na entrevista "eu falo tudo o que penso". Desta forma, fui me envolvendo nas conversas do ambiente. No que diz respeito às brincadeiras e piadas, eu imagino que essa tenha sido a forma que encontraram de deixar as coisas um pouco mais leves, diante de uma luta que é densa, fazendo chacotas, buscando rir de alguma forma.

Havia ali 40 mulheres e 11 homens. Como dito antes, havia muitas idosas e idosos, mas também pessoas mais jovens, uma quantidade significativa com filhos e crianças de colo. Bem no início da reunião, Inês pediu que eu me apresentasse. Assim o fiz e falei para o que estava ali. Em seguida ela perguntou se havia alguém que estava ali pela primeira vez. Salvo engano, não havia ninguém.

Inês começou a falar sobre uma questão relacionada à documentação, algo que para mim, que estava ali pela primeira vez, foi bem confuso. Mas pelo que entendi, nas reuniões anteriores ela havia alertado as pessoas que estavam em uma fila de espera, que quando fosse o momento certo ela iria avisar a todos sobre a data de entrega de documentos. Isso serviria para que essas pessoas ocupassem vagas disponíveis em alguma ocupação ou terreno que o MLB havia conquistado em processos de negociação (eu não compreendi direito por ser minha primeira vez na reunião). Esta data já havia passado, e antes mesmo que as pessoas respondessem algo ela disse: "infelizmente, quem não trouxe

documento vai ficar para a próxima ocupação. Já foram ocupadas as vagas. Era pra ter trazido no domingo. E se eu mandar mensagem pra vocês qualquer dia desses de madrugada dizendo a ocupação é hoje, vocês vão ficar comendo mosca? Ocupação a gente avisa em cima da hora! É assim." E eu avisei com muita antecedência pra vocês entregarem esses documentos."

Em seguida começaram algumas reclamações de algumas pessoas e diversas justificativas sobre o porquê cada um não havia levado os documentos. Uma mulher disse que havia pago uma taxa, mas que não havia sido chamada e Inês respondeu dizendo que não fazia ligações, mas que mandava no grupo do *zap zap*. Neste momento uma mulher mais jovem, defendendo Inês, interrompeu e leu a mensagem que ela havia enviado no grupo e conferiu o nome das pessoas ali presentes. Adiante, uma outra mulher, uma senhora idosa, argumentou: "mas eu não sei mexer no celular". Mais uma vez Inês disse, "não é ligação, é ler as letrinhas!". Uma outra mulher respondeu à senhora "pede pro obreiro, pro pastor te ajudar!". Essa senhora mais velha que fez as reclamações estava ao meu lado. Ao escuta-la fiquei sem saber se ela não sabia usar um aparelho celular ou se ela não sabia ler. Não me senti à vontade para perguntar, mas entrei na conversa dizendo: "pede alguém para te ajudar..."

Neste momento começou uma discussão na sala, ao mesmo tempo Inês chamou a atenção de um homem que estava fora da roda com conversas paralelas e uma moça mais nova disse que iria "adotar" essa senhora que não sabia mexer no celular com o intuito de orientá-la e ajuda-la. A senhora respondeu, dizendo "Ah que bom, se não me ajudar eu vou ficar aqui dez vinte anos igual uma retardada"

Inês já um pouco brava disse "quem não sabe mexer no zap, pede alguém pra ajudar!!" Neste momento ela começou a repetir algumas regras, disse: "faltou três reuniões, tá fora!" e complementou: "três pessoas que estavam na lista de espera perderam o terreno porque não trouxeram os documentos". "Domingo e segunda eu fiquei aqui sem almoço trabalhando com isso o dia todo." Logo em seguida uma outra mulher concordou "é verdade! Eu vi!" Mais uma vez Inês repetiu "Quem não tem o zap, não sabe usar, pede ajuda, pede alguém pra te ligar". A mesma mulher que sugeriu adotar a senhora mais idosa ofereceu fazer um resumo do que acontecesse nas reuniões para aqueles que precisassem faltar algum dia. As pessoas gostaram da ideia e concordaram.

Instantes depois, Inês mais uma vez fez críticas dizendo que havia pessoas que estavam ali perdendo tempo e oportunidade. Neste momento um rapaz bem jovem,

retrucou: “porque quando fala de coisa ruim fala de mim?” Em seguida todos gargalharam, e Inês retrucou: “Você perdeu a oportunidade de acelerar!”

Pelo que eu havia compreendido, este rapaz mora na rua e vem acompanhando as reuniões de núcleo há bastante tempo. Enquanto ele e Inês se retrucavam, entendi que ele havia se envolvido em alguma confusão na porta ou dentro da ocupação, algo que envolvia bebida [60]ou uso de drogas. Por isso, esse jovem parece ter “perdido pontos” na carteirinha do MLB: perdido a oportunidade de “acelerar”.

Após esse incidente, ele levantou com a mochila e Inês o questionou falando alto “Ow! onde é que você vai com essa mochila?” Ele disse rindo “Vou no banheiro, ué”. Nesse momento todos mais uma vez gargalharam. Inês riu também, balançou com a cabeça e logo em seguida mudou o semblante e o tom de voz. Dizendo “Eu acho que vocês estão aqui brincando de ter casa” (fez um silêncio).

Diante dos inúmeros questionamentos que as pessoas estavam fazendo e das brincadeiras do rapaz, ela disse: “tem gente que tá há um ano aqui e não sai do lugar. Temos uma visitante aqui hoje (referindo-se a mim) e ela vai falar que vocês são todos uns tapados (as pessoas riram e eu fiquei muito sem graça). Inês continuou a falar e as pessoas pararam de rir e foram ficando mais sérias enquanto ela dizia: “Desse jeito como vocês vão conquistar uma casa? É desse jeito que vão construir? Enfrentar polícia desse jeito? O MLB não dá casa pra ninguém. O MLB ensina e ajuda a lutar! Aqui no prédio (ocupação Carolina Maria de Jesus) os jovens que moram aqui são perseguidos pela polícia! Os ricos querem os pobres cada vez mais pobres! Os ricos não querem ver ninguém ganhando casa. Acorda!! Tem que ser esperto! O mundo é dos espertos!

Por fim, diante de tantos questionamentos, Inês relembrou algumas regras e questões referentes à documentação prolongando-se à respeito das mesmas questões e em seguida finalizou a reunião que durou cerca de uma hora.

A partir dessa situação, destaquei elementos que colaboram para captar as instâncias materiais das sujeições enquanto constituição destes sujeitos Foucault (2015), bem como descrevi aspectos que exibem como o poder, exercido pelo movimento social, se relaciona e materializa através da presença da coordenadora Inês, que ao se apropriar desse lugar, controla e dirige as condutas e possibilidades de ação dos participantes do núcleo. A partir dessas reuniões, estabelecem-se os valores e regras do movimento social para as pessoas que se aproximam do MLB, a partir de então, tais regras e valores devem

[60] Uma das regras que existem dentro do MLB é a proibição do uso de álcool quando as ocupações são recentes e quanto o uso de drogas, é proibido permanentemente.

ser aderidos, pois estes sujeitos dependem do movimento social para "acelerarem" e alcançarem seus objetivos.

Pude também perceber neste espaço relações de colaboração e solidariedade que foram tecidas. A senhora idosa, que não sabia mexer no celular, por exemplo, desestimulada, reconhecendo-se como desprovida de conhecimento, recebeu o acolhimento de uma moça mais jovem que se dispôs a "adotá-la", bem como também se propôs a ajudar outras pessoas realizando resumos para outros como dificuldades.

Por várias vezes Inês se expressou rude e impaciente, sobretudo com as pessoas que diziam não saber mexer no celular. Pelo que observei, ela enquanto uma militante do MLB não estava ali assumindo um papel de alguém que fazia por alguém, mas ao contrário como ela bem mesmo afirmou um tanto nervosa, ela estava ali para ajudar as pessoas para que fizessem por si mesmas. Conforme argumentou, "O MLB não dá casa pra ninguém. O MLB ensina e ajuda a lutar!".

Por um lado, realizar um círculo com as cadeiras para que todos possam se ver sugere uma prática inclusiva. Por outro, não dar atenção para quem não sabe mexer no celular sugere uma prática que exclui. Entretanto, destaco aqui uma exclamação e questionamento expressos por Inês repetidas vezes: "desse jeito".

> "Desse jeito como vocês vão conquistar uma casa? É desse jeito que vão construir? Enfrentar polícia desse jeito? O MLB não dá casa pra ninguém. O MLB ensina e ajuda a lutar!"

Percebe-se que como Inês expressa, há um jeito, uma forma de se portar, comportar e de ser que devem ser incorporadas por essas pessoas se desejam conquistar uma casa. A partir da perspectiva descrita por Inês, de que o "O MLB não dá", mas "ensina a lutar", instruindo-os a "acordar", porque "os ricos querem os pobres cada vez mais pobres" e porque "o mundo é dos expertos", compreendo que talvez o fato de Inês não dar atenção a quem não saiba mexer no celular pode não ser uma prática que exclui.

A atitude de se negar a "pegar na mão" de cada um daqueles que não sabem por exemplo mexer no celular, provocou entre as pessoas que ali estavam presentes uma ação baseada em valores como a cooperação e solidariedade, como por exemplo a de uma mulher que se dispôs a ajudar a senhora e a realizar um resumo semanal para quem necessitasse. O aparente "não" de Inês que parece excluir, me pareceu ser também por entrelinhas um "sim". Um sim para que as pessoas se motivem e se mobilizem juntas,

"aprendendo a lutar" e a "acelerar". Sobretudo quando são alertadas sobre as dificuldades que podem encontrar pela frente como "os ricos" e a polícia que persegue os moradores.

4.6 Comissões de educação e formação do MLB

O aspecto observado no relato acima, que se refere às pessoas com dificuldade de manusear um celular, pode estar relacionado a questões relativas ao analfabetismo. Esta é uma questão que vem recebendo grande atenção dentro do MLB. A seguir descrevo a respeito de duas comissões de trabalho que foram criadas pelo movimento social com o intuito de erradicar ao analfabetismo nos territórios das ocupações, bem como também promoverem formações políticas para os moradores da ocupação.

O período que entrevistei Fábio Chagas e outros militantes do MLB, coincidiu com uma articulação do movimento social para a realização do congresso nacional, bem como o retorno deste encontro que também trouxe outras demandas ao MLB. Entretanto, mesmo que não houvesse ainda dado início a este projeto, ao entrevistar Fábio, pude compreender um pouco do esboço das metodologias das comissões e o que pretendem executar.

Um dos pilares do MLB consiste no trabalho para que seus territórios sejam livres da fome, e também livres do analfabetismo. Existe uma política de segurança alimentar nas ocupações do MLB que não permite que as famílias passem fome dentro das ocupações. Já o trabalho em relação ao analfabetismo ainda vem sendo consolidado. Por isso criaram a Comissão de Educação.

A Comissão de Educação do MLB, compreende a área educacional que seria a escolar, direcionada ao EJA[61] e ENCEJA. Com este intuito, o MLB vem realizando um mapeamento nas ocupações para contabilizar as pessoas analfabetas e desenvolver este trabalho. Fábio, descreveu um pouco sobre como tem sido este levantamento:

> "[...] bom em primeiro lugar, nós vamos participar das reuniões, dos cafés e nós vamos conversar nas ocupações. Lá nós vamos observar e ouvir. Ouvir quais são as demandas das pessoas. Depois a gente volta pra comissão, sistematiza a demanda. Depois o terceiro passo, a gente faz o planejamento da ação e o quarto passo, execução. Então esse é o nosso trabalho atualmente. Nós

[61] Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino criada pelo Governo Federal que perpassa todos os níveis da educação básica do país, com o objetivo de permitir que jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso à educação convencional na idade apropriada retome os estudos e conclua-os em um tempo reduzido, o que por sua vez abrange as possibilidades para estas pessoas no mercado de trabalho.

> estamos participando de reuniões em ocupações. Inclusive em núcleos de base de famílias que ainda vão ocupar, a gente já tá participando, porque tem pessoas não alfabetizadas né, porque a gente vai alfabetizar antes da ocupação a gente quer alfabetizar essas pessoas". (Fábio Chagas, 2019).

A comissão de educação já conseguiu realizar um curso preparatório para o ENCEJA e o EJA ainda está para ser realizado. Fábio, que atualmente é responsável pela Comissão de Formação, mas também contribui com a Comissão de Educação comentou sobre como o projeto foi realizado:

> "Marina: O ENCEJA foi feito com algum apoio Institucional?
>
> Fábio: Não. Na raça, na raça. É feito com os nosso recursos. Nós fizemos um ENCEJA, foi todo na raça. Ganhamos uma doação cadeira, compramos um quadro, compramos as canetas. O professores eram do movimento. Todos do movimento. Bons professores. E professor de redação, foi muito legal né, tivemos professor de inglês de redação. E poucos alunos, mas a gente fez. Acho que a gente tinha que fazer a gente fez, foi uma conquista da comissão né. Agora o EJA vai de acordo com o levantamento dessas reuniões né. Quantos analfabetos tem nas ocupações pra gente chegar com o EJA.".

Esta seria então a Comissão de Educação que busca erradicar o analfabetismo nas ocupações. Já em relação à Comissão de Formação, menciona Fábio:

> "Fábio: A comissão de formação é um pouco mais ampla, ela trabalha com os vários níveis da formação política, o nível das ocupações, por exemplo, aquele curso que a gente deu de origem do marxismo, nós vamos compactar aquele curso pra dar nas ocupações. Os moradores de ocupação vão receber aquele curso também.
>
> Marina: É obrigatório?
>
> Fábio: É opcional. Mas a gente recomenda, porque a gente cobra muito das pessoas a gente cobra muito isso, porque se você não cobrar, fica muito difícil de você imaginar que espontaneamente todo mundo o tempo inteiro vai "ah, eu tenho que ter consciência do coletivo, eu tenho que ter consciência que meu lixo vai..." Talvez seja por isso que chamem a gente de autoritário porque a gente fica no pé, "vamo lá gente" o lixo na porta de casa não rola, né vamo reunir pra discutir a questão dos alimentos, quais são as famílias que tão passando necessidade, porque a gente tem uma política de segurança alimentar, a gente não permite que as famílias passem fome dentro das ocupações. São territórios livres da fome, e que serão livres do analfabetismo também. E que nós queremos creche... Então tudo isso requer organização, que você fique no pé das pessoas, como você faz com um filho, um aluno.
>
> O MLB então vai se dividir na formação nesses temas mais gerais, por exemplo, ôh a gente tá com um caso de machismo dentro da ocupação, ai o movimento Olga Benário vai lá e faz a parte dela, faz uma formação. Mas ai a gente faz outras, a questão LGBT, a questão do estado, o que é política, racismo, essas formações mais básica né. E ai tem a formação mais teórica

> mesmo que é você se apropriar da ferramenta teórica pra descortinar a sociedade capitalista e entender o funcionamento dela né a gente tem também esse propósito, que o curso, embora tenha sido da UP o MLB nada nesse curso também né, a gente aproveita e vice versa né.".

Um dos temas gerais propostos pela comissão de formação citados por Fábio, o machismo, compreende um dos grandes problemas vivenciados pelas mulheres nas ocupações do MLB. Por isso uma das regras existentes no movimento social consiste na expulsão de agressores. Entretanto, tal regra parece não vir proporcionando os resultados esperados. Maura e Inês abordaram sobre este assunto nas entrevistas realizadas fazendo algumas ponderações:

> "Maura: [...] São problemas que já tavam lá... que tão na nossa vida e por ser movimento é um pouco mais difícil, que é a questão da violência doméstica. São problemas que já são da periferia mesmo, e que agora eles tão dentro do movimento sabe, dentro da ocupação ali, que o movimento tem que cuidar sabe, isso é terrível. E a gente tenta, é o de fora, mas pra dentro, pra nós tem um peso maior, porque as mulheres não vão dizer, a maioria não diz, mas você tá vendo que tem. Mas a regra... A gente tem regra né, homem que bate em mulher tá fora da ocupação. Isso daí é claro dentro do movimento, mas as mulheres não dizem, elas sofrem. A maioria dos moradores de ocupação são mulheres, ou elas são sozinhas ou elas ficam sozinhas, porque os maridos não aguentam aquilo ali, a luta. Aquela luta inicial. (Maura, 2019)
>
> Marina: Em casos de agressão o que acontece?
>
> Inês: A gente põe o homem pra fora, mas geralmente a mulher vai junto. Todos, não teve um que o marido não foi e depois ela foi também. (pausa) A linha do MLB é a seguinte, o homem que agride a mulher ele é excluído, mas hoje em dia eu não vejo isso certo. Porque você exclui o homem depois a mulher fica também sem casa, porque ela pega os meninos e vai viver com o homem.
>
> Marina: Quando acontece isso, o que vocês fazem? Chama para conversar no particular?
>
> Inês: É, antes de excluir, nossa, a gente chama muito para conversar.
>
> Marina: Vocês dão chances então?
>
> Inês: Dá! Assim, a gente não exclui assim também não. Eu acho que nesses três anos foi excluído umas três pessoas. A gente não exclui assim. A gente vai falando, vai falando, vai falando até perder a paciência, entendeu? E muitos também saem porquê? Porque não aguentam. As vezes quer usar droga a vontade, então a gente não deixa usar aqui dentro. Então é essas coisas, então muitos não ficam." (Inês, 2019).

Conforme descrito, a regra estabelecida pelo MLB em relação a casos de agressão às mulheres, a princípio, tem o objetivo de protege-las, mas na maioria das vezes não tem trazido os resultados esperados. Aspectos que existem na sociedade como a violência contra a mulher e o alcoolismo, mostram sua fase de forma mais enfática e perversa na vida de pessoas mais pobres. Por este motivo, o MLB compreende que as

formações políticas[62] também possam ser importantes para ajudar a combater estes aspectos em seus territórios.

4.7 Brigada do jornal "A verdade"

O jornal "A verdade" é um jornal online e impresso criado pelo PCR. O jornal nasceu a partir da compreensão do partido de que o que chamam de imprensa burguesa, estaria presente de forma hegemônica em programas de televisão, jornais impressos, rádios dentre outros meios digitais, tendo esta imprensa o objetivo não de informar a verdade e analisar os fatos como o desemprego, violência, greves, corrupção, guerras, etc. Ao contrário, compreendem que, a imprensa burguesa vem vinculando mentiras, divulgando o ponto de vista, ideias e concepções de mundo das classes dominantes com o intuito de "amortecer" as contradições de classe. Por isso, para o PCR, a reprodução do jornal A Verdade seria eficaz para expressar e difundir a concepção marxista do mundo e a luta de classes, tal como descrito na página online do jornal:

> "Nessa situação, as massas populares e, em particular, a classe operária, não têm outra saída que não seja declarar guerra à mentira, à falsificação e à farsa da imprensa burguesa. Em outras palavras, a classe operária necessita de uma imprensa oposta – por seu caráter, por seu conteúdo e por sua linha política e ideológica – à imprensa burguesa. Ou seja, uma imprensa que expresse a concepção marxista do mundo e da luta de classes. É com este compromisso que nasce *A VERDADE***,** um jornal dos trabalhadores a serviço da luta pelo socialismo, pois, como disse Marx, "o primeiro dever da imprensa é minar todas as bases do sistema político existente". E este é o dever que *A VERDADE* lutará por cumprir. (Jornal A Verdade, disponível em: http://averdade.org.br/quem-somos/aceso em:15/10/2019)".

No dia 7 de dezembro, estive na ocupação Eliana Silva para etnografar uma atividade do MLB chamada "Brigada do jornal A Verdade", momento em que militantes se reúnem para vender jornais nas casas das ocupações. A Brigada foi marcada para as 9 horas e o ponto de encontro foi a ocupação Eliana Silva. No dia estava também programado um evento de comemoração de natal para as crianças. Já bem cedo havia uma movimentação de vários moradores da ocupação em baixo de uma tenda de plástico branca, em frente à creche da ocupação, onde estava acontecendo um bazar.

[62] Ao longo da minha pesquisa não tive a oportunidade de etnografar alguma formação política realizadas pelo MLB. Pude participar do curso introdução ao Marxismo promovido pela UP, onde pude tatear um pouco das metodologias do MLB, pelo fato de ter sido promovido por militantes do MLB, estando imbricada as relações do movimento social com o partido.

Quando cheguei, avistei as pessoas no bazar e, na rua acima, Poliana, Léo, Fábio, Maura e mais três outras pessoas. Todos estavam sentados na porta da casa de Léo e Poli aguardando as impressões dos jornais que seriam trazidas por Tales que é advogado, militante do MLB e morador da ocupação Carolina Maria de Jesus. Assim que Tales chegou, todos se levantaram e começaram a se organizar para a Brigada. Neste instante foram chegando outros moradores da ocupação Eliana Silva e Paulo Freire. Os jornais foram distribuídos entre todos, e eu que a princípio fui para a Brigada com o intuito de acompanha-los e observar, também recebi alguns jornais e a missão de vende-los.

Eu fiquei no grupo destinado a ir para a ocupação Nelson Mandela[63]. Estavam no grupo comigo, Tales, Léo, Fábio Jota, uma moradora da ocupação Carolina Maria de Jesus que veio para a Brigada, assim como Tales, outra moradora da Eliana Silva, um homem morador da Vila Olaria, localizada na região do barreiro que estava em aproximações com o MLB e no meio do caminho, quando saímos da Eliana Silva e nos deslocamos, a moradora e coordenadora da Nelson Mandela se juntou a nós.

Assim que começamos a caminhar, começou a chover. Paramos dentro de um espaço de serralheria de um morador e esperamos a chuva passar. Quando a chuva estiou saímos todos andando e de forma espontânea fomos nos separando e nos dividindo entre as ruas.

Antes de tentar começar a vender o jornal, comecei a observar como uma moradora da Elina Silva, que estava próxima de mim, dialogava com as pessoas na tentativa de vender o "A verdade". Percebi que ela se aproximava das pessoas, mostrava o jornal, falava de uma das matérias da capa, que se referia às mudanças do décimo terceiro e em seguida alegava que as pessoas deviam compra-lo para estarem "por dentro".

Além disso, esta mesma moradora, por várias vezes no percurso da Brigada, durante as tentativas de venda, argumentava que a compra do jornal ajudaria o "movimento" (O MLB). Em outros momentos, observei que ela dizia também para as pessoas, que diferente dos outros jornais que falavam mentira, esse era o jornal que só falava a verdade. Também afirmava que o jornal "exprimia e não saia sangue", contrapondo o jornal A verdade com jornais que seriam sensacionalistas.

[63] A ocupação Nelson Mandela está localizada entre Vila Pinho e Vila Santa Rita, na região do Barreiro em Belo Horizonte, Minas Gerais. A ocupação surgiu na última semana de fevereiro de 2014 com 300 famílias, a princípio se organizaram sem vínculos a movimentos sociais.

Imagem 8: “Foto da Brigada do jornal ‘A Verdade’ na ocupação Nelson Mandela, 2019”.

Depois de observar esta moradora, fui tentar vender alguns jornais usando os mesmos argumentos que ela estava usando. Chegava para as pessoas e dizia que seria bom que elas comprassem para que ficassem por dentro das informações sobre seus direitos e que diferente de outros jornais e mídias, esse falava “a verdade”, que era o jornal do povo e que comprando-o ajudariam o movimento.

Segui batendo de porta em porta e as pessoas sempre me diziam “outra hora viu filha.” Ou então “Ah, eu tô sem dinheiro aqui”. Depois de um tempo me afastei desta moradora e fui observar como as outras pessoas estavam vendendo o jornal. Me aproximei de Tales e percebi que ele levava muito mais tempo conversando com as pessoas, se apresentava enquanto militante do MLB, dizia que o jornal era de fonte independente, sem financiamento de empresas, e que por isso tinham liberdade de expressão para escrever da forma que desejassem, falando a verdade, além disso percebi que ele sempre abria o jornal e apontava as matérias, dando destaque a matéria sobre o décimo terceiro. Entretanto, as respostas das pessoas seguiam as mesmas “fica pra outro dia...” ou “tô sem trocado aqui”. Depois de observar Tales, me aproximei de Léo e vi que sua abordagem era muito similar à de Tales e as respostas que obtinha eram as mesmas também.

Por fim, me aproximei da coordenadora da Nelson Mandela e comecei a puxar assunto. Perguntei se ela estava vendendo e ela disse para mim que tinha que falar para as pessoas que se elas comprassem estariam ajudando a pagar advogado, arrumar a luz da ocupação dentre outras coisas. Ela me disse que só assim as pessoas compravam. Diante desse argumento ela criticou as pessoas dizendo "esse povo não quer saber de nada, só assim. Tem que falar assim pra eles!"

Neste momento eu me afastei dela e continuei a vender, dessa vez usando a estratégia de todos ao mesmo tempo. Em um dos portões que bati me deparei com uma mulher que deveria ter na faixa de uns quarenta anos, ela abriu o portão, eu sorri dizendo bom dia, abri o jornal para ela e ela olhou para mim dizendo com desdém "Ah, eu não quero te escutar não tá moça!", em seguida bateu o portão na minha frente. Depois desta situação, segui batendo nas portas das casas, ainda sem conseguir vender nenhum jornal. Um tempo depois me deparei com a coordenadora da Nelson Mandela e comentei sobre o ocorrido da "porta na cara".

Ela ficou invocada dizendo que era um absurdo ela ter feito isso e pediu que eu mostrasse para ela qual foi a casa onde ocorreu esse fato, pois ela iria lá e a mulher "ia ouvir". Ela continuou a reclamar, dizendo que as pessoas não queriam saber de nada, que eram folgadas e que depois vinham pedir as coisas, etc... Eu não havia me lembrado muito bem qual casa foi e também não fiz esforço para lembrar, evitando que ela fosse até lá. Mas pela descrição que fiz da mulher, a coordenadora me disse que imaginava quem era e que ela iria "ouvir na assembleia".

Já no final da Brigada, um tanto cansada, no alto de um morro avistei uma casa com centenas de objetos por todos os lados. Era um topa tudo. Vi uma senhora mexendo no meio das coisas e entrei pedindo licença. Apresentei o jornal e ela me perguntou se eu tinha troco. Neste mesmo momento quase todos estavam subindo a rua e eu feliz em ter ajudado a vender um jornal em meio ao calhamaço que carregava, perguntei se tinham troco. As pessoas se aglomeraram ali enquanto ela foi buscar o dinheiro e o Léo e a coordenadora da Nelson Mandela disseram satisfeitos, "ah, essa senhora sempre compra mesmo!". Ela chegou com o dinheiro, demos o troco. Ela ofereceu água para todos, conversamos um pouco e seguimos para finalizar.

Ao final da Brigada, o grupo ao qual participei se reuniu em uma das ruas da Nelson Mandela para fazer uma avaliação da Brigada e realizar uma contagem dos jornais vendidos. Foram cerca de 12. Neste momento, eu tirei uma foto para eles e seguimos para

a ocupação Eliana Silva. Chegando lá, encontramos com Poliana cheia de moedas nas mãos. A turma que fez a Brigada na ocupação Eliava Silva havia vendido cerca de 35 jornais. Todos pararam ali para contar os jornais e o dinheiro. Enquanto isso, Léo veio conversar comigo e me perguntou sobre o que eu achei. Disse para ele que era isso aí mesmo, "trabalho de formiguinha". Me lembrei das passagens de casa em casa na ocupação Guarani Kaiowá, quando entregamos jornais ou panfletos e das caras de desanimo e desinteresse de alguns moradores que surgem as vezes. Por isso não estranhei muito as reações das pessoas. Léo me respondeu que diferentemente da ocupação Eliana Silva, a ocupação Nelson Mandela não era uma ocupação do MLB, ou seja, não passou pelos processos organizativos do movimento social de reunir sem tetos, realizar formações em reuniões de núcleo. A Nelson Mandela que surgiu sem vínculos com movimentos sociais, vem sendo atualmente apoiado pelo MLB.

Este seria, de acordo com Léo, um dos motivos que explicaria o fato do desinteresse das pessoas, contrapondo as vendas do nosso grupo com as vendas do grupo que ficou na Eliana Silva.

Imagem 9: "Brigada do jornal 'A Verdade' na ocupação Nelson Mandela, 2019".

4.8 Curso de introdução ao Marxismo

No dia 8 de setembro de 2019, participei de uma formação política promovida pela UP cujo tema foi introdução ao marxismo. O curso, que foi lecionado por Fábio Chagas junto ao Leonardo Péricles (Léo), aconteceu no auditório da ocupação Carolina Maria de Jesus. Lá havia a presença de muitos militantes do MLB, do PCR, da UP, UJR E Olga Benário. Embora a formação política tenha sido organizada pela UP, achei relevante ter ido para conhecer um pouco das metodologias utilizadas nas comissões de formação e educação coordenadas por Fábio Chagas, militante do MLB e da UP, bem como observar a relação de militantes do MLB, moradores da ocupação Esperança, com estas propostas de formação política.

O curso foi composto por um arcabouço teórico onde ambos projetaram na parede slides que abordavam sobre o surgimento do marxismo, perpassando por temas abordados sob este viés ideológico, por exemplo, as relações do trabalho, luta de classes a exploração dos oprimidos, etc.

Léo e Fábio Chagas presidiram o curso com um maior tempo da fala, mas ao longo do curso o espaço esteve aberto para interrupções, apontamentos e dúvidas dos participantes que pudessem surgir no decorrer da formação. Na frente da sala, pregadas nas paredes, havia bandeiras do MLB, da UP do Movimento Olga Benário e da UJR. Léo iniciou o curso dando boas vindas, agradecendo o MLB e a ocupação Carolina Maria de Jesus por ceder o auditório, frisando que todos estavam dentro de uma ocupação urbana em um de “nossos territórios”, como descreveu.

Léo também deu algumas instruções sobre a programação do dia e complementou dizendo que alguns aspectos eram precários no local. Primeiro falou para todos que o almoço estava sendo feito por pessoas voluntárias, e depois instruiu sobre o uso do banheiro, explicando que não havia descarga nem tampa, e que por isso as pessoas deveriam usar um balde com água para dar “descarga” e um pedaço de madeira enquanto tampa. Em seguida Léo disse “é essa a realidade que a gente vive”, trazendo naquele momento a reflexão de que todos estavam ali para um curso teórico, mas utilizou deste exemplo do banheiro, que é um aspecto relacionado às precariedades às quais as pessoas que vivem em ocupações urbanas geralmente lidam, para argumentar sobre como a teoria deveria servir à prática, no sentido de que não bastavam às reflexões se estas estivessem desatreladas da ação, da militância enquanto uma ferramenta com potencial transformador na sociedade.

Em seguida, Fábio se apresentou afirmando que neste curso havia pessoas com níveis de escolaridade diferentes, e que por isso, utilizaria uma linguagem simples com o objetivo de ampliar o conhecimento através da equidade. Ao dar início ao curso, uma das primeiras coisas ditas por Fábio foi que algumas ideias e noções deveriam ser extirpadas, sendo uma delas pensamentos como “mas isso sempre foi assim”.

Ao rechaçar esta frase, Fábio afirmou que as pessoas deveriam tomar cuidado com esses pensamentos de que “as coisas sempre foram assim”, argumentando que não, que o sistema capitalista, por exemplo, não existiu “desde sempre”, que ele foi criado por humanos e que passou a existir um dia. Fábio deu outro exemplo dizendo que a Idade Média durou 1000 anos e que foi findada, complementando que o capitalismo tinha apenas cerca de 200 anos.

Um outro exemplo complementar dado por Fábio foi referente aos padrões de estética existentes do período renascentista, dizendo que antes as mulheres consideradas bonitas e bem vistas eram as mulheres gordinhas, e que agora a sociedade impusera um outro modelo de padrão de beleza, argumentando “tudo se transforma”. Ao longo do curso, mais à frente, Fábio novamente reiterou essa questão dizendo: “temos que tirar da nossa cabeça essa frase que diz que “sempre foi assim e sempre será”. “Não podemos desconsiderar os processos históricos”.

Durante o curso, Léo e Fábio também disseram que o Marxismo vem sendo muito atacado, mal visto e rejeitado na contemporaneidade. Isto se daria, segundo eles, pelo fato de que o Marxismo mostra os poderes da burguesia e propõem mudanças. E complementaram com grande ênfase “Nenhuma, nenhuma teoria conseguiu explicar como robôs vão para Marte, como tanto dinheiro é investido em tecnologia, enquanto ainda existem pessoas passando fome, e crianças sem acesso à educação”.

Ao longo do curso, durante várias vezes, percebi que Fábio dava exemplos buscando acessar pessoas, como as moradoras das ocupações que estavam presentes e, ao que tudo indicava, pareciam ter vínculo com religiões cristã. Em um momento, Fábio disse: “O que o Comunismo quer basicamente? É repartir o pão, o peixe e o conhecimento”. E complementou dizendo que mesmo que o marxismo tivesse várias críticas à religião, o que importava para um movimento social guiado pela ideologia marxista, seria fazer o que Jesus disse: “amar seu próximo”. Neste momento percebi que as mulheres, moradoras da ocupação Esperança, se entreolharam e balançaram a cabeça em sinal positivo.

O encontro começou as nove horas com pausa para o almoço e, na parte da tarde, foi exibido o filme "O Jovem Marx", para ilustrar as questões debatidas anteriormente. Havia no dia muitos jovens que integravam os movimentos sociais próximos ao PCR, MLB e a UP, como por exemplo militantes do movimento Olga Benário, do movimento União da Juventude Rebelião (UJR), alguns militantes do MLB que não viviam nas ocupações, outras pessoas que não faziam parte de nenhum movimento, mas que estavam interessadas e, por fim, quatro moradores da ocupação Esperança.

Ao final do curso, Léo e Fábio fizeram agradecimentos e pediram um retorno dos participantes. Leo fez um convite para que as pessoas se filiassem a UP junto a uma série de argumentos que abordavam sobre as vantagens das pessoas acreditarem neste partido. Léo disse: "Marx não só escrevia, mas era militante. Eles escreveram o manifesto do Partido Comunista. É hora da gente tomar partido! O Bolsonaro tem um partido. Aqui em Minas Gerais o Zema precisa de um partido, então nós precisamos de homens de mulheres de milhares de pessoas...".

Neste instante, Léo foi interrompido por um homem que levantou a mão, era o marido de Edna, e ele disse:

> " Há 6 anos eu era um... só casa, trabalho e igreja. E agora nesse curso eu vejo o que é ter liberdade quando você tem conhecimento. Tem uma cena no filme (O jovem Marx) que a gente já viveu. A polícia chega e sai batendo... O "menor" sempre com a cabeça baixa... Talvez é falta de abertura da mente. Eu vejo nesse filme uma oportunidade. Eu vou lutar até os 70 anos, como o Bolsonaro quer..."

Léo e Fábio estimularam as pessoas a darem mais relatos sobre o que acharam do curso, e uma outra moradora da ocupação Esperança relatou:

> "Muito bom, excelente pra quem tá na luta. Aprendi muito. Eu sou muito curiosa! Na prateleira da patroa dá pra eu folear um pouco..."

Paulista que estava presente no dia, também, se manifestou:

> "Até um tempo atrás eu odiava política. Hoje nós vivemos a política. Tudo o que fazemos é política. Ir pra rua, a gente tem que ir sim. Esse curso é bom, deu pra aprimorar muita coisa. Gostei! O próximo pode me convidar!".

Em meio a estes relatos, alguns militantes dos movimentos sociais vinculados ao PCR, MLB e UP reiteraram a importância de que as pessoas não ficassem apenas na esfera reflexiva, mas que partissem para ação, para a militância. Isto soou como mais um convite e propaganda para que as pessoas ali presentes ingressassem na UP, MLB, UJR ou Olga Benário.

Um outro militante do MLB por sua vez, elogiou o almoço que foi servido, dizendo que estava muito gostoso. Todos concordaram. Neste instante Léo reconheceu que cometeram um erro por terem se esquecido das mulheres que fizeram o almoço, pedindo alguém que as chamassem na cozinha. Quando elas chegaram no auditório, Léo disse para elas sobre o erro de não terem se lembrado delas e as agradeceu junto a todos os participantes pelo almoço que cozinharam, pedindo "uma salva de palmas às trabalhadoras."

Ao analisar esta situação, retomo o que Freire (1970) nomeia enquanto compromisso dialógico. Aqui também pude perceber a relação de "A" + "B". À luz desta questão, destaco algumas proposições do autor a respeito da relação entre ação e reflexão:

> "Se, pelo contrário, se enfatiza ou exclusiva a ação, com o sacrifício da reflexão, a palavra se converte em *ativismo.* Este, que é ação pela ação, ao minimizar a reflexão, nega também a práxis verdadeira e impossibilita o diálogo. Qualquer destas dicotomias, ao gerar- se em formas inautênticas de existir, gera formas inautênticas de pensar, que reforçam a matriz em que se constituem." (FREIRE, 1970, p. 44).

Neste acontecimento etnografado, pude também perceber tal situação enquanto um exemplo do que Poliana havia me relatado anteriormente, quando descreveu a metodologia que, buscando exercer, utiliza do reconhecimento do erro enquanto uma ferramenta de desconstrução de hierarquias e personalismos. Havíamos todos passado o dia inteiro mergulhados em questões teóricas que abordavam sobre a classe trabalhadora, as relações de trabalho, mas as cozinheiras passaram até a última instância despercebidas, até corrigirem o erro de forma que a reflexão e a ação potencializaram uma oportunidade concreta de aprendizagem dentro do tema abordado no curso.

Ao final do curso, o mesmo morador, marido de Edna, pediu uma salva de palmas para Léo e Fábio em sinal de agradecimento. Neste momento de encerramento,

Léo anunciou a venda do jornal “A Verdade”, sugerindo que as pessoas o comprassem. Também informou que estava sendo passado entre as cadeiras um formulário de filiação ao partido UP para que os interessados preenchessem, um certificado de participação do curso e um formulário de avaliação e opinião sobre o curso para preenchimento dos participantes.

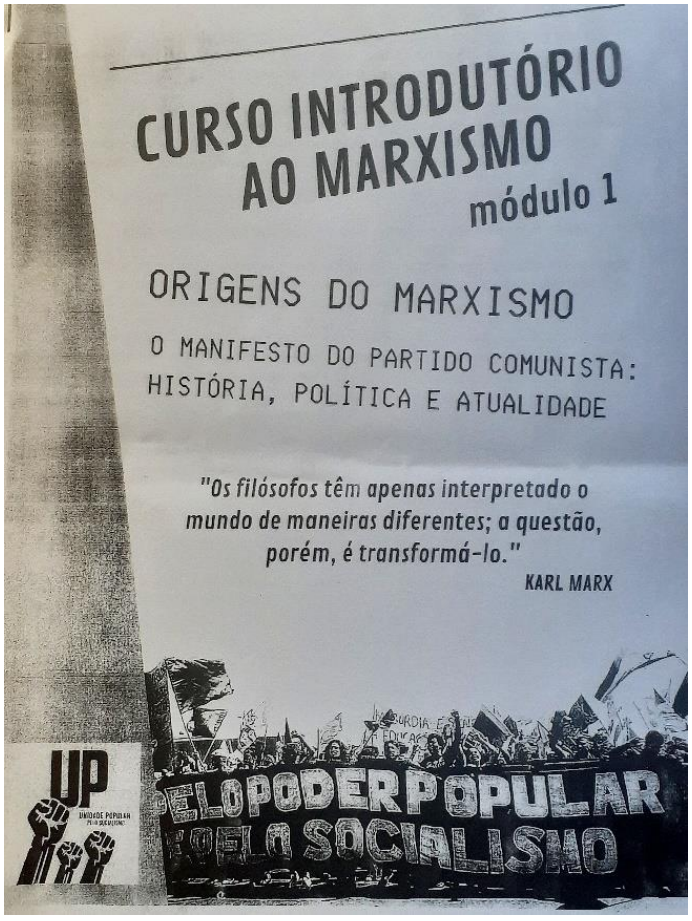

Imagem 10: “Capa da apostila entregue no dia do curso de introdução ao marxismo”.

Os eventos etnografados acima, como a reunião de núcleo, a Brigada do jornal A Verdade e o curso de Introdução ao Marxismo exibem ações do MLB através dos quais, ancorados em seus vieses ideológicos, agem em torno de disputas de definições e significados políticos. Isto pode se dar no decorrer das reuniões de núcleo, através dos valores colocados nestes espaços por quem os preside e, possivelmente nos projetos de

alfabetização[64] de sujeitos que vivem nas ocupações do MLB, como o EJA e ENCEJA, bem como em outras diversas formações políticas promovidas pelo movimento social.

Segundo os militantes, um dos desígnios das formações políticas promovidas pelo MLB, sustenta-se na compreensão de que estas ações potencializam a democratização e disputa dos meios de comunicação. Edinho e Poliana, argumentaram sobre esta questão. De acordo com Edinho:

> "[...] a gente vive em um negócio que a gente é formado pela Televisão, pela igreja, e até pela própria escola. No ensino infantil por exemplo, existe a questão sexista que menino tem que vestir roupa tal, menina usa roupa x, que menino brinca de carrinho e menina de boneca. Até dentro da escola você tem esse tipo de informação ideológica que aliena a pessoa. Então tem gente que vive na ocupação pela necessidade, mas está com a consciência pesadíssima porque acha que o que tá fazendo tá errado, e só faz por necessidade.
>
> Então as pessoas ainda tem essa culpa católica que elas carregam na alma. E a gente, por mais que tenha vários movimentos sociais, que tenham várias linhas e tenham muita coisa boa e política boa pra poder fazer, não consegue chegar até todo mundo. Primeiro porque nossa voz é limitada, que você vai competir com um veículo de televisão. Você acha que se eu chegar lá na ocupação agora e falar tal ou qual coisa, (tirando as pessoas que me conhecem da luta de 5 anos, que sabem que eu tô lá com eles) mas pra quem não me conhece tanto, você acha que qual palavra que vale mais, a minha ou a do William Bonner que fala na televisão? Nunca viram o William Bonner pessoalmente na vida, mas se ele falar tal coisa e eu falar que é outra, vão acreditar no outro lá. O cara usa terno e gravata, passa na televisão, é rico, se formou pra aquilo.
>
> Quem sou eu sabe. Assim... A gente ainda é pequeno pra poder chegar nesse patamar do que a gente espera. A gente tem essa batalha da democratização dos meios de comunicação. Enquanto a gente não consegue isso, a gente trabalha o máximo, vende jornal de casa em casa, faz mobilização boca a boca, a gente faz assembleia, faz essas parada toda, porque é para poder se manter perto do povo. Porque é saber, com esses aqui, esses aqui tão ganho, tão convencido de que o caminho é a luta. (Edinho, 2019)".

Já Poliana, ao abordar sobre as metodologias das formações políticas do MLB e vendas dos jornais "A Verdade", complementou que as formações devem ser formatadas de acordo com as realidades do território onde as pessoas vivem:

> "A formação política nós temos dado uma vez por mês. A gente fez o último sobre direito à cidade. Fizemos uma metodologia um pouco mais leve. Funciona assim, uma vez por mês a coordenação do MLB tem que se reunir. (o Encontrão) E ai no "Encontrão" a gente usa a parte da manhã para formação,

[64] Como não tive a oportunidade de etnografar ou conhecer melhor a frente de educação vinculada a curso de alfabetização, EJA ou ENCEJA que estão em andamento, aqui me restringi a tecer análises sobre os projetos de formação política do MLB.

> e ai a formação é aberta e ai a gente chama geral, e fala "galera vamo cola, formação e tal". Então tem gente que vem.
>
> Não é suficiente! Por isso eu tô dizendo que a formação política tem que acontecer nos espaços de assembleia, porque é a onde o povo tá. O povo não sai do seu território, da sua casa pra ir pra uma formação não, entendeu? Depois de um tempo até vai, depois que ele criou consciência, mas pra começar a criar consciência o espaço pra formação é assembleia. Então leitura do jornal... A gente tem vendido muito jornal, a gente tá fazendo Brigada uma vez por mês, todo primeiro sábado do mês a gente faz uma Brigada do jornal que é passar de casa em casa, ler e vender jornal nos bairros, explicando matéria... Então isso a gente tem feito.
>
> Nas assembleias, nós a iniciamos geralmente lendo uma matéria ou discutindo alguma coisa que aconteceu. Na última assembleia da Eliana por exemplo, a gente tava discutindo a questão da Amazônia que estava pegando fogo. Então a gente falou "isso não tá acontecendo por acaso, o agronegócio tá colocando fogo gente." Ai o pessoal falou, "Ah, é mesmo!? Achei que..." "Não, não é o fogo que tá pegando. São os caras que tão colando fogo! O agronegócio." Então você começa a discussão e o pessoal começa a ficar um pouco mais crítico né. Então a gente tem feito essas formações". (Poliana, 2019).

Escobar, Alvarez, Dagnino (2000) argumentam que conceitos convencionais de cultura, encontrados em várias disciplinas, interpretados enquanto estática – embutida num conjunto de textos, crenças e artefatos canônicos – contribuíram para invisibilizar práticas culturais cotidianas como um terreno para – e fonte de – práticas políticas. Estes autores por sua vez, na contramão desta perspectiva, tecem análises dos movimentos sociais dando ênfase em seus aspectos de produção cultural, a partir da perspectiva da cultura enquanto um processo coletivo e incessante de produção de significados que moldam a experiência social e configuram as relações sociais. A respeito da compreensão de política cultural afirmam:

> "Nossa definição de política cultural é ativa e relacional. Interpretamos política cultural como o processo posto em ação quando conjuntos de atores sociais moldados por e encarando diferentes significados e práticas culturais entram em conflitos uns com os outros. Essa definição supõe que significados e práticas – em particular aqueles teorizados como marginais, oposicionais, minoritários, residuais, emergentes, alternativos, dissidentes e assim por diante, todos concebidos em relação a uma determinada ordem cultural dominante – podem ser a fonte de processos que devem ser aceitos como políticos" (ESCOBAR, ALVAREZ, DAGNINO, 2000 p. 21).

Para estes autores, os movimentos sociais seriam então uma arena crucial para a compreensão de como se ocorre na prática, entrelaçamentos do cultural e do político, além da possibilidade de examinar o potencial e efeitos destas práticas culturais para promover mudanças sociais. Como argumentam, Escobar, Alvarez, Dagnino, (2000) a

cultura também é política por abarcar significados constituídos em processos que implicitamente ou explicitamente buscam redefinir o poder social. Isto se daria quando tais significados são subvertidos, como por exemplo, apresentando outras concepções de mulher, natureza, raça, economia, cidadania, economia, etc, que por sua vez podem desestabilizar os significados culturais dominantes. Assim, os movimentos sociais executariam uma política cultural.

Vinculando estas questões às etnografias aqui descritas, um exemplo que compreende os aspectos da política cultural executada por movimentos sociais, com potencial de desestabilizar significados culturais dominantes, na perspectiva de Escobar, Alvarez Dagnino (2000), podem ser vistos no que está expresso no site do jornal A Verdade, quando se refere às suas ambições, sustentando-se em uma premissa de Marx: "o primeiro dever da imprensa é minar todas as bases do sistema político existente". Esta afirmação exposta no site do jornal corrobora para a compreensão de que através das vendas dos jornais, no momento chamado de "Brigada do jornal", estes buscam desestabilizar e disputar concepções e significados culturais dominantes, conversando com as pessoas ao passarem de casa em casa, na tentativa de vender um conteúdo que auxilia o movimento social a estabelecer tais diálogos e disputas. É como Edinho expressou ao argumentar sobre a importância de "se manter perto do povo", e quando disse sobre estarem assegurados que "esses aqui tão ganho, tão convencidos que o caminho é a luta". Da mesma forma, Poliana ao falar sobre "criar consciência" se referindo às correspondências ou não destas pessoas aos valores e concepções ideológicas do MLB.

O MLB também intervém nestes aspectos em outros espaços como as assembleias, tal como manifestado por Poliana. Seu relato sobre o debate que realizaram em uma assembleia onde conversaram a respeito das queimadas na Amazônia[65] e sobre as percepções das pessoas que a princípio não sabiam que quem havia colocado fogo foi o "agronegócio"[66], seria um outro exemplo de como a política cultural, enquanto um processo pelo qual o cultural se torna fato político, é posto em ação através da intervenção

[65] Segundo o Inpe Em agosto de 2019, a Amazônia registrou um elevado número de queimadas que triplicou em relação a agosto de 2018, passando de 10.421 em 2018 para 30.901 em 2019.
[66] Estimulados pelos ataques do presidente Jair Bolsonaro (PSL) às políticas ambientais, aos ambientalistas e aos órgãos de fiscalização, cerca de 70 ruralistas da região de Altamira (PA) organizaram via whatsapp o "dia do fogo" ao longo da BR-163, no sudoeste do Pará. Várias cidades foram cobertas por densas nuvens de fumaça. (https://racismoambiental.net.br/2019/08/17/estimulados-por-bolsonaro-fazendeiros-promovem-dia-do-fogo-na-amazonia/)

dos movimentos sociais , forjando debates políticos, na tentativa de dar novos significados às interpretações culturais dominantes da política. Assim agem para desafiar práticas políticas estabelecidas. E é a partir deste exercício que Poliana afirma acreditar que "o pessoal começa a ficar um pouco mais crítico".

Outro exemplo dos embates promovidos pelo MLB em torno das disputas de significados e interpretações culturais observados, consiste nas reiteradas afirmações do militante Fábio, durante o curso de introdução ao marxismo, quando afirmou que as pessoas deveriam erradica pensamentos que justificassem que "as coisas sempre foram assim", "desde sempre" argumentando que, ao contrário, as coisas foram criadas pelos humanos e que tudo se transforma. Da mesma forma, ao defender e propagandear a ideologia marxista durante o curso, utilizou-se de metáforas para envolver pessoas vinculadas a religião cristã ao afirmar que o marxismo teria como um dos pilares "repartir o peixe, o pão e o conhecimento" e o "amor ao próximo".

Estes relatos, demonstram que a execução de projetos de pedagogia, alfabetização e formação política propostos pelo MLB são cruciais para a continuidade e êxito dos trabalhos do movimento social em seus territórios, para que através de articulações discursivas e ações práticas exerçam suas disputas políticas.

No que diz respeito ao êxito dos trabalhos do MLB, retomo Escobar, Alvarez e Dagnino (2000) para tal reflexão. Os autores argumentam que para se examinar o potencial dos movimentos sociais, deve-se avaliar os efeitos e resultados de suas práticas culturais para promover mudanças culturais. Ao buscar conhecer um pouco sobre a trajetória de vida de alguns militantes e lideranças do MLB, bem como etnografar atividades do movimento social, pude observar diversos relatos que expressam tais mudanças em torno de definições de poder social, concepções de significados e conceitos.

No curso de introdução ao marxismo por exemplo, o marido de Edna expressou algumas transformações em torno de valores em sua vida ao afirmar que:

> "Há 6 anos eu era um... só casa, trabalho e igreja. E agora nesse curso eu vejo o que é ter liberdade quando você tem conhecimento.
>
> [...] Eu vou lutar até os 70 anos, como o Bolsonaro quer..."

Já Paulista ao afirmar que antes odiava política, fala sobre redefinições deste conceito em sua vida:

> “Até um tempo atrás eu odiava política. Hoje nós vivemos a política. Tudo o que fazemos é política. Ir pra rua, a gente tem que ir sim...”.

Outros exemplos como estes foram vistos aqui anteriormente. Poliana ao comparar sua antiga realidade, antes de viver em uma ocupação e atuar no MLB, contrastou os finais de semana cuja suas prioridades eram ir ao salão de beleza ou ao shopping com a atual realidade cujas prioridades são as logísticas organizativas da ocupação que vive, como as assembleias por exemplo. Demonstrando que passou a desprezar o que antes considerava uma necessidade e um valor. Maura, que por sua vez tinha preconceitos com movimentos sociais, atualmente vive uma vida com exclusiva dedicação ao MLB, por compreender a militância enquanto um caminho que possibilita transformações de realidades sociais desiguais e injustas. Edna também experimentou mudanças radicais em sua vida. Ao chegar no terreno da ocupação Esperança para ocupar o local e construir sua casa, desconhecia a respeito de seus direitos e ao longo do tempo em sua trajetória tornou-se uma liderança política, tomando frente nos processos de negociação da ocupação. Já Inês, embora atuasse em torno de causas similares como a luta por moradia, antes de atuar no MLB, tinha preconceitos com pessoas que viviam nas ocupações urbanas, como gays e prostitutas, mas através do convívio com estas pessoas proporcionado pelos processos e valores do MLB, mudou seus valores, reconhecendo que antes era preconceituosa, mas que agora já não é mais. Tais trajetórias no ambiente da luta política, revelam os processos de subjetivação, onde, através de seus respectivos engajamentos, vem se constituindo como sujeitos políticos.

CONCLUSÃO

Ao analisar aspectos da trajetória de vida das pessoas aqui pesquisadas e a composição do MLB, compreendo que o fato do movimento social ter surgido através das articulações e mobilizações de uma mulher pobre, negra, moradora de uma ocupação, foram essenciais para influenciar as configurações do movimento social. Embora o MLB tenha em seu quadro de militância, sujeitos chamados "militantes externos", que não vivem nas ocupações e uma rede composta por aliados de diferentes origens sociais que se somam ao MLB, fazendo-se importantes para sua construção (MINEIRO, 2018), predomina no movimento social uma maioria de sujeitos que vive nos territórios das ocupações urbanas.

Um outro aspecto que contribui para esta conformação do MLB, caracterizada por uma maioria de sujeitos periféricos, subalternizados, consiste no fato de que o movimento social institui enquanto regra a filiação para todos aqueles interessados em iniciar processos de luta pela conquista da casa. O uso de condicionamentos que atuam enquanto instrumentos disciplinares (FOUCAULT, 2015), que executam o controle, como por exemplo o uso de carteirinhas que estabelecem pontuações, avaliando quem está frequentando as reuniões, indo em manifestações ou em outras atividades, contribui significativamente para tal constituição, que como introduzido anteriormente, expressa uma presença massiva de pessoas pobres e negras em atos, manifestações e reuniões vinculadas às lutas urbanas, contrapondo com os outros movimentos sociais e entidades que também atuam em ocupações, mas que na maioria das vezes, nos espaços públicos se caracterizam por uma composição significativa de militantes brancos, de classe média alta. Estes instrumentos disciplinares são relevantes para as conformações do MLB, entretanto, podem ser negados e subvertidos por qualquer um que compõe o movimento social. Se, por um lado, muitas destas pessoas ao passarem por estes processos aderem ao movimento social ao concordarem com suas diretrizes e com elas se identificarem, por outro, também existem pessoas que optam por se desvincular do movimento social por não corresponderem às suas concepções e expectativas. Os percursos dos moradores das ocupações conjugam as condições objetivas, por exemplo, a conquista da casa, mas somente tais condições não são suficientes para estimular o engajamento dos moradores no movimento social. Alguns podem estar legitimamente interessados apenas na conquista da moradia, e não necessariamente se identificam com a perspectiva ideológica proposta pelo MLB.

Diante do exposto, o MLB realiza uma série de trabalhos de base com o intuito de estimular as pessoas, para que após a conquista da casa, ainda encontrem sentido para permanecerem vinculadas ao movimento social, dispostas a dar continuidade a outras lutas engatadas pelo MLB. Tais trabalhos compreendem ações em torno de disputas de definições e significados políticos que são previstas desde as reuniões de núcleo, onde ocorrem debates acerca de temas relacionados a luta dos sem teto. Já nos territórios das ocupações, os militantes dão continuidade as formações políticas que são formatadas de acordo com a realidade de cada local, direcionando temas como a questão LGBT, racismo, desemprego, violência, ecologia política, etc., em conformidade com cada especificidade. As Brigadas do jornal A Verdade, são outro exemplo das ferramentas promovidas pelo MLB para difundirem suas concepções políticas e disputarem narrativas que consideram hegemônicas, vinculadas a diversos meios de comunicação consumidos pelos moradores das ocupações. Um outro trabalho que engloba tal objetivo, compreende o projeto de erradicação do analfabetismo nas ocupações, através do ENCEJA e EJA, executados pela Comissão de Educação. Esses trabalhos, incorporam formas do MLB proporcionar aos participantes o vislumbre de outras possibilidades em suas vidas através dos processos de alfabetização e conclusão do ensino médio. Com isso, pretendem também estimular nesses sujeitos o desenvolvimento do que compreendem enquanto um pensamento crítico em relação a presença destes no mundo. Tal concepção, vai de encontro com as afirmações de Freire (2000) sobre a relação que processos de educação devem ter com o ensejo de transformações sociais:

> Se, de um lado, a educação não é alavanca das transformações sociais, de outro, estas não se fazem sem ela. Se de meu projeto de ação política, por exemplo, excluo a ação educativa porquê só depois da transformação é que posso me preocupar com educação, inviabilizo o projeto. Se, por outro lado, enfatizo apenas a educação com programas de natureza técnica e/ou espiritual/ e moral não mobilizo e organizo forças políticas indispensáveis à mudança, o projeto se perde em bla – bla – blá ou vira puro assistencialismo. Vale dizer: não importa se o projeto é de alfabetização de adultos, se de educação sanitária, se de cooperativismo, se de evangelização, a prática educativa será tão mais eficaz quanto, possibilitando aos educandos o acesso a conhecimentos fundamentais ao campo em que se formam os desafios a construir uma compreensão crítica de sua presença no mundo. (FREIRE, 2000 p. 41)

A ênfase nesta pesquisa foi a de apresentar e compreender os sujeitos que escolheram o caminho da militância social, de engajamento no MLB. Tal escolha, foi influenciada justamente pela compressão crítica acerca de suas presenças no mundo. Suas trajetórias se assemelham, por serem marcadas por históricos de opressão e materializações das desigualdades sociais. As experiências forjadas ao longo da vida, as subjetividades de cada um, foram essenciais ao serem acionadas no contexto de luta das ocupações urbanas ao qual se engajaram, dando sentido ao que realizam, sendo afetados, ao passo que, no ambiente da luta política, pontes e outros processos de conhecimento e habilidades, foram forjados em campos de práticas Ingold (2010).Tais processos, são como exposto, estimulados e construídos junto ao movimento social através dos trabalhos de base que possibilitam a constituição de dimensões interativas de ação e reflexão. O MLB, por seu turno, demonstra assim se atentar para as especificidades e qualidades desses sujeitos nos processos políticos cotidianos aos quais estão inseridos.

No percurso de consolidação das ocupações, essas pessoas ressignificaram pautas antes individuais, restritas a conquista da casa, encontrando sentido no coletivo e por consequência ao modo de se organizarem através de um movimento social. Na trajetória de militância, despertaram e foram movidos por sentimentos como a raiva, ódio, indignação e inconformidade diante da realidade social ao qual vivem, bem como expressaram ter despertado compaixão, "tomando a dor do outro" como expressou Inês e Edna, ao afirmar repartir a "força de Deus" para com seus semelhantes, "porque eles também precisam". No ambiente da luta política, puderam vislumbrar a criação de outras possibilidades e perspectivas em suas vidas. Diante de um conjunto de circunstâncias, eventos e subjetividades, "a chave virou" para essas pessoas que passaram a subverter "papeis-lugares". Se reconhecem enquanto oprimidos, mas também enquanto agentes com capacidades transformadoras, apropriando-se de suas pautas, lutando pelos seus direitos negados, fazendo frente a discursos fatalistas. Souza (2009).

No momento em que finalizo este texto, me deparei nas redes sociais com a informação de que Poliana e Edna estão agora com a perspectiva de atuação em partidos políticos, se candidatando a vereadoras para a Câmara Municipal de Belo Horizonte. Em um dos materiais da campanha da candidata Poliana está escrito: "A cabeça pensa onde os pés pisam". Já no material de Edna, está em destaque a frase: "Chegou a hora das Ocupações, vilas e favelas! É hora de falarmos por nós mesmos".

Sugiro, que assim como o Movimento de Luta nos Bairros Vilas e Favelas (MLB) surgiu há vinte anos, através das lutas e estímulos de pessoas que "pensam onde os pés pisam", como a percursora Eliana Silva, atualmente as candidaturas parecem dar continuidade ao cultivo e apreço por tais valores. Tais iniciativas, apontam para a relevância que o MLB vincula aos conhecimentos engendrados nas lutas políticas cotidianas travadas por esses sujeitos, seja nos territórios das ocupações urbanas ou em ambientes institucionais como as instâncias políticas de negociações com o Governo do Estado de Minas Gerais, Prefeituras ou participações em instâncias da Câmara Municipal, como ocorreu no processo de aprovação do Plano Diretor de Belo Horizonte, etc. O estimulo do MLB para a atuação de seus militantes, moradores das ocupações, nessas diversas instâncias políticas, concebe forças potenciais, que além de promover disputas, influindo em campos simbólicos dominantes e suas práticas e valores que reproduzem desigualdades sociais, possibilita proposições e ações nos territórios que atuam. Assim, vem assimilando o modelo político pelo qual anseiam, conforme argumentam:

> "Vamos à luta! Enquanto o direito de morar dignamente não for uma realidade para todo o povo brasileiro, lá estará o MLB transformando cada bairro, vila e favela do país numa trincheira de luta pela reforma urbana e pelo socialismo." (MLB, 2019 p.26)

O exercício etnográfico por sua vez se fez importante por possibilitar justamente a visibilidade de múltiplos processos políticos cotidianos aos quais os sujeitos pesquisados estão inseridos e as tessituras da construção de empoderamento e auto - representatividade destes diante das reivindicações de seus direitos e aspirações políticas.

Fonte: Disponivel em: (cedefes.or.br/movimento-de-luta-nos-bairros-vilas-e-favelas-lanca-documentario-quem-luta-conquista-uma-historia-dos-20-anos-do-mlb/) Acesso em: 25/07/2020

Fonte: Disponivel em: (mlbbrasil.org/single-post/2020/04/03/Fora-Bolsonaro-Por-um-governo-popular/) Acesso em: 25/07/2020

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. *Mana: Estudos de Antropologia Social*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 483-498, 2015.

AGIER, Michel. Os Saberes urbanos da antropologia. In: *Antropologia da cidade*: lugares, situações, movimentos. Tradução de Graça índias Cordeiro. São Paulo. 20011.

AUGUSTO, Carlos Rosely. *Aprender na prática*: narrativas e histórias de lideranças camponesas, no sertão, norte de Minas, nas últimas três décadas. Tese (Doutorado em educação) Faculdade de Educação. UFMG 2011.

BARTHOLL, Timo. *Territórios de resistência e movimentos sociais de base*: uma investigação militante em favelas cariocas. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Federal Fluminense, 2015.

BEDÊ, Monica Maria Cadaval. *Trajetória da formulação e implantação da política habitacional em Belo Horizonte na gestão da Frente BH Popular* 93 /96. Dissertação (Mestrado). Curso de mestrado do Instituto de Geociências da UFMG. Belo Horizonte, 2005.

BISPO (NÊGO), A. S. *Colonização, Quilombos, modos e significação*. Universidade de Brasília- UnB. 2015.

BITTENCOURT, Rafael Reis. *Cidadania autoconstruída.* O ciclo de lutas sociais das ocupações urbana na RMBH (2006 – 15). Dissertação de Mestrado: Escola de arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais. 2016.

BITTENCOURT, Rafael Reis; MORADORA NASCIMENTO, D; GOULART, F; *Ocupações Urbanas na RMBH*. Relatório de Pesquisa, PRAXIS, UFMG, 2016. Disponível em: https://issuu.com/praxisufmg/docs/relato-ocupa-jun2016 .

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Ed. Difel 1989.

CAIAFA, Janice. *Movimento Punk na cidade*. A invasão dos bandos sub. Ed. Zahar, 1985

CALDAS Maria Fernandes. *Política urbana, ação governamental e a utopia da Reforma Urbana no Brasil*. Tese. Escola de Arquitetura da UFMG. 2015.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A política dos outros* 1984. Editora: Brasilense.

CANETTIERI, Thiago; PAOLINELLI, Marina Sanders. Dez anos de ocupações organizadas em Belo Horizonte: radicalizando a luta pela moradia e articulando ativismos contra o urbanismo neoliberal. *Cad. Metrop*., São Paulo, v. 21, n. 46, pp. 831-853, set/dez 2019 http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2019-4607

CHATTERJEE, Partha. *Colonialismo, Modernidade e Política*. Editora: EDUFBA, 2004.

CHERUBINI, Cristina Barbosa. Pedagogia libertária: um olhar histórico sobre os limites e possibilidades de sua implementação na escola pública brasileira. Revista *HISTEDBR* On-Line, v. 14, n. 57, 2014.

DAS, Veena; POOLE, Deborah. El estado y Sus márgenes. Etnografias comparadas. GERI-UAM ISSN1699-3950. *Revista Académica de Relaciones Internacionales*, núm. 8 junio de 2008.

DONSKIS, Leonidas; BAUMAN, Zygmunt. *Cegueira Mora*l. A perda da sensibilidade na modernidade líquida. Tradução MEDEIROS, Carlos Alberto. Ed. Zahar. 2013.

ESCOBAR, Arturo; ALVAREZ; Sonia E; DAGNINO, Evelina organizadores. *Cultura e política nos movimentos sociais latino americanos*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

FREITAS, Luiz Fernando Vasconcelos. *Do Profavela à Izidora*: A luta pelo direito à cidade em Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação*. Cartas pedagógicas e outros escritos. Ed. UNESP (2000)

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz eTerra, 1987.

FONSCECA, Felipe de Freitas. *Um estudo do campo popular na CSP-conlutas*. Dissertação (mestrado). Pós-Graduação em Serviço Social. Universidade Federal de Juiz de Fora. 2017

FOUCAULT, Michel, *Microfísica do poder*. Foucault e Deleuze em "Os intelectuais e o poder" (2015),

GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos Movimentos Sociais*. Paradigmas clássicos e contemporâneos. Edições Loyola. São Paulo 1997.

HOURI, L. *Políticas de produção de moradias e segregação residencial:* Belo Horizonte - 1986 a 2000. Dissertação (Mestrado). Programa de pós-graduação em Ciências Sociais, PUC MINAS. Belo Horizonte, 2008.

INGOLD, Timothy. Da transmissão de representações à educação da atenção. *Educação*. Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

KUSCHNIR, Karina. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* Versão impressa ISSN 0102-6909 Versão on-line ISSn 1806-9053. Rev. Bras. Ci. Soc. Vol 22 no. 64 São Paulo junho de 2007.

LE VEN, Michel M. *As Classes Sociais e o Poder Político na Formação Espacial de Belo Horizonte (1893-1914).* Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 1977.

LOURENÇO, Thiago Castelo Branco. *Cidade Ocupada*. Dissertação de Mestrado: Escola de arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais. 2014.

MAIA, Marina Nobel. *"Militantes e moradores de uma ocupação: uma etnografia da Ocupação Emanuel Guarani Kaiowá".* Monografia. Ciências Sociais. Faculdade de Filosofia e Ciências humanas. 2017.

MARICATO, Ermínia lugar fora das ideias e as ideias fora do lugar. Planejamento Urbano no Brasil. In: ARANTES, Otília, VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. 5a. Edição. *A cidade do pensamento único*. Desmanchando consensos. Petrópolis/RJ. Vozes. 2009.

MATTOS, Mayara. O risco nas/das margens: *A ocupação pomar do cafezal no discurso da governabilidade*. Dissertação de Mestrado. Programa de pós graduação em antropologia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 2018

MOURA, Maria Margarida. *Estudo da pequena propriedade numa área de Minas Gerais.* Um exercício de antropologia econômica. Artigo. Boletim Paulista de Geografia – BPG. n. 71 (1993) (1993)

MAYER, Joviano Gabriel Maia. *O comum no horizonte da metrópole biopolítica*. Dissertação. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. UFMG. 2015.

MENDONÇA, Jupira Gomes; CAMPOS, Paola Rogedo. *Estrutura socioespacial e produção habitacional na Região Metropolitana de Belo Horizonte*: novas tendências Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013

MENDONÇA, Fabrino Ricardo. Movimentos sociais como acontecimentos: Linguagem e espaço público. Artigo. *Lua Nova* [online] n.72, pp.115-142. ISSN 0102-6445. 2007.

MINEIRO, Aiano Benfica. *A imagem como vestígio*. Uma aproximação do conflito entre os rituais de ocupação e despejo. Monografia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Antropologia e Arqueologia. UFMG. 2018.

MLB. Movimento de Luta nos Bairros Vilas e Favelas. *Morar dignamente é um direito humano! As propostas do MLB para a reforma urbana*. Recife. 2019. Edição Setorial Nacional de Formação do MLB.

OLIVEIRA, Leonardo Debossan de. *Contribuições da categoria trabalho*: O processo de produção do conhecimento na formação da coordenação da ocupação Eliana Silva. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. (2018)

PEDRO, Felipe Corrêa. *Rediscutindo o anarquismo: uma abordagem teórica*. Dissertação de Mestrado em Mudança Social e Participação Política: Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. 2012.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *O que é contracultura?* São Paulo: Nova Cultural Brasiliense, 1986.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Relatos orais*: do "indizível" ao "dizível". In: Experimentos com histórias de vida: Itália- Brasil [S.I: s.n.], 1988.

REIS, Rosana Rocha. *O direito à terra como um direito humano*: a luta pela reforma agrária e o movimento de direitos humanos no Brasil. Lua Nova, São Paulo, 86: 89-122, 2012

RIVERA CUSICANQUI Silvia, “El potencial epistemológico y teórico de la historia oral: de la lógica instrumental a la descolonización de la historia” en revista *Temas Sociales*, número 11, IDIS/UMSA, La Paz, 1987, p. 49-64.

ROITMAN, Janet. Crisis. Political Concepts: a Critical Lexicon. (Tel Aviv, New York, 2012). Issue 3.5, Fall 2016. http://www.politicalconcepts.org/roitman-crisis/

SILVA, Cleiton Ferreira da. O movimento nos bairros, vilas e favelas (MLB) e a política de autogestão: análise de uma experiência no bairro Iputinga, Recifé –PE. (Dissertação) Programa de pós graduação em geografia. Centro de ciências exatas e da natureza. Universidade Federal de Pernambuco. 2012.

SOMARRIBA, Maria das Mercês Gomes. Efeitos do Golpe Militar sobre o associativismo urbano. *Revista do Legislativo*, Assembleia Legislativa de Minas Gerais, v. 38, p. 44-55, 2004.

SOMARRIBA, Maria das Mercês G.; VALADARES, Maria Gezica; AFONSO. Mariza Rezende. “Lutas Urbanas em Belo Horizonte” ed: Vozes. 1984.

SCHERER – WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 21, n.1, p. 109-130, jan./abr. 2006

SCHERER – WARREN, Ilse. *Uma revolução no cotidiano*? Os novos movimentos sociais na América do Sul. Org: Ilse Scherer Warren e Paulo J. Krischke. Editora Brasiliense. 1987.

STRECK, Danilo R. Uma pedagogia do movimento: Os movimentos sociais na obra de Paulo Freire. R. *Educ. Públ*. Cuiabá, v. 18, n. 36, p. 165-177, jan./abr. 2009

SOUZA, Jessé. *Ralé Brasileira*. Quem é e como vive. Belo Horizonte Editora UFMG 2009

SOUZA, Marcelo Lopes. Ativismos sociais e espaço urbano. “A “nova geração” de movimentos sociais urbanos – E a nova onda acadêmica de interesse acadêmico pelo assunto. *Revista cidades* volume 6 Número 9, 2009.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Editora UFMG, 2010.

TSING, Anna. *Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras.* Departamento de Antropologia, Universidade da Califórnia, Santa Cruz, Estados Unidos

THOMPSON, Paul. História Oral e Contemporaneidade. In: *Revista da Associação Brasileira de História Oral,* Julho de 2002, n5.

TREBITSCH, Michel. “A função epistemológica e ideológica da História oral no discursso da História Contemporânea. In: Moraes, Marieta (org.) (1994) *História Oral;* RJ: Diadorim/ Fineo, pp. 19-43.

URVOY, Philippe, *A cidade sem o Estado*: Movimentos de bairros e luta pelo direito à cidade na periferia de Belo Horizonte (1964 - 1983). 2016.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de O. (Org.*) A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahaar, 1978.

VIGH, Henrik – Crisis and Chronicity: Anthropological perspectives on continuous conflict and decline. Ethnos, v.73: 1, o. 5-24, March, 2008. https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00141840801927509

WEAVER, Adam. *Especifismo*. A práxis anarquista de construir movimentos populares e organizações revolucionárias na América do Sul. Artigo. Tradução: Pedro Ribeiro. Revisão: Felipe Corrêa. 2009.

WEBER, Marx. Ensaios de sociologia. In: H.G Gerth e C. Wright Mills. (Orgs.) Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1963.

WOLF, Eric. "Encarando o poder: velhos insights, novas questões. E "Trabalho de Campo e Teoria" In. RIBEIRO, Gustavo Lins & FELDMAN-BIANCO, Bela (Org). *Antropologia e poder*. Contribuições de Eric R. Wolf. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora Unicamp, 2003. Pág. 325-340; 345-360.

ZIBECHI, Raúl. La emancipación como producción de vínculo. En*: Los desafíos de las emancipaciones en un contexto militarizado*. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. 2006